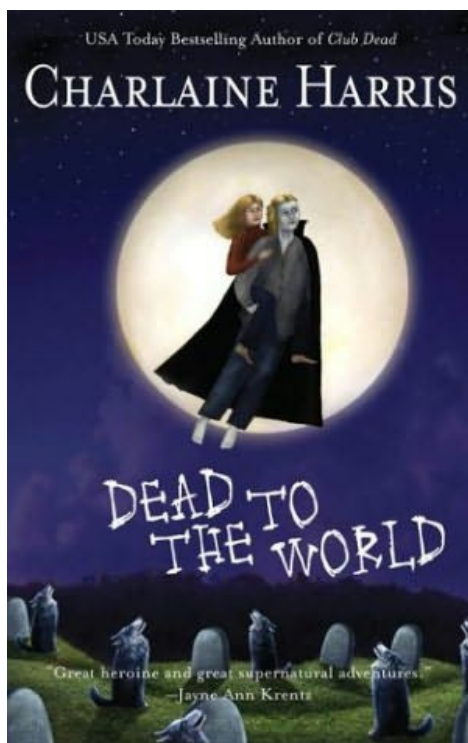


Charlaine Harris - MORTO PARA O MUNDO - Tradução por: **Romance com Tema Sobrenatural** :
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

Morto para o Mundo

Charlaine Harris

Livro 4 da Série Vampiros Sulinos





Tradução mecânica (faltando revisão)

Dedicatória

Embora provavelmente eles nunca o leiam, este livro está dedicado a todos os treinadores—beisebol, futebol, voleibol—quem tem trabalhado durante muitos anos, seguido sem nenhum benefício econômico, para treinar e desenvolver as habilidades atléticas de meus filhos e lhes fazer entender o sentido do Jogo. Deus os abençoe a todos, e muito obrigado de parte de uma das tantas mães que povoam os degraus apesar da chuva, o frio, o calor, e os mosquitos.

De todas maneiras, esta mami sempre se perguntou quem mais poderia ir ver os jogos durante a noite.

Agradecimentos

Meu agradecimento para as Wiccans que responderam a meu chamado e me deram mais informação da que posso usar—María Lima, Sandlee Lloyd, Holly Nelson, Jean Hontz, M. R. “Murv” Selar. Também devo um profundo agradecimento a outros peritos em diferentes campos: Kelvin Ryer, quem conhece mais a respeito de javalis que a maioria da gente sabe a respeito de seu próprio mascote; Dr. P. Lyle, quem de maneira simpática e amena respondeu a respeito de questões médicas; e sem lugar a dúvida, Doris Ann Norris, bibliotecária estrela.

Prólogo

Encontrei a nota em minha porta quando cheguei do trabalho. Tive o turno durante o almoço no Merlotte’s, mas como estávamos no fim de dezembro, o dia escurecia antes. Assim foi como Bill, meu antigo, esse noivo é Bill Compton, ou Vampiro Bill, como a maioria dos paroquianos no Merlotte’s o chamam—pôde ter deixado a mensagem uma hora antes. Ele não pode sair antes do anoitecer.

Não tinha visto o Bill durante mais de uma semana, e aquela vez tampouco tinha sido uma reunião agradável. Mas, ler aquilo com meu nome escrito, fez-me sentir miserável.

Vocês pensarão—embora tenha vinte e seis—que nunca antes perdi ou terminei com um noivo.

Teriam razão.

Os tipos normais não querem sair com alguém tão singular como eu. A gente esteve dizendo que tenho um embrulho mental na cabeça desde que comecei a escola.

Têm razão.

Não estou dizendo que não ligo no bar ocasionalmente. Os tipos ficam bêbados. Eu luzo bem. Eles esquecem os rumores a respeito de minha estranha reputação e meu sempre presente sorriso.

Mas só Bill pôde aproximasse de mim de uma maneira íntima. me separar dele me machucou muitíssimo.

Esperei para abrir a carta até que estive sentada na velha e maltratada mesa da cozinha. Ainda tinha posto meu casaco, embora me tirei as luvas.

Querida Sookie, quero dever conversar contigo, agora que de algum jeito te recuperaste que os desafortunados eventos de princípios do mês.

-Desafortunados eventos -e meu traseiro é redondo. Os moretones finalmente se desvaneceram, mas ainda tinha um joelho que me doía quando fazia frio, e suspeitava que sempre o faria. Cada ferida que tinha recebido a tinha obtido durante o resgate de meu infiel noivo durante seu encarceramento por um grupo de vampiros que incluía a seu novo amor, Lorena. Ainda me seguia perguntando por que Bill tinha estado tão cativado com a Lorena que respondeu seu chamado no Misisipí.

Provavelmente, tenha muitas perguntas a respeito do que aconteceu.

Condenadamente certo.

Se quer falar comigo cara a cara, vêm fazia a porta principal e me deixe entrar.

Caray. Não tinha previsto isto. Considerei-o durante um minuto. Decidindo que, apesar de não confiar mais no Bill, tampouco acreditava que ele fora capaz de me machucar, dirigi-me fazia a porta de em frente. Abri-a e pinjente:

-Muito bem, pode entrar.

Ele surgiu do bosque que está ao redor de minha velha casa. Doe-me o lhe ver. Bill era amplo de ombros e forte, graças à vida de granja que tinha vivido na casa vizinha à minha.

Ele era rude e duro, devido aos anos que tinha sido soldado Confederado, antes de sua morte em 1867. O nariz do Bill era igual às que se vêem nos copos gregos. Seu cabelo era marrom escuro e recortado muito perto de sua cabeça, seus olhos eram igual de escuros. Ele luzia exatamente igual como se viu quando estávamos saindo juntos, e ele sempre se veria assim.

Ele se deteve antes de cruzar o marco da porta mas, como lhe tinha dado minha permissão, movi a um lado para que pudesse passar à sala de estar que estava mobiliado de maneira agradável com velhos e confortáveis móveis.

-Obrigado, -disse com sua voz fanfarrona e tranqüila, uma voz que ainda me provocava um embate de desejo. Muitas coisas tinham ido mal entre nós, mas não tinham começado na cama. -Queria falar contigo antes de ir.

-Aonde vai? -Tentei soar igual de acalmada que ele.

-Ao Peru. Por ordens da rainha.

-Ainda está trabalhando em você, ah, base de dados? -Não sabia nada a respeito de computadores, mas Bill tinha estudado muitíssimo para fazer de si mesmo um literato da computação.

-Sim. Tenho que fazer mais investigações. Tenho uma entrevista para conversar com um vampiro muito antigo em Lima que tem uma grande quantidade de conhecimentos a respeito dos de nossa raça nesse moderado. Farei um pouco de turismo enquanto estou lá.

Lutei contra o urgente desejo de lhe oferecer ao Bill uma garrafa de sangue sintético, que teria sido a coisa hospitalar de fazer.

-Toma assento, -pinjente direta, e assinalei fazia o sofá. Sentei-me no bordo da velha poltrona reclinável. Logo caiu um silêncio, um silêncio que me fez mais consciente de quão infeliz era.

-Que tal está Bubba? -Perguntei finalmente

-Agora mesmo ele esta em Nova Orleans, -disse Bill. -À rainha gosta de mantê-lo ao redor de tempo em tempo, assim como ele se deixou ver muito durante o mês passado, pareceu-nos uma boa idéia mandá-lo a outro lugar. Ele voltará logo.

Vocês reconheceriam a Bubba se o vissem; todos conhecem sua cara. Mas ele não tinha sido "gasto sobre" de maneira muito bem-sucedida. Provavelmente o empregado do necrotério, que tinha sido um vampiro, deveu ter ignorado a pequena labareda de vida que ficava. Mas como ele era um fã do cantor, não pôde resistir a realizar o intento, e agora a

completa comunidade sulina de vampiros se passavam os uns aos outros a Bubba, para mantê-lo fora da vista do público.

Caiu outro silêncio. Tinha planejado me tirar os sapatos e minha uniforme, me pôr um abrigador penhoar, e olhar televisão junto com uma *Freschetta* pizza a meu lado. Era um plano muito pobre, mas era meu próprio plano. Em lugar disso, aqui estava, sofrendo.

-Se tiver algo que dizer, é melhor que comece e o diga, -disse a ele.

Ele assentiu, quase para si mesmo.

-Tenho que te explicar, -disse. Suas brancas mãos se mantiveram em seu regaço. – Lorena e eu...

Contraí-me de maneira involuntária. Não queria ouvir de novo esse nome. Ele me mandou por um tubo pela Lorena.

-Tenho que lhe dizer isso disse-me, quase zangado. Ele me tinha visto saltar. –me dê a oportunidade. –depois de um segundo, fiz um gesto com a mão para que continuasse.

-A razão pela que fui ao Jackson quando ela chamou, é que não me pude impedir isso ele disse.

Minhas sobrancelhas se elevaram. Já tinha escutado *isso* antes. Significava: “Não tenho autocontrol” ou, “Parecia o melhor nesse momento e não era eu mesmo quando o fiz”.

-Fomos amantes faz muito. Como Eric te comentou, as uniões entre vampiros não tendem a perdurar muito, apesar de que são intensas enquanto duram. Como é, o que Eric não te disse é que Lorena foi a vampiro que “me trouxe sobre”.

-Sobre o Lado Escuro? –Perguntei, e me mordi o lábio. Isto não era algo para ser frívola.

-Sim, -Bill esteve de acordo de maneira séria. –E estivemos juntos depois disso, como amantes, o que não sempre é o caso.

-Mas vocês terminaram...

-Sim, faz como oitenta anos, chegamos ao ponto onde não nos podíamos tolerar mais o um ao outro. Não tinha visto a Lorena após, embora sabia o que ela fazia, é obvio.

-OH, seguro, -pinjente inexpressiva.

-Mas devia obedecer sua convocatória. Isto é absolutamente imperativo. Quando seu criador te chama, você deve responder. –Sua voz era urgente.

Assenti, tentando luzir pormenorizada. Suponho que não fiz muito bom trabalho.

-Ela me *ordenou* te deixar, -ele disse. Seus escuros olhos me perfuravam. -Disse que te mataria se não o fazia.

Começava a perder meu temperamento. Mordi o interior de minha bochecha, muito forte, para me obrigar a me mesma a me manter concentrada.

-Assim sem uma explicação ou discussão comigo, seu decidiu o que era melhor para tí e para mim.

-Tinha que fazê-lo, -ele disse. -Tinha que *seguir* seu mandato. E sabia que ela seria capaz de te machucar se não o fazia.

-Bom, nisso tinha razão. -De fato, Lorena fazia seu melhor intento para me mandar direto à tumba. Mas eu a enviei primeiro—já, foi por mera casualidade, mas funcionou.

-E agora já não me ama, -disse Bill, com uma suave pergunta em sua voz.

Não tinha nenhuma resposta clara.

-Não sei, -pinjente. -Não tinha pensado que você queria retornar comigo. depois de tudo, eu matei a seu *mami*. -E ali também havia uma suave pergunta em minha voz, mas principalmente houve amargura.

-Então precisamos estar mas tempo separados. Quando retornar, sim você o quer, falaremos de novo. Dá-me um beijo de despedida?

Para minha vergonha, teria adorado voltar a beijar ao Bill. Mas era tão má idéia, que inclusive desejá-lo parecia errôneo. Pusemo-nos de pé, e lhe dava um rápido roce com meus lábios em sua bochecha. Sua branca pele resplandeceu com esse pequeno brilho que distinguia aos vampiros dos humanos. Tinha estado surpreendida de saber que não qualquer podia vê-lo como eu o fazia.

-Está vendo o lobato? -Perguntou, quando quase estava fora da porta. Ele soava como se lhe tivessem arrancado as palavras da garganta.

-Cúal de todos? -Perguntei, resistindo a tentação de agitar minhas pestanas. Ele não se merecia uma resposta, e ele sabia. -Quanto tempo estará fora? -Perguntei de maneira breve, e ele me Miro de maneira especulativo.

-Não é algo seguro. Possivelmente duas semanas, -respondeu.

-Falaremos então. -Pinjente, girando minha cara fazia outro lado. -me deixe te retornar sua chave. -Pesquei minhas chaves dentro de minha bolsa.

-Não, por favor, as guarde em seu chaveiro, -ele disse. -Possivelmente a necessite enquanto estou fora. Vá à casa quando quiser. Meu correio o recolherá o escritório postal até que lhes dê a notícia de minha volta, e acredito que meus outros assuntos estão arrumados.

Assim que eu era seu último cabo solto. Amaldiçoei a chispada de ira que estava preparado para saltar dos últimos dias.

-Espero que tenha uma boa viagem, -disse friamente, e fechei a porta imediatamente depois. Dirigi-me fazia meu recamasse. Tinha que me tirar minha roupa de cima e ver um pouco de televisão. Por diosito que ia a atener a meu plano original.

Mas enquanto estava pondo minha pizza no forno, tive que me limpar algumas vezes as lágrimas que corriam por minhas bochechas.

Capítulo 1

A festa de Véspera de ano novo no Bar *Merlotte's* ao fim tinha terminado. Embora o dono do bar, Sam Merlotte, tivesse pedido a todo seu pessoal trabalhar essa noite, Holly, Arlene, e eu, fomos as únicas que tínhamos respondido. Charlsie Tooten havia dito que ela era muito velha para suportar o follón que tínhamos durante a Véspera de ano novo, Danielle tinha projetos existentes desde fazia muito tempo de assistir a uma festa de fantasia com seu noivo estável, e uma nova mulher não podia começar durante dois dias. Adivinho que Arlene, Holly e eu, necessitávamos mais o dinheiro que passar um bom momento.

E eu não tinha recebido nenhum convite para realizar algo mais. Ao menos quando trabalho no Merlotte's, sou parte do cenário. Isto é uma espécie de aceitação.

Enquanto limpava o papel triturado, recordei-me outra vez não lhe comentar ao Sam sobre a má idéia que tinham sido as bolsas de confete. A todos tinha ficado bastante claro este fato, e até o bom do Sam mostrava signos de desgaste. Não pareceu justo deixar todo aquilo para que o limpasse Terry Bellefleur, embora a varrido e lavagem dos chãos fora seu trabalho.

Sam contava o dinheiro e o empacotava, assim poderia ir deixar o no depósito noturno do banco. Parecia cansado, mas agradado. Com um estalo abriu seu telefone celular.

-Kenya? Lista para me levar a banco? Bem, verei-te em um minuto na porta de atrás. - Kenya, um policial, freqüentemente escoltava ao Sam ao depósito da noite, sobre tudo depois de uma entrada tão grande como a de esta noite.

Eu também estava contente com o dinheiro que consegui. Tinha recebido um montão em gorjetas. Calculei que poderia ter ganho trezentos dólares ou mais—e necessitava cada penique. Teria desfrutado da perspectiva de fazer uma pilha com a pequena quantidade de dinheiro quando chegará a casa, se não tivesse estado segura que não me tinha ficado suficiente cérebro para fazê-lo. O ruído e o caos da festa, o constante corre para cá e para lá do bar servindo a todos, a confusão tremenda que tínhamos tido que limpar, a cacofonia estável de todos aqueles miolos... todo isso se combinou para me esgotar. Ao final da festa tinha estado muito cansada para manter minha pobre mente protegida, e muitos pensamentos se filtraram dentro.

Não é fácil ser telepática. Muito seguido, não é divertido.

Esta noite tinha sido pior que a maioria. Não só tinha aos paroquianos do bar, quase todos conhecidos meus de muitos anos, sabendo seus humores sem inibição, mas também também havia algumas notícias que muita gente simplesmente morria por me dizer.

-Escute que o noivo se foi para a Sudamérica, -um vendedor de automóveis, Chuck Beecham, havia dito, a malícia brilhava em seus olhos. -Seu vais estar muito solitária em sua casa sem ele.

-Está-te oferecendo para tomar seu lugar, Chuck? -o homem ao lado dele na barra tinha perguntado, e ambos tiveram uma gargalhada de somos-os-homens.

-Não, Terrell, -disse o vendedor. -Não me interessam as sobras dos vampiros.

-Você é cortês, ou você sai pela porta, -disse calmadamente. Senti calor em minhas costas, e soube que meu chefe, Sam Merlotte, via-os sobre meu ombro.

-Algum problema? -ele perguntou.

-Eles estavam a ponto de desculpar-se, -pinjente, olhando ao Chuck e Terrell nos olhos. Eles viram fazia suas cervejas.

-Sinto muito, Sookie, -Chuck resmungou, e Terrell movio sua cabeça de acordo. Assenti com a cabeça e dava volta para tomar outra ordem. Mas eles tinham tido êxito em me machucar.

O que era seu objetivo.

Tive uma dor ao redor de meu coração.

Estava segura que a população geral do Bon Temps, Luisiana, não sabia sobre nosso distanciamento. Bill certamente não tinha o hábito de andar por aí tagarelando seus assuntos pessoais, e eu tampouco. Certamente, Arlene e Tara sabiam um pouco sobre isso, já que uma tem que lhe dizer a seus melhores amigas quando tem quebrado com seu menino, até se tiver que excluir todos os detalhes suculentos. (Como o fato que alguém tinha matado a mulher pela que ele a abandonou. O que não pude evitar. Sério.) Assim que qualquer que me dissesse que Bill tinha saído do país, assumindo que eu ainda não sabia, estava sendo somente malévolo.

Até a visita recente do Bill a minha casa, a última vez que o tinha visto foi quando eu lhe tinha levado os discos e o computador que ele tinha escondido comigo. Tinha chegado ao obscurecer, assim a máquina não ficaria sobre seu alpendre dianteiro muito tempo. Tinha posto todas suas coisas recarregadas contra a porta em uma grande caixa a prova de água. Ele tinha saído fora justo quando eu ia, mas não me detive.

Uma mulher traiçoeira teria dado os discos ao chefe do Bill, Eric. Uma mulher rancorosa teria guardado aqueles discos e aquele computador, tendo rescindido ao Bill (e Eric) o convite de entrar na casa. Havia-me dito orgulhosamente a meu mesma que não era uma mulher, nem traiçoeira nem rancorosa.

Também, pensando virtualmente, Bill poderia ter alugado simplesmente a algum humano para meter-se em minha casa e tomá-los. Não pensei que ele o faria. Mas ele os necessitava muitíssimo, ou estaria a sérios problemas com o chefe de seu chefe. Tenho caráter, talvez até mau caráter, uma vez que o provocam. Mas não sou vingativa.

Arlene me diz freqüentemente que sou muito deixada para meu próprio bem, embora eu lhe assegure que não o sou. (Tara nunca diz isto; talvez ela me conheça melhor?) Precavi-me com desânimo que, em algum momento durante esta agitada noite, Arlene ouviria sobre a partida do Bill. Em efeito, vinte minutos depois de que Chuck e Terrell se mofassem, ela cruzou através da multidão para me aplaudir nas costas.

-De todos os modos, seu não necessitava a aquele bastardo frio, -disse ela. -O que foi o que fez por ti?

Assenti fracamente fazia ela para lhe mostrar quanto apreciava seu apoio. Mas então uma mesa pediu duas rondas de uísques, duas cervejas, e uma genebra com tônica, e tive que me mover, o que realmente foi uma distração bem-vinda. Quando lhes deixei suas bebidas, fiz-me a mesma pergunta. O que tinha feito Bill por mim?

Entreguei umas jarras de cerveja a duas mesas antes de que pudesse terminar de acrescentar tudo.

Ele me tinha introduzido no sexo, o qual realmente desfrutei. Introduzido com um montão de vampiros, o qual não desfrutei. Salvo minha vida, embora quando penso nisso, não teria estado em perigo se não tivesse estado saindo com ele em primeiro lugar. Mas eu tinha salvado suas costas um par de vezes, de modo que essa dívida estava saldada. Ele me tinha chamado “amor”, e naquele tempo ele o dizia a sério.

-Nada, -resmunguei, quando esfreguei uma abacaxi penetrada derramada e lhe dava uma de nossas últimas toalhas podas do bar à mulher que a tinha atirado, já que muito da bebida estava ainda em sua saia. -Ele não fez uma só coisa por mim. -Ela sorriu e assentiu com a cabeça, obviamente pensando que me compadecia dela. O lugar era muito ruidoso para ouvir algo de todos os modos, o que era uma sorte para mim.

Mas me alegraria quando Bill retornará. depois de tudo, ele era meu vizinho mais próximo. Só o cemitério mais velho da comunidade separava nossas propriedades, que estavam sobre o caminho da região ao sul do Bon Temps. Eu estava aí sozinha, sem o Bill.

-Peru, conforme escute, -meu irmão Jason, disse.

Ele tinha um braço ao redor de sua garota para a noite, uma moréia, baixa, magra de veintun anos, saída de algum sitio no quinto pinheiro. (Havia checado sua identificação). Dava-lhe uma olhada mais próxima. Jason não sabia, mas ela era uma adaptoformas de alguma classe. Eles são fáceis para detectar. Ela era uma moça atrativa, mas se trocava em algo com plumas ou pelagem quando a lua era enche. Notei que Sam lhe dirigiu um olhar fulminante quando as costas do Jason estava girada, lhe recordando comportar-se bem em seu território. Lhe devolveu um penetrante olhar com interesse. Tive o sentimento que ela não se trocava em um gatinho, ou uma ardillita.

Pensei jogar um cabo sobre seu cérebro e tratar de lê-la, mas as cabeças dos Adaptos não são fáceis. Os pensamentos dos Adaptos são uma espécie de enredo avermelhado, embora de tanto em tanto posso conseguir um bom quadro de suas emoções. O mesmo me passa com os Lobatos.

Ele mesmo Sam se converte em um collie quando a lua é brilhante e redonda. Às vezes ele trota todo o caminho rumo a minha casa, e o alimento com um tigela de restos e lhe deixo dormir a sesta sobre meu alpendre traseiro, se o tempo estiver bom, ou em minha sala de estar, se o tempo estiver mau. Não o deixo no dormitório mais, porque se acordada nu—um estado no qual ele se olhe muito bom, mas simplesmente não preciso estar sendo tentada por meu chefe.

Esta noite a lua não era enche, assim Jason estaria seguro. Decidi não lhe dizer nada sobre sua entrevista. Cada um temos um segredo ou dois. Seu segredo era somente um pouco mais vistoso.

além da entrevista de meu irmão, e Sam certamente, havia outras duas criaturas sobrenaturais no Merlotte's aquela Véspera de ano novo. Alguém era uma mulher magnífica do menos seis pés de alto, com escuro cabelo comprido e ondulado. Vestida para ligar com um inteiriço laranja muito apertado de manga larga, ela tinha entrado sozinha, e estava em processo de conhecer cada tipo na bar. Não sabia que era ela, mas sabia por seu modelo cerebral que ela não era humano. A outra criatura era um vampiro, que tinha entrado com um grupo de gente jovem, a maioria a princípios de seus vinte. Não conhecia nenhum deles. Só uma ocasional olhada lateral de outros farristas marcou a presença do vampiro. Isto demonstrava a mudança de atitude nos poucos anos da Grande Revelação.

Faz quase três anos, durante a noite da Grande Revelação, os vampiros tinham ido à TV em cada nação para anunciar sua existência. Esta tinha sido uma noite na qual muitas dos encargos do mundo tinham sido sacudidas de um golpe e reorganizadas para sempre.

Esta festa de introdução foi detonada pelo desenvolvimento Japonês de um sangue sintético que pode manter aos vampiros nutricionalmente satisfeitos e alimentados. Da Grande Revelação, os Estados Unidos experimentaram numerosas agitações políticas e sociais no processo desigual de acomodar a nossos cidadãos tão nuevecitos, que resultam somente estar mortos. Os vampiros têm uma cara pública e uma explicação pública de sua condição—eles clamam que um vírus e alergia à luz do sol e o alho é o que causa severos mudanças metabólicas—mas eu vi o outro lado do mundo vampiro. Meus olhos agora vêem muitas coisas que a maior parte dos seres humanos não verão nunca. me perguntem se este conhecimento me tiver feito feliz.

Não.

Mas tenho que confessar, que agora o mundo é um lugar mais interessante para mim. Estou sozinha muito tempo (já que não sou exatamente Normatiza Normal), assim que algo suplementar no que pensar foi bem-vindo. O medo e o perigo não o foram. Vi a cara privada dos vampiros, e aprendi sobre o Lobatos, Adaptos e outras coisas. Os lobatos e adaptos preferem ficar nas sombras—por agora—enquanto observam como funciona aos vampiros o receber publicidade.

dão-se conta, tinha tudo isto para ruminar enquanto recolhia bandeja detrás bandeja cheia de copos e taças, descarregando e carregando a lava-louça para ajudar ao Tack, o novo cozinheiro. (Seu verdadeiro nome é Alphonse Petacki. Surpreende-lhes que prefira chamar-se "Tack"?) Quando nossa parte da limpeza esteve mais ou menos terminada, e esta larga noite finalmente acabou, abracei ao Arlene e lhe desejei um feliz ano novo, e ela me abraçou de volta. O noivo do Holly a esperava na entrada dos empregados atrás do edifício, e Holly agitou uma mão fazia nós quando ficou seu casaco e se apressou para fora.

-Quais são seus desejos para o Ano Novo, senhoras? -Sam perguntou. Durante esse tempo, Kenya se apoiava contra a barra, esperando-o, sua cara acalmada e alerta. Kenya

toma seu almoço aqui com bastante regularidade junto com seu companheiro, Kevin, que era tão pálido e magro como ela era escura e robusta. Sam estava pondo as cadeiras sobre as mesas assim Terry Bellefleur, quem chegaria muito cedo na manhã, poderia esfregar o chão.

-Boa saúde, e o homem adequado, -disse Arlene dramaticamente, suas mãos revoaram sobre seu coração, e nos rimos. Arlene conheceu muitos homens—e ela esteve casada quatro vezes—mas ainda busca ao Sr. Correto. Pude “ouvir” o Arlene pensando que Tack poderia sê-lo. Fiquei surpreendida; nem sequer sabia que ela o estava vendo.

A surpresa se mostrou sobre minha cara, e com uma voz incerta Arlene disse;

-Pensa que deveria me render?

-Demônios, não, -pinjente propriamente, me repreendendo por não guardar minha expressão melhor. Era somente que estava tão cansada. -Será este ano, seguro, Arlene. – Sorri-lhe à única polícia feminino negra do Bon Temp. -Seu tem que ter um desejo para o Ano Novo, Kenya. Ou um propósito.

-Sempre desejo que haja paz entre homens e mulheres, -Kenya disse. -Faz meu trabalho muito mais fácil. E meu propósito é me pôr a talha quatorze.

-Latido, -disse Arlene. Seu cabelo tingido vermelho contrastou violentamente com o encaracolado tom natural loiro-avermelhado do Sam quando lhe deu um abraço rápido. Ele não era muito mais alto que Arlene—embora ela é ao menos cinco pés oito, duas polegadas mais alta que eu. -vou perder dez libras, este é meu propósito. -Rimo-nos. Tinha sido o propósito do Arlene durante os quatro anos passados. -E você, Sam? Desejos e propósitos? -ela perguntou.

-Tenho tudo o que necessito, -disse, e senti uma onda azul de sinceridade proveniente dele. -decidi seguir por esta rota. O bar vai vento em popa, eu gosto das rotas com dois extensos caminhos, e a gente aqui é tão boa como a gente em todas partes.

Dava volta para ocultar meu sorriso. Tinha sido uma declaração bastante ambígua. A gente do Bon Temps estavam, em efeito, tão boas como a gente em todas partes.

-E você, Sookie? -ele perguntou. Arlene, Kenya, e Sam, todos me viam. Abracei ao Arlene outra vez, porque eu gosto de fazê-lo. Sou dez anos mais jóven—talvez mais, apesar de que Arlene diga que ela tem trinta e seis anos, tenho minhas dúvidas—mas fomos amigas desde que começamos a trabalhar no Merlotte’s juntas, depois de que Sam comprou o bar, fará talvez cinco anos agora.

-Venha já, -disse Arlene, me lisonjeando. Sam pôs seu braço ao redor de mim. Kenya sorriu, mas se dirigiu fazia a cozinha para ter umas palavras com o Tack.

Atuando por impulso, compartilhei meu desejo.

-Somente não desejo ser golpeada e machucada, -pinjente, meu cansaço e a hora combinando-se em um inoportuno estalo de honestidade. -Não quero ir ao hospital. Não quero ver um doutor. -Não queria ter que ingerir mais sangue de vampiro, tampouco, que pode curar de maneira apressada, mas tem vários efeitos secundários. -Assim que meu propósito é ficar fora dos problemas, -pinjente firmemente.

Arlene pareceu bastante impressionada, e Sam pareceu—pois, não poderia dizer sobre o Sam. Mas já que eu tinha abraçado ao Arlene, dava-lhe um grande abraço, também, e senti a força e o calor de seu corpo. Vocês pensariam que Sam é um peso leve até que não o vejam sem camisa descarregando caixas de provisões. Ele é realmente forte e bem construído, e tem uma temperatura corporal naturalmente alta. Senti-o beijar meu cabelo, e logo todos nos demos as boa noite os uns aos outros e saímos pela porta de atrás. A caminhonete do Sam estava estacionada diante de seu reboque, que está detrás *do Merlotte's*, em ângulo reto ao bar, mas ele subiu no automóvel patrulha da Kenya, quem o conduziria fazia o banco. Lhe traria para casa, e logo Sam poderia sofrer um colapso. Ele tinha estado sobre seus pés durante horas, como todos nós.

Quando Arlene e eu abrimos nossos automóveis, notei que Tack esperava em sua velha caminhonete; quis apostar que ele ia seguir ao Arlene a casa.

Com um último “Boa noite!” dito através do frio silêncio da noite da Luisiana, separamo-nos para começar nossos anos novos.

Enfie-me sobre o Hummingbird Road para me dirigir a minha casa, que está aproximadamente três milhas ao Sudeste do bar. O alívio de estar finalmente só foi imenso, e comecei a me relaxar mentalmente. Meus faróis iluminaram ao passar os pinheiros empelotados que formam a coluna vertebral da indústria madeireira daqui.

A noite era extremamente escura e fria. Não há nenhuma luz de luzes sobre os caminhos vicinais, certamente. As criaturas silvestre não se moveriam, nem de brincadeira. Embora repetisse a meu mesma que devia me manter alerta pelos cervos que cruzam os caminhos, eu conduzia como se tivesse o piloto automático. Meus pensamentos estavam saturados com a idéia de lavar minha cara, me pôr minha camisola mais calientito e me colocar em minha cama.

Algo branco apareceu em frente dos faróis de meu velho automóvel.

Ofeguei, me avivando da sonolenta antecipação de calor e silêncio.

Um homem correndo: Às três da manhã em primeiro de Janeiro, corria pelo caminho vicinal. Pelo visto estava correndo por sua vida.

Reduzi a velocidade, tratando de pensar em um curso de ação. Eu era uma solitária mulher desarmada. Se algo horrível o perseguia, também poderia me apanhar. Por outra parte, não podia deixar a alguém sofrer se eu podia ajudar. Tive um momento para notar que o homem era alto, loiro, e vestido só com jeans, antes de que me aproximasse dele. Detive o automóvel no demarcação e me inclinei para fazer baixar o guichê sobre o lado do passageiro.

-Posso lhe ajudar? -Chamei. Ele me dirigiu uma olhada cheia de pânico e seguiu correndo.

Mas naquele momento reconheci quem era. Saltei do automóvel e saí correndo detrás dele.

-Eric! -Gritei. -Sou eu!

Ele girou ao redor então, vaio com suas presas totalmente para fora. Parei-me tão repentinamente que me balancei sobre um pé, minhas mãos para fora e diante de mim em um gesto de paz. Certamente, se Eric decidia me atacar, era uma mulher morta. Isto me passa por ser uma boa Samaritana.

por que não me reconhecia Eric? Eu o conhecia há muitos meses. Ele era o chefe do Bill, na complicada hierarquia vampiro que começava a compreender. Eric era o xerife da Área Cinco, e ele era um vampiro em ascensão. Ele era também magnífico e podia beijar até te fazer estalar em chamas, mas neste momento, esse não era o lado mais pertinente que estava vendo dele. O que eu via eram umas presas com fortes mãos encurvadas em garras. Eric estava em estado de completo alarme, mas ele pareceu tão assustado de mim como eu o estava dele. Não saltou para me agredir.

-Fique onde está, mulher, -advertiu-me. Sua voz soou áspera como se sua garganta estivesse rasgada e dolorida.

-O que faz aqui fora?

-Quem é você?

-Sabe condenadamente bem e bonito quem sou. O que te passa? por que está aqui fora sem seu automóvel? -Eric conduzia um estilizado Corvette, o que era simplesmente Eric.

-Conhece-me? Sabe quem sou eu?

Bem, isto me golpeou como um maço. Ele não soou como se brincasse. Pinjente cautelosamente;

-Certamente que te conheço, Eric. A menos que tenha um gêmeo idêntico. Não tem um, certo?

-Não sei. -Seus braços caíram, suas presas pareceram retrair-se, e ele se endireitou de sua postura de ataque, então senti que existia uma melhora definida na atmosfera de nosso encontro.

-Não sabe se tiver um irmão? -Estava mais ou menos dando paus de cego.

-Não. Não sei. Eric é meu nome? -Sob o resplendor de meus faróis, ele pareceu lastimosamente perdido.

-Latido. -Não pude pensar em nada mais proveitoso que dizer. -Eric Northman é o nome que usa nestes dias. por que está aqui fora?

-Não sei isto, tampouco.

Eu sentia o ponto aqui.

-De verdade? Não recorda nada? -Tratei de eliminar a segurança de que em qualquer momento me sorriria abertamente e me explicaria tudo renda-se, me embrulhando em alguma confusão que terminaria comigo... sendo golpeada e machucada.

-Sério. -Ele deu um passo mais perto, e seu branco peito nu me fez compreensivelmente tremer, me pondo a carne de galinha. Também percebi (agora que não estava aterrorizada) quão abandonado ele se via. Era uma expressão que nunca antes tinha visto sobre a cara do confidente Eric, e me fez sentir incompreensivelmente triste.

-Sabe que é um vampiro, certo?

-Sim. -Ele pareceu surpreso que perguntará. -E você não o é.

-Não, sou uma humana real, e tenho que saber que não me fará mal. Embora já poderia haver-me feito isso agora. Mas me acredite, até se não o recorda, somos uma espécie de amigos.

-Não te farei mal.

Recordei-me que provavelmente centenas e milhares de pessoas tinham ouvido aquelas mesmas palavras antes de que Eric rasgasse suas gargantas. Mas o fato é que os vampiros não têm que matar uma vez que eles passam de seu primeiro ano. Um sorvo aqui, um sorvo ali, isto é a norma. Como ele pareceu tão perdido, era difícil recordar que poderia me desmembrar com suas mãos nuas.

Já lhe tinha comentado ao Bill uma vez, que a coisa lista de fazer pelos aliens (quando eles invadissem a Terra) seria chegar com aspecto de coelhinhos de orelhas papa.

-Vêem entra em meu automóvel antes de que te congele, -pinjente. Tinha outra vez aquele sentimento me-estou-metendo-em-confusões, mas não sabia que mais fazer.

-Conheço-te realmente? -ele disse, como se estivesse duvidoso sobre entrar em um automóvel com alguém tão formidável como uma mulher dez polegadas mais curta, muitas libras mais ligeira, e uns séculos mais jóven.

-Sim, -pinjente, incapaz de reter um fio de impaciência. Não estava muito contente comigo, porque ainda pela metade suspeitava que estava sendo enganada por alguma razão insondável. -Agora, venha já, Eric. Congelo-me, e seu também. -Não é que os vampiros parecessem sentir temperaturas extremas, por regra general; mas até a pele do Eric se olhou como de galinha. Os mortos podem congelar-se, certamente. Eles sobreviverão—eles sobrevivem a quase tudo—mas tenho entendido que é bastante doloroso. -Ah, Deus mijo, Eric, está descalço. -Acabava-o de notar.

Tomei sua mão; ele me deixou me aproximar bastante para isto. Deixou-me guiá-lo fazia o automóvel e colocá-lo no assento de passageiros. Disse-lhe que subirera o guichê quando subi de meu lado, e depois de um comprido minuto de estudar o mecanismo, ele o fez.

Alcancei do assento traseiro uma velha manta que guardo ali durante o inverno (para jogos de futebol, etc.) e o agasalhei com ela. Ele não tremia, certamente, porque era um vampiro, mas simplesmente não podia estar de pé e ver toda essa carne nua exposta com esta temperatura. Girei a calefação a sua máxima potencializa (que, em meu velho automóvel, não é muito).

A pele exposta do Eric jamais me tinha feito sentir frio—ao menos quando antes tinha visto a maior parte do Eric, não havia sentido nada disso. Estava o suficiente atordoada para rir em voz alta antes de que pudesse censurar meus próprios pensamentos.

Ele se sobressalto, e me olhou de esquelha.

-É a última pessoa que esperei ver, -pinjente. -Percorreu tudo esteja caminho, de algum modo, para ver o Bill? Porque ele não está.

-Bill?

-O vampiro que vive aqui também? Meu ex-noivo?

Ele sacudiu sua cabeça. De novo voltou a estar absolutamente aterrorizado.

-Não sabe como chegou até aqui?

Ele sacudiu sua cabeça outra vez.

Estava fazendo um grande esforço para pensar com rapidez; mas era somente isso, um esforço. Encontrava-me desgastada. A pesar do fluxo de adrenalina que tinha recebido quando tinha divisado a figura correndo pelo caminho escuro, aquele influxo se evaporou rápido. Cheguei à curva rumo a minha casa e dava volta à esquerda, serpenteando pelos negros e silenciosos bosques sobre meu agradável e nivelada meio-fio—que, de fato, Eric fazia arrumar para mim.

E era por isso que agora mesmo Eric se sentava em meu automóvel, em vez de correr através da noite como um gigantesco coelho branco. Ele tinha tido a inteligência de me dar o que realmente queria. (Certamente, ele também tinha querido que eu me deitasse com ele durante meses. Mas ele me tinha dado o meio-fio porque a necessitava.)

-chegamos, -pinjente, rodeando minha velha casa pela parte traseira. Apaguei o automóvel. Graças ao céu, tinha-me acordado de deixar as luzes exteriores presas quando me tinha ido para o trabalho essa tarde, assim não estávamos ali em total escuridão.

-Aqui é onde vive? -Ele jogou uma olhada ao redor do claro onde se elevava minha velha casa, aparentemente inquieto a respeito de sair do automóvel à porta de atrás.

-Sim, -pinjente, exasperada.

Ele simplesmente me dirigiu um olhar que mostrou quão brancas eram suas córneas ao redor do azul de seus olhos.

-Ah, venha já, -pinjente, sem nenhuma graça absolutamente. Saí do automóvel e subi os degraus fazia o alpendre traseiro, que não deixo fechado porque, né!, para que lhe pôr uma fechadura a um alpendre traseiro talher? O que realmente fecho é a porta interior, e depois de pinçar um segundo, consegui abri-la, assim a luz presa que deixei na cozinha poderia iluminar o resto. -Pode entrar, -pinjente, para que pudesse cruzar a soleira. Ele brincou de correr depois de mim, com a manta ainda enredada ao redor dele.

Sob a deslumbrante luz na cozinha, Eric se olhava lamentável. Seus pés nus sangravam, o que não tinha notado antes.

-OH, Eric, -pinjente tristemente, saque uma bacia do gabinete, e comecei a deixar correr a água quente na pia. Ele se curaria verdadeiramente rápido, como acontece com todos os vampiros, mas o menos que podia fazer era lavá-lo e limpá-lo. Os jeans estavam asquerosos ao redor da prega. -tira-lhe isso pinjente, sabendo que somente se empapariam se molhava seus pés enquanto ele estava ainda vestido.

Sem um olhar de soslaio, nenhuma indireta ou qualquer outra indicação de que ele desfrutava desta situação, Eric se desabotoou e tirou os jeans. Lancei-os no alpendre traseiro para lavá-los pela manhã, tratando de não olhar de esguelha a meu convidado, que agora estava vestido com uma roupa interior que ia além de minha imaginação, um estilo biquini em brilhante vermelho cuja qualidade elástica estava sendo definitivamente posta a prova. Vá, outra grande surpresa. Eu tinha visto a roupa interior do Eric só uma vez antes que foi uma vez mais do que devi ver— e ele tinha sido um tipo com boxers de seda. Os homens trocam estilo assim nada mais?

Sem limpar-se, e sem um comentário, o vampiro se abrigou de novo seu corpo branco com a manta. Hmmm. Agora estava convencida que não era ele mesmo, quando nenhuma outra prova poderia me haver convencido. Eric era um espécime de mais de seis pés de pura magnificência (sim, uma magnificência branca de mármore), e ele sabia muito bem.

Assinalei fazia uma das cadeiras na mesa de cozinha. Obedientemente, ele a tirou e se sentou. Pu-me em cuclillas para pôr a bacia sobre o chão, e brandamente dirigi seus grandes pés na água. Eric gemeu quando o calor tocou sua pele. Adivinho que até um vampiro poderia sentir o contraste. Consegui um trapo limpo da pia e um pouco de sabão líquido, e lavei a seus pés. Tomei meu tempo, porque tratava de pensar que fazer depois.

-Seu estava fora de noite, -observou ele, em uma espécie de tentativa de bate-papo.

-Vinha a casa do trabalho, como pode vê-lo por minha roupa. -Tinha posto nossa uniforme de inverno, uma blusa branca de pescoço redondo e manga larga com “*o Merlotte’s Bar*” bordado sobre o peito esquerdo e a tinha colocada dentro de umas calças negras.

-As mulheres não deveriam estar sozinhas fora tão tarde de noite, -disse ele com desaprovação.

-diga-me isso .

-Bem, as mulheres são mais suscetíveis de ser submetidas por um ataque que os homens, portanto elas deveriam estar mais protegidas...

-Não, não o dizia de maneira literal. Queria dizer que estou de acordo. O que está pregando em vão. Não quero trabalhar tão tarde de noite.

-Então por que estava fora?

-Necessito o dinheiro, -pinjente, limpando minha mão e tirando o cilindro de contas de meu bolso e deixando-o cair sobre a mesa enquanto pensava nisso. -Consegui esta casa para manter, meu automóvel é velho, e tenho impostos e seguros que pagar. Como todos outros,

-acrescentei, se por acaso ele pensava que me queixava excessivamente. Odiei choramingar sobre minha pobreza, mas ele tinha perguntado.

-Não há nenhum homem em sua família?

De tanto em tanto, seus anos se mostram realmente.

-Tenho um irmão. Não posso recordar se já conheceu alguma vez ao Jason. -Um corte em seu pé esquerdo luzia particularmente mal. Pus um pouco mais de água quente na bacia para esquentar o resto. Então tratei de tirar toda a sujeira. Ele se estremeceu quando brandamente esfreguei o trapo sobre os borde da ferida. Os cortes mais pequenos e as contusões pareceram desvanecer-se justo quando eu olhava. O aquecedor de água fez ruído detrás de mim, o familiar som de algum jeito me tranqüilizou.

-Você irmano te permite realizar este trabalho?

Tratei de imaginar a cara do Jason quando lhe dissesse que esperava que ele me mantivera pelo resto de minha vida porque eu era uma mulher e não deveria trabalhar fora de casa.

-OH, Por Deus, Eric. -Elevei a vista fazia ele franzindo o cenho. -Jason tem seus próprios problemas. -Como ser um egoísta crônico e um verdadeiro semental.

Pus a bacia da água a um lado e lhe esfreguei uma toalha seca ao Eric com suaves movimentos. Este vampiro agora tinha pés limpos. Mas bem rigidamente, pu-me de pé. Minhas costas me doía. Meus pés me doíam.

-Escuta, acredito que melhor faço uma chamada ao Pam. Ela saberá provavelmente o que esta passando contigo.

-Pam?

Era como ter ao redor a um menino de dois anos particularmente irritante.

-Seu segundo em comando. -Ele ia fazer outra pergunta, já o via vir. Elevei uma mão. - Espera somente um momento. me deixe lhe chamar a ela e saber o que esta ocorrendo.

-Mas, que tal se ela se tornou contra mim?

-Então temos que saber isto, também. Quanto mais logo melhor.

Estirei minha mão fazia o velho telefone que pendurava sobre a parede da cozinha diretamente ao final do contador. Um tamborete alto estava debaixo dele. Minha avó se sentava sempre sobre esse tamborete para manter seus larguíssimas conversações

telefônicas, com papel e lápis à mão. A sentia falta de cada dia que passava. Mas neste momento não tinha nenhum espaço em minha paleta emocional para a pena, ou inclusive a nostalgia. Olhei em minha pequena caderneta de direções para o número da Fangtasia, o bar vampiro no Shreveport que proporcionava o ingresso principal do Eric e lhe servia como base para suas operações, que tinha entendido eram de amplo espectro e alcance. Não sabia quão amplos ou rentáveis eram os outros projetos, e não tinha nenhum interesse especial por sabê-lo.

Tinha lido no periódico do Shreveport que também *Fangtasia*, tinha um Grande estouro planejado para a noite—“Comecem Seu Ano Novo com uma Dentada”—assim que eu sabia que alguém estaria ali. Enquanto o telefone soava, abri de repente o refrigerador e tirei uma garrafa de sangue para o Eric. Coloquei-a dentro do microonda e pus o temporizador. Ele seguiu cada um de meu movimento com olhos ansiosos.

-*Fangtasia*, -disse uma acentuada voz masculina.

-Chow?

-*Sim, como posso servi-la?* –Bem a tempo ele acabava de recordar seu personagem telefônico de vampiro atrativo.

-Sou Sookie.

-*Ah*, -ele disse com uma voz muito mais natural. -*Escuta, Feliz Ano Novo, Sook, mas estamos um pouco ocupados aqui.*

-Procurando a alguém?

Houve um silêncio comprido e carregado.

-*Espera um minuto*, -ele disse, e logo não ouvi nada.

-*Pam*, -disse Pam. Ela tinha recolhido ao receptor tão silenciosamente que saltei quando ouvi sua voz.

-Tem ainda um professor? -Não sabia quanto poderia lhe dizer por telefone. Quis saber se ela tinha sido quem tinha posto ao Eric neste estado, ou se ela ainda lhe devia lealdade.

-*Tenho-o*, -disse ela calmadamente, entendendo o que queria saber. -*Estamos baixo... temos alguns problemas.*

Ruminei isto até que estive segura que tinha lido bem entre linhas. Pam me dizia que ela ainda professava lealdade ao Eric, e que o grupo de seguidores do Eric estava baixo uma espécie de ataque ou em uma espécie de crise. Assim pinjente;

-Ele está aqui. -Pam apreciava a brevidade.

-*Está vivo?*

-Ahá.

-*Prejudicado?*

-Mentalmente.

Uma *larga* pausa, esta vez.

-*Significa um perigo para tí?*

Não é que ao Pam preocupasse se Eric decidisse me deixar seca, mas adivinho que ela se perguntou se poderia acolher ao Eric.

-Não penso que seja isso, -pinjente. -Parece ser uma coisa da memória.

-*Odeio às bruxas. Os humanos tiveram uma boa idéia, as queimando em uma pira de lenha.*

Já que os mesmos humanos que tinha queimado às bruxas teriam estado fascinados de afundar aquela mesma lenha nos corações dos vampiros, encontrei este comentário um pouco divertido—mas não muito, considerando a hora. Imediatamente esqueci do que ela tinha estado falando. Bocejei.

-*Amanhã de noite, iremos*, -disse ela finalmente. -*Pode mantê-lo ali durante hoje? O alvorecer chegará em menos de quatro horas. Tem um lugar seguro?*

-Sim. Mas vêm aqui ao anoitecer, ouve-me? Não quero me enredar em seu mierda de vampiros outra vez. -Normalmente, não falo tão sem rodeios; mas como já disse, este era o final de uma *larga* noite.

-*Estaremos ali.*

Penduramos simultaneamente. Eric me olhava com seus olhos azuis sem piscar. Seu cabelo parecia um asco, uma espécie de massa enredada, de ondas loiras. Seu cabelo é exatamente da mesma cor que o meu, e também tenho olhos azuis, mas até ali acabam as semelhanças.

Pensei lhe escovar seu cabelo, mas já estava muito cansada.

-Bem, aqui está o trato, -disse-lhe. -Seu fica aqui o resto da noite e a manhã, e logo Pam e outros vêm por ti ao anoitecer e lhe dizem o que acontece.

-Não deixará que ninguém entre? -perguntou. Notei que tinha terminado o sangue, e que não se via tão piorado como se viu antes, o que era um alívio.

-Eric, farei todo o possível para te manter a salvo, -pinjente, muito brandamente. Esfreguei minha cara com minhas mãos. ia ficar me dormida sobre meus pés. -Vêem comigo -pinjente, tomando sua mão. Agarrando a manta com a outra mão, ele avançou rumo ao corredor depois de meu, um gigante branco como a neve em diminuta roupa interior vermelha.

Minha velha casa foi ampliada e modificada durante anos, mas não deixa de ser mais que uma humilde casa de granja. Um segundo andar foi acrescentada a princípios do século, e dois dormitórios mais e um corredor que conduz ao desvão de acima, mas poucas vezes vou lá encima. Mantenho-o fechado, para me economizar o dinheiro da eletricidade. Há dois dormitórios abaixo, um grande e o mais pequeno foi o que eu tinha usado até que minha avó morreu, ambos através do corredor. Tinha-me movido no grande depois de sua morte. Mas Bill tinha construído seu “hoyito secreto” no dormitório mais pequeno. Conduzi ao Eric ali, acendi a luz, e me assegurei que as persianas estivessem fechadas e as cortinas corridas através delas. Então, abri a porta do armário, tirei umas poucas caixas, e retirei a tampa do tapete que cobria o chão do armário, expondo a porta secreta. Debaixo, havia um espaço escuro que Bill tinha construído uns meses antes, de modo que ele poderia ficar durante o dia ou usá-lo como um esconderijo se sua própria casa fora insegura. Ao Bill gostava de ter um refúgio, e estava segura que ele tinha alguns mais que eu nem sabia. Se tivesse sido uma vampira (Deus não o permita), eu mesma os teria tido.

Tive que limpar de minha cabeça os pensamentos do Bill quando mostrei a meu resistente convidado como fechar a porta secreta em cima dele e que a tampa de tapete caísse de novo sobre seu lugar.

-Quando me levanto, emprego de novo as caixas no armário, assim parece natural -tranqüilizei-o, e sorri animosamente.

-Tenho que entrar agora? -ele perguntou.

Eric, me fazendo uma petição: o mundo realmente estava girado ao reverso.

-Não, -pinjente, tentando soar como se me importasse. No único que eu podia pensar era em minha cama. -Não tem que fazê-lo agora. Somente entra antes da saída do sol. Não há nenhum modo que te possa passar isto, certo? Quero dizer, não pode ficar dormido e despertar no sol?

Ele pensou durante um momento e sacudiu sua cabeça.

-Não, -ele disse. -Sei que isto não pode passar. Posso ficar no quarto contigo?

OH, Deus, *olhos de cachorrinho perdido*. Isto, vindo de um antigo vampiro Vikingo de seis-pés-cinco. Era simplesmente muito. Não tinha bastante energia para rir, assim somente emiti um triste suspiro.

-Vêem comigo, -pinjente, minha voz tão fraco como minhas pernas.

Apaguei a luz naquele quarto, cruzei o corredor, e acendi a luz em meu próprio quarto, amarelo e branco e limpo e quente, e dobrei o colcha e a manta e o lençol. Enquanto, Eric se sentou desmadejadamente em uma cadeira com antebraços do outro lado da cama. Tirei-me meus sapatos e meias três-quartos, consegui uma camisola de noite de uma gaveta, e me retirei ao quarto de banho. Estive fora em dez minutos, com cara e dentes limpos e envolta em uma camisola de noite muito velha, de flanela muito suave, que era da cor da nata, com flores azuis dispersadas ao redor. Suas cintas estavam desgastadas e o peitilho ao redor do fundo estava bastante deslavada, mas me acomodava muito. depois de que tinha apagado as luzes, recordei que meu cabelo estava ainda em seu habitual rabo-de-cavalo, então atirei a cinta que o sustentava e sacudi minha cabeça para fazê-lo cair solto. Inclusive meu couro cabeludo pareceu relaxar-se, e suspirei com felicidade.

Quando subi na velha cama alta, minha grande mosca pessoal fez o mesmo. Havia-lhe dito eu que ele poderia entrar na cama comigo? Bem, decidi, quando me amassei dentro e sob as velhas savanas suaves e a manta e a colcha, se Eric tinha alguma expectativa sobre mim, estava muito cansada para me preocupar.

-Mulher?

-Hmmm?

-Como te chama?

-Sookie. Sookie Stackhouse.

-Obrigado, Sookie.

-Sei bem-vindo, Eric.

Como ele soou tão perdido—o Eric que eu conhecia nunca tinha sido alguém que fizesse outra coisa mais que assumir que outros deviam servi-lo a ele—manuseei ao redor sob as savanas para acariciar sua mão. Quando a encontrei, deslizei minha própria mão sobre ela. Sua palma se elevou para encontrar minha palma, e seus dedos se entrelaçaram com meus.

E embora nunca tivesse pensado que era possível ir-se dormir lhe sustentando a mão a um vampiro, isto foi exatamente o que fiz.

Capítulo 2

Despertei lentamente. Descanse acurrucada dentro de minhas mantas, enquanto me desperezava e estirava um braço ou uma perna, gradualmente recordei os passados eventos surrealistas durante a noite anterior.

Bom, Eric já não estava na cama comigo, assim podia supor que ele estava instalado de maneira segura no hoyito secreto. Dirigi-me através do corredor. E tal como tinha prometido, pus as diferentes caixas de novo no armário para fazê-lo luzir normal. O relógio me disse que era passado o meio-dia, e fora o sol reluzia brilhante, embora o ar era frio. Para Natal, Jason me tinha dado um termômetro que podia ler as temperaturas fora e as mostrar em uma tela digital dentro. Ele também o tinha instalado para mim. Agora sabia duas coisas: era tarde e fora tínhamos 34 graus Fahrenheit.

Na cozinha, ainda estava no chão a bacia com água que tinha usado para lavar os pés do Eric. Enquanto atirava a água na pia, dava-me conta que em algum momento ele tinha enxaguado a garrafa do sangue sintético. Tinha que conseguir algo mais para ter quando ele se levantará, já que uma não quer ter a um vampiro faminto em sua casa, e seria também educado ter um pouco de sangue extra para lhe oferecer ao Pam e quem quer que viesse com ela desde o Shreveport. Explicassem-me as coisas—ou não, eles se levariam ao Eric e resolveriam quaisquer dos problemas que estivesse confrontando a comunidade vampiro do Shreveport, e eles me deixariam em paz. Ou não.

Merlotte's estaria fechado o primeiro dia do Ano Novo até as quatro da tarde. Para o dia de Ano Novo, e o seguinte dia, Charlise, Danielle e a nova garota estava programado que trabalhariam, porque o resto de nós tínhamos trabalhado na Véspera de ano novo. Assim tinha livres dois dias completos... e ao menos um deles o tinha que passar sozinha na casa com um vampiro mentalmente doente. A vida, simplesmente não melhora.

Tomei duas taças de café, pus os jeans do Eric na máquina de lavar roupa, li por um momento meu romance, e estudei meu recém estreado Calendário da Palavra do Dia, um presente de Natal do Arlene. Minha primeira palavra para Ano Novo era “transfusão”. Provavelmente este não era um bom presságio.

Jason chegou um poquito depois das quatro, voando através de meu meio-fio em sua caminhonete com flamas rosadas e púrpuras aos lados. Já me tinha banhado e vestido para então, mas meu cabelo estava ainda molhado. Tinha-o orvalhado com aparelho de ar condicionado e por isso me escovava devagar, me sentando diante da chaminé. Tinha aceso a TV em um jogo de futebol para ter algo que ver enquanto me escovava, mas tinha

mantido o volume baixo. Estava ponderando o predicamento do Eric enquanto lujuriosamente sentia a calidez do fogo em minhas costas.

Não tínhamos usado a chaminé muito desde fazia alguns anos, porque comprar uma carga de lenha era muito caro, mas Jason tinha talhado um montão de árvores que se cansado o ano passado devido a uma tormenta de neve. Estava muito bem abastecida, e estava desfrutando das flamas.

Meu irmão pisou muito forte os degraus dianteiros e tocou descuidadamente antes de entrar. Igual a eu, ele tinha crescido e sido criado nesta casa. Ambos tínhamos vindo a viver com o Abue quando nossos pais tinham morrido, ela rendeu nossa outra casa até que Jason disse que estava preparado para viver de maneira independente, à idade de vinte. Agora Jason tinha vinte e oito e era o chefe de uma equipe de estradas para o município. Isto era um grande passo para um menino local sem muito nível acadêmico, e eu tinha pensado que era suficiente para ele até que durante em mês passado ou dois, ele tinha começado a atuar como se desejara uma mudança.

-Bem, -disse, quando olhou o fogo. Ele se deteve diretamente de frente para esquentar suas mãos, acidentalmente me bloqueando o calor. -A que hora chegou à casa ontem à noite? -Disse sobre seu ombro.

-Acredito que fui à cama ao redor das três.

-O que pensa da garota com a que estava?

-Acredito o que seria melhor que a deixasse de ver.

Isso não era o que eu esperava escutar. Seus olhos me olharam de esguelha.

-Que coisa foi o que lhe descobriu? -Perguntou com uma voz resignada.

Meu irmão sabe que sou telepática, mas ele jamais o discutiu comigo, ou ninguém mais. Vi-o meter-se em brigas com alguns homens que me acusaram que ser anormal, mas ele sabe que sou diferente. Todo mundo sabe. Simplesmente eles escolhem não acreditá-lo ou eles acreditam que não é possível que eu possa ler *seus* pensamentos—mas bem, os de outros. Só Deus sabe que eu tento atuar e falar como alguém que não está recebendo uma indesejada frequência de emoções e idéias, de arrependimentos e acusações, mas às vezes isso somente se filtra.

-Ela não é seu tipo, -pinjente olhando fazia o fogo.

-Seguro que não é uma vampira, -ele protestou.

-Não, não é uma vampira.

-Então está bem. -Ele me olhou de maneira beligerante.

-Jason, quando os vampiros saíram à luz—quando nós soubemos que eles eram reais depois de todas estas décadas de pensar que eles era uma lenda tenebrosa—alguma vez te perguntou se existiriam outros contos que fossem verdadeiros?

Meu irmão pensou a respeito deste conceito durante um minuto. Eu sabia (por que podia “escutá-lo”) que Jason queria negar completamente esta classe de idéia e me chamar assobiada—mas simplesmente não pôde.

-É como sim você o desse por feito, -ele disse. Não era propriamente uma pergunta.

Assegurei-me que ele me estivesse vendo direto aos olhos, e assenti enfaticamente.

-Mierda, -ele disse, aborrecido. -A sério eu gostava da moça e ela foi uma tigresa na cama.

-De verdade? -Perguntei, completamente chocada de que ela tivesse trocado em frente dele quando não havia lua enche. -Encontra-te bem? -No segundo seguinte me estive amaldiçoando por minha própria estupidez. É obvio que ela não se transformou.

Ele ofegou durante um segundo, antes de partir-se da risada.

-Sookie, está mais louca que uma cabra! Parecia como sim acreditasse que ela realmente poderia... -E sua cara se congelou. Pude sentir como a idéia perfurou um buraco na borbulha protectiva que a maioria da gente infla ao redor de seus cérebros, a borbulha que repele qualquer signo e idéia que não quadra com suas expectativas diárias. Jason se deixou cair pesadamente na poltrona reclinável do Abue. -Desejaria não ter ouvido isto, -disse ele com um fio de voz.

-Não necessariamente isso é o que acontece com ela—a coisa do tigre—mas me acredite, algo lhe acontece.

Tomou um minuto a sua cara para voltar a recuperar sua expressão familiar, mas o obteve. Típica atitude do Jason: Como não havia nada que ele pudesse fazer a respeito de seu novo conhecimento, sepultava-o no mais recôndito de sua mente.

-Escuta, viu a garota do Hoyt ontem à noite? depois de que eles deixaram o bar, Hoyt se meteu totalmente em uma sarjeta pela Arcadia, tiveram que caminhar duas milhas para conseguir um telefone porque a ele se o esquecimento recarregar a bateria de seu celular.

-Não me diga! -Exclamei, no confortável estilo dos fofoqueiros. -E ela levando esses saltos altos. -O equilíbrio do Jason se restaurou. Ele me esteve contando as intrigas locais

durante uns minutos, aceitou minha oferta de uma Coca, e me perguntou se necessitava algo do povo.

-Sim, necessito algo. -Tinha estado pensando enquanto ele falava. A maioria de sua notícias já as tinha escutado dos outros miolos as noites passadas quando não estava cuidado meu guarda mental.

-Uyyss, -ele disse, parecendo burlonamente assustado. -O que te oferece?

-Necessito dez garrafas de sangue sintético e roupas para um homem grande, -disse-lhe, e o voltei a surpreender de novo. Pobre Jason, merecia-se uma zorra tola por irmã que tivesse e criasse lindos sobrinhos que o chamarão Tio Jase e subissem em seus joelhos. Em lugar disso, tinha-me .

-Que tão grande é esteja homem, e onde está ele?

-Mede como seis pés com quatro ou cinco, e ele está dormido, -pinjente. -Calculo que será cintura trinta e quatro, e tem as pernas muito fortes e é de ombros amplos. -Recordei a meu mesma revisar a etiqueta dos jeans do Eric, que ainda estavam na secadora do alpendre traseiro, para confirmar a talha.

-Que tipo de roupas?

-Roupas de trabalho.

-Alguém que conheço?

-Eu, -respondeu uma voz profunda.

Jason volteou como se estivesse esperando receber um ataque, o que demonstra que seus instintos não estão do todo mal, depois de tudo. Mas Eric se olhava tão pouco ameaçador como um vampiro de seu tamanho se pode olhar. E ele se pôs amavelmente o penhoar de veludo marrom que eu tinha deixado no segundo dormitório. Era um que guardava ali para o Bill, e me deu uma pontada o ver-se-o a alguém mais. Mas tinha que ser prática; Eric não podia vagar ao redor com roupa interior tipo biquini vermelho—ao menos, não com o Jason na casa.

Jason olhou ao Eric com os olhos exagerados e me jogou uma olhada sobressaltada.

-Esteja é seu novo homem, Sookie? Não deixou sequer que crescesse o pasto em seu jardim. -Ele não sabia se soar admirado ou indignado. Jason ainda não se deu conta que Eric era um vampiro. Sempre me surpreendeu que um montão de gente não possa percebê-lo até depois de alguns minutos. -E, preciso lhe conseguir a ele roupa?

-Sim. Sua camisa se rompeu ontem à noite, e seus jeans azuis ainda estão sujos.

-Me vais apresentar?

Inspirei profundamente. Teria sido muitíssimo melhor sim Jason nunca tivesse visto o Eric.

-Melhor não, -pinjente.

Ambos tomaram muito mal. Jason se olhou ferido, e o vampiro se viu ofendido.

-Eric, -ele disse, e estirou sua mão fazia Jason.

-Jason Stackhouse, o irmão desta damita tão grosseira. -Jason disse.

Ambos se estreitaram as mãos, e eu tive vontades de lhes retorcer aos dois o pescoço.

-Assumo o que existe alguma razão do por que vocês dois não podem ir fora e comprar a roupa, -disse Jason.

-Existe uma muito boa razão, -pinjente. -E existem perto de vinte muito boas razões pelas que você deve te esquecer que alguma vez viu este tipo.

-Encontra-te em perigo? -Jason me perguntou diretamente.

-Ainda não, -pinjente.

-Sim faz algo que possa ocasionar que se machuque a minha irmã, te vais encontrar em um mundo de problemas comigo, -Jason disse ao Eric o vampiro.

-Não esperaria menos, -disse Eric. -Mas do momento que você está sendo franco comigo, eu também o serei contigo. Penso o que deveria manter a sua irmã, e tomá-la sob seu resguardo dentro de sua casa, assim ela se encontraria melhor protegida.

A boca do Jason caiu aberta de novo, e eu tive que cobrir a minha para não rir em voz alta. Isto era muitíssimo melhor do que me tinha imaginado.

-Dez garrafas de sangue e uma mudança de roupas? -Jason me perguntou, e soube pela mudança de sua voz que ele finalmente se precaveu da condição do Eric.

-Exato. A loja de licores vende o sangue. E as roupas compra no Wal-Mart. -Eric majoritariamente era do tipo jeans e canções, que ao fim e ao cabo, era o único que podia pagar. -Ah, também necessita sapatos.

Jason se dirigiu para estar junto ao Eric e pôs seu pé paralelo ao do vampiro. Ele lançou um assobio, o que fez dar um salto ao Eric.

-Pés grandes, -Jason comentou, e me jogou uma olhada. -É certo o velho dito?

Sorri-lhe. Sabia que ele estava tentando aliviar a atmosfera.

-Possivelmente não me cria isso, mas não sei.

-Difícil de tragar... digo-o, sem dobro sentido. Bom, vou, -Jason disse, cabeceando em direção do Eric. depois de uns segundos, escutei-o manobrar sua caminhonete nas curvas de meu meio-fio, rumo aos escuros bosques. A noite tinha cansado por completo.

-Lamento ter saído enquanto ele estava aqui, -Eric disse tentativamente. -Não queria que ele me conhecesse. -Ele se aproximou do fogo e pareceu que desfrutava de do calor igual a eu o tinha feito.

-Não é o que me envergonhe de te ter aqui, -disse-lhe. -É só que tenho o pressentimento que está metido em um mundo de confusões, e não quero que meu irmão se veja envolto dentro deles.

-É seu único irmão?

-Sim. E meus pais já morreram, também minha avó. Ele é tudo o que fica, à exceção de uma prima que esteve metida em drogas há anos. Suponho que está perdida.

-Não te entristeça, -ele disse, como se não pudesse impedir de-se dizê-lo.

-Estou bem. -Fiz que minha voz soar á enérgica e concreta.

-Você tiveste meu sangue, -ele disse.

Ups. Fique de pedra.

-Não poderia ter estado em condições de saber como se sente se você não tivesse meu sangue, -ele disse. -Somos... fomos amantes?

Essa, certamente, era uma maneira muito linda de pô-lo. Eric pelo general era muito cru e franco sobre o sexo.

-Não, -pinjente recatadamente, e estava dizendo a verdade, embora não tinha acontecido só por uma margem de nada. Tinham-nos interrompido a tempo, graças a Deus. Não sou casada. Tenho momentos de debilidade. Ele, é esplendido. Preciso dizer mais?

Mas ele estava me olhando com olhos intensos, e senti que a cor alagou minha cara.

-Esteja não é o penhoar de seu irmão.

Ai, homem. Fiquei observando o fogo como se dele fora a surgir uma resposta para mim.

-Então, de quem é?

-É do Bill, -pinjente. Essa esteve fácil.

-Ele é seu amante?

Assenti.

-Foi, -pinjente honestamente.

-Ele é meu amigo?

Pensei a respeito disso por um momento.

-Bom, não exatamente. Ele vive na área onde você é o Xerife? Área Cinco? –Voltei a escovar meu cabelo e descobri que já se secou. Corredor eletrizado quando lhe acontecia a escova. Sorri pelo efeito em meu reflexo do espelho acima da chaminé. Também podia ver o Eric no reflexo. Não tenho nem idéia de porque a história gira em torno de que os vampiros não podem ser vistos em espelhos. Ali, certamente havia muito Eric para ver, porque ele era tão alto e não se fechou o penhoar muito bem... Fechei meus olhos.

-Faz-te falta algo? –Eric perguntou inquieto.

Mais autocontrol.

-Estou muito bem, -pinjente, tratando de não chiar meus dentes. –Seus amigos estarão aqui logo. Seus jeans estão na secadora, e estou desejando que Jason retorne em uns minutos com algumas roupas.

-Meus amigos?

-Bom, os vampiros que trabalham para ti. Suponho que Pam conta como amiga. Não sei a respeito do Chow.

-Sookie, onde trabalho? Quem é Pam?

Está era realmente uma conversa muito custa acima. Tentei lhe explicar ao Eric a respeito de sua posição, seu próprio negócio da Fangtasia, seus outros interesses comerciais, mas honestamente, não tinha os suficientes conhecimentos a respeito disso para informá-lo completamente.

-Você não sabe muito a respeito do que faço, -ele observou exatamente.

-Bom, só vou a Fangtasia quando Bill leva, e ele me leva lá quando você quer que faça algo para ti. -Golpeei a meu mesma com a escova quando terminei de dizer isto. Estúpida, estúpida!

-Como posso fazer o que faça algo? Emprста-me a escova? -Eric perguntou. O olhei de esguelha. Ele se olhava tudo maciço e pensativo.

-Seguro, -pinjente, decidindo ignorar seu primeira pergunta. Passei-lhe a escova. Ele começou a usá-lo em seu próprio cabelo, movendo ritmicamente seus músculos do peito ao fazê-lo. *Aaah, caray. Possivelmente deveria retornar à ducha e me colocar dentro com água fria?*

Equilibrei-me dentro de meu recamasse para tirar uma banda elástica e estirar meu cabelo dentro da rabo-de-cavalo mais apertada que pude me fazer, até o topo de minha cabeça. Utilizei minha segunda melhor escova para deixá-la bem alisada, e me assegurei que me tivesse feito centrada girando isso minha cabeça de lado a lado.

-Você está tensa, -Eric disse do marco da porta, e eu soltei um gemido. -Sinto muito, sinto muito! -disse a toda pressa.

Lancei-lhe uma olhada, cheio de suspeita, mas ele parecia sinceramente contrito. Sim tivesse sido ele mesmo de sempre, Eric se teria rido. E maldição a não ser sentia saudades ao verdadeiro Eric. Alguém sabia onde estava parada com ele.

Escutei um golpe na porta de entrada.

-Fique aqui, -disse-lhe. Ele pareceu muito preocupado, e se sentou na cadeira da esquina de minha antecâmara, como um bom menino. Alegrei-me de ter recolhido minha roupa tiragem da noite anterior, assim, meu quarto não luzia tão pessoal. Fui através da sala de estar fazia a porta de entrada, desejando que não houvesse mais surpresas.

-Quem é? -Perguntei, pegando minha orelha na porta.

-Já estamos aqui, -respondeu Pam.

Comecei a girar a cavanhaque, detive-me, logo recordei que de todas maneiras eles não podiam entrar, e então abri a porta.

Pam tem cabelo murcho de um loiro muito pálido e uma pele tão branca como uma pétala de magnólia. Fora disso, ela luz como uma jovem dona-de-casa suburbana que mantém um emprego do meio tempo na escola primária do bairro.

Embora realmente não acredito que vocês queiram a sério que Pam se encarregue de cuidar de seus nenês, nunca a vi fazer nada extraordinariamente cruel ou vicioso. Mas ela está definitivamente convencida que os vampiros são melhores que os humanos, é muito direta e não mede palavras. Estou segura que se Pam visse que alguma ação imediata fora necessária para garantir seu bem-estar, ela a realizaria sem que lhe movesse um cabelo. Ela parece ser uma excelente segundo em comando e não muito ambiciosa. Sim ela quer ter seu próprio distrito ou área, guarda-se muito bem de mostrar esse desejo.

Chow é farinha de outro costal. Não quero conhecer o Chow mais do que já o conheço. Não confiou nele, e nunca me sinto cômoda com ele ao redor meu. Chow é asiático, de complexão magra, mas é um poderoso vampiro com corto comprido e negro. Não medirá mais de cinco pés com sete, mas cada polegada visível de pele (exceto a cara) está coberta com intrincadas tatuagens que são um verdadeiro trabalho de arte, digno de admirar em sua pele. Pam diz que são tatuagens Yakuza. Chow trabalha na Fangtasia como dono de cantina algumas noites, e as outras vezes se sinta no bar somente para que os paroquianos do bar lhe aproximem. (O que é o verdadeiro propósito dos bares vampiros, deixar que os humanos normais sintam que estão cavalgando pelo lado selvagem ao estar no mesmo quarto com os não-mortos de carne e osso. É muito lucrativo, conforme me há dito Bill.)

Pam estava vestindo um vaporoso suéter cor nata e calças de pinça cor bronze, e Chow ia vestido com seu colete usual e umas calças soltas. Ele raramente leva camisa, assim, os paroquianos da Fangtasia podem receber o completo efeito de sua arte corporal.

Chamei o Eric, e o entrou em quarto lentamente. Estava visivelmente alerta.

-Eric, -disse Pam, quando ela o viu. Sua voz cheia de alívio. -Está bem? -Seus olhos ansiosamente fixos no Eric. Ela não se inclinou, mas lhe dirigiu uma espécie de profunda cabeçada.

-Professor, -Disse Chow, e se inclinou.

Tratei de não sobre-interpretar o que estava vendo e ouvindo, mas assumo que a diferença entre as saudações significava a classe de relação existente quanto aos três.

Eric se olhou inseguro.

-Conheço-te, -ele disse, tentando que soar mais como uma afirmação que como pergunta.

Os outros dois vampiros intercambiaram um olhar.

-Trabalhamos para ti, -disse Pam. -Devemo-lhe lealdade.

Comecei a sair do quarto, porque estava segura que quereriam falar das coisas secretas de vampiros. E se havia algo que eu não queria saber, eram mais secretos.

-Por favor, não vá, -Eric me disse. Sua voz estava atemorizada. Congelei-me e olhei fazia atrás de mim. Pam e Chow estavam me olhando por cima dos ombros do Eric, e ambos tinham expressões muito diferentes. Pam luzia quase divertida. Chow luzia abertamente desaprobador.

Tentei não olhar diretamente aos olhos do Eric, assim poderia deixá-lo com a consciencia tranqüila, mas simplesmente não funcionou. Ele não queria ser deixado a sós com seus dois cupinchas. Tirei tanto ar fora, que minhas bochechas se avultaram. Vale, *maldição*. Andei com dificuldade de novo ao lado do Eric, fulminando com o olhar ao Pam o caminho inteiro.

Houve outro golpe na porta, e Pam e Chow reagiram de maneira dramática. Ambos estavam preparados imediatamente para lutar, e vampiros nessa condição são muito, muito atemorizantes. Suas presas saíram fora, suas mãos se curvaram como garras e seus corpos se encurvaram em completo alarme. O ar pareceu eletrizar-se ao redor deles.

-Sim? -Disse através da porta. Tenho que *conseguir* instalar uma mirrilla de segurança.

-Sou seu irmão, -disse Jason bruscamente. Ele não sabia quão afortunado tinha sido por não meter-se sem tocar a porta.

Algo tinha posto ao Jason de mau humor, soava apurado, e me perguntei se haveria alguém com ele. Quase abri a porta. Mas me detive. Finalmente, me sentindo como uma traidora, girei fazia Pam. Silenciosamente lhe indiquei ir pelo corredor fazia a porta traseira, fazendo um gesto de abrir e fechar para que ela não se confundisse com o que estava pedindo. Fiz um círculo no ar com meu dedo—*Vê ao redor da casa, Pam*—e apontei à porta de entrada.

Pam assentiu e correu pelo corredor rumo à porta traseira. Não pude ouvir seus pés no chão. Assombroso.

Eric se moveu longe da porta. Chow ficou em frente dele. Passei-o. Isto era exatamente o que um subordinado se supunha deveria fazer.

Em menos de um minuto, ouvi o bramido do Jason a menos de seis polegadas de distância. Saltei longe da porta, assustada.

Pam disse;

-Abre!

Atirei da porta completamente para ver o Jason apressado entre os braços do Pam. Ela o estava sustentando afastado do chão sem nenhum esforço, apesar de que ele lutava grosseiramente, fazendo seu melhor esforço para liberar-se, Deus o benza.

-É somente você, -pinjente, o alívio era a máxima de minhas emoções.

-É obvio, maldição! Para que a mandou a ela por mim? Baixa me!

-É meu irmão, Pam, -disse-lhe. -Por favor, deixa-o no chão.

Pam baixou ao Jason, e ele giro fazia ela para lhe olhar.

-Escuta, mulher! Não se eleva a um homem assim por que sim! É afortunada de que não te tenha golpeado na cabeça! -Pam voltou a olhar-se novamente divertida, e Jason se olhou envergonhado. Ele teve a graça de sorrir. -Suponho que isso teria sido muito difícil, - admitiu, recolhendo as bolsas que tinha solto. Pam o ajudou. -Que sorte que consegui o sangue em garrafas de tamanho familiar, -ele disse. -De outra maneira, está adorável dama teria que haver partido faminta.

Sorriu sedutoramente ao Pam. Jason ama às mulheres. Com o Pam, Jason estava de algum jeito indo além de sua cabeça, mas ele não tinha sentido comum para vê-lo.

-Obrigado. Agora já te pode partir, -pinjente abruptamente. Tomei as bolsas de plástico de suas mãos. Ele e Pam estavam olhando-se aos olhos. Ela estava pondo seu encanto sobre ele. -Pam, -pinjente agudamente. -Pam, esteja é meu irmão.

-Já sei, -ela disse calmadamente. -Jason, tem algo que nos dizer?

Esqueci-me que Jason tinha divulgado como se apenas se pudesse agüentar ele mesmo quando estava na porta.

-Sim, -ele disse, dificilmente foi capaz de arrancar seus olhos longe da vampira. Mas quando ele me jogou uma olhada, agarrou uma vista do Chow, e seus olhos se aumentaram. Ao menos, tinha o suficiente sentido para temer ao Chow. -Sookie? -disse. -Encontra-te bem? -ele deu um passo dentro do quarto, e podia sentir como a adrenalina deixada pelo susto que Pam lhe tinha dado começava a bombear por seu sistema outra vez.

-Sim. Tudo está bem. Estes, são somente amigos do Eric que vieram a ver como se encontra.

-Bom, seria melhor que fossem procurar e tirar estes pôsteres.

Isso obteve a plena atenção de todos. Jason desfrutou disso.

-Há pôsteres pendurados no Wal-Mart, Grabbit Kwik e o Bottle Barn, e em quase todos os lugares do povo, -ele disse. -Todos dizem: “Viu a este homem?” e contam a respeito de que ele foi seqüestrado e seus amigos estão muito preocupados, e oferecem uma recompensa imediata de cinquenta mil dólares, a quem proporcione informação de seu paradeiro.

Não processe muito bem isto. Mayoritariamente estava pensando *Né?*, quando Pam entendeu a medula do assunto.

-Eles esperam vê-lo e brincá-lo, -ela disse ao Chow. -Funcionará.

-Teremos que nos encarregar disto, -ele disse, assinalando com a cabeça em direção do Jason.

-Não te atreva a lhe pôr nenhuma só mão em cima a meu irmão, -pinjente. E me interpus entre o Jason e Chow, enquanto minhas mãos procuravam uma estaca ou martelo ou algo que servisse para manter longe a este vampiro de tocar ao Jason.

Pam e Chow se enfocaram em mim com firme atenção. Não o encontrei para nada adulator, como Jason. Encontrei-o mortal. Jason abriu a boca para falar—pude sentir a ira crescendo dentro dele, e o impulso de enfrentá-los—mas minha mão se fechou sobre sua boneca, ele grunhiu, eu disse;

-Não diga uma só palavra. -Por um milagre ele não o fez. Pareceu precaver-se que os acontecimentos se estavam precipitando rapidamente fazia uma direção muito grave.

-Terão que me matar primeiro, -pinjente.

Chow se encolheu de ombros e disse:

-Grande coisa.

Pam não disse nada. Se vinha a opção entre manter os interesses dos vampiros e ser minha companheira de farra... bem, adivinhei que íamos ter que anular nossa festa de pijamas, e eu que tinha estado planejando a trança francesa para seu cabelo.

-Do que se trata tudo isto? -Eric perguntou. Sua voz foi grandemente potente. - Explica... Pam.

Foi um minuto onde as coisas pareceram pender de um fio. Logo, Pam volteou a ver o Eric, e possivelmente se viu brandamente aliviada de não ter que me matar nesse momento.

-Sookie e este homem, seu irmão, viram-lhe, -ela explicou. -São humano. Necessitam o dinheiro. Eles entregarão às bruxas.

-Quais bruxas? -Jason e eu dissemos simultaneamente.

-Muito obrigado, Eric, por nos colocar dentro desta mierda, -Jason resmungou injustamente. -E, poderia me soltar minha boneca, Sookie? É mais forte do que te vê.

Era mais forte do que deveria ser, por que tinha tido sangue de vampiro—mais recentemente a do Eric. Os efeitos deveriam durar ao redor de outras três semanas, possivelmente mais. Já sabia isto por experiência passada.

Infelizmente, necessitei aquela força extra em um momento determinado. O mesmo vampiro que agora se encontrava envolto no penhoar de meu antigo noivo, tinha doado esse sangue quando me encontrava seriamente ferida, mas tinha que seguir adiante.

-Jason, -disse em um nível de voz—que esperava o vampiros não pudessem escutar. -Por favor, mantente alerta. -Isto foi o mas próximo que pude lhe dizer ao Jason de ser cauteloso por uma vez em sua vida. De algum jeito, ele se orgulhava de ser uma besta.

Muito lenta e cuidadosamente, como se estivesse um leão solto no quarto, Jason e eu nos fomos sentar na velha poltrona a um lado da chaminé. Isso fez baixar uns quantos graus de temperatura a situação. depois de um momento de indecisão, Eric se sentou no chão e descansadamente se recarregou em minhas pernas. Pam se localizou na borda da poltrona reclinável, próximo à chaminé, mas Chow decidiu permanecer de pé (no que eu calculei seria uma distância para investir) perto do Jason. A atmosfera se voltou menos tensa, apesar de que não significava que estivesse relaxada—mas, ainda assim, era uma melhora sobre os momentos passados.

-Seu irmão deve ficar e escutar isto, -disse Pam. -Não importa quanto deseje o que ele não saiba nada. Ele precisa entender por que não deve tentar ganhar esse dinheiro.

Jason e eu assentimos rapidamente. Dificilmente estava em posição de lhes dizer algo. Esperem um momento, sim que posso! Posso lhes dizer a todos eles que seu convite para estar em minha casa ficava rescindida, e então poof! , todos caminhando fazia fora da porta. Descobri a minha mesma sorrindo. Rescindir um convite era extremamente satisfatório. Já o tinha feito antes uma vez; enviei a dois, Bill e Eric, em câmara rápida fora de minha sala de estar, e me havia sentido tão bem que rescindi o convite a cada vampiro que conhecia. Pude sentir como meu sorriso se esfumava enquanto pensava mais atentamente.

Se me dava a esteja impulso, teria que permanecer em minha casa cada noite pelo resto de minha vida, por que eles retornaria ao obscurecer do dia seguinte e o dia depois, e assim até que me apanhassem, por que eu tinha a seu chefe. Fulminei com o olhar ao Chow. Estava disposta a lhe jogar toda a culpa disto a ele.

-Faz algumas noites, nós escutamos—na Fangtasia, -Pam explicou para o benefício do Jason, -que um grupo de bruxas tinham atracado ao Shreveport. Uma humana nos disse isso, uma que desejava ao Chow. Ela não sabia por que estávamos tão interessados nesta informação.

Isso não soava muito ameaçador para mim. Jason se encolheu de ombros.

-E? -ele disse. -Caramba, todos vocês são vampiros. O que podem lhes fazer um punhado de garotas vestidas de negro a vocês?

-Bruxas verdadeiras podem nos fazer muito aos vampiros, -Pam disse, com notável contenção. -As “garotas de negro” que te está imaginando são sozinho clichês. As bruxas verdadeiras podem ser homens e mulheres de qualquer idade. São formidáveis e muito poderosos. Eles controlam as forças mágicas, e nossa existência está cimentada na magia. Este grupo parece ser mais... -Elas se deteve, tentando encontrar a palavra.

-Difícil? -Jason sugeriu cortês.

-Difícil, -ela esteve de acordo. -Não temos descoberto que é o que os faz tão fortes.

-Qual foi seu propósito de vir ao Shreveport? -Perguntei.

-Uma boa pergunta, -disse Chow aprovadoramente. -De fato a melhor pergunta.

Olhei-o franzindo o cenho. Não necessitava sua condenada aprovação.

-Eles queriam—eles querem—apoderar-se dos negócios do Eric, -Pam disse. -As bruxas querem dinheiro como ninguém mais, e elas se imaginaram que podiam ficar com os negócios, ou fazer que Eric lhes pagará para que o deixarão em paz.

-Dinheiro em troca de amparo. -Isto era um conceito familiar para qualquer que visse a TV. -Mas, como os podem forçar a fazer algo? Meninos, vocês são muito capitalistas.

-Não tem nem idéia quantos problemas pode ter um negócio quando as bruxas querem um pedaço dele. Quando nos reunimos pela primeira vez com eles, suas líderes—um casal de irmã e irmão—o insinuaram em voz alta. Hallow nos deixou claro que ela podia enfeitiçar nosso negócio, voltar amargas nossas bebidas alcoólicas, e ocasionar que os paroquianos se patinem sobre a pista de baile e nos demandem, nem que dizer dos problemas da cobertura de chumbo. -Pam elevou suas mãos com desgosto. -Converteria

cada noite em um pesadelo, e nossos ganhos cairiam de um colchão, possivelmente ao ponto de que *Fangtasia* não valeria nada.

Jason e eu nos dirigimos o um ao outro olhadas precavidas. Naturalmente, os vampiros estavam muito colocados dentro do negócio dos bares, dado que era o mais lucrativo na noite, e de todas maneiras estavam acordados. Eles faziam a tudo durante a noite; toda a noite tinturarias, toda a noite restaurantes, toda a noite jante e teatros... mas, o bar pagava a melhor prata. Sim *Fangtasia* fechasse, a principal base financeira do Eric sofreria um descalabro.

-Assim que eles querem dinheiro em troca de amparo, -disse Jason. Ele tinha cuidadoso a trilogia do Padrinho mínimo umas quinze vezes. Pensei a respeito de lhe perguntar se queria dormir com os peixes, mas Chow estava luzindo chateado, assim que me contive. Ambos estávamos sozinho a um passo com salto de uma indesejada morte, e sabia que não era momento de me fazer a simpática, especialmente com o tipo de humor que se aproximava muito à realidade.

-Assim, como terminou Eric correndo na noite ao longo de meu meio-fio sem camisa ou sapatos? -Perguntei, pensando que era tempo de lançar toda a carne ao assador.

Intercâmbios vários de olhadas entre os dois subordinados. Olhe fazia baixo ao Eric, pressionado contra minhas pernas. Ele parecia estar tão interessado na resposta como nós mesmos. Sua mão firmemente sobre meu joelho. Senti-me como se estivesse coberta por uma grande manta de segurança.

Chow decidiu ser quem começará a narração.

-Dissemos-lhes que devíamos discutir a ameaça. Mas a noite passada, quando fomos trabalhar, uma das bruxas de menor fila estava esperando na *Fangtasia* com uma proposta alternativa. -Ele se viu algo incômodo. -Durante nossa primeira junta com o aquelarre, Hallow, decidiu que ela, ah, desejava ao Eric. Tal união é altamente reprovada entre bruxas, você entende, já que estamos mortos e a bruxaria, como se supõe, é algo... orgânico. -Chow cuspiu a palavra como se fora algo desagradável pego à sola de seu sapato. -É obvio, a maioria das bruxas nunca fariam o que este aquelarre estava tentando. Toda essa gente guiada pelo poder mesmo, mais que uma religião detrás deles.

Isto era interessante, mas queria escutar o resto da história. Igual a Jason, quem lhe fez um gesto com a mão de «continua». Com uma sacudida a se mesmo, como sim se tirará de seus próprios pensamentos, Chow continuou.

-Esta cabeça das bruxas, Hallow, disse ao Eric, através de sua subordinada, o que se ele ia entreter a durante sete noites, ela só demandaria quinze por cento de seu negócio, em lugar da metade.

-Deve ter certa aula de reputação, -meu irmão disse ao Eric, sua voz cheia de sincero respeito. Eric não teve muito êxito tratando de ocultar sua agradável expressão. Ele estava adulado de escutar que era uma espécie do Romeo. Houve uma muito pequeno diferencia na maneira que ele olhou fazia mim ao momento seguinte, e eu tive um horrível sentimento de algo inevitável—como quando vê seu automóvel deslizar-se colina abaixo (embora esteja segura de havê-lo deixado posto em estacionamento), e sabe que não há maneira de que possa alcançá-lo e lhe colocar o freio, não importa quanto o deseja. Esse automóvel vai chocar.

-Apesar de que alguns de nós pensamos que seria inteligente fazê-lo, nosso professor se negou, -Chow disse, lhe disparando a “nosso professor” um olhar muito pouco amoroso. -E nosso professor se recusou em términos tão insultantes que Hallow o amaldiçoou.

Eric se viu envergonhado.

-O que seria o que te faria rechaçar um trato tão prazenteiro como está? -Jason perguntou, honestamente confuso.

-Não me lembro, -disse Eric, movendo uma fração mais perto a minhas pernas. Frações era o mais próximo que ele podia obter. Ele se olhava depravado, mas eu sabia que não o estava. Podia sentir a tensão em seu corpo. -Nem sequer sabia meu nome até que está mulher, Sookie, disse-me isso.

-E como terminou fora no bosque?

-Não sei tampouco.

-Ele simplesmente se desvaneceu dali, -Pam disse. -Estávamos sentados no escritório junto com a jovem bruxa, e Chow e eu estávamos discutindo com o Eric a respeito de sua negativa. E logo já não o estávamos.

-Sonha alguma sino, Eric? -Perguntei. E descobri a meu mesma alcançando seu cabelo para acariciá-lo, como o faria com um cão que se aproximasse perto de mim.

O vampiro se olhou confundido. Apesar de que o inglês do Eric era excelente, de tanto em tanto uma locução o podia desconcertar.

-Lembra-te de algo a respeito disto? -pinjente, mais explícita. -Tem alguma memória?

-Eu nasci no momento que estava correndo com o passar do caminho entre a escuridão e o frio, -ele disse. -Até que você não me ajudou, eu estava vazio.

Posto dessa maneira, soava terrorífico.

-Algo simplesmente não concorda, -pinjente. -Isto não ia passar de qualquer jeito, sem nenhuma advertência.

Pam não se viu ofendida, mas Chow fez seu melhor esforço em parecê-lo.

-Vocês dois fizeram algo, não é certo? Vocês o arruinaram. O que foi o que fizeram? – Ambos os braços do Eric se enredaram ao redor de minhas pernas, assim ficava afiançada no lugar. Suprimi uma pequena espiral de pânico. Ele sozinho se sentia inseguro.

-Chow perdeu o controle com a bruxa, -Pam disse, depois de uma significativa pausa.

Fechei meus olhos. Inclusive Jason pareceu precaver-se a que se estava refirindo Pam, por que seus olhos se aumentaram. Eric girou sua cara para esfregar sua bochecha ao longo de minha coxa. Perguntei-me por que estaria fazendo isso.

-E no momento que ela foi atacada, Eric se desvaneceu? –Perguntei.

Pam assentiu.

-Então ela era com um chamariz enfeitiçado.

-Aparentemente, -disse Chow. -Embora nunca tinha escutado nada pelo estilo, e não posso ser acusado de ser o responsável pelo que aconteceu. -Seu olhar penetrante me desafiou a dizer algo.

Volteei fazia Jason e pus os olhos em branco. Tratar com o equívoco do Chow não era minha responsabilidade. Estava mais que segura que se a história completa lhe contará à rainha da Luisiana, o chefe supremo do Eric, ela possivelmente teria algumas cositas que lhe dizer ao Chow sobre o incidente.

Houve um pequeno silêncio, durante o qual Jason ficou preparado para abrir fogo verbal.

-Vocês já estiveram no Merlotte's antes, não é verdade? -Ele perguntou aos vampiros. - Onde trabalha Sookie?

Eric se encolheu de ombros; não recordava. Pam disse;

-Eu estive, mas Eric não. -Ela me olhou para confirmá-lo, e depois de fazer algo de cor, assenti.

-Assim que ninguém vai associar instantaneamente ao Eric com o Sookie. -Jason lançou esta observação casualmente, mas se via agrado e quase satisfeito.

-Não, -Pam disse lentamente. -Possivelmente não.

Ali definitivamente havia algo que pressentia deveria começar a me preocupar nesse mesmo momento, mas não podia discernir muito bem o que era.

-Então está a salvo ao menos no que ao Bon Temps se refere, -continuou Jason. -Duvido que alguém mais o tenha visto ontem à noite, à exceção do Sookie, e que me amaldiçoem se posso entender por que ele terminou correndo nesse caminho em particular.

Meu irmão tinha um segundo ponto excelente. De verdade que esta noite estava operando com todas suas baterias ao máximo.

-Mas um montão de gente de por aqui dirige ao Shreveport para ir ao bar, *Fangtasia*. Inclusive eu mesmo fui. -Jason disse. Isto era novo para mim, e lhe dirigi um olhar assassino. Ele se encolheu de ombros e se viu um pouco envergonhado. -Bom, o que vai acontecer quando alguém trate de obter a recompensa? Quando eles chamem o número de telefone no pôster?

Chow decidiu contribuir um pouco mais à conversação.

-Certamente, o “amigo preocupado” que responde virá antes de mais nada a conversar com o informante. Sim o que chamou pode convencer ao “amigo preocupado” que viu o Eric depois de que a cadela bruxa lhe lançou o feitiço, as bruxas começariam a procurar nesta área em específico. Teriam a segurança de encontrá-lo. Tentariam contatar às bruxas locais, para as pôr a trabalhar nisto também.

-Não há bruxas no Bon Temps, -Jason disse, olhando-se surpreso de que Chow pudesse sequer sugerir essa idéia. Lá ia de novo meu irmão, dando as coisas por sentado.

-OH, apostaria que se as houver, -pinjente. -por que não? Lembra-te do que te comentei? -Apesar de que tinha estado pensando no Lobatos e Adaptos quando o tinha prevenido de que existiam coisas no mundo que ele não queria ver.

Meu pobre irmão está noite estava sendo sobrecarregado com informação.

-por que não? -Ele repetiu fracamente. -Quais poderiam ser?

-Algumas seriam mulheres, outros seriam homens, -disse Pam, sacudindo e juntando suas mãos como se ela estivesse falando de alguma classe de peste infecciosa. -São como qualquer outro que leva um vida secreta—a maior parte deles são muito agradáveis, aparentemente inofensivos. -Embora Pam não sou muito convencida quando disse isto. - Mas o mau tende a poluir o bom.

-Como é, -disse Chow, olhando pensativamente ao Pam, -este é um rincão tão esquecido que possivelmente aqui haja muito poucas bruxas na área. Não todas elas estão em

aquelarres, obter a cooperação de uma bruxa sem aquelarre seria muito difícil para o Hallow e seus seguidores.

-por que não podem estas bruxas do Shreveport lançar um enfeitiço para encontrar ao Eric? –Perguntei.

-Não podem encontrar nada dele que lhes sirva para preparar esse enfeitiço. –Pam disse, e ela soou como se soubesse muito bem do que estava falando. –Não podem ir a seu lugar de descanso durante o dia para obter cabelo ou roupa que leve sua essência. E não há ninguém ao redor que tenha o sangue do Eric dentro.

Ah-OH. Eric e eu nos olhamos de esguelha o um ao outro por um momento. Ali estava eu; e esperava ardentemente que ninguém mais soubesse isto além do Eric.

-De todas maneiras, -Chow disse, trocando de pé em pé, -em minha opinião, do momento em que estamos mortos, essa classe de coisas não poderia funcionar para realizar um enfeitiço.

Os olhos do Pam se entrecerraram ao olhar ao Chow. Estavam intercambiando idéias de novo, e eu não gostei. Eric, a causa de toda esta mensajería mental, estava olhando de um fazia outro a seus dois compis vampiros. Inclusive para meu ele se via bastante avoado.

Pam se dirigiu para mim.

-Eric deverá ficar aqui onde está. Movê-lo a outro lugar o expor a mais perigo. Com ele fora do caminho e seguro, poderemos tomar medidas preventivas contra as bruxas.

-Irã contra o patriarca, -Jason sussurrou em meu ouvido, ainda aderido à terminologia do Padrinho.

Agora que Pam o havia dito em voz alta, pude ver claramente porque devia ter começado a me preocupar quando Jason começou a enfatizar quão impossível era que alguém associará ao Eric comigo. Nenhum acreditaria que um vampiro com o poder e a importância do Eric estaria estacionado com uma garçõete humana.

Meu amnésico convidado luzia desconcertado. Inclinei-me fazia ele, me consentindo brevemente o impulso de acariciar seu cabelo, e logo sustentei minhas mãos sobre seus ouvidos.

Ele me permitiu isto, inclusive pôs suas próprias mãos sobre as minhas. ia tentar pretender que ele não poderia ouvir o que estava por dizer.

-Escutem, Chow, Pam. Esta é a pior ideia que jamais escute. Direi-lhes o por que. - Custou-me tirar as palavras bastante rápido, de maneira enérgica. -Como se supõe que o

vou proteger? Vocês sabem como vai finalizar isto! vou terminar golpeada. Ou possivelmente inclusive até *morta*.

Pam e Chow me olharam com expressões idênticas em branco. Igual poderiam me haver dito: “E, qual é o ponto?”

-Sim minha irmã vai fazer isto, -Jason disse, me descartando por completo, -ela merece receber um pagamento por isso.

Houve o que se chamaria um silêncio incômodo. Engasguei-me ao olhá-los.

Simultaneamente, Pam e Chow assentiram.

-Como mínimo, a mesma quantidade que tivesse obtido o informador que chamasse o telefone impresso no pôster, -Jason disse, seus brilhantes olhos azuis foram de uma cara pálida fazia outra. -Cinquenta mil.

-Jason! -Finalmente pude encontrar minha voz, e lhe tampei ainda mais forte com minhas mãos as orelhas ao Eric. Estava envergonhada e humilhada, sem estar em condições de saber exatamente por que. Por outro lado, meu irmão estava arrumando meus assuntos como se fossem dele.

-Dez, -disse Chow.

-Quarenta e cinco, -Jason respondeu.

-Vinte.

-Trinta e cinco.

-Feito.

-Sookie, irei trazer te minha escopeta, -disse Jason.

Capítulo 3

-Como ocorreu isto? -perguntei-lhe ao fogo da chaminé, quando todos eles se foram.

Todos à exceção do grande vampiro Vikingo que se supunha, devia preservar e proteger.

Estava sentada no toalha de mesa de frente ao fogo. Acaba de lançar uma peça mais de madeira e as flamas eram realmente deliciosas. Precisava pensar a respeito de algo prazenteiro e confortável.

Vi um grande pé nu com a esquina de meu olho. Eric se sentou abaixo para reunir-se comigo enmedio do toalha de mesa.

-Acredito que isto ocorreu porque tem um irmão avorazado, e porque você é a classe de mulher que se deteria por mim, apesar de ter medo, -Eric disse acertadamente.

-Como se sente a respeito de tudo isto? -Nunca lhe tivesse perguntado isto ao Eric em seu são julgamento, mas ele ainda se via tão distinto; talvez não a desordem completamente aterrorizada que ele tinha sido a noite anterior, mas ainda muito não-Eric. -Quero dizer—é como se você fosse um pacote que eles acabam de meter em um armazém de deposito, sendo eu o armazém.

-Alegra-me que eles me temam o suficiente para assegurar-se de me cuidar bem.

-Umh, -pinjente inteligentemente. Não era a resposta que tinha esperado.

-Devo ser uma pessoa lhe atemorizem, quando sou eu mesmo. Ou inspiro tanta lealdade por minhas boas obras e maneiras amáveis?

Ri-me disimuladamente.

-Acredito que não.

-Você está bem, -disse tranquilizadamente, embora postos a pensar, Eric não luzia como alguém que necessitasse muito consolo. De todos os modos, agora eu era responsável por ele. -Não tem frio em seus pés?

-Não, -ele disse. Mas agora estava no negócio de cuidar do Eric, quem *não* necessitava que o cuidarão. E eu estava sendo paga com uma quantidade de dinheiro assombrosa para fazer somente isto, recordei-me mesma duramente. Estirei-me para agarrar o velho edredom da parte traseira da poltrona e lhe cobri suas pernas e pés em quadros verdes, azuis e amarelos. Joguei-me de costas no toalha de mesa junto a ele.

-Isto é realmente horrível, -disse Eric.

-Isso é o que estava acostumado a dizer Bill. -Rodei sobre meu estomago e me descobri sonriendo a meu mesma.

-Onde se encontra este Bill?

-Está no Peru.

-Ele te aviso que se ia?

-Sim.

-Posso assumir que sua relação com ele se aproxima de seu fim?

Essa era uma muito boa maneira de pô-lo.

-deixamos que nos ver. Parece que será de modo permanente, -pinjente, minha voz plaina.

Ele estava sobre seu estomago junto a mim agora, apoiado sobre seus cotovelos para que pudéssemos falar. Ele estava um poquito muito próximo do que me fazia sentir cômoda, mas tampouco queria fazer uma montanha de um grão de areia, ou me escapulir. Ele se deu a meia volta para nos cobrir com o edredom a ambos.

-me conte a respeito dele, -disse Eric inesperadamente. Todos eles, ele, Pam e Chow, tinha tomado um copo do TrueBlood antes de que os outros vampiros se retirarão, e ele se via vistoso.

-Já conhece o Bill, -contei-lhe, -Ele trabalhou para ti um tempo. Suponho que não pode te lembrar, mas Bill é—bom, ele é do tipo acalmado e reservado, é muito protetor, e não parece conseguir entender algumas costure através de sua cabeça. —De todas as pessoas que conheço, nunca pensei que estaria com o Eric esmiuçando minha relação com o Bill.

-Ele te ama?

Suspirei e meus olhos se encheram de lágrimas, como seguido me passa quando penso no Bill—uma Garota Gritã, essa sou eu.

-Bom, ele dizia que sim, -murmurei tristemente. —Mas logo quando esta vampira mandão o contatou de algum jeito, ele saiu correndo atrás dela. —Conforme acreditava ela, tinha-lhe mandado um email. —Ele tinha estado enredado com ela antes, e ela resultou ser seu, não sei como lhe chamam vocês, quem o converteu em um vampiro. *Trouxe-o sobre*, ele dizia. Assim Bill retornou com ela. Ele diz que tinha que fazê-lo. E logo ele descobriu... -olhei de esguelha fazia Eric com as sobrancelhas significativamente elevadas, Eric se olhava fascinado. -...que ela tratava somente de atrai-lo ao lado muitíssimo mais escuro.

-Perdão?

-Ela estava tentando conseguir que ele fora a outro grupo de vampiros no Misisipí e trazer consigo a (realmente valiosa) base de dados de computador que ele tinha estado reunindo para sua gente, os vampiros da Lusiana, -pinjente, simplificando um poquito como cortesia à brevidade.

-O que ocorreu?

Isto era tão divertido como conversar com o Arlene. Possivelmente até mais, porque nunca tinha podido lhe contar a história completa.

-Bom, Lorena, esse era seu nome, ela o *torturou* a ele, -pinjente, e os olhos do Eric se aumentaram. -Pode acreditá-lo? O que ela fora capaz de torturar a alguém que lhe tinha feito o amor? Alguém com quem tinha vivido durante anos? -Eric moveu sua cabeça incrédulo. -De todas maneiras, seu me disse ir ao Jackson para lhe encontrar, e como uma espécie de levanta-pistas fui a um bar exclusivo para os *Supes*. -Eric assentiu. Evidentemente, não tinha que lhe explicar que os *Supes* significavam os seres sobrenaturais. -Seu nome real é *Josephine's*, mas os Lobatos o chamam *Clube Morto*. Você me pediu ir lá com um Lobato muito lindo que te devia um grande favor, e fiquei em seu apartamento. -Alcide Herveaux ainda figura em minhas fantasias dormida e acordada. - Mas termine sendo ferida gravemente, -concluí. Muito danificada, como sempre.

-Como?

-Cravaram-me uma estaca, cria-o ou não.

Eric se olhou apropriadamente impressionado.

-Tem cicatriz?

-Ahá, apesar de... -E me detive de improviso.

Ele fez uma indicação que estava esperando a que continuasse.

-O que?

-Você conseguiu que um dos vampiros do Jackson me arrumasse a ferida, assim sobrevivi... e logo você me deu sangue para que sanasse mais rápido, assim poderia procurar o Bill durante o dia. - Recordar a maneira que Eric me tinha dado seu sangue fez que minhas bochechas ficassem vermelhas, quão único podia desejar é que Eric atribuísse meu rubor ao calor do fogo.

-E logo salvou ao Bill? -Ele disse, passando de comprimento a parte delicada.

-Sim, fiz-o, -pinjente orgulhosamente. -O salvée seu culo. -Rodei sobre minhas costas e olhe fazia ele. Caramba, era lindo ter alguém com quem falar. Elevei minha canção e me inclinei parcialmente de lado para lhe ensinar ao Eric a cicatriz do flanco, e ele se viu impressionado. Ele tocou a brilhante área com a gema do dedo e sacudiu sua cabeça. Voltei-me a arrumar a roupa.

-E o que aconteceu com a vampira mandão? –Perguntou.

Olhei-o com receio, mas ele não pareceu estar-se burlando de mim.

Bom, -pinjente, -uhm, de fato, foi uma espécie de... Ela chegou no momento que estava desencadeando ao Bill, e me atacou, e eu tive que me proteger... matando-a.

Eric me olhou atentamente. Não pude decifrar sua expressão.

-Tinha matado alguma vez a alguém antes? –Perguntou.

-É obvio que não! –Pinjente indignada. –Bom, feri um tipo que estava tentando me matar, mas ele não morreu. Não, eu sou humano. Não tenho que matar a ninguém para viver.

-Mas os humanos matam a outros humanos todo o tempo. E eles nem sequer precisam comer-lhe ou tomar seu sangue.

-Não *todos* os humanos.

-Tem razão, -ele disse. –Nós os vampiros são assassinos.

-Mas de certa maneira, vocês são como os leões.

Eric se olhou surpreso.

-Leões? –Disse fracamente.

-Leões e essas coisas de matar. –Nesse momento essa idéia surgiu como uma inspiração. –Assim que vocês são depredadores, como os leões e as aves rapaces. Porque vocês necessitam o que matam. Você tem que matar para comer.

-Aferrar-se a esta teoria consoladora faz que nos vejamos quase igual a ti. E estávamos acostumados a sê-lo. E também nós podemos te amar, assim como nos alimentar de ti. Dificilmente poderia dizer que o leão quer acariciar ao antílope.

De repente houve algo no ar que não existia momentos antes. Senti-me um pouco como o antílope que estava sendo espreitado—por um extravagante leão.

Senti-me mais cômoda quando tinha estado cuidando de uma vítima aterrorizada.

-Eric, -pinjente, de maneira precavida, -você sabe que é meu convidado aqui. E você sabe que se te disser que vá, o que farei se não te comporta comigo, encontraria-te fora em algum lugar a metade do campo com um penhoar que é muito pequeno para ti.

-Hei dito algo que te tem feito sentir incomoda? -Ele estava (aparentemente) completamente contrito, seus olhos azuis reluzindo com sinceridade. -Lamento-o. Estava tentando seguir o trem de seus comentários. Tem algo mais *do TrueBlood*? Que roupas conseguiu Jason para mim? Seu irmão é um homem muito ardiloso. -Ele não souu cem por cento admirativo quando me disse isto. Não o culpo. A astúcia do Jason poderia lhe custar a ele trinta e cinco mil dólares. Me fui trazer a bolsa do Wal-Mart, esperando que ao Eric gostasse de sua nova sudadera do Tecnológico da Luisiana e seus jeans baratos.

Perto de meia-noite fui deitar, deixando ao Eric absorto com minhas cintas de vídeo da primeira temporada do Buffy the Vampire Slayer. (Que, embora bem-vindas, de fato tinham sido um presente de coña por parte da Tara.) Eric pensou que o programa era hilariante, especialmente a maneira em que as frentes dos vampiros se inchavam para fora quando eles se viam afetados pelo fervente desejo de sangue. De tanto em tanto, enquanto me dirigia fazia meu quarto, pude escutar ao Eric rendo. Mas o som não me incomodou. Encontrei reconfortante o escutar a alguém mais na casa.

Tomou um pouco mais do normal cair dormida, porque estava pensando a respeito das coisas que tinham ocorrido esse dia. Eric estava em um programa de amparo para testemunhas, de certa maneira, e eu estava provendo a casa de segurança. Ninguém no mundo—bom, exceto pelo Jason, Pam, e Chow—sabia onde estava neste momento o xerife da Área Cinco.

Quem também se estava deslizando dentro de minha cama.

Não queria abrir meus olhos e brigar com ele. Já estava naquele ponto para dormir entre a consciência e a inconsciência. Quando ele se subiu na cama a noite anterior, Eric tinha estado tão assustado que me eu me havia sentido quase maternal, confortando-o ao tomar sua mão e ressegurando-o com isso. Esta noite não se via assim como, bom, neutro, o ter na cama comigo.

-Frio? -murmurei, quando ele se aproximou mas perto.

-Um-hum, -ele sussurrou. Estava sobre minhas costas, tão cômoda, que não contemplava sequer me mover. Ele estava de lado me estudando, e pôs um braço ao redor de minha cintura. Mas não se moveu uma polegada mais, e se relaxou por completo. depois de um momento de tensão, eu também o fiz, e logo estive... morta para o mundo.

A seguinte coisa que soube, é que era de amanhã e o telefone estava soando. Certamente, estava sozinha na cama, e por minha porta aberta pude ver através do corredor dentro da antecâmara mas pequena. O armário estava aberto, como ele tinha que deixá-lo quando o alvorecer chegava e ele devia descender dentro do buraco em penumbras.

Hoje estava mas ensolarado e quente, acima dos quarenta quase chegando aos cinquenta graus Fahrenheit. Sentia-me mas corajosa que como me tinha sentido ao me levantar no dia anterior. Agora sabia o que estava passando; ou como mínimo, sabia mais ou menos o que devia fazer, supunha como iriam os seguintes dias. Ou pensei que o fiz. Quando respondi o telefone, descobri que estava equivocada de ponta a rabo.

-Onde está seu irmão? –gritou Shirley Hennessey, o chefe do Jason. Pensarão que um homem chamado Shirley é alguém engraçado até que se encontrarão cara a cara com este, e nesse momento decidiriam que realmente era melhor guardá-la diversão para vocês mesmos.

-Como vou ou seja o? –Pinjente razoavelmente. –Provavelmente dormindo na casa de alguma de suas mulheres. –Shirley, quem era conhecido universalmente como Siluro, jamais, tinha chamado antes aqui para localizar ao Jason.

De fato, estaria surpreendida se ele alguma vez teve que chamar a qualquer outro lado para fazê-lo. Uma coisa que tinha Jason é que era bom a respeito de chegar ao trabalho em tempo e ao menos manter-se em movimento até que o tempo passará. De fato, Jason era muito bom em seu emprego, o qual nunca consegui entender de tudo. Parece compreender o estacionar sua imaginativa caminhonete no escritório do município, meter-se dentro de outra caminhonete com o logotipo da região Renard na porta, e conduzir ao redor lhes dizendo a várias equipes da estrada o que têm que fazer. Também parece lhe demandar o sair fora da caminhonete para parar-se ao lado de outros homens e todos juntos olhar dentro de buracos grandes (em ou fora) da estrada.

Siluro se tirou de balanço por meu franqueza.

-Sookie, não deveria dizer essa classe de coisas, -ele disse, um pouco chocado de que uma mulher solteira admitisse saber que seu irmão não era virgem.

-Está-me dizendo que Jason não foi a trabalhar? Já o chamou a sua casa?

-Sim, e sim, -disse Siluro, que poderia ser tudo, mas não tolo. –Inclusive enviei ao Dago a ver em sua casa. –Dago (os membros das equipes da estrada deviam ter apodos) era Antonio Guglielmi, quem nunca tinha ido mais longe da Luisiana que Misisipí. Estava quase segura que o mesmo se poderia dizer de seus pais, e possivelmente seus avós, embora existia o rumor que eles tinha estado uma vez no Branson para olhar um espetáculo.

-Estava sua caminhonete ali fora? –Começava a ter um pressentimento muito feio.

-Sim, -disse Siluro. –Estava estacionada frente a sua casa, as chaves dentro. As portas abertas.

-Da caminhonete ou da casa?

-O que?

- Estavam abertas. Que porta?

-Ah, da caminhonete.

-Isto cheira mau, Siluro, -pinjente. Estavam soando tudo os alarmes dentro de minha cabeça.

-Quando foi a última vez que o viu?

-Justo ontem à noite. Ele esteve aqui para me visitar, e se foi como... ah, me deixe lembrar... deveu ser entre as nove e meia ou as dez.

-Vinha com alguém?

-Não. –Ele não havia trazido para ninguém com ele, assim que isto era a pura verdade.

-Você crie que deveria lhe jogar uma telefonema ao xerife? –perguntou Siluro.

Passei-me a mão pela cara. Não estava lista para isso ainda, não importa que tão mal luzisse a situação.

-Vamos lhe dar uma hora mais, -sugeri. –Sim não se deixou cair no trabalho em uma hora, me deixe sabê-lo. Sim ele chega, faz que me chame. Suponho que me toca informar ao xerife, chegado o caso.

Pendurei depois de que Siluro repetiu várias vezes tudo o que já havia dito, somente porque ele odiava pendurar e retornar a preocupar-se. Não, não posso ler mentes através da linha de telefone, mas pude sabê-lo por sua voz. conheci ao Siluro Hennessey durante muitos anos. Ele era amigo de meu pai.

Levei-me o telefone sem fio comigo dentro do banho enquanto me dava uma ducha para despertar. Não lave meu cabelo, só em caso de que tivesse que sair imediatamente. Vesti-me, fiz um pouco de café, e escovei meu cabelo em uma larga trança. Todo o tempo, enquanto executava estes trabalhos, estive pensado, o que já é algo difícil para mim, inclusive quando estou sentada quieta.

Elaborei os seguintes cenários.

Um. (Esteja era meu favorito.) Em algum lugar entre minha casa e sua casa, meu irmão se encontrou a uma mulher e caiu fulminado de amor de maneira tão completa e foto instantânea que abandonou seus hábitos de anos e se esqueceu a respeito de trabalhar. Neste mesmo instante, eles estariam na cama de algum lugar, tendo sexo incrível.

Dois. As bruxas, ou o que demônios fossem elas, descobriram de algum jeito que Jason sabia onde estava Eric, e o seqüestraram para forçá-lo a cuspir a informação. (Fiz uma nota mental de aprender mais a respeito das bruxas.) Quanto tempo poderia Jason manter secreta a localização do Eric? Meu irmão tem um montão de detrás, mas ele realmente é um homem valente—ou talvez obstinado seja mais exato. Ele não falaria de maneira voluntária. Possivelmente uma bruxa poderia enfeitiçá-lo para que falará? Sim as bruxas o tinham, ele poderia estar morto para este momento, já que elas o teriam tido durante horas. E sim ele tinha falado, eu estava em perigo e Eric estava ameaçado. Elas poderiam vir em qualquer momento, já que as bruxas não têm que circunscrever-se à escuridão. Eric estava morto pelo dia, indefeso. Esteja era definitivamente o pior hipotético cenário.

Três. Jason tinha retornado ao Shreveport com o Pam e Chow. Possivelmente eles decidiram lhe pagar a ele um pouco de dinheiro adiantado, ou possivelmente Jason somente queria visitar *Fangtasia* por ser um antro noturno muito popular. Uma vez ali, ele pôde ter sido seduzido por alguma garota vampira e ficar toda a noite com ela, Jason era igual ao Eric em questão de mulheres, realmente lhes tem simpatia. Se ela tinha tomado um pouco de mais sangue, Jason ainda poderia estar dormindo. Suponho que a número três era só uma variante da número um.

Se Pam e Chow sabiam onde se encontrava Jason mas não tinham telefonado antes de morrer durante o dia, ia estar muito zangada. Meu primeiro impulso me insistiu a conseguir uma tocha e começar a cortar algumas estaca.

Logo recordei o que tentava com todas minhas forças esquecer: como se havia sentido quando a estaca se enterrou dentro do corpo da Lorena, a expressão de sua cara quando se dió conta que sua larga, larga vida se terminou. Sacudi o mais longe possível esse pensamento. Uma não mata a alguém (inclusive uma malvada vampira) sem que te afete cedo ou tarde: ao menos, não até que uma fora uma completa sociópata, o que eu não era.

Lorena me tivesse matado sem piscar. De fato, ela seguro que o tivesse desfrutado. Mas bom, ela era uma vampira, e Bill nunca se cansou de me fazer insistência que os vampiros eram diferentes; ou seja, embora eles retiveram seu aspecto humano (mais ou menos), suas funções internas e suas personalidades experimentavam uma mudança radical. Eu lhe acreditei e tome suas advertências de coração, na maior parte. Era só que luziam tão humanos; era muito fácil lhes atribuir reações humanas normais junto com os sentimentos.

O aspecto te frustram era que, Chow e Pam não estariam levantados até o anoitecer, e não sabia a quem—ou o que—poderia levantar se chamava Fangtasia durante o dia. Não acreditava que estes dois vivessem no clube. Tive a impressão que Pam e Chow compartilhavam um casa... ou um mausoléu... em algum lugar do Shreveport.

Tinha a certeza de que os empregados humanos vinham ao clube durante o dia para limpar, mas, certamente, um humano (não podia) não diria nada a respeito dos enredos dos vampiros. Quão humanos trabalham para os vampiros aprendem rapidíssimo a manter suas bocas fechadas, como eu posso testemunhá-lo.

Por outro lado, se ia ao clube teria a oportunidade de falar com *alguém* cara a cara. Teria a oportunidade de ler mentes humanas. Não podia ler as mentes dos vampiros, o que originou minha atração inicial fazia Bill. Imaginem o alívio que foi seu silêncio depois de uma vida inteira com música de elevador. (Agora bem, por que não posso escutar os pensamentos dos vampiros? Aqui chega minha grande teoria a respeito. Eu sou tão científica como uma bolacha salgada, mas tenho lido a respeito dos neurônios, o que está nos cérebros, certo? O que usamos quando estamos pensando? Como é a magia o que anima aos vampiros, não uma força de vida normal, seus cérebros não mandam sinais. Assim, não há nada que eu possa captar—excetuando que uma vez cada três meses, consigo um brilho de algum vampiro. E devo ter muito cuidado em ocultar isto, porque seria o caminho direto de obter uma morte segura.

Por estranho que pareça, o único vampiro que escutei» duas vezes foi—sim, adivinharam—Eric.

Recentemente tinha estado desfrutando tanto da companhia do Eric principalmente pela mesma razão que desfrute da do Bill, pondo à parte o elemento romântico que tinha com o Bill. Inclusive Arlene, tem a tendência de deixar de me pôr atenção quando estou falando, se ela pensar em um pouco mais interessante, como as tarefas de seus meninos ou algo simpático que lhe tenham comentado. Mas, em troca, Eric pode estar pensando a respeito de que a seu automóvel fazem falta uns novos limpador de pára-brisas, enquanto eu lhe estou despidendo meu coração, e eu não teria nenhuma só pista.

A hora que lhe tinha pedido ao Siluro quase estava terminando, e todos meus pensamentos construtivos se reduziu às mesmas divagações turvas que já tinha tido tantas vezes. Bla, bla, bla. Isto é o que passa quando conversa tanto tempo contigo mesma.

Bem, hora de atuar.

O telefone soou exatamente depois de uma hora, e Siluro admitiu que não tinha nenhuma notícia. Ninguém tinha ouvido nada ou visto o Jason; mas por outro lado, Dago não tinha visto nada suspeito na casa do Jason à exceção da porta aberta da caminhonete.

Ainda estava relutante a chamar o xerife, mas não vi que tivesse muitas alternativas. Neste ponto, teria parecido sospechosamente peculiar não chamá-lo.

Tinha esperado um montão de barulho e alarme, mas obtive algo muitíssimo pior; obtive benevolência e indiferença. O xerife Bud Dearborn inclusive riu.

-Me estas chamando porque o semental de seu irmão não foi trabalhar um dia? Sookie Stackhouse, surpreende-me. -Bud Dearborn tem uma voz lenta e a cara maciça de um Pekinês, e era muito singelo imaginar o rendo-se disimuladamente pelo telefone.

-Ele nunca faltou um dia, e sua caminhonete estava em sua casa. A porta estava aberta, -pinjente.

Ele agarrou o significativo deste fato, porque Bud Dearborn é um homem que aprecia uma caminhonete fina.

-Isso sonha importante, mas mesmo assim, Jason é um homem maior de vinte e um e ele tem a reputação de... -(*Follarse qualquer varre com saias*, pensei.) -...ser muito popular com as damas, -Bud concluiu cuidadosamente. -Apostaria que está entretido com alguém nova, e ele estará muito arrependido de te haver preocupado por nada. Chama-me de novo a não ser soubeste nada dele para amanhã na tarde. Ouve-me?

-Está bem, -disse com minha voz mais fria.

-Agora, Sookie, não te incomode em te zangar comigo, eu só te estou dizendo o que qualquer representante da lei te dirá, -ele disse.

Pensei, *Qualquer representante da lei com um chumbo em seu traseiro*. Mas não o disse em voz alta. Bud era com quem teria que trabalhar nisto, e devia me manter em bons termos com ele, o mais possível.

Murmurei algo que foi vagamente educado e termine a chamada. depois de reportar isto ao Siluro, decidi que o único curso de ação que poderia seguir seria o ir ao Shreveport. Comecei a lhe marcar ao Arlene, mas recordei que ela tinha a seus meninos em casa por ser ainda férias escolares natalinas. Pensei em chamar o Sam, mas imagine que ele poderia sentir que devia fazer algo, e não podia imaginar que poderia ser. Somente queria compartilhar minhas preocupações com alguém mais. Sabia que isto não estava bem. Ninguém podia ajudar, só eu. Tendo convencido a minha mente de ser valente e independente, quase chamei o Alcide Herveaux, quem é um forro de tipo que tem sua base de trabalho no Shreveport. O papai do Alcide tem uma companhia de supervisão que tem contratos para trabalhar em três Estados, e Alcide viaja muitíssimo entre os vários escritórios. Já o tinha mencionado a noite anterior ao Eric; Eric tinha enviado ao Alcide rumo ao Jackson comigo. Mas Alcide e eu tínhamos alguns assuntos homem-mulher que

ainda estavam sem resolver, e seria trapaceiro de minha parte o chamá-lo, quando somente queria ajuda que ele não podia me dar. Ao menos, assim foi como o senti.

Estava assustada de deixar a casa em caso de que pudessem existir notícias do Jason, mas como o xerife não tinha intenção de mover um dedo, dificilmente acreditava que houvesse algum resultado logo.

antes de ir, assegurei-me de arrumar o armário na pequena antecâmara de maneira que se visse normal. Custaria-lhe um pouco de trabalho ao Eric sair quando o sol desaparecesse, mas tampouco seria extremamente difícil. Lhe deixar uma nota para ele seria um presente de morte se alguém entrasse pela força, e ele era muito preparado para responder o telefone se o chamava depois do anoitecer. Mas ele estava tão convulsionado por sua amnésia, que poderia assustar-se quando despertasse e descobrisse minha ausência sem nenhuma explicação, supus.

Tive uma ocorrência. Agarrando um pedacinho de papel de meu calendário Palavra do Dia (“Cativado”) do ano passado, escrevi: *Jason, se por acaso te deixa cair por aqui, me chame! Estou muito preocupada com ti. Ninguém sabe onde está. Estarei de retorno na tarde ou possivelmente ao anoitecer. vou passar me por sua casa, e logo vou a checar se andar no Shreveport. Logo volta. Quer-te, Sookie.* Consegui um pedaço de cinta adesiva e pegue a nota no refrigerador, justo onde uma irmã poderia esperar que seu irmão se dirigiria se decidisse deter-se em sua casa.

Ali. Eric era suficientemente inteligente para ler entrelinhas. E como cada palavra disso era factível, se alguém forçasse a entrada para registrar a casa, eles pensariam que estava avisando somente a meu irmão.

Mas ainda assim, tinha medo de deixar dormindo ao Eric tão vulnerável. O que ocorreria se as bruxas vinham a buscá-lo?

Mas, por que deveriam?

Se já tivessem localizado ao Eric, elas estariam aqui neste momento, certo? Ao menos, este era o estilo em que estava raciocinando. Pensei em chamar a alguém como Terry Bellefleur, quem é muito rude, para vir e sentar-se em minha casa—poderia usar o pretexto de que esperava que Jason chamará—mas não era justo arriscar a ninguém mais em defesa do Eric.

Telefonei ao hospital da localidade, sentindo todo o tempo que esse era um trabajito que o xerife deveria estar fazendo por mim. No hospital tinham registrados todos os nomes de quem estava ingressados, e nenhum deles era o do Jason. Chamei à patrulha de caminhos para perguntar a respeito dos acidentes da noite anterior e descobri que não tinha existido nenhum nos arredores. Chamei umas quantas mulheres que tinham saído com o Jason, e recebi um montão de respostas negativas, algumas delas sortes de maneira obscena.

Pensei que havia talher todas as bases. Estava lista para ir à casa do Jason, e lembrança que me sentia muito orgulhosa de meu mesma enquanto conduzia pelo Norte do Hummingbird Road, e logo tomei a esquerda dentro da estrada. Enquanto me dirigia ao oeste, rumo à casa em que tinha vivido meus primeiro sete anos, passei *Merlotte's* a minha direita e logo passei o eixo central dentro do Bon Temps. Manobrei uma volta à esquerda e pude ver nossa velha casa, efetivamente, com a caminhonete do Jason estacionada de frente a ela. Ali também havia outra caminhonete, igualmente brilhante, estacionada a uns vinte pés de distância da do Jason.

Quando saí de meu automóvel, um homem negro estava examinando o terreno debaixo da caminhonete. Estive surpreendida de descobrir que essa segunda caminhonete pertencia ao Alcee Beck, o único detetive policial Afroamericano da força regional. A presença do Alcee foi ambas as coisas de uma vez; tranquilizadora e inquietante.

-Senhorita Stackhouse, -ele disse gravemente. Alcee Beck vestia uma chamarra com calças colocadas dentro de umas pesadas botas. As botas não faziam jogo com o resto da roupa, e estava lista para apostar que ele as levava em sua caminhonete para quando tivesse que enlodar-se pelos terrenos do país que não tivessem uma superfície seca. Alcee (cujo nome se pronuncia Ao-SAY) era de complexão robusta, e podia receber claramente seus pensamentos quando deixava cair minhas barreiras mentais.

Entendi imediatamente que Alcee não estava muito contente de lombriga, eu não gostei, e pensava que realmente um pouco torcido lhe tinha passado ao Jason. Ao detetive Beck não lhe preocupava Jason, mas neste momento estava assustado de mim. Ele pensava que eu era uma pessoa profundamente arrepiante, e me evitava na medida do possível.

O que para mim estava mas que bem, francamente.

Conhecia mas a respeito do Alcee do que me sentia cômoda sabendo, e o que sabia do Alcee realmente era desagradável. Ele era brutal com os prisioneiros pouco cooperativos, embora adorava a sua esposa e filha. Ele forrava seu próprio bolso com isto cada vez que tinha oportunidade, e também se encarregava de que estas oportunidades se apresentassem muito freqüentemente. Alcee circunscrevia está pratica só à comunidade Afroamericana, operando sob a teoria que eles nunca o reportariam com o resto do pessoal branco das fuezas da ordem, e até agora lhe tinha saído bem o movimento.

Vêem que me refiro a respeito de não querer saber as coisas que escuto? Isto era muito diferente do descobrir que Arlene a sério pensava que o marido do Charlsie não era suficientemente bom para ela, ou que Hoyt Fortenberry tinha arranhado um automóvel no lote de estacionamento e não o disse ao dono.

E antes de que me perguntem o que faço com coisas como esta, os direi. Não movo um dedo. Descobri pelo caminho duro que quase nunca funciona se trato de intervir. O que

ocorre é que ninguém é feliz, e meu pequeno e insólito regalito atrai a atenção de todo o mundo, e ninguém se sente confortável perto de mim por meses. consegui mais segredos que dinheiro tem Fort Knox. E aqueles segredos ficarão tanto encerrados, como apertados.

Devo admitir que a maioria destas cositas que acumulei não fazem grande diferença no esquema dos fatos, enquanto que o mau comportamento do Alcee em realidade vai dirigido a criar miséria humana. Mas, de momento, não vi uma só maneira de deter o Alcee. Ele era muito ardiloso mantendo suas atividades sob controle e ocultas para qualquer podendo de interferência. E, não estava do todo segura que Bud Dearborn *não soubesse*.

-Detetive Beck, -pinjente. -Está procurando o Jason?

-O xerife me pediu vir e olhar se existia algo fora do normal.

-E encontrou algo?

-Não, senhora, nada.

-O chefe do Jason lhe comentou que a porta de sua caminhonete estava aberta?

-Fechei-a assim a bateria não se descarrega. Fui muito cuidadoso de não tocar nada, é óbvio. Mas estou seguro que seu irmão retornará em qualquer momento, e se incomodará se a atamos sem nenhuma razão.

-Tenho chave de sua casa, e vou pedir lhe vir lá comigo.

-Você suspeita que algo ocorreu a seu irmão em sua casa? -Alcee estava sendo tão cuidadoso em soletrar e construir cada frase que me perguntei se ele teria uma grabadora escondida em seu bolso.

-Poderia ser. Normalmente ele não falta ao trabalho. De fato, ele nunca faltou ao trabalho. E sempre soube onde se encontra. Ele é realmente bom fazendo-me saber.

-Lhe comenta quando está indo com alguma mulher? A maioria dos irmãos não fariam algo assim, Senhorita Stackhouse.

-Ele me diz isso, ou o diz ao Siluro.

Alcee Beck fez seu melhor esforço para ocultar sua expressão cética em sua negra cara, mas lhe custou trabalho.

A casa estava ainda fechada. Escolhi uma das chaves de meu chaveiro, e fomos dentro. Não tive um sentimento caseiro ou adulator quando entramos, era o sentimento que estava acostumado a ter quando era garota. vivi na casa do Abue muito mais tempo que nesta

pequena casa. Ao minuto que Jason chegou aos vinte, mudou-se aqui a tempo completo, embora eu tivesse passado, provavelmente gastei em total menos de vinte e quatro horas nesta casa durante os últimos oito anos.

Jogando uma olhada ao redor, dava-me conta que meu irmão em realidade não tinha feita muitas mudanças dentro da casa em todo este tempo. Era uma casa garota uso rancho, com quartos pequenos, mas certamente, era mais nova que a casa do Abue—minha casa—e muitíssimo mais eficiente na calefação e ar condicionado. Meu pai tinha feito a maioria do trabalho, e ele foi muito experiente nisto.

A pequena sala de estar ainda estava cheio com os móveis cor maple que minha mãe escolheu em uma loja de desconto, e sua tapeçaria (nata com flores verdes e azuis que nunca tinham sido vistas na natureza) era ainda brilhante, uma verdadeira lástima. Levou-me alguns anos descobrir que minha mãe, apesar de ser uma mulher inteligente em muitos aspectos, não tinha gosto para nada. Jason ainda não o tinha descoberto. Ele tinha substituído as cortinas quando se desfiaram e se descoraram, e tinha conseguido um toalha de mesa novo para cobrir os pontos mais desgastados sobre o antigo tapete azul. Os eletrodomésticos eram todos novos, e ele tinha trabalhado muito em modernizar o quarto de banho. Mas se meus pais tivessem podido entrar em sua casa, haveriam-se sentido muito cômodos e a gosto.

Foi um choque me precaver que eles tinham estado mortos durante quase vinte anos.

Enquanto estava de pé no marco da porta, rezando para não ver manchas de sangue, Alcee Beck rondou através da casa, que certamente estava muito ordenada. depois de um segundo de indecisão, decidi segui-lo. Não havia muito que ver; como já hei dito, é uma casa pequena. Três antecâmaras (duas delas diminutas), uma sala, uma pequena sala de estar, uma cozinha, um banho, e um pequeno comilão: uma casa que poderia ser duplicada infinidade de vezes em qualquer povo da América.

A casa estava bem recolhimento. Jason nunca viveu como um porco, embora algumas vezes atue igual a um. Inclusive a cama tamanho familiar, que quase enchia por completo a antecâmara mas grande, estava mais ou menos tendida e estirada, embora pude ver que os lençóis eram negros e brilhantes. supunha-se que deviam ver-se como seda, mas estava segura que eram uma mescla de algum material sintético. Muito escorregadio para mim; prefiro o percal.

-Não há evidência de nenhuma luta, -o detetive apontou.

-Já que estou aqui, aproveitarei para recolher algo, -disse a ele, me dirigindo fazia o gabinete das armas que tinha sido de meu papai. Estava fechado, assim procurei em meu chaveiro de novo. Sim, também tenho uma chave para isso, e me lembro de uma larga história que Jason me disse do por que necessitava uma—em caso de que estivesse caçando

fora e ele necessitasse outro rifle, ou algo mais. Como se fora a lançar tudo pelos ares e correr a lhe conseguir outro rifle!

Bom, quero dizer, como se eu não tivesse previsto trabalhar, ou algo.

Todos os rifles do Jason, e de meu pai, estavam no gabinete das armas—com as correspondentes munições também.

-Está tudo presente? -O detetive estava esperando impaciente no marco da porta do comilão.

-Sim. Só vou levar me um destes a casa comigo.

-Esta esperando ter problemas em sua casa? -Beck luzia interessado pela primeira vez.

-Sim Jason não está, quem pode saber o que isto signifique? -pinjente, esperando que fora o suficientemente ambígua. De todas formas, Beck tinha muito baixa opinião a respeito de meu coeficiente intelectual, tirando o fato de que também me tinha medo. Jason havia dito que me traria a escopeta, e sabia que me sentiria melhor tendo-a. Assim tirei a *Benelli* e encontrei seus tiros. Jason me tinha instruído cuidadosamente como carregar e disparar a escopeta, que era seu orgulho e glória. Havia duas caixas diferentes de tiros.

-Quais? -perguntei-lhe ao detetive Beck.

-Latido, uma *Benelli*. -Ele se tomou seu tempo enquanto admirava impressionado a arma. -Calibre doze, né!? Eu escolheria os tiros pesados, -ele me avisou. -Essas cargas de tiro ao branco não têm muito poder para deter nada.

Coloquei-me a caixa que ele indicou dentro do bolso.

Levei a escopeta a mim automóvel, Beck me pisando os talões.

-Tem que assegurar a escopeta em seu cajuela e os tiros no automóvel, -informou-me o detetive. Fiz exatamente o que ele me disse, inclusive pondo os tiros dentro do porta-luvas, e logo girei minha cara para lhe ver. Ele estaria encantado de me perder de vista, e não acreditava que ele fora a procurar algo a respeito do Jason com muito parada.

-Olhou ao redor? -Perguntei.

-Justo acabava de chegar quando você entrou.

Sacudi minha cabeça em direção do lago detrás da casa, e demos uma voltas ao redor rumo à parte traseira. Meu irmão, ajudado pelo Hoyt Fortenberry, tinha construído uma superfície grande fora da porta traseira, talvez faz como dois anos. Ele se tinha organizado

uns móveis muito fanfarrões que obtive em uma venda de fim de temporada no Wal-Mart. Jason incluso até pôs um cinzeiro na mesa do ferro forjado para que seus amigos fumassem fora. Alguém o usou. Hoyt fumava, recordei. Não existia nada mais interessante nessa terraço.

O terreno descendia da superfície de madeira ao lago. Enquanto Alcee Beck comprovava a porta de atrás, olhei abaixo ao mole de embarque que meu pai tinha construído, e acreditei divisar uma mancha sobre a madeira. Algo em mim se desmoronou com a vista, e devo ter feito algum ruído. Alcee veio a parar-se junto a mim, e eu disse;

-Olhe o mole de embarque.

Ele ficou alerta, justo igual a um setter e disse;

-Fique onde está. -Com uma inconfundível voz de oficial. moveu-se cuidadosamente, olhando atentamente o terreno ao redor antes de ir dando passos. Senti como se transcorressem horas antes de que Alcee chegará ao mole de embarque. Ele se agachou sobre os borde branqueados de sol para lhe jogar um olhar de perto. concentrou-se um pouco à direita da mancha, avaliando algo que não pude ver, algo que nem sequer pude ler em sua mente. Mas ele se estava perguntado que tipo de botas para trabalhar teria levado postas meu irmão; isso me chegou claro.

-Marca Caterpillar, -comentei-lhe. O pânico escalou dentro de mim até que senti que estava vibrando com a mera intensidade do mesmo. Jason era tudo o que ficava.

E logo me dava conta de ter cometido um engano que fazia anos não me passava: respondi uma pergunta antes de que fora formulada em voz alta. Tampei-me a boca com minha mão e vi dilatá-los olhos do Beck. Ele queria afastar-se de mim. E ele estava pensado que provavelmente Jason estivesse no lago, morto. Ele especulava que Jason se teria cansado e golpeado a cabeça contra o mole, e logo se deslizo dentro da água. Mas ali havia um rastro que não encaixava...

-Quando podem dever buscar ao lago?

Ele volteou a me olhar, havia terror em sua cara. Fazia anos que ninguém me via dessa maneira. Eu o tinha assustado, e teria desejado não ter aquele efeito sobre ele.

-O sangue está sobre o mole, -assinalei, tratando de improvisar respostas. Prover uma explicação razoável era como uma segunda pele em mim. -Tenho medo de que Jason caísse na água.

Beck pareceu tranquilizar-se um pouco depois disto. Seus olhos se dirigiram de retorno à água. Meu pai selecionou o sítio para a casa, desejando que incluía um lago. Ele me disse quando era garota que o lago era muito profundo e se alimentava por uma pequena

corrente. Perto das duas terceiras partes da área ao redor do lago se removeu e mantido como jardim; mas a esquina mais afastada se deixou completamente povoada com árvores, e Jason desfrutava de sentar-se na terraço durante o entardecer com binoculares, olhando os insetos que deviam beber.

Existiam peixes no lago. Ele o mantinha abastecido. Meu estomago se encolheu.

Finalmente, o detetive subiu a costa fazia a terraço.

-Tenho que fazer algumas chamadas e ver quem pode mergulhar-se, -Alcee Beck disse. -Poderia tomar um pouco encontrar alguém que possa fazê-lo. E o chefe tem que dar luz verde.

É obvio, uma coisa assim custava dinheiro, e esse dinheiro possivelmente não existia no orçamento da região. Inspirei profundamente antes de dizer;

-Tomará umas quantas horas, ou dias?

-Ao melhor um dia ou dois, -disse ao final. -Não há maneira de que alguém o faça sem ter treinamento. Faz muito frio, e o mesmo Jason me disse que era muito profundo.

-Esta bem, -pinjente, tratando de suprimir minha impaciência e fúria. A ansiedade me roía as vísceras como outro tipo de fome.

-Carla Rodríguez esteve no povo ontem à noite, -Alcee Beck comentou, e depois de um momento, o significado disto penetrou em meu cérebro.

Carla Rodríguez, uma moréia baixa com muito saleiro, tinha sido o raspão mais próximo que Jason tinha tido alguma vez de perder seu coração. De fato, a pequena Adapto com quem Jason estava na Véspera de ano novo tinha certo parecido a Carla, quem se mudou a Houston faz três anos, para meu alívio. Estava cansada dos jogos pirotécnicos que rodearam seu romance com meu irmão; sua relação tinha estado enfeitada com largas discussões em voz alta frente a lugares públicos, ruidosas penduradas de auricular, e azotones de portas.

-por que? Com quem se está ficado?

-Sua prima no Shreveport, -disse Beck. -Já a conhece, essa tal Dovie.

Dovie Rodríguez tinha visitado um montão de vezes Bon Temps quando Carla esteve vivendo aqui. Dovie tinha sido a típica prima sofisticada de cidade, quem descendia para corrigir todas as maneiras locais de nós os caipiras do campo. Certamente, todos tínhamos invejado ao Dovie.

Pensei que encarar ao Dovie era algo que sempre quis fazer.

Parecia que depois de tudo iria ao Shreveport.

Capítulo 4

O detetive me correu depois disto, me dizendo que ia trazer para o oficial para a cena do delito à casa, e se manteria em contato. Consegui a idéia, diretamente de seu cérebro, e que havia algo que não quis que eu lesse, para me distrair tinha arrojado o nome da Carla Rodriguez.

E pensei que ele provavelmente se levaria a escopeta, já que agora pareceu muito mais seguro de que se tratasse de um delito, e a escopeta poderia ser algum pedaço de evidência. Mas Alcee Beck não disse nada, assim não o recordei.

Estava mais sacudida do que quis me confessar a meu mesma. Interiormente, tinha estado convencida de que, embora tinha que localizar a meu irmão, Jason se encontrava bem—somente perdido. Ou extraviado, mais exatamente, já já já. Possivelmente ele estava em uma espécie de problema não muito sério, havia-me dito a meu mesma. Agora as coisas pareciam mais sérias.

Nunca fui capaz de estirar meu pressuposto o suficiente para me permitir um telefone celular, assim comecei a conduzir a casa. Ia pensando a quem deveria chamar, e cheguei à mesma resposta de antes. Ninguém. Não havia nenhuma notícia definitiva que dar. Sentime tão só como jamais em minha vida. Mas simplesmente não quis ser a Mulher Crise, que se mostrava sobre os degraus dos amigos com problemas sobre seus ombros.

As lágrimas alagaram meus olhos. Queria a minha avó de volta. Dirigi-me ao lado do caminho e me dava várias palmadas mesma sobre as bochechas, com força. Chamei a meu mesma por uns quantos nomes.

Shreveport. Iria ao Shreveport e encararia ao Dovie e Carla Rodriguez. Enquanto estava ali, averiguaria se Chow e Pam sabiam algo sobre o desaparecimento do Jason—embora faltassem horas até que eles se levantassem, e eu gastaria a sola de meus sapatos em um clube vazio, assumindo que haveria alguém ali para me deixar entrar. Mas, simplesmente, não podia me sentar em casa a esperar. Poderia ler as mentes dos empregados humanos e averiguar se eles sabiam que foi o que aconteceu.

Por um lado, se fosse ao Shreveport, estaria fora de contato com o que passava aqui. Por outra parte, faria algo.

Enquanto tratava de me decidir se haveria mais lados para considerar, algo mais passou.

Isto era ainda mais estranho que os eventos precedentes do dia. Ali estava eu, estacionada quem sabe onde, ao lado de um caminho regional, quando um estilizado Camaro negro e novo se estacionou detrás de mim. Do lado do passageiro saiu uma mulher magnífica, ao menos seis pés de alto. Certamente, recordei-a; ela tinha estado no Merlotte's durante a Véspera de ano novo. Meu amiga Tara Thornton estava no assento do condutor.

Bem, pensei inexpressiva, olhando fixamente pelo retrovisor, *isto é estranho*. Não tinha visto a Tara em semanas, desde que nos tínhamos encontrado por acaso em um clube vampiro no Jackson, Misisipi. Ela tinha estado ali com um vampiro chamado Franklin Mott; ele tinha sido muito arrumado em um estilo de homem amadurecido, elegante, perigoso, e sofisticado.

Tara sempre luz fabulosa. Meu amiga da escola secundária tem cabelo negro, olhos escuros, e um terso cútis oliváceo, junto com um montão de inteligência que ela usa para dirigir *Tara's Togs*, uma loja de roupas de alta qualidade para mulheres, que aluga um local em uma tira comercial que pertence ao Bill. (Bom, é de tão alta qualidade como Bon Temps pode oferecer.) Tara se tinha feito amiga meus anos antes, porque provém de um fundo ainda mais triste que o meu.

Mas a alta mulher opacaba até à mesma Tara. Ela era de cabelos tão escuros como Tara, embora a nova mulher tivesse toques de luz avermelhados que deslumbravam o olho. Ela tinha olhos escuros, também, mas os seus eram enormes e em forma de amêndoa, quase anormalmente grandes. Sua pele era tão branca como o leite, e suas pernas eram tão largas como uma escada. Estava bastante dotada no departamento do seio, e ia vestida de vermelho fogo da cabeça até tocar a ponta do pé. Seu lápis labial a jogo.

-Sookie, -Tara chamou. -O que acontece? -Ela andou com cuidado até meu velho automóvel, olhando seus pés porque levava postas umas lustrosas botas de pele marrom de salto alto que não quis raiar. Elas teriam durado cinco minutos em meus pés. Passo muito de meu tempo estando de pé para me preocupar sobre artigos de calçado que só luzem bem.

Tara luzia bem-sucedida, atrativa, e segura, em seu suéter verde pálida e calças cor café pardusco.

-Estava-me pondo minha maquiagem quando ouvi pela rádio da polícia que algo ocorreu na casa do Jason, -disse ela. deslizou-se no assento do passageiro e se inclinou para me abraçar. -Quando chegar a casa do Jason, vi-te te arrancar. O que está passando? -A mulher em vermelho estava de pé dando suas costas ao automóvel, discretamente olhando nos bosques.

Eu tinha adorado a meu pai, e sempre soube (e minha própria mãe definitivamente acreditava) que sem importar o que minha Mãe me pudesse fazer, ela atuava movimento

pelo amor. Mas os pais da Tara tinham sido malvados, ambos, tão alcoólicos como abusadores. As irmãs maiores da Tara e os irmãos se partiram de casa tão rápido como puderam, deixando a Tara, como a mais jóven, lutar com a conta por sua liberdade.

Ainda agora que eu estava em confusões, aqui estava ela, lista para ajudar.

-Bem, Jason está extraviado, -disse com um tom de voz sóbrio, mas então arruinei o efeito dando um daqueles horríveis soluços afogados. Girei minha cara, assim olharia pela janela. Estive envergonhada por mostrar tal angústia diante da nova mulher.

Sabidamente ela ignorou minhas lágrimas, Tara começou a me fazer as perguntas lógicas: Tinha chamado Jason a seu trabalho? Tinha-me chamado a noite anterior? Com quem tinha estado saindo ultimamente?

Isto me recordou à garota Adapto que tinha sido em Véspera de ano novo a entrevista do Jason. Pensei que até poderia falar da natureza diferente desta moça, porque Tara tinha estado em *Clube Morto* aquela noite. A alta companheira da Tara era um *Soube* de alguma classe. Tara sabia tudo sobre o mundo secreto.

Mas ela não sabia, como descobri um momento depois.

Sua memória tinha sido apagada. Ou ao menos ela pretendeu que assim era.

-O que? -Tara perguntou, com confusão quase exagerada. -Homens-lobos? Naquele clube noturno? Lembro-me de te haver visto ali. Carinho, não bebeu um poquito de mais e já não te deu conta de nada, ou algo pelo estilo?

Já que bebo muito frugalmente, a pergunta da Tara me encheu o saco o bastante, mas esta era também a provável explicação que Franklin Mott poderia ter plantado na cabeça da Tara. Estive tão decepcionada por não poder conseguir confiar nela que fechei meus olhos assim não teria que ver o olhar em branco sobre sua cara. Senti as lágrimas que deixavam pequenos sulcos por minhas bochechas. Deveria deixá-lo passar, mas pinjente com uma voz baixa e áspera;

-Não, não o fiz.

-OH, Deus Santo! pô-te sua entrevista algo na bebida? -Com horror genuíno, Tara apertou minha mão. -Era *Rohypnol* ? Mas Alcide parecia um tipo tão agradável!

-Esquece-o, -pinjente, tratando de soar mais suave. -depois de tudo, isto não tem nada que ver realmente com o Jason.

Sua cara estava ainda preocupada, Tara pressionou minha mão outra vez.

De repente, estive segura e não lhe acreditei. Tara sabia que os vampiros podiam tirar a memória, e ela fingia que Franklin Mott tinha apagado a sua. Pensei que Tara recordava bastante bem o que tinha passado no *Clube Morto*, mas ela fingia que não e o fazia para proteger-se. Se ela tinha que fazer isto para sobreviver, estava bem. Suspirei.

-Sai ainda com o Franklin? -Perguntei, começando uma conversa diferente.

-Ele me conseguiu este automóvel.

Estive um pouco impressionada e mais que um pouco consternada, mas esperei não ser do tipo que assinala com o dedo.

-É um maravilhoso automóvel. Não conhece nenhuma bruxa, verdade? -perguntei, tratando de trocar o objeto antes de que Tara pudesse ler minhas dúvidas. Estava segura que ela ria de mim por lhe fazer semelhante pergunta, mas era uma boa maneira de desviar o tema. Não a faria mal por nada no mundo.

Encontrar uma bruxa seria de grande ajuda. Estava segura que o rapto do Jason—e me jurei mesma que isto era um rapto, não um assassinato—estava unido à maldição que as bruxas tinham arrojado sobre o Eric. Seria muita coincidência de outra maneira. Por outro lado, já tinha experiente a bola de giros e voltas de um montão de coincidências nos poucos meses passados. Ali, também sabia que poderia encontrar um terceiro lado.

-com certeza que sim, -Tara disse, sonriendo orgulhosamente. -Nisso posso te ajudar. Quer dizer, Você crie que uma Wiccan o fará?

Tinha tantas expressões que não estava segura que minha cara poderia as mostrar a todas elas. Choque, medo, pena, e preocupação borbulhavam dentro de meu cérebro. Quando o hervidero se parasse, veríamos o que saía primeiro.

-É uma bruxa? -Pinjente fracamente.

-Ah, Meu deus!, não, eu não. Sou Católica. Mas tenho alguns amigos que são Wiccan. Alguns deles são bruxos.

-Ah, sério? -Não pensei que tinha ouvido alguma vez a palavra Wiccan antes, embora talvez a tivesse lido em um novela de mistério ou romântica. -Sinto muito, não sei o que isto significa,- pinjente, minha voz humilde.

-Holly pode explicar-lhe o melhor que eu, -Tara disse.

-Holly. A Holly que trabalha comigo?

-Seguro. Ou poderia ir com o Danielle, embora ela não vai querer falar. Holly e Danielle estão no mesmo aquelarre.

Estava tão impressionada a estas alturas que só podia me pôr mais aturdida.

-Aquelarre, -repeti.

-Já sabe, um grupo de pagãos que vão a missa juntos.

-Acreditava que um aquelarre tinha que ser só de bruxas?

-Suponho que não—mas eles tendem a, já sabe, ser não cristãos. Refiro-me, Wicca é uma religião.

-Bem, -pinjente. -Vale. Pensa que Holly quereria me falar comigo sobre isto?

-Não vejo por que não. -Tara voltou para seu automóvel para conseguir seu telefone celular, e caminho daqui para lá entre nossos veículos enquanto ela se dirigia ao Holly. Apreciei a pequena pausa para permitir retornar a minhas pistas mentais, por chamá-lo assim. Para ser educada saí de meu automóvel e lhe falei com a mulher em vermelho, quem tinha sido muito paciente.

-Sinto te conhecer durante um dia tão mau, -pinjente. -Sou Sookie Stackhouse.

-Sou Claudine, -disse ela, com um sorriso formoso. Seus dentes eram de estrela de Hollywood. Sua pele tinha uma textura estranha; parecia brilhosa e magra, me recordando a pele de uma ameixa; como quando a mordida, e o suco doce ferveria para fora. -Estou aqui devido a toda esta atividade.

-Ah? -Pinjente, desconcertada.

-Seguro. Vocês têm vampiros, e lobatos, e a maior parte de outras coisas enredadas todas por aqui no Bon Temps—sem falar de várias encruzilhadas importantes e poderosas. Fui atraída por todas as possibilidades que aqui existem.

-Ah, aha, -pinjente incertamente. -De maneira, que somente planeja observar tudo isto, ou o que?

-Ah, não. Observar nada mais, não é meu estilo. -Ela riu. -Você revista ser a carta curinga do jogo, não é verdade?

-Holly já está inteirada, -Tara disse, com um estalo fechando seu telefone e sorrindo porque era difícil não fazê-lo com o Claudine ao redor. Dava-me conta que eu sorria de

brinca a orelha, não com meu sorriso habitual tenso, a não ser com uma expressão de dourada felicidade. -Ela diz que vás ver a.

-Vem comigo? -Não sabia que pensar da companheira da Tara.

-Lamento-o, Claudine me está ajudando hoje na loja, -Tara disse. -Temos a venda de Ano Novo sobre nosso velho inventário, e a gente está comprando bem. Quer que lhe à parte algo para ti? Ficam uns quantos vestidos de festa realmente bonitos. Os que usou no Jackson estão arruinados?

Ahá, porque um fanático tinha enterrado uma estaca por meu flanco. O vestido tinha sofrido definitivamente.

-manchou-se, -disse com grande refreamento. -É muito lindo de tua parte me oferecer isso mas não penso que disponha do tempo para me provar algo. Com tudo o do Jason, tenho tanto em que pensar. -E muito pouco dinheiro suplementar, disse-me.

-É certo, -disse Tara. Ela me abraçou outra vez. -Chama-me se me necessita, Sookie. É gracioso que não recorde um pouco melhor essa noite no Jackson. Talvez eu também tinha bebido muito. Dançamos?

-Ah, sim, fez-nos repetir aquela rotina que usamos no espetáculo de talento da escola secundária.

-Não o fiz! -Ela me pedia que o negasse, com meia sorriso sobre sua cara.

-Temo que se. -Sabia condenadamente bem que ela o recordava.

-Lamento não ter estado ali, -disse Claudine. -eu adoro dançar.

-me acredite, essa noite no *Clube Morto* é uma que eu tivesse desejado me perder, -pinjente.

-Bem, me recorde não voltar nunca para o Jackson, se fiz aquele dance em público, -Tara disse.

-Eu acredito que é melhor que nenhuma de nós volte para o Jackson. -Eu tinha deixado a alguns iracundos vampiros no Jackson, mas os Lobatos estavam ainda mais zangados. Não que tivessem ficado muitos deles, realmente. Mas ainda assim.

Tara vacilou um minuto, obviamente tratando de emoldurar algo que ela quis me dizer.

-Já que Bill possui o edifício no que está *Tara's Togs*, -disse ela com cuidado, -tenho um número onde lhe chamar, um número que ele disse checaria enquanto ele esta fora do país. Assim se tiver que lhe deixar saber algo...?

-Agradeço-lhe isso, -pinjente, não muito segura se me sentia agradecida absolutamente. - Ele me disse que deixou um número em uma caderneta junto ao telefone de sua casa. - Havia uma espécie de caráter definitivo com o Bill fora do país, inalcançável. Não tinha pensado tratar de me pôr em contato com ele sobre meu apuro; de toda a gente que eu tinha pensado chamar, ele nem sequer tinha cruzado por minha mente.

-É somente que ele parecia muito, já sabe, decaído. -Tara examinou a ponta de suas botas. -Melancólico, -ela disse, como se desfrutasse usando uma palavra que não passava por seus lábios freqüentemente. Claudine sorriu radiantemente com aprovação. Que fulana tão estranha. Seus enormes olhos estavam iluminados com gozo quando ela me aplaudiu sobre o ombro.

Traguei com força.

-Bem, ele nunca foi exatamente Sr. Sorrisos, -pinjente. -Realmente o sinto falta de. Mas... -Sacudi minha cabeça energicamente. -Foi tão duro e difícil. Ele somente... transtorna-me muito. Agradeço-te por me avisar que posso lhe chamar se o necessitar, e a sério, realmente aprecio que lhe tenha contado ao Holly sobre mi.

Tara, ruborizou-se com merecido prazer depois de ter feito sua boa ação do dia, retornou a seu super-novo Camaro. depois de dobrar seu comprido corpo no assento de passageiros, Claudine agitou uma mão enquanto Tara arrancava. Sentei-me em meu automóvel durante um momento mais, tratando de recordar onde vivia Holly Cleary. Acreditei recordar seus queixa sobre o tamanho do armário em seu apartamento, e isto significava os departamentos Kingfisher Arms.

Quando chegar ao edifício em forma de Ou se localizado ao sul do Bon Temps, comprovei as casinhas postais para descobrir o número de apartamento do Holly. Ela estava sobre a planta baixa, no número 4. Holly tinha um filho de cinco anos, Cody. Holly e seu melhor amiga, Danielle Gray, casaram-se diretamente depois de terminar a escola secundária, e ambas se divorciaram depois de cinco anos. A mamãe do Danielle era uma grande ajuda para ela, mas Holly não teve essa sorte. Seus pais estavam divorciados desde fazia muito, e sua avó tinha morrido na asa do Alzheimer da clínica para anciões da Região Renard. Holly tinha saído com o Detetive Andy Bellefleur durante uns meses, mas nada tinha resultado disso. O rumor que existia era que a velha Caroline Bellefleur, a avó do Andy, tinha pensado que Holly não estava à "altura" do Andy. Eu não tinha nenhuma opinião sobre isto. Nem Holly nem Andy estavam em minha pequena lista de gente favorita, embora definitivamente me sentisse mas fria em relação com o Andy.

Quando Holly atendeu à porta, dava-me conta de repente quanto tinha trocado nas poucas semanas que tinham passado. Durante anos, seu cabelo tinha sido tingido de um amarelo leão. Agora era matte negro e parado. Seus ouvidos tinham quatro piercings cada um. E notei que lhe marcavam os ossos do quadril através do magro algodão de dril de seus gastos jeans.

-Né!, Sookie, -disse, muito agradavelmente. -Tara me perguntou se podia falar contigo, mas não estava segura se foste vir. Sinto o do Jason. Entra.

O apartamento era pequeno, certamente, e embora tivesse sido repintado recentemente, mostrava os sinais do passado do tempo e de seu uso. Havia uma sala de estar—comilão—em combinação com a cozinha, com uma barra para o café da manhã que separava a galeria da cozinha do resto da área. Havia uns brinquedos em uma cesta na esquina do quarto, e havia uma lata de polidor *Pledge* e um trapo sobre a maltratada mesa de centro. Holly tinha estado limpando.

-Sinto interromper, -pinjente.

-Esta bem. Coca-cola? Suco?

-Não, obrigado Onde está Cody?

-Ele foi ficar com seu papai, -disse ela, vendo abaixo suas mãos. -Leve-o o dia depois do Natal.

-Onde vive seu papai?

-David vive no Springhill. Ele se acaba de casar com esta moça, Allie. Ela já tinha dois meninos. A menina é da idade do Cody, e lhe encanta jogar com ela. Sempre diz, “Isto Shelley”, e “aquilo Shelley”. -Holly pareceu algo triste.

David Cleary provinha de um clã grande. Sua primo Pharr tinha estado em meu grau até o final da escola. Pelo bem dos gens do Cody, esperei que David fora mais inteligente que Pharr, o que seria muito fácil.

-Tenho que falar contigo sobre um pouco bastante pessoal, Holly.

Holly pareceu surpreendida uma vez mais.

-Bem, alguma vez estivemos exatamente sobre estes términos, verdade? -ela disse. – Você pergunta, e eu decidirei que responder.

Tratei de dar forma ao que ia dizer—guardar secretos que eu tinha que manter secretos e lhe perguntar o que necessitava sem ofender.

-Sou mais uma Wiccan.

-Importaria-te me explicar a diferença? -Encontrei seus olhos brevemente, e logo decidi me concentrar nas flores secas na cesta em cima da televisão. Holly pensava que eu poderia ler sua mente só se examinava seus olhos. (Igual ao contato físico, o contato visual faz a leitura muito mais fácil, entretanto não é necessário.)

-Suponho que não. -Sua voz era lenta, como se ela pensasse enquanto falava. -Seu não é das que vão com intrigas.

-Independentemente do que me diga, não o comentarei com ninguém. -Encontrei seus olhos outra vez, brevemente.

-Bem, -ela disse. -Vale, se você for uma bruxa, certamente, você pratica rituais mágicos.

Ela usava o “você” em sentido geral, pensei, porque dizer “eu” significaria uma confissão muito valente.

-Você desenvolve um poder o qual a maior parte das pessoas nunca chegam a alcançar. Ser uma bruxa não é mau, ou ao menos não se supõe que o seja. Se você for uma Wiccan, você segue uma religião, uma religião pagã. Seguimos os caminhos da Mãe, e temos nosso próprio calendário de dias Santos. Você pode ser tanto Wiccan como bruxa; ou mais de uma, ou mais do outro. É muito individualizado. Eu pratico um pouco de bruxaria, mas estou mais interessada na vida Wiccan. Acreditam que suas ações estão bem se você não lhe fizer mal a ninguém mais.

De maneira estranha, meu primeiro sentimento foi de desconforto, quando ouvi o Holly me dizer que ela não era cristã. Eu nunca tinha encontrado a ninguém que não pretendeu ao menos ser cristão ou quem não dizia a palavrório dos preceitos básicos cristãos. Estava segura que havia uma sinagoga no Shreveport, mas nunca tinha conhecido a um judeu, até onde eu sabia. Estava sem dúvida alguma sobre uma curva de aprendizagem.

-Entendo. Conhece muitas bruxas?

-Conheço umas quantas. -Holly assentiu com a cabeça repetidamente, ainda evitando meus olhos.

Detecte um velho computador sobre a desvencilhada mesa na esquina.

-vocês têm, como, um chat em linha, ou um tablón de anúncios, ou algo?

-Ah, seguro.

-ouviste que um grupo de bruxas que chegou no Shreveport ultimamente?

A cara Holly ficou muito séria. Suas escuras sobrancelhas se uniram em um cenho franzido.

-me diga que não está implicada com eles, -disse ela.

-Não diretamente. Mas conheço alguém que eles machucaram, e tenho medo que eles sejam quem tem ao Jason.

-Então ele está em um sério problema, -disse ela sem rodeios. -A mulher que conduz este grupo é absolutamente desumana. Seu irmão é igual de mau. Aquele grupo, não se parecem com o resto de nós. Eles não tratam de encontrar um melhor modo de viver, ou um caminho para ficar em contato com o mundo natural, ou embrujos para aumentar sua paz interior. Eles não só são Wiccans. Eles são diabólicos.

-Pode me dar qualquer pista sobre onde ou como poderia detectá-los? -Eu fazia todo o possível por manter minha cara inexpressiva. Podia ouvir com meu outro sentido que Holly pensava que se o recém-chegado aquelarre tinha ao Jason, seria-lhe feito muito dano, se não o assassinavam.

Holly, pelo visto sumida em pensamentos profundos, olhou a janela dianteira de seu apartamento. Tinha medo que eles remontassem qualquer informação que ela me desse, e castigá-la—talvez por via do Cody. Estas eram bruxas que acreditavam em fazer mal a outros. Estas eram bruxas cujas vistas estavam planejadas ao redor de reunir poder de todas as classes e tipos.

-Elas são todas mulheres? -Perguntei, porque poderia dizer que ela estava a ponto de decidir não me dizer nada mais.

-Se pensar que Jason seria capaz de seduzir com suas maneiras porque é tão de aparência agradável, pode pensar outra vez, -Holly me disse, sua cara severo e de algum jeito com nua sinceridade. Ela não aspirava a criar nenhum efeito; ela quis que eu entendesse quão perigoso eram esta gente. -Há alguns homens, também. Eles são... não são bruxos normais. Quero dizer, eles não são até *peessoas* normais.

Estava disposta a acreditar isto. Tinha tido que acreditar coisas estranhas da noite em que Bill Compton tinha entrado andando no Bar *Merlotte* 'S.

Holly falou como se ela soubesse muito mais sobre este grupo de bruxas do que eu tinha suspeitado ao princípio... mais que a informação geral que tinha esperado pepenar dela. Cravei-a um pouco.

-O que os faz diferentes?

-Eles tiveram sangue de vampiro. -Holly jogou uma olhada ao lado, como se ela sentisse a alguém escutando-a. O movimento fez que me arrepiasse por completo. -Bruxas—bruxos com muito poder que estão dispostas a usar para o mal—eles são bastante perversos. Bruxos os quais são muito fortes porque tiveram o sangue de vampiro e também são... Sookie, não tem nem idéia que perigoso som. Alguns deles são Lobatos. Por favor, fique longe deles.

Homens-lobo? Não só eram bruxas, mas também Lobatos? E bebiam sangue de vampiro? Assustaram-me a sério. Não sabia como poderia ficar pior.

-Onde estão eles?

-Me estas pondo atenção?

-claro que sim, mas tenho que saber onde estão eles!

-Eles estão em um velho negócio infelizmente não muito longe da Alameda do Pierre Bossier, -ela disse, e eu podia ver o quadro disso em sua cabeça. Ela tinha estado ali. Ela os tinha visto. Ela tinha tudo isto em sua cabeça, e eu estava aprendendo um montão dela.

-por que estava seu ali? -Perguntei, e ela se estremeceu.

-Estava preocupada a respeito de falar contigo, -disse Holly, sua voz zangada. -Não deveria te haver deixado entrar sequer. Mas como saí com o Jason... vais fazer que me matem, Sookie Stackhouse. A meu filho e a mim.

-Não, não vou fazê-lo.

-Eu estava ali porque sua líder enviou uma chamada a todas as bruxas na área para ter, como, uma cúpula. Resultou ser que o que ela queria fazer era nos impor sua vontade a todos nós. Alguns de nós estivemos bastante impressionados por seu compromisso e seu poder, mas a maior parte de nós as Wiccans de cidades pequenas, nós não gostamos da droga que ela usa—isto foi a bebida de sangue de vampiro em frente de todos—ou seu gosto pelo lado mais escuro da bruxaria. Agora bem, isto é tudo o que direi sobre isto.

-Agradeço-lhe isso, Holly. -Tratei de pensar em algo que eu poderia lhe dizer que aliviaria seu medo. Mas ela queria que eu me partisse mais que nada no mundo, e já lhe tinha causado suficientes moléstias. Somente o me haver permitido entrar em seu apartamento tinha sido uma grande concessão, já que Holly realmente acreditava em minha capacidade para ler mentes. Sem importar os rumores que eles ouçam, a gente realmente queria acreditar que os conteúdos de suas cabeças são privados, aconteça o que acontecer e lhes prove o contrário.

Eu mesma o faço.

Aplaudi ao Holly sobre o ombro quando me parti, mas ela não se levantou da velha poltrona. Ela me contemplou com seus olhos marrons se desesperados, como se de um momento a outro alguém fora a vir à porta e cortar sua cabeça.

Aquele olhar me assustou mais que suas palavras, mais que suas idéias, e deixei os departamentos Kingfisher Arms tão rapidamente como pude, tratando de notar à pouca gente que me viu dar volta do estacionamento. Não reconheci a nenhum deles.

Perguntei-me por que as bruxas no Shreveport quereriam ao Jason, e como poderiam ter feito uma conexão entre o Eric ausente e meu irmão. Como poderia me aproximar deles para averiguar? Ajudariam Pam e Chow, ou eles tinham tomado suas próprias medidas?

E de quem era o sangue que tinham estado bebendo as bruxas?

Já que os vampiros tinham feito conhecer sua presença entre nós, fará quase três anos agora, eles eram procurados de um novo modo. Em vez de temer ser estacado no coração por quier-ser-cómo Vão Helsing, os vampiros temiam aos empresários modernos chamados Desangradores. Os desangradores viajavam de equipes, selecionando aos vampiros por uma variedade de métodos e atando-os com cadeias de prata (pelo general em uma emboscada cuidadosamente planejada), logo drenando seu sangue em frascos. Segundo a idade do vampiro, um frasco de sangue poderia reportar de 200 a 400 dólares no mercado negro. O efeito de beber este sangue? Bastante imprevisível, uma vez que o sangue tinha abandonado ao vampiro. Adivinho que era parte da atração. O mais comum era que durante umas semanas, o bebedor ganhava a força, acuidade visual, um sentimento de boa saúde, e realçava seu atrativo. Isto dependia da idade do vampiro drenado e a frescura do sangue.

Certamente, aqueles efeitos se desvaneciam, a menos que a gente bebesse mais sangue.

A certa percentagem da gente que já experimentou beber sangue de vampiro lhe custa esperar a conseguir o dinheiro para mais. Estes yonquis de sangue são extremamente perigosos, certamente. Os policiais de cidade se alegraram de contratar a vampiros para tratar com eles, já que os polis normais conseguiria simplesmente ser feitos polpa.

De tanto em tanto, um bebedor de sangue simplesmente se volta louco—às vezes em um estilo de tranqüilo farfullero, mas outras vezes espetacularmente cruel. Não havia nenhum modo de predizer a quem lhe tocava cada estilo, e este poderia encontrar-se com a primeira bebida.

Assim havia homens com olhos brilhantes loucos em celas acolchonadas e também electrificantes estrelas de cinema que igualmente deviam sua condição aos Desangradores. Sangrar era um trabalho arriscado, certamente. Às vezes o vampiro se soltava, com um resultado muito previsível. Um tribunal na Florida tinha decretado esta vingança do

vampiro homicídio justificado, em um famoso caso, porque os Desangradores notoriamente desprezavam a suas vítimas. Eles abandonavam ao vampiro, quase vazio de sangue, muito fraco para mover-se, em qualquer lugar que o vampiro caísse. O vampiro debilitado morria quando o sol se elevava, a menos que ele tivesse a fortuna de ser descoberto e ajudado a chegar a um lugar seguro durante as horas de escuridão. Tomava anos para repor-se de uma drenación, e necessitava da ajuda de outros vampiros. Bill me havia dito que havia refúgios para vampiros drenados, e que sua localização era mantida muito secreta.

Bruxas podendo físico quase igual aos vampiros—parecia uma combinação muito perigosa. Seguia pensando em mulheres quando imaginava o aquelarre que se moveu no Shreveport, e seguia me corrigindo. Homens, Holly havia dito que havia homens no grupo.

Vi no relógio do banco, enquanto conduzia pela rua, e notei que era logo que passado do meio-dia. Estaria totalmente escuro uns minutos antes da seis; Eric se tinha levantado um pouco antes que isto, às vezes. Certamente poderia ir ao Shreveport e voltar para então. Não podia pensar em outro plano, e simplesmente não podia ir a casa e me sentar a esperar. Inclusive gastar gasolina era melhor que voltar para minha casa, embora a preocupação pelo Jason subisse lentamente de acima fazia abaixo de meu espinho. Poderia tomar o tempo para deixar a escopeta, mas enquanto estivesse descarregada com os tiros fora dela e em outro lugar, deveria ser legal conduzir pelos arredores com ela.

Pela primeira vez em minha vida, comprovei meu espelho retrovisor para ver se estava sendo seguida. Não sou um ás sobre técnicas de espionagem, mas se alguém me seguia, não pude detectá-lo. Parei-me e pus um pouco de gás e um *ICEE*, somente para ver se alguém entrava no posto de gasolina detrás de mim, mas ninguém o fez. Era um bom sinal, decidi, esperando que Holly estivesse a salvo.

Quando conduzi, tive tempo para examinar minha conversação com o Holly. Dava-me conta que este era o primeiro bate-papo que tinha tido alguma vez com o Holly na qual o nome do Danielle não tinha saído nem uma vez. Holly e Danielle tinham sido muito unidas da escola primária. Elas provavelmente tinham seus períodos ao mesmo tempo. Os pais do Danielle, eram membros honorários da Igreja do Livre-arbítrio de Deus, seguro teriam um ataque se eles soubessem tudo isto, não era nenhuma surpresa que Holly tivesse sido tão discreta.

Nosso pequeno povo do Bon Temps tinha aberto suas portas o suficiente espaço para tolerar aos vampiros, e a gente gay já não a tinham tão dura como antes (dependendo também da maneira em que eles expressarão sua preferência sexual). Entretanto, pensei que as portas poderiam romper-se pelo azotón ao fechar-se para as Wiccans.

A peculiar e formosa Claudine me havia dito que ela foi atraída ao Bon Temps por sua mesma estranheza. Perguntei-me que mais andaria por aí, esperando para revelar-se.

Capítulo 5

Carla Rodriguez, minha tiragem mais prometedora, veio primeiro. Tinha procurado a velha direção que tinha para o Dovie, com quem tinha intercambiado raramente alguma cartão de Natal. Encontrei a casa com um pouco de dificuldade. Estava bem longe das áreas para fazer compras que eram minhas únicas paradas normais no Shreveport. Onde Dovie vivia, as casas eram pequenas e apertadas entre si, e alguns delas necessitavam reparações urgentes.

Senti uma emoção distinta do triunfo quando a mesma Carla abriu a porta. Ela luzia um olho arroxado, e tinha sintomas de sofrer uma boa ressaca, ambos os signos de que tinha tido uma noite bastante agitada no dia anterior.

-Né!, Sookie, -ela disse, me identificando depois de um momento. -O que está fazendo aqui? Estive no Merlotte's ontem à noite, mas não te vi ali. Ainda trabalha ali?

-Sim, ainda. Era minha noite livre. -Agora que finalmente via a Carla, não estava segura como lhe explicar o que necessitava. Decidi ser direta. -Escuta, Jason não foi trabalhar esta manhã, e me estava perguntado se ele poderia estar aqui contigo.

-Carinho, não tenho nada contra ti, mas Jason é o último homem sobre a terra com ele que eu dormiria, -disse Carla rotundamente. Contemplei-a, ouvindo que ela me dizia a verdade. -Não vou pôr minha mão no fogo duas vezes, tendo conseguido me queimar a primeira vez. Olhei ao redor do bar um pouco, pensando que poderia vê-lo, mas se o tivesse visto, teria girado fazia outro caminho.

Assenti com a cabeça. Parecia que estava dito tudo o que terei que dizer ali sobre o tema. Trocamos umas quantas mais orações corteses, e conversei com o Dovie, quem fazia equilibrar a um menino sobre seu quadril, mas logo foi tempo de partir. Minha tiragem mais prometedora acabava de cevar-se depois de duas singelas orações.

Tratando de suprimir meu desespero, conduzi a um posto de gasolina dentro de uma esquina transitada e estacionei, para comprovar meu mapa do Shreveport. Não tomou muito tempo entender como conduzir do bairro residencial do Dovie ao bar vampiro.

Fangtasia estava em um centro comercial perto do Toys "R" Us. Abria da seis da tarde durante todo o ano, mas, é obvio, os vampiros não se apareciam até o anoitecer, que dependia da temporada. O fronte da Fangtasia estava pintada cor cinza plano, e a escritura de luzes de néon era toda vermelha. "Shreveport's Premier Vampire Bar", lia-se na escritura mais pequena recém acrescentada, sob a escritura exótica do nome do bar. Estremeci-me e olhei fazia outro lado.

Dois verões atrás, um pequeno grupo de vampiros do Oklahoma tinham tratado de estabelecer um bar rival na localidade adjacente Bossier City. depois de uma noite de

agosto particularmente quente e curta, eles nunca tinham sido vistos outra vez, e o edifício que tinham estado renovando se queimou até os alicerces.

Os turistas pensaram que histórias como esta eram realmente divertidas e coloridas. Isto, acrescentado à emoção de ordenar bebidas excessivamente caras (servidas por garçonetes humanas vestidas com os largos trajes negros tipo “vampiro”) contemplando, como era devido, aos verdadeiros chupasangres não-mortos. Eric fez que os vampiros da Área Cinco se mostrarão para este dever tão pouco atraente lhes dando um número de horas cada semana para apresentar-se na Fangtasia. A maior parte de seus subordinados não estavam entusiasmados sobre exibir-se eles mesmos, mas isto lhes dava uma possibilidade real para conectar com colmilleros, quem realmente morre das vontades de ser mordidos. Tais encontros não ocorrem no local: Eric tinha regras sobre isto. E também o departamento de polícia. A única dentada legal que poderia ocorrer entre humanos e vampiros era entre adultos que consistissem, em privado.

Automaticamente, conduzi ao redor pela parte traseira do centro comercial. Bill e eu usávamos quase sempre a entrada de empregados. Aqui detrás, a porta era somente uma porta cinza em uma parede cinza, com o nome do bar posto em letras adesivas do Wal-Mart diretamente debaixo disto, um aviso grande, negro, proclamava SÓ PESSOAL. Levantei minha mão para chamar, e logo me dava conta que podia ver que o ferrolho interior *não* tinha sido posto.

A porta estava aberta.

Isto era muito, muito mau.

Embora fora em plena luz do dia, o cabelo de meu pescoço me arrepiou. Repentinamente, lamentei não ter ao Bill a minhas costas. Não era que sentisse saudades seu tenro amor. Provavelmente é um mau indicador de seu modo de viver, quando uma sente falta da seu ex-noivo porque ele é absolutamente letal.

Embora a cara pública do centro comercial estivesse bastante transitada, o lado de serviço estava abandonado. O silêncio fervia com possibilidades, e nenhum delas era agradável. Apoiei minha frente contra a fria porta cinza. Decidi retornar a meu velho automóvel e me largar dali, o que teria sido extraordinariamente inteligente.

E me teria ido, se não tivesse ouvido o gemido.

Inclusive então, se tivesse sido capaz de se localizar um telefone público, somente teria chamado aos 911 e me teria ficado fora até que chegara algum oficial. Mas não havia um à vista, e não podia encarar a possibilidade de que alguém necessitava minha ajuda a sério, e eu a tinha retardado porque era uma galinha.

Havia um pesado cubo de lixo diretamente junto à porta de atrás, e depois de que atirei da porta para abri-la—me mantendo à parte durante um segundo para evitar que algo pudesse cair em cima—manobrei para poder sustentar a porta médio aberta. Tinha carne de galinha por todos lados de meus braços quando andei dentro.

Fangtasia carece de janelas e requer luz elétrica, vinte e quatro horas/siete dias. Já que nenhuma destas luzes estava presa, o interior estava escuro como boca de lobo. A luz desse dia invernal se estendeu fracamente sob o corredor que conduzia ao bar apropriadamente. À direita estavam as portas do escritório do Eric e o quarto do contável. À esquerda estava a porta à despensa grande, que também continha o quarto de banho para empregados. Este corredor terminava em uma porta pesada para desalentar a qualquer amante das travessuras de penetrar a costas do clube. Esta porta, também, estava aberta, pela primeira vez em minha memória. Mais à frente ficava a silenciosa caverna negra do bar. Perguntei-me se algo se encontraria sentado naquelas mesas ou se agruparia naquelas cabines.

Contive meu fôlego, assim poderia descobrir o menor som de qualquer pequeno ruído. depois de uns segundos, ouvi um movimento como se alguém se arrastasse e outro som de dor, que provinha da despensa. A porta estava ligeiramente entreabrida. Dirigi quatro silenciosos passos a aquela porta. Meu coração palpitava tanto que quase se saiu por minha garganta quando coloquei a mão na escuridão para oprimir o interruptor.

A deslumbrante luz me fez piscar.

Belinda, a única colmillera médio inteligente que tinha encontrado alguma vez, permanecia sobre o chão da despensa em uma posição curiosamente torcida. Suas pernas estavam dobradas em ângulo contrário, seus talões pressionados contra seus quadris. Não havia nenhum sangue—de fato, nenhum sinal visível—sobre ela. Pelo visto, ela tinha uma cãibra de perna gigantesco e perpétuo.

Ajoelhei-me ao lado da Belinda, meus olhos lançavam olhadas em todas direções. Não vi nenhum outro movimento no quarto, embora suas esquinas estavam obscurecidas com pilhas de caixas de licor e um ataúde que se usava como um espetáculo onde os vampiros às vezes se metiam dentro para festas especiais. A porta do quarto de banho para empregados estava fechada.

-Belinda, -sussurrei. -Belinda, me olhe.

Os olhos da Belinda estavam vermelhos e inchados detrás de seus óculos, e suas bochechas estavam molhadas pelas lágrimas. Ela piscou e se concentrou em minha cara.

-Estão eles ainda aqui? -Perguntei, sabendo que ela entenderia ao que me referia, -a gente que te fez isto.

-Sookie, -ela disse com voz rouca. Sua voz era débil, e me perguntei quão comprido teria permanecido ali esperando ajuda. -Ah, graças a Deus. Lhe diga ao Professor Eric que tratamos de detê-los. -Até em sua agonia, darão-se conta, seguia atuando muito em seu papel... -Lhe diga a nosso amo que lutamos até a morte- ...você sabem essa classe de coisas.

-A quem tratou de deter? -Perguntei bruscamente.

-As bruxas. Elas vieram a noite passada depois de que tínhamos fechado, depois de que Pam e Chow se foram. Somente Ginger e eu...

-O que queriam eles? -Tive tempo para notar que Belinda tinha posto ainda seu uniforme negro transparente de garçonne com uma abertura em sua saia larga, e havia ainda sinais de feridas pintadas sobre seu pescoço.

-Eles queriam saber onde tínhamos posto ao Professor Eric. Eles pareciam acreditar que lhe tinham feito... algo a ele, e que o tínhamos escondido. -Durante sua longa pausa, sua cara se crispou, e poderia dizer que ela estava sofrendo uma dor terrível, mas não podia saber o que andava mal nela. -Minhas pernas, -ela gemeu. -Ah.

-Mas seu não sabia, assim não pôde dizer-lhe

-Eu nunca trairia a nosso professor.

E Belinda era a que tinha sentido comum.

-Estava alguém aqui além do Ginger, Belinda? -Mas ela estava em um profundo espasmo de sofrimento que não podia responder. Seu corpo inteiro estava rígido pela dor, com aquele suave gemido que rasgava sua garganta uma e outra vez.

Chamei o 911 do escritório do Eric, já que conhecia a posição do telefone ali. O quarto tinha sido volteado completamente, e alguma bruxa brincalhona que tinha pintura em bote desenhou um grande pentagrama vermelho sobre uma das paredes. Eric ia alucinar com isto.

Retornei com a Belinda para lhe dizer que a ambulância vinha.

-O que acontece com suas pernas? -Perguntei, assustada da resposta.

-Eles fizeram que o músculo atrás de minhas pernas se contraía, como na metade... - E ela começou a gemer outra vez. -parece-se com uma daquelas cãibras gigantescas que alguém consegue quando está grávida.

Era novo para mim que Belinda tivesse estado alguma vez grávida.

-Onde está Ginger? -Perguntei, quando sua dor pareceu ter diminuído um pouco.

-Ela estava no quarto de banho.

Ginger, uma bonita loira-rojiza, tão dura e tola como uma rocha, estava ainda ali. Não acredito que tivessem desejado matá-la. Mas eles lhe tinham arrojado um enfeitiço sobre suas pernas exatamente igual a com a Belinda, parecia que; suas pernas tinham estado dobradas do mesmo modo peculiar e doloroso, até a morte. Ginger tinha estado de pé diante da pia quando se teve câibras, e sua cabeça tinha golpeado o bordo da pia quando tinha cansado. Seus olhos estavam cegos e sem vida, seu cabelo estava emaranhado com um pouco de sangue coagulado que tinha escorregado da depressão em seu cem.

Não havia nada que fazer. Nem sequer toquei ao Ginger; ela estava tão obviamente morta. Não lhe disse nada sobre ela a Belinda, que estava em tremenda agonia para entendê-lo, de todos os modos. Ela teve alguns momentos mais da lucidez antes de que eu saísse fora daí. Perguntei-lhe onde poderia encontrar ao Pam e Chow assim poderia lhes advertir, e Belinda me disse que eles somente se apareciam no bar quando ficava escuro.

Ela também disse que a mulher que tinha trabalhado o enfeitiço era uma bruxa chamada Hallow, e media quase seis pés de alto, com o cabelo castanho curto e um desenho negro pintado sobre sua cara.

Isto deveria fazê-la fácil de identificar.

-Ela me disse que era tão forte como um vampiro, também, -ofegou Belinda. -Olha-o... - Belinda assinalou além de mim. Girei, esperando um ataque. Nada tão alarmante passou, mas o que vi era quase tão inquietante como o que eu tinha imaginado. Era a manga do carro que o pessoal estava acostumado a fazer usar para servir bebidas ao redor. O comprido surripio metálico tinha sido enroscado em uma Ou.

-Sei que o Professor Eric a matará quando ele volte, -Belinda disse desmayadamente depois de um minuto, as palavras lhe saíam entrecortadas devido à dor.

-Seguro que ele o fará, -pinjente fortemente. Vacilei, me sentindo brincadeira além de qualquer palavra. -Belinda, tenho que ir porque não quero que a polícia me detenha aqui para o interrogatório. Por favor, não mencione meu nome. Somente lhes diga que um transeunte te ouviu, vale?

-Onde está o Professor Eric? Realmente ele não está?

-Não tenho nem idéia, -pinjente, obrigada a mentir. -Tenho que sair daqui.

-Vete, -Belinda disse, sua voz desigual. -Somos afortunadas que entrou até para cá.

Tinha que sair dali. Não sabia nada sobre o que tinha passado no bar, e ser interrogada durante horas me custaria um tempo que não podia me permitir, devido à ausência de meu irmão.

De volta em meu automóvel e sobre minha saída do centro comercial, passei os automóveis da polícia e a ambulância quando eles se dirigiam fazia lá. Eu tinha limpo o cabo para apagar minhas impressões digitais. Fora disto, não podia recordar o que havia meio doido e o que não, sem importar que tão cuidadosamente examinei minhas ações. Deveria haver um milhão de impressões ali, de todos os modos; Deus!, aquilo era um bar.

depois de um minuto, precavi-me que conduzia sem nenhuma direção. Estava abrumadamente agitada. Voltei-me a colocar de novo em outro estacionamento de posto de gasolina e olhei o telefone público ansiosamente. Poderia chamar o Alcide, e lhe perguntar se ele sabia aonde Pam e Chow passavam suas horas do dia. Então poderia ir ali e deixar uma mensagem ou algo, lhes advertindo sobre o que tinha passado.

Fiz-me tomar alguns fôlegos profundos e pensar com força no que faria. Era extremamente pouco provável que os vampiros dessem a um lobato a direção de seu lugar de descanso durante o dia. Esta não era informação que os vampiros passassem a qualquer que perguntasse. Alcide não sentia nenhuma avaliação pelos vampiros do Shreveport, quem havia sustentado a dívida de jogos de azar de seu papai sobre a cabeça do Alcide até que ele cumprisse com seus desejos. Eu sabia que se o chamava, ele teria vindo, porque ele é um bom tipo. Mas sua participação poderia ter conseqüências sérias para sua família e seu negócio. Entretanto, se esta Hallow realmente *era* uma triplo ameaça—uma bruxa Lobato que bebia sangue de vampiro—ela era muito perigosa, e os Lobatos do Shreveport deveriam saber sobre ela. Aliviada porque tinha decidido finalmente, encontrei um telefone público que funcionava, e consegui o cartão do Alcide de minha carteira.

Alcide estava em seu escritório, o que era um milagre. Descrevi minha localização, e ele me deu direções sobre como chegar a seu escritório. Ele se ofereceu vir por meu, mas não quis que ele pensasse que eu era uma completa idiota.

Usei um cartão pre-pago para telefonar ao escritório do Bud Dearborn, para ouvir que não havia nenhuma notícia sobre o Jason.

Seguindo as direções do Alcide com muito cuidado, cheguei ao Herveaux & São em aproximadamente vinte minutos. Isto estava muito distante do I-30, sobre o limite Leste do Shreveport, atualmente, meu caminho de volta ao Bon Temps.

Os Herveaux possuíam o edifício, e sua companhia de inspeção era seu único inquilino. Estacionei diante do edifício desço de tijolo. Na parte traseira, distingi a caminhonete *Dodge RAM* do Alcide no estacionamento grande para empregados. o de em frente, para clientes, era muito mais pequeno. Estava claro que os Herveaux foram visitar seus clientes, mas bem que os clientes vinham a visitá-los.

me sentindo causar pena e mais que um pouco nervosa, empurrei para abrir a porta da rua e joguei uma olhada ao redor. Havia um escritório justo à entrada da porta, com uma área de espera em frente. Mais à frente meia parede, podia ver cinco ou seis cubículos de trabalho, três deles ocupados. A mulher atrás do escritório era responsável por dirigir as chamadas telefônicas, também. Ela tinha o cabelo curto marrom escuro cuidadosamente talhado e arrumado, tinha posto um suéter formoso, e tinha uma maravilhosa maquiagem. Provavelmente andaria em seus anos cuarentas, mas isto não a fazia menos impressionante.

-Devi ver ao Alcide, -pinjente, me sentindo envergonhada e tímida.

-Seu nome? -Ela me sorria, mas luzia um pelín pedante e palhaça nos borde de seu sorriso, como se ela não aprovará o que uma mulher jóven e obviamente passada de moda se aparecesse no lugar de trabalho do Alcide. Levava posta uma sudadera tecida azul brilhante com amarelo de manga largas sob meu velho casaco azul que chegava ao meio coxa, e uns jeans velhos, e meus Reeboks. Eu tinha estado preocupada a respeito de encontrar a meu irmão quando vesti, não a respeito de passar inspeção com a Polícia de moda.

-Stackhouse, -pinjente.

-A Sra. Stackhouse esta aqui para lhe ver, -Sra. Estirada disse pelo intercomunicador.

-Ah, que bem! -Alcide soou muito contente, o que era um alívio.

Sra. Estirada estava dizendo pelo intercomunicador; -A envio de volta? -quando Alcide apareceu veloz e veloz pela porta traseira, à esquerda de seu escritório.

-Sookie! -ele disse, e sorriu radiante fazia mim. Ele se parou durante um segundo, como se não pudesse decidir a ciência certa o que deveria fazer, e logo me abraçou.

Eu senti que sorria por todos lados. Abracei-o de volta. Estava tão feliz de vê-lo! Pensei que luzia maravilhosamente bem. Alcide é um homem alto, com o cabelo negro que pelo visto não pode ser domado com a escova e pente, e tem uma cara ampla e olhos verdes.

Juntos tínhamos desaparecido e atirado um cadáver, e isto cria um laço.

Ele atirou brandamente de minha trança.

-Vêem dentro, -disse ele a meu ouvido, desde que Sra. Estirada nos estava olhando com um sorriso indulgente. Estava segura que a parte indulgente era só para benefício do Alcide. De fato, eu sabia que o era, porque ela pensava que não parecia o bastante chique ou elegante para sair com um Herveaux, e ela não acreditava que o papai do Alcide (com quem ela tinha estado dormindo durante dois anos) apreciaria que Alcide travará amizade com uma moça de tão pouca bolinha como eu. Ups!, uma daquelas coisas que não queria saber.

Obviamente não estava usando minhas barreiras mentais com suficiente força. Bill me tinha feito praticar, e agora que não o via mais, havia me tornado descuidada. Isto não era por completo minha culpa; Sra. Estirada era uma transmisora clara e alta.

Alcide não o era, já que ele é um Homem-Lobo.

Alcide me introduziu por um corredor, que estava confortavelmente atapetado e pendurado com quadros de paisagens neutras insípidos e cenas de jardim—que imaginei algum decorador (ou talvez Sra. Estirada) teria eleito. Ele me mostrou seu escritório, que tinha seu nome sobre a porta. Era um quarto grande, mas não magnífico ou elegante, porque estava até o batente de coisas do trabalho—planos, papéis, cascos e equipe de escritório. Muito pratico. Um facsímile ronronava, e estava ao lado de uma pilha de formas junto a uma calculadora e computador que mostrava gráficos.

-Está ocupado. Não deveria ter chamado, -pinjente, imediatamente intimidada.

-Estas brincando? Sua chamada é o melhor que me passou durante todo o dia! -Ele soou tão sincero que tive que sorrir outra vez. -Há algo que tenho que te dizer, algo que não te disse quando deixei suas coisas depois de que lhe fizeram tanto dano. -depois de que tinha sido golpeada por valentões alugados. -Senti-me tão mal sobre isso que posterguei o ir ao Bon Temps para falar contigo cara a cara.

OH, Meu Deus!, ele tinha retornado com sua asquerosa, repugnante e putrefata noiva, Debbie Pelt. Consegui o nome do Debbie de seu cérebro.

-Sim? -Pinjente, tratando de parecer tranqüila e aberta. Ele alcançou e tomou minha mão entre suas próprias mãos grandes.

-Devo-te uma enorme desculpa.

Vale, isto era inesperado.

-Como seria isso? -Perguntei, elevando a vista fazia ele com olhos entrecerrados. Eu tinha vindo aqui para verter minhas confusões mentais, mas em troca era Alcide quem derramava as seus.

-Essa última noite, no *Clube Morto*, -começou ele, -quando seu mais necessitava minha ajuda e amparo, eu...

Sabia o que vinha agora. Alcide se tinha trocado em um lobo em lugar de permanecer em forma humana e me ajudar no bar depois de que eu tinha sido estacada. Pus minha mão livre sobre sua boca. Sua pele era tão quente. Se estão acostumados a tocar aos vampiros, saberão que tão abrasador se pode sentir um humano normal, e um Lobato até mais, já que eles funcionam com alguns graus mais de temperatura.

Senti que meu pulso se acelerava, e eu sabia que ele poderia notá-lo, também. Os animais são bons para detectar a excitação.

-Alcide, -pinjente, -não volte a mencionar isto. Você não podia me ajudar e, ao fim e ao cabo, tudo isto saiu bem. -Bom, mais ou menos—fora de que meu coração se rompeu pela perfídia do Bill.

-Obrigado por ser tão pormenorizada, -disse, depois de uma pausa durante a qual ele me observou intensamente. -Acredito que me haveria sentido melhor se tivesse estado molesta. -Suponho que ele se perguntava se só estava pondo uma boa cara sobre isto ou se era realmente sincera. Poderia dizer que ele tinha o impulso de me beijar, mas não estava seguro se eu lhe daria a bem-vinda a tal movimento ou até se o permitiria.

Bom, eu tampouco sabia o que faria, assim não me dava a oportunidade para averiguá-lo.

-Bem, estou furiosa contigo, mas o oculto bastante bem, -pinjente. Ele se relaxou por completo quando me viu sorrir, embora provavelmente seria o último sorriso que compartilharíamos em todo o dia. -Escuta, seu escritório no meio do dia não é um bom momento nem o lugar para te dizer as coisas que tenho que te dizer, -pinjente. Falei muito nivelada, então se daria conta que eu não vinha por ele. Não só é que eu gostasse de Alcide mas também além disso pensava que era uma passada de homem—mas até que estivesse segura que ele andava com o Debbie Pelt, ele estava fora de minha lista de tipos que queria a meu redor. Quão último tinha escutado do Debbie, era que ela estava comprometida com outro adapto, apesar de que nunca tinha terminado sua relação emocional com o Alcide.

Não ia colocar me em meio daquilo—não com a pena causada pela infidelidade do Bill que ainda pesa duramente sobre meu próprio coração.

-Vamos um momento ao Applebee rua abaixo a tomar um café, -sugeri. Pelo intercomunicador, informou a Sra. Estirada que partia. Saímos pela porta de atrás.

Para esse então já eram as duas, e o restaurante estava quase vazio. Alcide lhe pediu ao jovem que nos atendeu nos pôr no gabinete mais afastado que pudesse nos colocar. Deslizei-me fazia os bancos de um lado, esperando que Alcide se sentasse na outra, mas ele se deslizou a um lado de mim.

-Se quer me contar segretos, isto é o mais perto que podemos estar, -disse ele.

Ambos ordenamos café, e Alcide pediu ao garçom trazer um pequeno pote. Perguntei-lhe por seu papai enquanto o garçom estava servindo ao redor, e Alcide me perguntou pelo Jason. Não respondi, porque a menção do nome de meu irmão era suficiente para me fazer sentir desejo de chorar. Quando nosso café chegou e o jóven se partiu, Alcide disse;

-O que está passando?

Inspirei profundamente, tratando de decidir onde começar.

-Há um aquelarre de bruxa más no Shreveport, -pinjente rotundamente. -Eles bebem sangue de vampiro, e ao menos alguns deles são adaptos.

Este foi o turno do Alcide para inspirar profundamente.

Elevei uma mão, indicando que havia mais por vir.

-estão-se movendo no Shreveport para apoderar do reino financeiro dos vampiros. Eles lançaram uma maldição ou um malefício ou algo assim contra Eric, e isto se levou sua memória. Assaltaram *Fangtasia*, tratando de descobrir onde descansam durante o dia os vampiros. Eles puseram uma espécie de enfeitiço sobre duas das garçonetes, e uma delas está no hospital. A outra está morta.

Alcide já estava tirando fora do bolso seu telefone celular.

-Pam e Chow esconderam ao Eric em minha casa, e tenho que retornar antes do anoitecer para cuidar dele. E esta Jason desaparecido. Não sei quem o levou ou onde esta ele ou se ele esta... -*Vivo*. Mas não pude dizer a palavra.

O fôlego conteúdo do Alcide escapou em um *ufff*, e ele fico sentado me contemplando, com o telefone em sua mão. Ele não podia decidir a quem chamar primeiro. Não o culpo.

-Eu não gosto que Eric esteja em sua casa, -disse ele. -Isto te põe em perigo.

Comoveu-me muitíssimo que seu primeiro pensamento fora por minha segurança.

-Jason pediu muito dinheiro para fazê-lo, e Pam e Chow estiveram de acordo, -pinjente, envergonhada.

-Mas Jason não esta ali arriscando o cangote, e você se.

Indiscutivelmente certo. Mas, lhe dando um pouco de crédito ao Jason, certamente ele não o tinha planejado desta maneira. Disse ao Alcide sobre o sangue no mole.

-Poderia ser um arenque vermelho, -disse ele. -Só se o tipo de sangue emparelha com a do Jason, então pode preocupar-se. -Ele tomou um sorvo de seu café, seus olhos enfocados na taça. -Tenho que fazer algumas chamadas, -disse ele.

-Alcide, você é o *packmaster* para o Shreveport?

-Não, não estou sequer próximo de ser assim de importante.

Isto não me pareceu possível, e portanto o disse. Ele tomou minha mão.

-Os *packmasters* são pelo general mais velhos que eu, -disse ele. -E a gente tem que ser realmente aguantador. E muito, muito rude.

-Tem que lutar para conseguir ser *packmaster*?

-Não, é eleito, mas os candidatos têm que ser muito fortes e inteligentes. Há uma classe de—pois, tem uma prova que deve superar.

-Escrita? Oral? -Alcide pareceu aliviado quando ele viu que eu sorria. -Mas bem uma prova de resistência? -Pinjente.

Ele assentiu.

-Mais como isso.

-Não crie que seu *packmaster* deveria saber sobre isto?

-Sim. Que mais?

-por que fariam eles isto? por que escolheram Shreveport? Se eles estiverem dispostos a tudo com o sangue de vampiro e a possibilidade para fazer coisas realmente más, por que não estabelecer-se em uma cidade mais próspera?

-Esta é uma muito boa pergunta. -Alcide pensava com vontades. Seus olhos verdes entortaram os olhos quando ele pensou. -Nunca ouvi que uma bruxa que tivesse tanto poder. Nunca ouvi de uma bruxa que fora uma adapto. Estou tendendo a pensar que esta é a primeira vez que algo assim passou.

-A primeira vez?

-Que uma bruxa tenha tratado alguma vez de tomar o controle de uma cidade, tratar de levá-los ativos da comunidade sobrenatural da cidade, -disse ele.

-Como estão paradas as bruxas na hierarquia sobrenatural?

-Bem, eles são humano que ficam humanos. -Ele se encolheu de ombros. -Pelo general, os *Supes* que se sentem bruxas são somente meias-tintas. A classe que alguém tem que vigiar, já que eles praticam a magia e nós somos criaturas mágicas, mas ainda assim...

-Não são uma grande ameaça?

-Exato. Parece que deveríamos isto repensar. Sua líder toma sangue de vampiro. Drena-os ela mesma? -Ele pressionou um número e sustentou o telefone em seu ouvido.

-Não sei.

-E no que troca ela? -Os adaptoformas tinham várias opções, mas havia um animal pelo qual cada adapto tinha certa afinidade, e esse era seu animal habitual. Um adaptoforma poderia chamar-se assim mesmo “adapto-lince” ou “adapto-murciélago”, se fosse da variedade que não se voltava homem-lobo. Mas os Homem-lobos se opunham energicamente a qualquer outra criatura de dobre-natura que se fizesse chamar assim mesma “Lobato”.

-Bem, ela é... como você, -pinjente. Os lobatos se consideram os reis da comunidade dobre-natura. Eles só se trocam em um animal, e era o melhor. O resto da comunidade dobre-natura, respondia chamando-o-los lobos valentões.

-OH, não. -Alcide esteve horrorizado. Naquele momento, seu *packmaster* respondeu a chamada.

-Olá, sou eu Alcide! -Um silêncio. -Sinto lhe incomodar quando você estava ocupado na jarda. ocorreu algo importante. Tenho que lhe ver quanto antes. -Outro silêncio. -Sim, senhor. Com sua permissão, trarei alguém comigo. -depois de um segundo ou dois, Alcide pressionou um botão para terminar a conversação. -Quase seguro que Bill saberá onde vivem Pam e Chow, não? -ele me perguntou.

-Estou segura que sabe, mas ele não está aqui para me dizer isso Se ele *queria* fazê-lo.

-E onde está ele? -A voz do Alcide era ilusoriamente tranqüila.

-Está no Peru.

Eu tinha estado vendo meu guardanapo, que tinha dobrado como um leque. Joguei uma olhada ao homem a meu lado para encontrá-lo me vendo fixamente com uma expressão de incredulidade.

-Ele se foi? Ele te abandonou aqui sozinha?

-Bom, ele não sabia que algo assim ia passar, -pinjente, tratando de não soar defensiva, e logo pensei, *O que estou dizendo?* -Alcide, não vi ao Bill desde que voltei do Jackson, exceto quando ele veio para me dizer que deixava o país.

-Mas ela me disse que tinha retornado com o Bill, -disse Alcide com uma voz muito estranha.

-Quem te disse isto?

-Debbie. Quem mais?

Temo-me que minha reação não foi muito agradável.

-E você o creíste ao Debbie?

-Ela disse que tinha visitado *Merlotte's* durante seu caminho para vir para ver-me, e ela tinha visto que você e Bill atuavam muito, ah, amistosos enquanto ela estava ali.

-E você *o creíste a ela*? -Talvez se seguia enfatizando, ele me diria que brincava somente.

Alcide parecia envergonhado agora, ou tão envergonhado como um homem-lobo pode luzir.

-Vale, fui um parvo, -confessou ele. -Eu me entendo com ela.

-Seguro. -me perdoem se eu não soava muito convencida. Já tinha ouvido isto antes.

-Bill realmente está no Peru?

-Por isso sei.

-E você estas só na casa com o Eric?

-Eric não sabe que é Eric.

-Ele não recorda sua identidade?

-Nop. Ele tampouco recorda seu caráter, pelo visto.

-Isto é algo bom, -disse Alcide sombriamente. Ele nunca tinha visto o Eric com nenhum senso de humor, como eu o fazia. Eu sempre estava suspeitando do Eric, mas também podia apreciar sua simpatia, sua determinação, sua aptidão e seu carisma. Se uma pudesse dizer que um vampiro tinha *joie de vivre*, Eric a tinha a torrentes.

-vamos ver o *packmaster* agora, -disse Alcide, obviamente com um ânimo muito mais severo.

Deslizamo-nos fora do gabinete depois de que ele tinha pago pelo café, e sem telefonar ao trabalho ("Não tem sentido ser o chefe se não poder desaparecer de vez em quando"), ele me ajudou a subir a sua caminhonete e dirigimos aos subúrbios do Shreveport. Estava

segura que Sra. Estirada assumiria que nos tínhamos registrado em um motel ou tínhamos ido ao apartamento do Alcide, mas era melhor isto a que Sra. Estirada averiguará que seu chefe era um homem-lobo.

Quando conduzimos, Alcide me disse que o *packmaster* era um coronel da Força Aérea aposentado, anteriormente localizado na Base da Força Aérea do Barksdale no Bossier City, que esta perto do Shreveport. O único menino do coronel Flood, uma filha, casou-se com um homem da localidade, e o Coronel Flood se instalou na cidade para estar perto de seus netos.

-Sua esposa também é lobato? -Perguntei. Se a Sra. Flood era também Lobato, sua filha também o seria. Se os Lobatos podem sobreviver os poucos primeiros meses, eles vivem um período bastante comprido de tempo, tirando acidentes.

-Era-o; ela faleceu faz uns meses.

O *packmaster* do Alcide vivia em uma vizinhança modesta com casas uso rancho sobre pequenos lotes. O Coronel Flood recolhia as abacaxis dos pinheiros em sua jarda dianteira. Isto pareceu uma coisa muito doméstica e pacífica para que o estivesse fazendo um proeminente homem-lobo. Eu o tinha imaginado em minha cabeça com um uniforme da Força Aérea, mas certamente ele levava posta a roupa normal de um civil ao ar livre. Seu cabelo grosso era branco e recortado muito curto, e ele tinha um bigode que deve ter sido recortado com uma regra, assim de exato.

O coronel deve ter tido curiosidade depois da chamada Telefônica do Alcide, mas nos pediu vir dentro de maneira tranqüila. Ele aplaudiu ao Alcide muito sobre as costas; ele foi muito cortês comigo.

A casa estava tão ordenada como seu bigode. Poderia ter acontecido inspeção.

-Posso lhes oferecer uma bebida? Café? Chocolate quente? Soda? -O Coronel gesticulo para sua cozinha como se houvesse um criado ali alerta para tomar nossas ordens.

-Não, obrigado, -pinjente, já que eu estava alagada pelo café do Applebee. O Coronel Flood insistiu que nos sentássemos na sala de estar, que era um retângulo absurdamente estreito com uma área formal de comilão ao final. À Sra. Flood tinham gostado das aves de porcelana. Tinham-lhe gostado de um montão. Perguntei-me como se moveriam os netos neste quarto, e conservei minhas mãos pegadas a meu regaço por medo de que pudesse atirar algo.

-De modo, o que posso fazer por ti? -O Coronel Flood perguntou ao Alcide. -Procura permissão para te casar?

-Hoje não, -disse Alcide com um sorriso. Vi abaixo o chão para me guardar minha expressão. -Meu amiga Sookie tem alguma informação que acaba de compartilhar comigo. É muito importante. -Seu sorriso morreu no ato. -Ela tem que lhe relatar o que sabe.

-E por que tenho que escutá-la?

Entendi que ele perguntava ao Alcide quem era eu—que o obrigava a me escutar, ele tinha que saber minha boa fé. Mas Alcide se ofendeu em meu nome.

-Eu não teria a trazido se não fora importante. Não a teria apresentado se não desse meu sangue por ela.

Não estava realmente segura do que isto significava, mas o interpretava em assumir que Alcide testemunhava minha veracidade e oferecia pagar de algum modo se eu demonstrasse ser falsa. Nada era simples no mundo sobrenatural.

-Escutemos sua história, jovencita, -disse o Coronel energicamente.

Relatei-lhe tudo o que tinha contado ao Alcide, tratando de excluir as partes pessoais.

-Onde fica este aquelarre? -ele me perguntou, quando estava entrada em minha história. Disse-lhe o que eu tinha visto pela mente do Holly.

-Não é suficiente informação, -Flood disse secamente. -Alcide, precisamos aos rastreadores.

-Sim, senhor. -Os olhos do Alcide brilhavam enquanto pensava na ação.

-Chamarei-lhes. Tudo o que ouvi me faz reconsiderar que algo estranho passou ontem à noite. Adabelle não veio à reunião do comitê de planejamento.

Alcide pareceu surpreso.

-Isto não está bem.

Eles tratavam de ser crípticos diante de mim, mas podia ler o que acontecia os dois lobatos sem tanta dificuldade. Flood e Alcide se perguntavam se seu—hmmm, vice-presidente?—Adabelle não tinha assistido à reunião por alguma razão inocente, ou se o novo aquelarre a teria induzido de algum jeito a unir-se com eles contra sua própria matilha.

-Adabelle esteve irritada contra o mando da matilha durante algum tempo, -o Coronel Flood disse ao Alcide, com um esboço de sorriso sobre seus magros lábios. -Tinha esperado, que quando foi escolhida meu segundo, ela o consideraria uma concessão suficiente.

Das partes de informação que podia pepenar da mente do *packmaster*, a matilha do Shreveport parecia estar pesadamente sobre o lado patriarcal. Para o Adabelle, uma mulher moderna, o mando do Coronel Flood era sufocante.

-Um novo regime poderia lhe atrair, -Coronel Flood disse, depois de uma perceptível pausa. -Se os invasores descobrirem algo sobre nossa matilha, seria Adabelle a que eles se aproximariam.

-Não penso que Adabelle trairia alguma vez à matilha, não importa quão descontente ela este com o status quo, -disse Alcide. Ele soou muito seguro. -Mas se ela não veio à reunião ontem à noite, e você não pôde localizá-la por telefone esta manhã, preocupa-me.

-Desejaria que checarán o do Adabelle enquanto vigilante à matilha para a ação, -o Coronel Flood sugeriu. -Se a seu amiga não importa.

Talvez a seu amiga gostaria de retornar seu culo ao Bon Temps e ver seu convidado de pagamento. Talvez a seu amiga gostaria de procurar a seu irmão. Embora realmente, não podia pensar em uma só coisa de fazer que adiantasse a busca do Jason, e faltavam ao menos duas horas antes de que Eric se levantasse.

Alcide disse;

-Coronel, Sookie não é um membro da matilha e ela não deveria levar sobre os ombros responsabilidades desta índole. Ela tem seus próprios problemas, e se tomou o tempo para nos avisar sobre um problema grave do que nem sequer estávamos inteirados. Deveríamos havê-lo sabido. Alguém em nossa matilha não foi honesto conosco.

A cara do Coronel Flood parecia uma pintura, como se ele se tragou uma enguia viva.

-Tem razão sobre isto, -disse ele. -Obrigado, senhorita Stackhouse, por tomar o tempo para vir ao Shreveport e dizer ao Alcide sobre nosso problema... que deveríamos ter sabido.

Assenti com a cabeça em sinal de reconhecimento.

-E acredito que tem razão, Alcide. Um de nós devia ter sabido sobre a presença de outra matilha na cidade.

-Chamemos o Adabelle, -disse Alcide.

O Coronel tomou o telefone e consultou um livro vermelho de couro antes de marcar. Ele jogou uma olhada de reajo ao Alcide.

-Nenhuma resposta em sua loja. -Irradiava tanto calor de se mesmo como uma pequena calefação. Como o Coronel Flood mantinha sua casa quase tão fria como ao ar livre, o calor era mais que bem-vindo.

-Sookie deveria ser nomeada amiga da matilha.

Poderia dizer que isto era mais que uma recomendação. Alcide estava dizendo algo bastante significativo, mas seguro que ele não me ia explicar isso Já me estava cansando um pouco das contínuas conversações elípticas que se mantinham ao redor de mim.

-me desculpem, Alcide, Coronel, -pinjente tão cortesmente como podia. -Talvez Alcide poderia me retornar a meu automóvel? Já que todos vocês parecem ter projetos por realizar.

-Certamente, -o Coronel disse, e pude ler que ele se alegrou de me ter fora do caminho. - Alcide, verei-te de volta aqui em, uns quarenta minutos mais ou menos? Falaremos disso então.

Alcide jogou uma olhada a seu relógio e a contra gosto esteve de acordo.

-Poderia me deter visitar a casa do Adabelle enquanto levou ao Sookie rumo a seu automóvel, -ele disse, e o Coronel assentiu, como se isso fora só pro-forma.

-Não sei por que Adabelle não responde à chamada no trabalho, e não acredito que ela se aproximasse do aquelarre, -Alcide explicou quando estivemos de volta em sua caminhonete. -Adabelle vive com sua mãe, embora elas dois não se levam muito bem. Comprovaremos ali primeiro. A segunda em hierarquia do Flood, Adabelle, era também nossa melhor rastreadora.

-O que podem fazer os rastreadores?

-Irã a Fangtasia e tratarão de seguir o aroma que deixaram as bruxas que partiram dali. Isto os levará a refúgio das bruxas. Se eles perderem o aroma, talvez podemos chamar para que nos ajudem os aquelarres do Shreveport. Eles devem estar tão preocupados como o estamos nós.

-Na Fangtasia, temo-me que qualquer aroma poderia estar esfumado por toda a gente de emergência, -disse com pesar. Teria sido algo digno para olhar, um rastreamento de lobatos pela cidade. -E como já sabe, Hallow já se pôs em contato com todas as bruxas de por aqui. Falei com uma Wiccan no Bon Temps quem foi chamada ao Shreveport para encontrar-se com o grupo do Hallow.

-Isto é maior do que pensei, mas estou seguro que a matilha pode dirigi-lo. -Alcide soou bastante seguro.

Alcide se tornou de reversa pelo meio-fio do Coronel, e empreendemos nosso caminho pelo Shreveport outra vez. Estava vendo mais da cidade esse dia do que tinha visto em minha vida inteira.

-De quem foi a idéia de que Bill se fora para o Peru? -Alcide me perguntou de repente.

-Não sei. -Estava surpreendida e perplexa. -Acredito que de sua rainha.

-Mas ele não te disse isto diretamente.

-Não.

-Ele poderia ter recebido a ordem de ir.

-Suponho.

-Quem tem o poder de fazer isto? -Alcide perguntou, como se a resposta me iluminaria de repente.

-Eric, certamente. -Já que Eric era o xerife da Área Cinco. -E logo a rainha. -Que seria o chefe do Eric, rainha-a da Luisiana. Sim, já sei. Sonha tolo. Mas os vampiros pensavam que eles eram uma maravilha da organização moderna.

-E agora Bill se foi, e Eric se está ficando em sua casa. -A voz do Alcide me pressionava para alcançar uma conclusão óbvia.

-Você pensa que Eric orquestrou tudo isto? Você pensa que ele ordenou sair ao Bill do país, fez que as bruxas invadissem Shreveport, fez que o amaldiçoaram, e começou a correr médio nu no frio congelante quando ele supôs que eu poderia andar perto, logo esperou a que eu o recolhesse e logo Pam, Chow e meu irmão falariam o um com o outro para arrumar a permanência do Eric comigo?

Alcide pareceu apropriadamente desinflado.

-Quer dizer que você tinha pensado nisto?

-Alcide, não serei preparada, mas tampouco sou tola. -Tentem estudar quando podem ler as mentes de todos seus companheiros de classe, sem contar a seu professor. Mas lia muito, e tenho lido muitas coisas boas. Embora agora lia sobretudo mistérios e romances. Assim aprendi muita matéria curiosa, e tenho um grande vocabulário. -Mas o fato é que Eric dificilmente entraria em tanto confusão só para conseguir que me deite com ele. É isto o que pensa? -É obvio, sabia que era *isto*. Lobato ou não, era obvio.

-Posto desta maneira... -Mas Alcide ainda não parecia satisfeito. Certamente, este era o homem que lhe tinha acreditado no Debbie Pelt quando lhe disse que eu estava de volta definitivamente com o Bill.

Perguntei-me se poderia conseguir a alguma bruxa para jogar um feitiço de verdade sobre o Debbie Pelt, a quem desprezava porque ela tinha sido cruel com o Alcide, insultou-me gravemente, queimou um buraco em meu xale grande favorito e—ah—tratou de me matar por poderes. E também, ela tinha o cabelo talhado de maneira estúpida.

Alcide não reconheceria ao Debbie honesta embora ela passasse e o mordesse no culo, embora mordiscar fora uma especialidade da verdadeira Debbie.

Se Alcide tivesse sabido que Bill e eu nos tínhamos separado, teria vindo? Teria conduzido uma coisa ao outro?

Vale, *seguro* que algo teria passado. E ali estaria eu, pega com um tipo que acreditaria a palavra do Debbie Pelt.

Joguei uma olhada ao Alcide e suspirei. Este homem era mais ou menos perfeito em muitos aspectos. Eu gostava do modo em que ele luzia, entendia o modo em que ele pensava, e ele me tratava com grande consideração e respeito. Já, ele era um homem-lobo, mas eu poderia lhe deixar um par de noites ao mês. A verdade é que segundo Alcide seria difícil para mim levar a seu bebê a termo, mas ao menos seria possível. O embarço não era parte do quadro com um vampiro.

Quieta, Sookie. Alcide não se ofereceu a engendrar meus bebês, e ele seguia vendo o Debbie. O que teria passado com seu compromisso dela com o tipo Clausen?

Com o lado menos nobre de meu carácter—assumindo que meu caráter tenha um lado nobre—esperei que um dia próximo Alcide visse o Debbie como a cadela que realmente élla era, e que ele tomaria finalmente este conhecimento dentro de seu coração. Se, por conseguinte, isto fazia que Alcide me buscasse ou não, ele se merecia alguém melhor que Debbie Pelt.

Adabelle Yancy e sua mãe viviam em um beco sem saída em uma vizinhança de classe média alta que não estava tão longe da *Fangtasia*. A casa estava sobre uma grama tão densa e de muchísima melhor qualidade que o da rua, assim que o caminho empedrado ia a todo o comprimento da parte traseira da propriedade. Pensei que Alcide estacionaria sobre a rua e andaríamos pelo caminillo fazia a porta principal, mas ele pareceu querer deixar a caminhonete fora de vista. Explorei o beco sem saída, mas não vi ninguém absolutamente, muito menos alguém olhando da casa aos visitantes.

Pega ao reverso da casa em um ângulo reto, estava a ordenado garagem para três automóveis, luminoso como o ouro. A gente pensaria que os automóveis nunca estacionavam ali, que a brilhante Subaru acabava de extraviar-se na área.

Saímos fora da caminhonete.

-Esse é o automóvel da mãe do Adabelle, -Alcide franzia o cenho. -Ela começou uma loja para noivas. Arrumado a que ouviste falar dela—*Verena Rose* 'S. Verena se retirou de trabalhar ali jornada completa. Ela se passa muito freqüentemente solo para voltar louca ao Adabelle.

Nunca tinha estado na loja, mas as noivas que tivessem certa proeminência na área se encarregavam de fazer suas compras ali. Devia ser uma loja verdadeiramente lucrativa. A casa de tijolo estava mantida de maneira excelente, e não teria mais de vinte anos. A jarda bem podada, rastelada, e decorativamente arrumada.

Quando Alcide chamou pela porta de atrás, esta voou para abrir-se. A mulher que esteve de pé frente à abertura era exatamente igual de ordenada e linda como a casa e sua jarda. Seu cabelo cor aço estava em um pulcro coque atrás de sua cabeça, e ela estava em um traje cor oliváceo e sapatos de salto baixo marrons. Olhou do Alcide fazia meu e não encontrou o que procurava. Ela empurrou para abrir a porta encristalada.

-Alcide, que agradável verte, -ela mentiu desesperadamente. Esta era uma mulher com uma profunda confusão interna.

Alcide lhe dirigiu um olhar largo.

-Temos um problema, Verena.

Se sua filha era um membro da matilha, a mesma Verena era uma mulher-lobo. Olhei à mulher com curiosidade, ela se parecia com uma das amigas mais ricas de minha avó. Verena Rose Yancy era uma mulher atrativa a finais de seus anos sesentas, dotada de um ingresso seguro e sua própria casa. Não podia imaginar a esta mulher em quatro patas brincando de correr pelo campo.

E era óbvio que a Verena não importava absolutamente o problema que preocupava ao Alcide.

-Viu a minha filha? -ela perguntou, e esperou sua resposta com terror em seus olhos. -Ela não pode ter traído ao grupo.

-Não, -Alcide disse. -Mas o *packmaster* nos enviou para encontrá-la. Ela não assistiu à reunião oficial do grupo ontem à noite.

-Ela me chamou da loja ontem à noite. Disse que tinha uma entrevista inesperada com um forasteiro que tinha chamado à loja diretamente na hora de fechamento. -A mulher literalmente retorceu suas mãos. -Pensei que talvez ela encontraria a aquela bruxa.

-teve notícias dela após? -Pinjente, com a voz mais gentil que pude dirigir.

-Deitei-me ontem à noite molesta com ela, -disse Verena, me olhando diretamente pela primeira vez. -Pensei que tinha decidido acontecer a noite com uma de seus amigas. Uma de seus *amigas especiais*, -explicou ela, me vendo com as sobrancelhas arqueadas, assim entenderia seu movimento. Assenti com a cabeça. -Nunca me dá hora de chegada, ela diz somente, “Me espere quando me vir”, ou “te verei na loja amanhã pela manhã”, e coisas assim. -Um estremecimento percorreu o magro corpo da Verena. -Mas ela não veio a casa e não posso conseguir que responda na loja.

-supunha-se que ela abriria a loja hoje? -Alcide perguntou.

-Não, na quarta-feira é nosso dia fechado ao público, mas ela sempre vai trabalhar sobre os livros e terminar a papelada que invariavelmente fica. Sempre o faz, -repetiu Verena.

-por que Alcide e eu não conduzimos aí e comprovamos a loja por você? -Pinjente brandamente. -Talvez ela deixou uma nota. -Esta não era uma mulher que se aplaude no braço, assim não realizei este gesto natural, mas empurrei a porta de cristal para fechá-la assim entenderia que tinha que ficar ali e não devia vir conosco. Ela entendeu muito claramente.

A Loja Nupcial *Verena Rose's* estava localizada em uma antiga casa sobre um bloco de casas reformadas de modo similar. O edifício tinha sido renovado e mantido tão maravilhosamente bem como a residência das Yancy, e não estive surpreendida que tivesse tal selo distintivo. O tijolo pintado de branco, as venezianas verdes escuras, a lustrosa ferraria negra dos corrimões aos lados da escada, e os adornos de cobre contra a porta. Todo isso falava de elegância e atenção pelo detalhe. Pude ver que, se uma tinha aspirações de classe, aqui era onde uma teria vindo para conseguir sua equipe de bodas.

um pouco mais dentro da rua, com o estacionamento detrás da loja, o edifício destacava um grande aparador no fronte. Nesta janela se exibia um manequim sem rosto que tinha posto uma brilhante peruca marrom. Seus braços estavam elegantemente dobrados para sustentar um ramo precioso. Inclusive da caminhonete, pude ver que o vestido nupcial, com sua larga cauda bordada, era absolutamente espetacular.

Estacionamos no meio-fio sem nos colocar no estacionamento da loja, e saltei da caminhonete. Juntos, começamos a caminhar pela calçada de tijolo que conduzia do passeio à porta principal e quando nos aproximamos mais, Alcide amaldiçoou. Durante um momento, imaginei que uma espécie de praga de insetos tinha entrado pela janela da loja e

tinha aterrissado sobre o níveo vestido. Mas, desde aquele momento, já sabia que as manchas escuras eram certamente salpicaduras de sangue.

O sangue tinha cansado no brocado branco e se secou ali. Era como se o manequim tivesse sido ferido, e durante um segundo louco me perguntei se seria possível. Havia visto muitas costure impossíveis nos poucos meses passados.

-Adabelle, -Alcide disse, como se ele rezasse.

Estávamos de pé no princípio dos degraus que conduziam até o alpendre dianteiro, olhando fixamente o sobressalente aparador. O signo FECHADO pendurava no meio do ovalóide de cristal da porta, e as persianas venezianas estavam fechadas detrás dele. Não havia nenhuma onda cerebral de gente viva que emanasse daquela casa. Tinha-me tomado o tempo para comprová-lo. Tinha descoberto, pelo caminho difícil, que aquela precaução era uma boa idéia.

-Coisas mortas, -disse Alcide, sua cara levantada fazia a brisa fria, seus olhos fechados para lhe ajudar a concentrar-se. -Coisas mortas dentro e fora.

Aferre o elaborado corrimão com minha mão esquerda e subi um passo. Joguei uma olhada ao redor. Meus olhos se detiveram sobre algo no te arrie sob a janela saliente, algo pálido que se destacava contra o chão de madeira. Dava uma cotovelada ao Alcide, e assinalei silenciosamente com minha mão direita que tinha livre.

Jazendo perto de uma podada azalea traseira, havia outra mão—só uma mão. Senti que um estremecimento percorria o corpo do Alcide quando compreendeu o que via. Existe um momento quando a gente evita reconhecer o que sabe significa isso.

-Espera aqui, -disse Alcide, sua voz grossa e rouca.

Isso estava muito bem para mim.

Mas quando ele abriu a porta de rua para entrar na loja, vi o que descansava sobre o chão um pouco mais à frente. Tive que me tragar um grito.

Era uma sorte que Alcide trazia seu telefone celular. Ele chamou o Coronel Flood, disse-lhe o que tinha passado, e lhe pediu dirigir-se à casa da Sra. Yancy. Logo chamou à polícia. Não havia nada mais que fazer. Esta era uma área povoada, e existia uma boa possibilidade que alguém nos tenha visto indo à porta de rua.

Certamente este era um dia para encontrar corpos—para mim, e para o departamento de polícia do Shreveport. Sabia que existiria algum vampiro poli na força, mas, é obvio, os vampiros tinham que trabalhar o turno noturno, asi que falávamos do típico poli humano.

Não havia lobatos ou um adapto entre eles, nem sequer um humano telepático. Todos estes policiais eram gente normal que pensou que nós fomos altamente suspeitos.

-por que se deteve por aqui, amigo? -perguntou o Detetive Coughlin, quem tinha o cabelo castanho, e uma cara marcada pelo tempo, junto com uma redonda barriga de cerveja da que qualquer *Clydesdale* teria estado orgulhoso.

Alcide pareceu surpreso. Ele não tinha pensado tão longe, o que não era muito assombroso. Eu não conheci o Adabelle em vida, e não tinha entrado dentro da loja nupcial como ele. Não tinha recebido o pior choque. Tocava-me agora a meu recolher as rédeas.

-Foi minha idéia, Detetive, -pinjente imediatamente. -Minha avó, que morreu o ano passado? Ela sempre me dizia, “Se necessitar um vestido de noiva, Sookie, vá a Verena Rose’s por ele”. Não pensei em lhes chamar antes e perguntar se elas abriam hoje.

-De modo que, você e o Sr. Herveaux vão casar-se?

-Sim, -disse Alcide, me atraindo contra ele e envolvendo seus braços ao redor de mim. – Estamos a um passado do altar.

Sorri, mas de um modo apropriadamente submetido.

-Bem, felicitações. -O detetive Coughlin nos olhou pensativamente. –Assim, senhorita Stackhouse, você não tinha encontrado alguma vez Adabelle Yancy cara a cara?

-Pode que tenha conhecido à velha Sra. Yancy quando eu era uma menina, -disse com cautela. -Mas não a lembrança. A família do Alcide conhece os Yancy, é obvio. Ele viveu aqui toda sua vida. -Certamente, eles são também homem-lobos.

Coughlin estava ainda enfocado em mim.

-E você não entrou na loja para nada? Somente o aqui presente Sr. Herveaux?

-Alcide entrou sozinho, enquanto eu esperei aqui fora. -Tratei de parecer delicada, o que não é fácil para mim. Sou muito sã e com tom muscular, e embora não sou Emme, tampouco sou Kate Moss. -Já tinha visto a—mão, assim permaneci fora.

-Essa foi uma boa idéia, -disse o Detetive Coughlin. -O que está ali não é adequado para que o veja a gente. -Ele se olhou perto de vinte anos mais velho quando disse isto. Senti pena de que seu trabalho fora tão duro. Ele pensava que os corpos grosseiramente destruídos na casa era um desperdício de dois vistas boas e o trabalho de alguém a quem gostaria de apanhar. -Algum de vocês tem a menor ideia de por que alguém quereria desmembrar a duas mulheres como estas?

-Dois, -Alcide disse devagar, aturdido.

-Dois? -Pinjente, menos cautelosamente.

-Exatamente, dois, -o detetive disse pesadamente. Ele tinha pretendido conseguir nossas reações e agora as tinha; o que ele pensava delas, eu o averiguaria.

-Pobres, -pinjente, e não fingia as lágrimas que encheram meus olhos. Era incrivelmente agradável ter o peito do Alcide para me recarregar no, e como se lesse minha mente ele desabotoou sua jaqueta de couro assim estaria mais próxima a ele, abrigou ambos os lados abertos ao redor de mim para me manter quente e protegida. -Mas se uma delas é Adabelle Yancy, quem é a outra?

-Não fica muito da outra, -disse Coughlin, antes de que ele mesmo se ordenasse fechar a boca.

-Elas estavam como mescladas, -disse Alcide quedamente, perto de meu ouvido. Ele se sentia doente. -Eu não sabia... Suponho que se tivesse analisado o que via...

Embora não pudesse ler os pensamentos do Alcide claramente, poderia entender que ele pensava que Adabelle tinha conseguido derrotar a um de seus atacantes. E quando o resto do grupo escapou, não se tinham levado todas as partes com eles.

-E você é do Bon Temps, senhorita Stackhouse, -disse o detetive, quase ociosamente.

-Sim, senhor, -pinjente, com um ofego afogado. Tratava de não imaginar os últimos momentos do Adabelle Yancy.

-Onde trabalha ali?

-Bar *Merlotte's*, -pinjente. -Servindo mesas.

Enquanto ele registrou a diferença na posição social entre eu e Alcide, fechei meus olhos e recarreguei minha cabeça contra o quente peito do Alcide. O detetive Coughlin se perguntava se eu estaria grávida; se o papai do Alcide, uma figura conhecida e acomodada no Shreveport, aprovaria tal matrimônio. Ele entendia por que queria um vestido de noiva caro, se me ia casar com um Herveaux.

-Não tem um anel de compromisso, senhorita Stackhouse?

-Não planejamos um compromisso comprido, -disse Alcide. Pude ouvir sua voz retumbar em seu peito. -Ela conseguirá seu diamante o dia que nos casemos.

-É tão mau, -pinjente afetosamente, lhe golpeando nas costelas tão forte como pude sem ser óbvia.

-Auch, -ele disse como protesto.

De algum jeito esta parte de brincadeira convenceu ao Detetive Coughlin que realmente estávamos comprometidos. Ele tomou nossos números de telefone e direções, logo nos disse que podíamos partir. Alcide esteve tão aliviado como eu.

Conduzimos ao lugar mais próximo onde poderíamos nos deter de maneira privada—um pequeno parque que estava quase deserto pelo tempo frio—e Alcide chamou o Coronel Flood outra vez. Esperei na caminhonete enquanto Alcide, passeava-se pela erva morta, gesticulava e elevava sua voz, expressando um pouco de seu horror e cólera. Tinha sido capaz de senti-lo aumentando nele. Alcide tinha o problema de articular suas emoções, como tantos outros tipos. Fez-o parecer mais familiar e querido.

Querido? Deveria deixar de pensar assim. O compromisso tinha sido orquestrado estritamente para benefício do Detetive Coughlin. Se Alcide era de alguém “querido”, era da pérfida Debbie.

Quando Alcide subiu de novo à caminhonete, ele franzia o cenho.

-Suponho que melhor volta ao escritório e te levo a seu automóvel, -disse ele. -Lamento todo isto.

-Acredito que eu deveria dizer isso.

-Esta não é uma situação que nenhum de nós tenha criado, -disse ele firmemente. -Nenhum de nós estaria comprometido se pudéssemos evitá-lo.

-Essa é uma verdade divina. -depois de um minuto de pensar no complicado mundo sobrenatural, perguntei ao Alcide qual era o plano do Coronel Flood.

-Encarregaremo-nos disto, -disse Alcide. -Sinto muito, Sook, não posso te dizer o que vamos fazer.

-vais estar em perigo? -Perguntei, simplesmente porque não poderia lhe ajudar.

Para então tínhamos chegado ao edifício Herveaux, e Alcide estacionou sua caminhonete junto a meu velho automóvel. Ele deu volta um pouco para me olhar, e tomou minha mão.

-vou estar estupidamente. Não se preocupe, -disse ele brandamente. -Chamarei-te.

-Não esqueça fazê-lo, -pinjente. -E tenho que te dizer o que fizeram as bruxas para tratar de encontrar ao Eric. -Não havia dito ao Alcide sobre os pôsteres fixados com a recompensa. Ele franziu o cenho ainda mais profundo quando pensou no ardiloso da estratégia.

-Debbie, supunha-se que conduziria aqui esta tarde, chegará aproximadamente às seis,- disse. Ele viu seu relógio. -Muito tarde para deter sua chegada.

-Se planejarem uma incursão grande, ela poderia ajudar, -pinjente.

Ele me dirigiu um olhar agudo. Como se queria me encaixar um pau bicudo em meu olho.

-Ela é uma adapto, não uma lobato, -recordou-me defensivamente.

Talvez ela se converteria em uma doninha ou um rato.

-É obvio, -pinjente seriamente. Literalmente me mordeu a língua assim não faria nenhum dos comentários que tinha na ponta, morrendo por ser ditos. -Alcide, pensa que o outro corpo era a noiva do Adabelle? Alguém que foi arranca-rabo na loja com o Adabelle quando as bruxas chegaram?

-Já que faltava muito do segundo corpo, espero que o corpo fora uma das bruxas. Espero que Adabelle morrera lutando.

-Eu também o espero. -Assenti, acabando com aquele trem de pensamentos. -Devo retornar ao Bon Temps. Eric despertará logo. Não esqueça lhe dizer a seu papai que estamos comprometidos.

Sua expressão me proporcionou a única diversão que tinha tido durante todo o dia.

Capítulo 6

Pensei durante todo o caminho a casa a respeito de meu dia no Shreveport. Tinha-lhe pedido ao Alcide chamar os polis do Bon Temps desde seu telefone celular, e ele conseguiu outra mensagem negativa. Não, eles não tinham ouvido nada mais sobre o Jason, e ninguém tinha chamado para dizer que o tinham visto. Assim não visitei a delegacia de polícia de volta a casa, mas tinha que ir à loja de comestíveis a comprar margarina e pão, e também tinha que me deter na loja de licores para recolher um pouco de sangue engarrafado.

A primeira coisa que vi quando empurrei para abrir a porta do Super Save-Ao Bunch (Economize-un-saco) foi uma pequena oferta de sangue sintético, que me salvou uma parada na loja de vinhos. A segunda coisa que vi foi o pôster com a cara do Eric. Assumi que esta era a foto que Eric se fez quando ele inaugurou *Fangtasia*, porque era uma fotografia muito pouco ameaçadora. Ele projetava uma atraente mundanería; nenhuma

pessoa neste universo pensaria que ele estava acostumado a morder algumas vezes. Estava encabeçado, “VIU VOCÊ A ESTE VAMPIRO?”

Li o texto com cuidado. Tudo o que Jason havia dito sobre ele era verdade. Cinquenta mil dólares era muito dinheiro. Esta Hallow devia estar realmente assobiada com o Eric para pagar tanto, se tudo o que queria era somente jogar um pó. Era difícil acreditar que tomar o controle da Fangtasia (e ter os serviços na cama do Eric) reportaria-lhe um ganho suficiente depois de pagar uma recompensa assim de grande. Estava cada vez mais duvidosa de conhecer a história inteira e estava cada vez mais segura que melhor tirava meu pescoço daí ou poderiam mordê-lo.

Hoyt Fortenberry, grande amigo do Jason, punha pizzas em seu carrinho no corredor dos congelados.

-Né, Sookie!, onde pensa que o velho Jason se meteu? -ele chamou logo que me viu. Hoyt, grande, forte e nenhum cientista em florações, pareceu sinceramente preocupado.

-Desejaria sabê-lo, -pinjente, vindo mais perto assim poderíamos falar sem que todo mundo na loja registrasse cada palavra. -Estou muito preocupada.

-Não pensa que ele sozinho partiu com alguma garota que encontrou? Aquela moça com a que estava na Véspera de ano novo era bastante Mona.

-Qual era seu nome?

-Crystal. Crystal Norris.

-De onde é élla?

-Do Hotshot, indo por lá. -Ele indicou com a cabeça fazia o Sul.

Hotshot era ainda mais pequeno que Bon Temps. Estava aproximadamente a dez milhas de distância e tinha reputação de ser uma pequena comunidade estranha. Os meninos do Hotshot que assistiram à escola do Bon Temps sempre se mantinham juntos, e todos eles eram um poquitín... diferente. Não me surpreendeu absolutamente que Crystal vivesse no Hotshot.

-Desse modo, -Hoyt disse, persistindo em fazer seu ponto, -Crystal poderia lhe haver pedido vir a ficar com ela. -Mas seu cérebro me dizia que não acreditava, ele só tratava de nos consolar a mim e a ele. Ambos sabíamos que Jason teria telefonado a está alturas, não importava o bem que a estivesse passando com qualquer mulher.

Mas decidi que faria uma chamada ao Crystal quando tivesse uns dez minutos livres, que não poderiam ser hoje na noite. Pedi ao Hoyt passar o nome do Crystal ao departamento do

xerife, e ele disse que o faria. Não pareceu muito feliz com a idéia. Poderia dizer que se o homem ausente tivesse sido alguém mais, e não Jason, Hoyt se teria negado. Mas Jason tinha sido sempre a fonte de recreação e diversão geral para o Hoyt, já que Jason era muitíssimo mais inteligente e criativo que, o lento-de-mover-se e lento-de-pensamento: Hoyt. Se Jason nunca reaparecesse, Hoyt teria uma vida oca e sem sentido.

Separamo-nos no estacionamento do Super *Save-Ao Bunch* (Economize-un-saco), e me senti aliviada que Hoyt não me tinha perguntado sobre a *TrueBlood* que tinha comprado. Tampouco a cajera, embora ela tivesse dirigido as garrafas com repugnância. Quando estava pagando por isso, tinha pensado em quanto se estava furando minha carteira desde que estava auspiciando ao Eric. A roupa e o sangue pesavam muito em meu pressuposto.

Estava escuro quando cheguei a minha casa e tirei as bolsas de plástico da loja de comestíveis do automóvel. Abri minha porta traseira e entrei, chamando o Eric quando acendi a luz da cozinha. Não ouvi nenhuma resposta, então guardei em seu sítio os comestíveis, deixando uma garrafa do *TrueBlood* no refrigerador, assim ele poderia tê-la à mão quando lhe desse fome. Tirei a escopeta de meu cajuela e a carreguei, pondo-a junto ao aquecedor de água. Tomei um minuto para chamar o departamento do xerife outra vez. Nenhuma notícia do Jason, disse o encarregado.

Recarreguei-me contra a parede da cozinha durante um comprido momento, me sentindo abatida. Não era uma coisa boa o vadiar, estando deprimida. Talvez deveria ir à sala de estar e colocar um filme na videogravadora, como entretenimento para o Eric. Ele já se repassou todas minhas cintas do *Buffy*, e não tinha *Angel*. Perguntei-me se gostaria *Do que o vento se levou*. (Por isso eu sabia, ele tinha estado por aqui quando a filmavam. Por outra parte, ele tinha amnésia. Algo seria nova para ele.)

Mas quando percorri o corredor, ouvi um pouco de movimento. Empurrei brandamente para abrir a porta de meu velho quarto, não querendo fazer muito ruído se meu convidado não estava fora ainda. Ah, mas ele já estava levantado. Eric se estava pondo seus jeans, de costas a mim. Ele não se tinha incomodado em metê-la roupa interior, nem sequer essas coisas micro-pequenas vermelhas. Meu fôlego se entupiu em minha garganta. Fiz um som como “Guck”, e me obrigue a fechar meus olhos bem apertados. Fechei meus punhos.

Se houvesse um concurso internacional de culos, Eric ganharia, por decisão unânime (mãos levantadas—ou traseiro à frente.) Ele conseguiria um troféu grande, grande. Nunca tivesse acreditado que uma mulher teria que lutar para manter suas mãos afastadas de um homem, mas aqui estava eu, enterrando minhas unhas nas Palmas, contemplando o interior de minhas pálpebras como se talvez pudesse ver através deles se olhava atentamente com a suficiente força.

De algum jeito era degradante, ansiar a alguém assim tão... tão vorazmente—outra boa palavra do calendário—só porque ele era fisicamente formoso. Tampouco tinha pensado que era algo que as mulheres fizessem.

-Sookie, encontra-te bem? -Eric perguntou. Lutei por retornar a meus cabais apesar da inundação de luxúria. Ele estava de pé diretamente diante de mim, suas mãos descansam sobre meus ombros. Elevei a vista a seus olhos azuis, agora enfocados em mim e, pelo visto, cheios com nada mais que preocupação. Estava justo ao mesmo nível de seus duros bicos da mamadeira. Eram do tamanho das borrachas nos lapices. Mordi-me o interior de meu lábio. *Não* me inclinaria aquelas poucas polegadas.

-me desculpe, -pinjente, falando muito brandamente. Estava assustada de falar em voz alta, ou fazer qualquer movimento absolutamente. Se o fizesse, poderia derrubá-lo diretamente no chão. -Não queria invadir sua privacidade. Deveria ter chamado.

-Já antes me tinha visto por completo.

Não a parte traseira, nua.

-Sim, mas me entremeter não foi cortês.

-Não me importa. Parece molesta.

Você crie?

-Bom, tive um dia muito mau, -pinjente, por entre meus dentes apertados. -Meu irmão está extraviado, e as bruxas lobato no Shreveport mataram a vice-presidente da matilha de lobatos de lá, e sua mão estava no te arrie. Bom, seria a mão de alguém. Belinda está o hospital. Ginger está morta. Acredito que tomarei uma ducha. -Girei sobre meus talões e parti rumo a meu quarto. Entrei no quarto de banho e me sacudi a roupa, as lançando no cesto. Morderia meu lábio até que pudesse rir de minha própria rajada grosseiramente instintiva, e logo me meti no rocio da água quente.

Sei que o mais tradicional som as duchas de água fria, mas eu desfrutava da calidez e a relaxação que trazia o calor. Quando tive meu cabelo molhado, andei a provas procurando o sabão.

-Farei isso para ti, -disse Eric, retirando a cortina para andar dentro na ducha comigo.

Ofeguei, um pouco parecido a um chiado. Ele tinha descartado os jeans. Ele estava também de humor, o mesmo humor no que eu me encontrava. Alguém podia sabê-lo (vê-lo) realmente com o Eric. Também suas presas estavam para fora. Estive envergonhada, horrorizada, e absolutamente lista para saltar sobre ele. Enquanto estava de pé sem me mover, paralisada por ondas de conflitivas emoções, Eric tomou o sabão de minhas mãos e ensaboou sua própria mão, retornou o sabão em seu pequeno nicho, e começou a lavar meus braços, levantando cada um por turno para acariciar minha axila, e meus flancos, sem

tocar meus peitos, que tremiam virtualmente como cachorritos que desejavam ser mimados e acariciados.

-Fizemos alguma vez o amor? -ele perguntou.

Sacudi minha cabeça, ainda incapaz de falar.

-Então fui um parvo, -disse ele, movendo uma mão em um movimento circular sobre meu estômago. -Excursão, amada.

Voltei-lhe as costas, e ele começou a trabalhar sobre ela. Seus dedos eram muito fortes e muito suaves, e, para quando Eric terminou, eu tive o par mas limpo e depravado de omoplatas de toda Luisiana.

Minhas omoplatas eram a única coisa relaxada a suas largas. Minha libido saltava de atraca-abajo. Ia realmente a fazer isto? Parecia cada vez mais provável que se, pensei nervosamente. Se o homem em minha ducha tivesse sido o Eric de sempre, eu teria tido a força de vontade para me jogar atrás. Lhe teria ordenado sair fora no mesmo minuto que ele andou dentro. O verdadeiro Eric vinha com um pacote inteiro de poder e política, algo no que eu tinha conhecimento limitado e interesse. Este era um Eric diferente—sem a personalidade com a que já me tinha afeiçoado, de um modo perverso—mas era um Eric formoso, que me desejava, que tinha fome de mim, em um mundo que muito miúdo me deixa saber que poderia estar muito bem sem mim. Minha mente esteve a ponto de apagar-se e meu corpo esteve a ponto de me assumir. Podia sentir a parte do Eric pressionando contra meu, e ele não estava tão perto. Caray. Yajúu. Yum.

Ele lavou com xampu meu cabelo depois.

-Treme porque estas assustada de mim? -ele perguntou.

Considerarei isto. Sim, e não. Mas não estava por ter uma discussão larga sobre os prós e os contra. O debate interior tinha sido suficientemente duro. Ah, sim, já sei, não existiria um melhor momento para ter um comprido discurso com o Eric sobre os aspectos morais do emparelhamento com alguém que um não amava. E talvez nunca haveria outro momento para pôr diretrizes a respeito de procurar ser suave comigo fisicamente. Não que eu pensasse que Eric me daria uma surra, mas sua erguida virilidade (como lhe chamam em minhas novelas românticas—embora neste caso os adjetivos populares como “inchado” ou “palpitante” poderiam ser também aplicados) era uma perspectiva desalentadora para uma mulher relativamente inexperiente como eu. Senti-me como um automóvel que só tinha sido feito funcionar por um condutor... um automóvel que seu aparente novo comprador estava determinado para levar-lhe pelas 500 da Daytona .

Ah, ao diabo estando pensando.

Tomei o sabão do nicho e ensaboei meus dedos. Dava um passo para estar mas perto dele, delicadamente preguei ao Sr. Happy contra o estômago do Eric, assim poderia alcançar a rodeá-lo e conseguir pôr meus dedos sobre aquele culo absolutamente magnífico. Não podia olhá-lo na cara, mas ele me deixou saber que estava fascinado que eu respondesse. Ele estendeu suas pernas atentamente e o lavei muito a fundo, muito meticulosamente. Ele começou a fazer pequenos ruídos, e a balançar-se. Comecei a trabalhar sobre seu peito. Fechei meus lábios ao redor de seu bico da mamadeira direita e chupei. Desfrutou-o de um montão. Suas mãos se apertaram contra a parte traseira de minha cabeça.

-Remói, um pouco, -sussurrou, e usei meus dentes. Suas mãos começaram a mover-se sem descanso sobre qualquer parte de minha pele que pudessem encontrar, acariciando e estimulando meu desejo por ele. Quando ele se tornou um pouco fazia atrás, foi porque tinha decidido corresponder, e se inclinou sobre mim. Enquanto sua boca se fechava sobre meu peito, sua mão se deslizou entre minhas pernas. Dava um suspiro profundo e fiz um pouco de movimento por meu mesma. Ele tinha dedos largos.

A seguinte coisa que soube, é que a água tinha deixado de correr e ele me secava com uma esponjosa toalha branca, e eu o esfregava com outra. Enquanto isso nos dedicávamos a nos beijar, repetidas vezes.

-A cama, -disse ele, com voz desigual, e assenti. Ele me elevou e logo entramos em uma espécie de enredo; eu querendo tirar o sobre-cama e ele querendo me pôr sobre-la-cama e seguir, mas o fiz a minha maneira porque fazia muito frio para estar sozinho com colcha. Uma vez que nos arrumamos, girei-me fazia ele e seguimos onde a tínhamos deixado, mas com um ritmo que se intensificou. Seus dedos e sua boca estavam ocupados aprendendo minha topografia, e ele se pressionou pesadamente contra minha coxa.

Ardia com tal intensidade por ele que estive surpreendida que as chamas não lançassem brilhos pelas gemas de meus dedos. Curvei meus dedos ao redor dele e o acariciei.

De repente Eric estava em cima de mim, preparado para entrar. Estava alvoroçada e muito, muito lista. Alcancei-o ansiosamente entre nós para pô-lo em posição, aproveitando para esfregar a ponta dele sobre minha protuberância.

-Amada, -disse ele em voz rouca, e empurrou.

Embora estava mas que preparada para recebê-lo, e dolorosamente desejosa do ter dentro de meu, lancei um grito pelo choque de seu tamanho.

depois de um momento, ele disse;

-Não feche seus olhos. Olhe fazia mim, amada. -O modo que ele disse “amada” parecia uma carícia, como se ele me chamasse por um nome que nenhum outro homem usaria alguma vez; antes ou depois. Suas presas estavam completamente estendidas e me estirei

para passar minha língua sobre eles. Esperei que ele mordesse meu pescoço, como fazia Bill quase sempre.

-me observe, -disse ele em meu ouvido, e se separou fazia atrás. Tentei atrai-lo de novo, mas ele começou a riscar um caminho de beijos descendente por meu corpo, fazendo paradas estratégicas, e eu me abatia sobre o bordo dourado quando ele chegou abaixo. Sua boca era talentosa, seus dedos tomaram o lugar de seu pênis, e logo depois de repente ele olhou ao longo de meu corpo para assegurar-se que eu olhava—o fazia—e ele dirigiu sua boca à cara interna de minha coxa, acariciando, e hociqueándolo, seus dedos se moviam constantemente agora, mais rápido e mais rápido, e logo ele mordeu.

Posso ter feito ruído, estou segura que o fiz, mas no segundo seguinte flutuava sobre a onda mais capitalista de prazer que jamais havia sentido alguma vez. E em um minuto a onda brilhante se expandiu, Eric beijava minha boca outra vez, pude provar meus próprios fluidos sobre ele, e logo ele esteve de novo dentro de mim, e a onda dourada volta uma vez mais. Seu momento chegou diretamente depois do meu, quando eu experimentava ainda estremecimentos. Ele gritou algo em uma língua que nunca tinha escutado, e fechou seus próprios olhos, logo sofreu um colapso em cima de mim. depois de um par de minutos, ele levantou sua cabeça para olhar abaixo. Desejei que ele pretendesse ao menos respirar, como sempre fazia Bill durante o sexo. (Eu nunca o tinha pedido, ele só o fazia, e era tranquilizador.) Apartei longe este pensamento. Nunca tinha tido sexo com alguém mais fora do Bill, e suponho que era natural pensar nisto, mas a verdade era que me doeu recordar meu prévio estado de um-só-homem, agora desvanecido para sempre.

Retornei a meu mesma dentro do Momento, estava passando-a estupidamente. Acariciei o cabelo do Eric, colocando alguns cabelos detrás de sua orelha. Seus olhos estavam absortos sobre meus, e sabia que ele esperava a que eu falasse.

-Desejaria, -pinjente, -poder guardar orgasmos em um pote para quando os necessito, porque acredito que tive uns quantos extra.

Os olhos do Eric se aumentaram, e de repente ele rugiu pela risada. Soou bem, soou ao verdadeiro Eric. Senti-me cômoda com este magnífico mas estranho desconhecido, depois de que ouvi aquela risada. Ele rodou sobre suas costas e me balançou facilmente até que estive sentada escarranchado sobre sua cintura.

-Se tivesse sabido que você seria tão bela sem roupa, teria tratado de fazer isto muito antes, -disse ele.

-Você realmente tratou de fazer isto antes, aproximadamente vinte vezes, -pinjente, sonriéndole.

-Então tenho bom gosto. -Ele vacilou durante um minuto comprido, um pouco de seu prazer abandonou sua cara. -me conte a respeito de nós. Quanto tempo tenho de te conhecer?

A luz do quarto de banho se derramou sobre a parte direita de sua cara. Seu cabelo estendido sobre meu travesseiro, brilhante e dourado.

-Tenho frio, -pinjente brandamente, e me deixou colocar ao lado dele, atirando as savanas sobre nós. Apoiei-me sobre um cotovelo e ele descanso sobre seu flanco, então nos olhamos o um ao outro. -me deixe pensar. Conheci-te o ano passado na Fangtasia, o bar vampiro que te pertence no Shreveport. E a propósito, o bar foi atacado hoje. Ontem à noite. Sinto muito, deveria te haver dito isto primeiro, mas estive tão preocupada com o de meu irmão.

-Quero ouvir a respeito de hoje, mas me diga nossa primeiro história. Encontro a meu mesmo enormemente interessado.

Outro pequeno choque: o verdadeiro Eric se preocupava com sua própria posição em primeiro lugar, as relações foram sobre—ah, não sei, em décimo lugar. Isto era definitivamente estranho. Disse-lhe;

-Você é o xerife de Área Cinco, e meu antigo noivo Bill é seu subordinado. Ele saiu que país. Acredito que já te contei sobre o Bill.

-Seu antigo noivo infiel? Quem seu criadora foi a vampira Lorena?

-Esse mesmo, -pinjente brevemente. -Como é, quando te conheci na Fangtasia...

Tudo isto tomou mais tempo do que pensei, e quando tinha terminado com o conto, as mãos do Eric estavam ocupadas outra vez. Ele fechou sua boca em um peito com suas presas estendidas, extraíndo um pequeno fio de sangue e um agudo grito afogado de mim, ele chupou poderosamente. Foi uma sensação estranha, porque ele conseguia o sangue e meu mamilo ao mesmo tempo. Doloroso e muito excitante—parecia que ele tomava o fluido de muito mais abaixo. Ofeguei e me arqueei com desejo, e de repente ele levantou minha perna assim poderia entrar em mim.

Esta vez não experimentei o choque da primeira vez, e foi mais lento. Eric quis que eu olhasse seus olhos; isto obviamente, punha-o a mil.

Estava exausta quando terminamos, embora me tivesse divertido enormemente. Tinha ouvido muito sobre homens que não lhes importava se a mulher obtinha seu prazer, ou possivelmente tais homens assumiam que se eles estavam satisfeitos, sua companhia também o estaria. Mas nenhum dos homens com os que eu tinha estado tinham sido assim.

Não sabia se era porque eles eram vampiros, ou porque tinha tido sorte, ou possivelmente ambas as coisas.

Eric me tinha adulado muito, e me dava conta que eu não lhe havia dito nada que indicasse minha admiração. Dificilmente parecia justo. Ele me sustentava, e minha cabeça estava sobre seu ombro. Murmurei em seu pescoço;

-É tão formoso.

-O que? -Claramente surpreso.

-Você me há dito que pensou que meu corpo era agradável. -Certamente não era o adjetivo que ele tinha usado, mas estive envergonhada de repetir suas palavras reais. -Somente quis que você soubesse que penso o mesmo de ti.

Pude sentir o movimento de seu peito quando ele riu, somente um poquinho.

-Que parte foi a que mais você gostou? -ele perguntou com sua voz brincando.

-Ah, seu culo, -pinjente imediatamente.

-Mi... traseiro?

-Ahá.

-Eu teria pensado em outra parte.

-Bom, essa certamente é... adequada, -disse-lhe, sepultando minha cara em seu peito. Soube imediatamente que tinha escolhido a palavra incorreta.

-*Adequada?* -Ele tomou minha mão, e a colocou sobre a parte em questão. Imediatamente começou a endurecer-se. Ele moveu minha mão sobre ela, e amavelmente o rodeei com meus dedos. -*Isto é adequado?*

-Talvez deveria haver dito graciosamente abundante?

-Graciosamente abundante. Eu gosto disso, -disse rendo.

Ele estava preparado outra vez, e francamente, eu não sabia se poderia. Estava tão adolorida ao ponto de me perguntar se ao dia seguinte caminharia de maneira engraçada.

Indiquei-lhe que estaria contente com outra alternativa me deslizando para baixo na cama entre suas coxas, e ele pareceu deleitado de corresponder. depois de outra sublime liberação, pensei que cada músculo em meu corpo se tornou em gelatina. Não falei mais da

preocupação que sentia sobre meu irmão, sobre as coisas terríveis que tinham passado no Shreveport, sobre nada desagradável. Sussurramo-nos algumas palavras sem sentido (por minha parte) e elogios mútuos, e logo estive nocauteada completamente. Não sei o que Eric fez durante o resto da noite, porque fiquei dormida.

Tinha muitas preocupações me esperando ao dia seguinte; mas graças ao Eric, durante umas horas preciosas isto não me preocupou.

Capítulo 7

À manhã seguinte, o sol brilhava fora quando despertei. Descansei na cama em um lânguido oásis de alegria. Estava adolorida, mas tão agradada. Tinha um ou dois pequenos moretones—nada que se visse. E os sinais de presa que eram uma revelação involuntária (como sempre), não estavam sobre meu pescoço, onde tinham estado no passado. Nenhum observador ocasional seria capaz de dizer que eu tinha desfrutado da companhia de um vampiro, e não tinha uma entrevista com meu ginecologista—a única outra pessoa que teria uma razão para comprovar aquela área.

Outra ducha se impunha definitivamente, assim que me levante da cama e me cambaleei através do chão rumo ao quarto de banho. Tínhamo-lo deixado feito uma confusão, com toalhas pulverizadas por toda parte e a cortina da ducha médio rasgada de seus aros plásticos (quando ocorreu *isso?*), mas não me importou recolhê-lo. Pendurei de novo a cortina com um sorriso sobre minha cara e uma canção em meu coração.

Quando a água correu sobre minhas costas, refleti que devo ser bastante simples. Não se necessita muito para me fazer feliz. Uma larga noite com um tipo morto tinha dado na essência. Não era somente o sexo dinâmico que me tinha dado tanto prazer (embora tivesse contido momentos que recordaria até o dia de minha morte); era o companheirismo. Realmente, a intimidade.

me chamem estereotipada. Tinha passado a noite com um homem que me havia dito que eu era formosa, um homem que tinha desfrutado de mim e quem me tinha dado um prazer intenso. Ele me havia meio doido, havia-me sustentido e se riu comigo. Não estávamos em perigo de fazer um bebê com nossos prazeres, porque os vampiros não podem fazer isto. Não era desleal com ninguém (embora confesse que tive algumas pontadas de culpa quando pensei no Bill), e tampouco o era Eric. Não podia ver o dano.

Quando escovei meus dentes e me pus um pouco de maquiagem, tive que me confessar a mim mesma que estava segura que o Reverendo Fullenwilder não estaria de acordo com meu ponto de vista.

Bom, não pensava ir dizer se o de todos os modos. Ficaria somente entre Deus e eu. E supus que como Deus me tinha criado com a discapacidad da telepatia, bem poderia fazer-se da vista gorda sobre a coisa sexual.

Tinha remorsos, certamente. Eu gostaria de me casar e ter bebês. Seria tão fiel como posso sê-lo. Seria uma boa mamãe, também. Mas não podia me casar com um tipo normal, porque sempre saberia quando ele me mentisse, quando ele estivesse zangado comigo, cada pensamento que ele tivesse sobre mim. Inclusive sair com um tipo normal era mais do que eu tinha sido capaz de dirigir. Os vampiros não podem casar-se, ainda não, não legalmente; não que um vampiro me tenha perguntado isso, recordei-me, lançando uma toalha no cesto um pouco energicamente. Possivelmente poderia manter uma relação larga com um Lobato ou um Adapto, já que seus pensamentos não eram claros. Mas ali de novo existia a pergunta, onde estava o complacente Lobato?

Deveria desfrutar do que tinha neste momento—algo que comecei a fazer muito seguido. O que tinha era um formoso vampiro que tinha perdido temporalmente sua memória e, junto com ela, a maior parte de sua personalidade: um vampiro que necessitava confiança igual a eu.

De fato, quando me pus meus pendentes, entendi que Eric tinha estado tão deleitado comigo por mais de uma razão. Podia ver que, depois de dias de estar completamente sem memória de suas posses ou subordinados, dias de carecer de qualquer sentido de se mesmo, ontem à noite ele tinha ganho algo próprio—eu. Seu amante.

Embora estava de pé diante de um espelho, não via realmente meu reflexo. Eu via, muito claramente, que—no momento—eu era tudo no mundo no qual Eric podia pensar como próprio.

Seria melhor não lhe falhar.

Rapidamente me estava rebaixando eu mesma de “felicidade distendida” a “culpabilidade severo”, assim que me senti aliviada quando o telefone soou. Tinha incorporado VAI, e notei que Sam chamava do bar, em vez de seu reboque.

-Sookie?

-Né!, Sam.

-Sinto o do Jason. Alguma notícia?

-Não. Chamei o departamento do xerife quando despertei, e me dirigi ao encarregado em turno. Ela disse que Alcee Beck me avisaria se surgir algo novo. Isto é o que ela há dito as passadas vinte vezes que chamei.

-Quer que consiga a alguém para tomar seu turno?

-Não. Sera melhor para mim para estar ocupada, que sentada aqui em casa. Eles sabem onde me localizar se tiverem algo para me dizer.

-Segura?

-Sim. Obrigado por perguntar, de todos os modos.

-Se posso fazer algo para ajudar, deixe-me saber.

-Pensando-o bem, sim, há algo.

-Nomeia-o.

-Recorda a pequena adapto com a que Jason estava no bar a Véspera de ano novo?

Sam pensou um pouco.

-Sim, -disse com vacilação. -Uma das moças Norris? Eles vivem fora daqui no Hotshot.

-Isto é o que Hoyt disse.

-Tem que tomar cuidado com a gente daí, Sookie. Esse é um velho povoado. Uma colônia inata.

Não estava segura o que Sam tratava de me dizer.

-Poderia ser mais explicito? Não estou em condições de desentranhar indiretas sutis hoje.

-Não posso agora mesmo.

-Ah, não está só?

-Não. O tipo que entrega as rolhas está aqui. Só tome cuidado. Realmente, eles são muito diferentes.

-Bem, -pinjente devagar, ainda às cegas. -Tomarei cuidado. Verei-te as quatro e trinta, -disse-lhe, e pendurei, vagamente descontente e bastante perplexa.

Tinha suficiente tempo para ir ao Hotshot e retornar antes de que tivesse que ir trabalhar. Pu-me uns jeans, sapatilhas de esporte, uma brilhante canção vermelha de manga larga, e meu velho casaco azul. Procurei a direção do Crystal Norris na guia Telefónica e tubo que tirar meu mapa da câmara do comércio para detectá-lo. vivi na Região Renard minha vida

inteira, e pensei que a conhecia bastante bem, mas a área do Hotshot era um buraco negro dentro de mim, por outro lado, acurado conhecimento.

Conduzi ao norte, e quando cheguei ao cruzamento em T, dava volta à direita. Passei a planta procesadora de madeiros que era o principal empregador do Bon Temps, e passei um local novo de estofados, e voei por diante do departamento de água. Havia uma loja de licores ou dois, e logo uma loja regional em uma intercessão que tinha um proeminente letreiro CERVEJA FRIA E CEVA deixada para o verão e vendo fazia o caminho. Dava volta à direita outra vez, rumo ao sul.

Mais profundo entrei no pampa, parecia que pior ficava o caminho. Equipes de manutenção e segar não tinham estado por aqui desde finais do verão. Os residentes da comunidade Hotshot não tinham nenhum status especial no governo da região, ou eles não queriam receber visitantes. De tanto em tanto, o caminho declinava em algumas áreas baixas entre canais. Em chuvas pesadas, os pontos baixos se alagariam. Não me surpreenderia absolutamente ouvir que as pessoas de por aqui encontravam algum jacaré ocasionalmente.

Finalmente cheguei a outra intercessão, comparada com esta a da loja da ceva pareceu uma alameda. Havia umas casas dispersas ao redor, talvez oito ou nove. Eram cabanas, nenhuma delas de tijolo. A maior parte tinham vários automóveis na jarda dianteira. Algumas tinham coisas esportivas ou um aro de basquete, e em um par de jardas detectei antenas parabólicas. De maneira estranha, todas as casas pareciam separadas da intercessão atual; a área diretamente ao redor da intercessão do caminho estava deserta. Pareceu que alguém tinha pacote uma corda a uma estaca, afundou-a no meio do cruzamento e desenhou um círculo. dentro dele, não havia nada. Fora dele, as casas o rodeavam.

Em minha experiência, em um pequeno povoado como este, alguém encontraria a mesma classe de gente que existia em todas partes. Algumas seriam pobres, orgulhosas e boas. Algumas seriam pobres sem orgulho e sem valor. Mas todos eles se conheceriam o um ao outro a fundo, e nenhuma ação passaria desapercibida.

Durante este dia frio, não vi uma só alma ao ar livre para me avisar se esta era uma comunidade negra ou uma comunidade branca. Muito pouco provável que fora ambas. Perguntei-me se estaria na intercessão correta, mas minhas dúvidas se desvaneceram quando vi um sinal de imitação verde de trânsito, a classe que alguém pode ordenar por catálogo, montada sobre um poste diante de uma das casas. lia-se, HOTSHOT.

Estava no lugar correto. Agora, a encontrar a casa do Crystal Norris.

Com um pouco de dificuldade, divise um número sobre uma rolha oxidada, e logo vi outro. Por processo de eliminação, calculei que a seguinte casa devia ser onde Crystal Norris vivia. A casa do Norris era um pouco diferente das demais; tinha um pequeno alpendre dianteiro com uma velha poltrona e duas cadeiras de grama sobre ele, e dois automóveis estacionados no fronte, um Ford Festa e o outro um antigo Buick.

Quando estacionei e saí, precava-me do que era tão insólito sobre o Hotshot.

Não havia nenhum cão.

Qualquer outra comunidade que luzisse como esta teria ao menos doze cães moendo ao redor, e me perguntei se seria seguro o sair do automóvel. Aqui, nem um só gemido rompeu o silêncio inercial.

Atravessei a suja jarda, sentindo como se vários olhos estivessem sobre cada passo que dava. Abri a porta com o mosquiteiro rasgado para chamar sobre a porta mais pesada de madeira. Era um modelo com três painéis de cristal. Uns olhos escuros me contemplaram pelo mais baixo.

A porta se abriu, justo quando a demora começava a me pôr preocupada.

A entrevista do Jason durante a Véspera de ano novo estava menos festiva hoje, em jeans negros e uma camiseta suja cor nata. Suas botas tinham vindo do Payless (Pague-me isso e seu cabelo curto encaracolado era uma espécie de negro poeirento. Ela era magra, vibrante, e embora eu tinha controlado sua licença, ela não luzia de vinte e um.

-Crystal Norris?

-Ahá? -Não soou particularmente pouco amistosa, mas soou realmente preocupada.

-Sou a irmã do Jason Stackhouse, Sookie.

-Ah, sim? Entra. -Ela se fez a um lado, e andei na diminuta sala de estar. Estava lotada por mobiliário feito para um espaço muito maior: duas poltronas reclináveis e um canapé de três almofadas marrom escura do Naugahyde, os botões grandes separavam o vinil em pequenos montículos. Alguém ficaria pega ali no verão e se escorregaria no inverno. Os miolos se reuniram na depressão ao redor dos botões.

Havia uma manta manchada em vermelho escuro com amarelo e café, e havia brinquedos pulverizados como uma sólida capa sobre ela. Um quadro do Último Jantar pendurava em cima do televisor, e a casa inteira cheirava agradavelmente a feijões vermelhos, arroz e pão de milho.

Um menino experimentava com Duplos na entrada à cozinha. Pensei que era um menino, mas era difícil estar segura. As calças e um suéter verde com pescoço de tartaruga não eram exatamente uma pista, e o cabelo castanho claro do bebê não estava nem recortado curto, nem tinha algum coque.

-Seu menino? - Perguntei, tratando de fazer minha voz agradável e coloquial.

-Não, de minha irmã, -disse Crystal. Ela gesticulou por volta de uma das poltronas reclináveis.

-Cristal, a razão pela que estou aqui... Sabia que Jason está extraviado?

Ela estava sentada na esquina do braço da poltrona, e tinha estado vendo suas mãos magras. Quando falei, ela olhou meus olhos atentamente. Estas não eram notícias novas para ela.

-Desde quando? -ela perguntou. Sua voz tinha uma agradável rouquidão; a gente escutaria o que esta garota tinha que dizer, sobre tudo se esse um fora um homem.

-Da noite de primeiro de janeiro. Ele deixou minha casa, e logo a manhã seguinte ele não chegou a trabalhar. Havia algo de sangue sobre aquele pequeno mole de embarque na parte traseira de sua casa. Sua caminhonete estava ainda em sua jarda dianteira. A porta dela pendurava aberta.

-Não sei nada sobre isso, -disse imediatamente.

Ela mentia.

-Quem te disse que tenho algo que ver com isto? -ela perguntou, ficando maledicente. – Tenho direitos. Não tenho porque falar contigo.

Venha já, essa seria a Emenda 29 da Constituição: os Adaptos não têm que falar com o Sookie Stackhouse.

-Sim, tem que fazê-lo. -De repente, abandonei a atitude agradável. Ela tinha pressionado o botão equivocado sobre mim. -Não me pareço com ti. Não tenho uma irmã ou um sobrinho, -e indiquei com a cabeça ao menino, calculando que tinha cinqüenta-e cinqüenta de probabilidades de ter razão. -Não tenho uma mamãe ou um papai ou nada, *ninguém*, exceto meu irmão. -Suspirei. -Quero saber onde está Jason. E se seu sabe algo, melhor me diz isso.

-Ou fará o que? -Sua cara magra se contorsionou em um grunhido. Mas ela sinceramente quis saber que tipo de alavanca tinha; pude lê-la a esse ponto.

-Sim, o que fará? -perguntou uma voz mais tranquila.

Volteei fazia a entrada para encontrar a um homem que, provavelmente, estava próximo aos quarenta. Ele tinha uma barba recortada salpicada de cor cinza, e seu cabelo estava talhado ao corte de barba. Ele era um homem baixo, possivelmente cinco pés com sete mais ou menos, com corpo ágil e braços musculosos.

-O que seja que tenha que fazer, -pinjente. Olhei-o diretamente nos olhos. Eram de um estranho verde dourado. Ele não pareceu hostil, exatamente. Ele luzia curioso.

-por que está aqui? -ele perguntou, outra vez com aquela voz neutra.

-Quem é você? -Tinha que saber quem era este tipo. Não ia perder meu tempo repetindo minha história a alguém que somente queria matar o tempo e não tinha nada melhor que fazer. Considerando seu ar de autoridade, e o fato que ele não optava pela beligerância absurda e sem sentido, quis apostar que valia a pena dirigir-se a este homem.

-Sou Calvin Norris. Sou o tio do Crystal. -De seu modelo cerebral, ele era também um adaptado de alguma classe. Considerando a ausência de cães neste estabelecimento, assumi que eles eram Lobatos.

-Sr.Norris, sou Sookie Stackhouse. -Não imaginei o incremento de interesse em sua expressão. -Sua sobrinha aqui presente foi à festa de Véspera de ano novo no Bar *Merlotte's* com meu irmão, Jason. Em algum momento da seguinte noite, meu irmão desapareceu. Quero saber se Crystal pode me dizer algo que poderia me ajudar a encontrá-lo.

Calvin Norris aplaudiu carinhoso a cabeça do menino, e logo caminhou à poltrona onde Crystal franzia o cenho. Ele se sentou ao lado dela, seus cotovelos descansando sobre seus joelhos, suas mãos relaxadas, pendendo entre eles. Sua cabeça se inclinou quando ele examinou a cara mal-humorada do Crystal.

-Isto é razoável, Crystal. A moça quer saber onde está seu irmão. Lhe diga, se souber algo sobre isso.

Crystal lhe espetou:

-por que deveria lhe dizer algo? Ela veio aqui tentando me ameaçar em minha própria casa.

-Porque é a cortesia mas comum o ajudar a alguém com problemas. Você não te ofereceu exatamente a ajudar, verdade?

-Não pensei que tinha desaparecido. Pensei que ele... -e sua voz se interrompeu quando se dió conta que sua língua a tinha metido em confusões.

O corpo inteiro do Calvin se esticou. Ele não tinha esperado que Crystal realmente soubesse algo sobre o desaparecimento do Jason. Ele sozinho queria que ela fora cortês comigo. Podia ler isto, mas não muito além disso. Não podia decifrar sua relação. Ele tinha poder sobre a garota, poderia dizê-lo muito facilmente, mas de que classe? Era mais que a autoridade de um tio; senti mas bem que ele era seu reglamentador. Ele poderia levar posta

velha roupa de trabalho e botas de segurança, poderia parecer-se com qualquer homem trabalhador na área, mas Calvin Norris era muito mais que isso.

Packmaster, pensei. Mas quem estaria em um grupo, tão afastado no quinto inferno? Somente Crystal? Então recordei a velada advertência do Sam sobre a natureza insólita do Hotshot, e tive uma revelação. *Todos* no Hotshot eram dobre-natura.

Era possível? Não estava completamente segura que Calvin Norris fora um Lobato—mas eu sabia que ele não trocava em nenhum coelhinho. Tive que lutar contra o impulso quase irresistível de me inclinar e pôr minha mão sobre seu antebraço, tocar pele com pele para ler sua mente tão claramente como me fora possível.

De uma coisa estava completamente segura: não queria estar em nenhuma parte ao redor do Hotshot durante as três noites da lua enche.

-Você é a garçonete no Merlotte's, -disse, examinando meus olhos tão atentamente como ele tinha examinado os do Crystal.

-Sou *uma* garçonete no Merlotte's.

-Você é uma amiga do Sam.

-Sim, -pinjente com cuidado. -Sou-o. Sou amiga do Alcide Herveaux, também. E conheço coronel Flood.

Estes nomes significaram algo para o Calvin Norris. Não estive surpreendida que Norris conhecesse os nomes de alguns Lobatos proeminentes do Shreveport—e ele conhecia o Sam, certamente. Tinha-lhe tomado tempo a meu chefe unir-se com a comunidade local dos dobre-natura, mas ele tinha estado trabalhando sobre isso.

Crystal tinha estado escutando com seus olhos escuros alargados, de maneira nenhuma com melhor ânimo que antes. Uma moça que tinha posta calças de trabalho apareceu pela parte traseira da casa, e levantou o menino de sua torre de Duplos. Embora sua cara fora arredondada, menos distintiva e sua figura era mais enche, ela era claramente a irmã mais jóven do Crystal. Pelo visto, estava também grávida de novo.

-Necessita algo, Tio Calvin? -ela perguntou, me contemplando sobre o ombro do menino.

-Não, Dawn. Cuida do Matthew. -Ela desapareceu por uma porta da casa com sua carga. Tinha-lhe oportuno ao sexo do menino.

-Crystal, -disse Calvin Norris, com uma voz tranqüila e aterradora, -diz-nos agora que tem feito.

Crystal tinha acreditado que ela se escapou por um cabelo, e esteve impressionada sendo ordenada a confessar.

Mas ela obedeceria. Algo reticente, mas o faria.

-Eu saí com o Jason durante a Véspera de ano novo, -disse ela. -Conheci-o no *Wal-Mart* do Bon Temps, quando entrei para comprar um moedeiro.

Suspirei. Jason poderia encontrar potenciais companheiras de cama em todas partes. Ele ia terminar com alguma enfermidade desagradável (se não a tinha já) ou metido em um pleito de paternidade, e não havia nada que eu podia fazer sobre isso, exceto me sentar a esperar.

-Perguntou-me se queria passar a Véspera de ano novo com ele. Tive a impressão de que a mulher com a que ele tinha ficado para ir tinha trocado de opinião, porque ele não é a classe de tipo que iria a uma festa tão importante sem ninguém.

Encolhi-me de ombros. Jason poderia ter feito e desfeito compromissos com cinco mulheres durante a Véspera de ano novo, por tudo o que eu sabia. E era bastante freqüente que as mulheres se exasperassem muitíssimo, por sua contínua busca de algo que levasse vagina, que cancelarão seus projetos com ele.

-É um tipo muito bonito, e eu gosto de sair do Hotshot, assim que lhe disse sim. Ele me perguntou se vinha a me recolher, mas como já sei que alguns de meus vizinhos não lhes pareceria, então lhe disse que o encontraria na estação Fina, e logo iríamos em sua caminhonete. Foi o que fizemos. E como a passei bem, me fui casa com ele, e tivemos uma boa noite. -Seus olhos brilharam fazia mim. -Quer saber como é na cama?

Houve um movimento impreciso, e logo havia sangue na esquina de sua boca. A mão do Calvin pendeu de volta entre suas pernas antes de que inclusive eu me desse conta que se moveu.

-Sei cortês. Não mostre sua pior cara a esta mulher, -ele disse, e sua voz era tão séria que eu decidi também ser corte, só no caso de.

-Está bem. Suponho que isso não foi simpático, -confessou ela, com uma voz mais suave e castigada. -Bom, quis vê-lo-a noite seguinte, também, e ele quis lombriga outra vez. Então me dirigi para fora e me aproximei de sua casa. Ele teve que partir para ver sua irmã—você? É a única irmã que ele tem?

Assenti.

-E ele me disse de ficar ali, que voltaria dentro de pouco. Quis ir com ele, mas disse que se sua irmã não tivesse companhia, estaria bem, mas que como ela tinha companhia de vampiros, não queria que me mesclasse com eles.

Suponho que Jason sabia qual seria minha opinião a respeito do Crystal Norris, e ele quis esquivar o sermão, por isso ele a deixou em sua casa.

-Retorno a sua casa? -Calvin disse, lhe dando uma cotovelada para tirar a de seu sonho.

-Sim, -ela disse, e eu me estiquei.

-O que passou então? -Calvin perguntou, quando ela se deteve outra vez.

-Não estou muito segura, -disse ela. -Eu estava na casa, esperando por ele, e ouvi chegar sua caminhonete, e pensei, “Ah, que bom, já chegou, poderemos nos divertir”, e logo como não o ouvi subir os degraus dianteiros, perguntei-me o que aconteceu, você sabe? Certamente todas as luzes exteriores estavam presas, mas não me aproximei da janela, porque já sabia que era ele. -Claro, uma Lobato reconheceria seus passos, talvez agarraria seu aroma. -Pu-me a escutar a sério, -continuou ela, -e o ouvi indo ao redor do exterior da casa, então pensei que ele ia entrar pela porta de atrás, por alguma razão—expulsa lamacentas, ou algo.

Suspirei. Ela chegaria ao ponto em um minuto. Só que como demorava.

-E logo, a costas da casa, um pouco mais longe, algumas jardas afastadas do alpendre, ouvi muito ruído, e alguns gritos e essas coisas, e logo nada.

Se ela não tivesse sido uma adapto, não teria ouvido tanto. Já vêem, sabia que encontraria o lado positivo se procurava o suficiente.

-Saiu a olhar? -Calvin perguntou ao Crystal. Sua mão se elevou para acariciou seus cachos negros, como se ele estivesse aplaudindo a seu cão favorito.

-Não senhor, não olhei.

-Cheirou algo?

-Não me aproxime tanto, -admitiu ela, já um pouco menos huraña. -O vento soprava fazia o outro caminho. Agarrei um essência do Jason, e sangue. Talvez várias outras coisas.

-Como o que?

Crystal observo suas próprias mãos.

-Adapto, talvez. Alguns de nós podem trocar-se quando não é lua enche, mas eu não posso. Por outra parte, assim teria tido uma melhor possibilidade no aroma, -disse-me ela quase desculpando-se.

-Vampiro? -Calvin perguntou.

-Nunca cheirei a um vampiro antes, -disse ela simplesmente. -Não sei.

-Bruxa? -Perguntei.

-Cheiram diferente da gente normal? -ela perguntou dudosamente.

Encolhi-me de ombros. Não sabia.

Calvin disse;

-O que fez depois disto?

-Eu sabia que algo se levou ao Jason nos bosques. É só que... perdi-o. Não sou valente. -Ela se encolheu de ombros. -Retornei a casa depois disto. Não podia fazer nada mais.

Tratei de não chorar, mas as lágrimas rodaram sob minhas bochechas. Pela primeira vez, admiti ante mim mesma que não estava segura que veria alguma vez a meu irmão outra vez. Mas se a intenção do atacante era matar ao Jason, por que não somente deixar seu corpo no pátio de atrás? Como Crystal tinha indicado, a noite do Dia do Ano Novo não houve lua enche. Havia coisas que não tinham que esperar a lua enche...

A coisa negativa sobre a aprendizagem a respeito de todas as criaturas que existem no mundo, além de nós, consiste em que eu podia imaginar que havia coisas que se poderiam engolir ao Jason inteiro. Ou depois de uns quantos dentadas.

Mas não podia me permitir pensar a respeito disto. Apesar de que ainda chorava, fiz um esforço por sorrir.

-Agradeço-lhe isso tanto, -pinjente cortesmente. -Foi muito lindo de sua parte tomar o tempo para ver-me. Sei que deve ter outras coisas que fazer.

Crystal me olhou sospechosamente, mas seu tio Calvin alcançou e acariciou minha mão, o que pareceu nos surpreender a todos, incluído ele mesmo.

Ele me acompanhou para fora rumo a meu automóvel. O céu se estava nublando, o que fez sentir mais o frio, e o vento começou a sacudir os ramos nus dos arbustos grandes plantados ao redor da jarda. Reconheci campainhas amarelas (que nos viveiros chamam forsythia), e spirea, e até um vaso de tulipas. ao redor deles teria plantados bulbos de junquilha, e lírios—as mesmas flores que estão na jarda de minha avó, os mesmos arbustos que cresceram em jardas do Sul por gerações. Agora mesmo tudo pareceu triste e sórdido. Na

primavera, pareceria quase encantador, pitoresco; o decaimento da pobreza adornada por Mãe Natureza.

Duas ou três casas rua abaixo, um homem saiu de um abrigo detrás de sua casa, jogou uma olhada a nosso passo, e fez um dobro rodeio para nos evitar. depois de um momento comprido, ele trotou dentro de sua casa. Estava muito longe para distinguir muito além do grosso cabelo pálido, mas sua graça era fenomenal. A gente de por aqui mais que lhe desgostar os forasteiros; pareciam ser alérgicos a eles.

-Essa daí é minha casa, -ofereceu Calvin, assinalando a uma casa muito mais substancial, pequena mas bem feita, grafite de branco muito recentemente. Tudo estava bem mantido na casa do Calvin Norris. O meio-fio e a área de estacionamento estavam claramente definidas; o abrigo branco de ferramentas para jogo e estava sem enferrujar sobre uma laje de concreto muito ordenado.

Assenti com a cabeça.

-Parece muito agradável, -disse com uma voz que não era muito firme.

-Quero lhe fazer uma oferta, -disse Calvin Norris.

Tratei de parecer interessada. Médio me girei para confrontá-lo.

-Você é uma mulher desprotegida agora, -disse ele. -Seu irmão se foi. Espero que ele volte, mas você não tem a ninguém para defendê-la enquanto ele falta.

Havia muitas coisas errôneas com este discurso, mas não andava de humor para debater com o adapto. Ele me tinha feito um grande favor, conseguindo que Crystal falasse. Estive de pé ali no vento frio e tratei de parecer educadamente receptiva.

-Se necessitar algum lugar para te esconder, se necessitar alguém para cuidar suas costas ou te defender, serei você homem, -disse ele. Seus olhos verdes dourados se encontraram diretamente com meus.

Direi-lhes por que não desprezei isto com um bufo: Ele não estava dando-se ares de superioridade sobre isto. Segundo seus costumes, ele estava sendo tão agradável como ele podia sê-lo, me estendendo um escudo se eu pudesse necessitá-lo. É obvio, ele esperou “ser meu homem” em todos sentidos, junto com proteger; mas ele não era lascivo de nenhuma forma, ou de maneira ofensivamente explícita. Calvin Norris se oferecia a incorrer em feridas por mim. Dizia-o a sério. Isto não é algo para encher o saco-se ou sobre o qual se chateie uma.

-Agradeço-lhe isso, -pinjente. -Recordarei que disse isto.

-Escutei sobre ti, -disse ele. -Adaptos e Lobatos, eles falam o um com o outro. Ouvi que é diferente.

-Sou-o. -Os homens normais poderiam ter encontrado meu pacote externo atrativo, mas meu pacote interior os repeliu. Se alguma vez começarão a subir as fumaças, depois da atenção que me punham Eric, ou Bill, ou até o Alcide, tudo o que tinha que fazer era escutar os miolos de alguns paroquianos do bar para desinflar meu ego. Apertei meu velho casaco azul mais estreitamente ao redor de mim. Como a maior parte dos dobre-natura, Calvin tinha um sistema que não sentia o frio tão intensamente como meu metabolismo por completo humano. -Mas minha diferença não reside em ser dobre-natura, embora apreciou você, ah, gentileza. -Isto foi o mais próximo que pude lhe perguntar por que ele estava tão interessado.

-Já sei isto. -Ele assentiu com a cabeça em reconhecimento por minha delicadeza. -Realmente, isto te faz mais... A coisa é que, aqui no Hotshot, praticamos a endogamia muito. Escutou ao Crystal. Ela pode trocar-se só na lua enche, e francamente, até com isso ela não é muito poderosa. -Ele assinalou sua própria cara. -Meus olhos dificilmente passam como humanos. Precisamos uma infusão de sangue novo, novos gens. Você não é dobre-natura, mas não é exatamente uma mulher ordinária. As mulheres ordinárias não duram muito tempo aqui.

Vale, era um caminho sinistro e ambíguo de expô-lo. Mas tendo a ser pormenorizada, e tratei de me olhar como se entendesse. De fato, entendi-o realmente, e podia apreciar sua preocupação. Calvin Norris era claramente o líder desta localidade tão fora do comum, e seu futuro era sua responsabilidade.

Ele franzia o cenho quando viu rua abaixo a casa onde tínhamos visto o homem. Mas deu volta fazia meu para terminar de me dizer o que ele queria que eu soubesse.

-Penso que você gostaria da gente aqui, e você seria um bom pé de cria. Posso vê-lo simples vista.

Este foi um elogio verdadeiramente insólito. Não pude pensar em uma maneira apropriada de agradecer-lo.

-Estou adulada que pense assim, e avaliação sua oferta. Recordarei o disse. -Fiz uma pausa para reagrupar meus pensamentos. -Seu sabe, que a polícia averiguará que Crystal estava com o Jason, se eles não souberem já. Virão aqui, também.

-Não encontrarão nada, -disse Calvin Norris. Seus olhos verdes dourados se encontraram com meus, fracamente divertidos. -Eles estiveram aqui em outras ocasiões; estarão aqui outra vez. Nunca encontram nada. Espero que localize a seu irmão. Se necessitar ajuda, avisa-me. Consegui um trabalho no Norcross. Sou um homem estável.

-Obrigado, -pinjente, e entrei em meu automóvel com um sentimento de alívio. Dava ao Calvin uma cabeçada séria enquanto jogava de reversa do meio-fio do Crystal. Assim que ele trabalhava no Norcross, a planta procesadora de madeiros. Norcross tinha bons benefícios, e eles promoviam de dentro aos empregados. Uma coisa era segura; tinha recebido ofertas piores.

Quando conduzi rumo ao trabalho, perguntei-me se Crystal teria estado tratando de embarçar-se durante suas noites com o Jason. Absolutamente tinha parecido incomodar ao Calvin ouvir que sua sobrinha tinha tido sexo com um homem estranho. Alcide me havia dito que os Lobatos têm que reproduzir-se com o Lobatos para produzir a um bebê que tenha o mesmo rasgo, pelo visto, os habitantes desta pequena comunidade tratavam de diversificar-se. Talvez estes sub-lobatos tratavam de reproduzir-se fora; quer dizer, ter meninos com a gente normal. Isto seria melhor que ter uma geração do Lobatos cujos poderes eram tão fracos que não podiam funcionar com êxito em sua segunda natureza, mas quem tampouco podia ser contados como pessoas normais.

Chegar ao Merlotte's foi como dirigir de um século a outro. Perguntei-me desde quando a gente do Hotshot tinha estado amontoadada ao redor da intercessão, e que significancia teria tido ao princípio para eles. Embora estava um pelín curiosa a respeito disso, encontrei-me que era um verdadeiro alívio desprezar estas interrogantes e voltar para mundo que eu conhecia.

Essa tarde, o pequeno mundo do Bar *Merlotte's* estava muito tranqüilo. Troquei-me, atei-me o avental negro, alisei meu cabelo, e lavei minhas mãos. Sam estava detrás da barra com seus braços cruzados em seu peito, olhando fixamente no espaço. Holly levava uma jarra de cerveja a uma mesa onde um forasteiro solitário estava sentado.

-Como foi Hotshot? -Sam perguntou, já que éstabamos sós na barra.

-Muito estranho.

Ele me acariciou sobre o ombro.

-Averiguou algo útil?

-Realmente, fiz-o. Solo que não estou segura o que signifique. -Sam necessitava um corte de cabelo, notei; seu encaracolado cabelo loiro-avermelhado formava um arco ao redor de sua cara em uma espécie de efeito de Anjo do renascimento.

-Conheceu o Calvin Norris?

-Fiz-o. Ele obteve que Crystal falasse comigo, e ele me fez a oferta mais insólita.

-Como é isso?

-Direi-lhe isso outro dia. -Por minha vida que não podia imaginar como expressá-lo. Vi abaixo minhas mãos, que estavam ocupadas enxaguando um pote de cerveja, e pude sentir como minhas bochechas ardiam.

-Calvin é um bom tipo, por isso sei, -disse Sam devagar. -Ele trabalha no Norcross, e é supervisor de equipe. Bom seguro, pacote de retiro, tudo. Alguns outros tipos do Hotshot administram uma loja de soldar. ouvi que eles têm muito trabalho e são bons nele. Mas não sei o que acontece Hotshot depois de que eles se vão a casa de noite, e não penso que alguém mais saiba, tampouco. Conheceu xerife Dowdy, John Dowdy? Ele era o xerife antes de que eu me mudasse aqui, acredito.

-Ahá, recordo-o. Ele enjaulou ao Jason uma vez por vandalismo. Abue teve que ir tirar o do cárcere. O Xerife Dowdy deu uma castigo tão efetivo ao Jason que o manteve assustado e direito, ao menos por um ratito.

-Sid Matt me contou a história uma noite. Parece que uma primavera, John Dowdy saiu ao Hotshot para deter o irmão maior do Calvin Norris, Carlton.

-por que foi? -Sid Matt Lancaster era um advogado velho e bem conhecido.

-Violação regulamentar. A moça quis, e era até experimentada, mas ela era menor de idade e tinha padrasto novo. Ele decidiu que Carlton lhe tinha faltado ao respeito.

Não havia nenhum postura politicamente correta para cobrir todas aquelas circunstâncias.

-Logo o que passou?

-Ninguém sabe. Mas tarde aquela noite, o automóvel patrulha do John Dowdy foi encontrado a metade de caminho entre a cidade do Hotshot. Ninguém dentro. Nenhum sangue, nenhuma impressão digital. Ele não tornou a ser visto após. Ninguém no Hotshot recordava havê-lo visto esse dia, eles disseram.

-Como Jason, -pinjente tristemente. -Ele sozinho desapareceu.

-Mas Jason estava em sua própria casa, e segundo você, Crystal não pareceu estar implicada.

Pus disto lado e me concentre na pequena história estranha.

-Tem razão. Averiguou alguma vez alguém o que aconteceu o Xerife Dowdy?

-Não. Mas tampouco ninguém voltou a ver o Carlton Norris outra vez.

Agora, esta era a parte interessante.

-E a moral desta história é?

-Que a gente do Hotshot aplica sua própria justiça.

-Então um os quer de seu lado. -Extraí minha própria moral da história.

-Sim, -Sam disse. -Um, definitivamente, quê-los de seu lado. Não te lembra disto? Foi faz como quinze anos.

-Eu lutava com meus próprios problemas então, -expliquei. Tinha ficado órfã e tinha nove anos, me enfrentando com meus crescentes poderes telepáticos.

Pouco depois disto, a gente começou a deter-se no bar sobre seu caminho do trabalho a casa. Sam e eu não conseguimos uma possibilidade mais para falar o resto da tarde, o que esteve bem comigo. Era muito aficionada ao Sam, que tinha freqüentemente um papel protagônico em algumas de minhas fantasias mais privadas, mas neste ponto, tinha tanto para me preocupar que simplesmente não podia carregar mais.

Essa noite, descobri que algumas pessoas pensaram que o desaparecimento do Jason melhorou a sociedade do Bon Temps. Entre estes estavam Andy Bellefleur e sua irmã, Porta, que se deteve no Merlotte's para o jantar, já que sua avó Caroline tinha um jantar formal e ficava pelo caminho. Andy era um detetive de polícia e Porta era uma advogada, e ambos estavam em minha lista de pessoas brune. Em primeiro lugar (uma espécie de coisa agri-doce), quando Bill tinha averiguado que eles eram seus descendentes, ele tinha armado um plano elaborado para dar dinheiro aos Bellefleurs anonimamente, e eles tinham desfrutado realmente de sua herança misteriosa à mãos enche. Mas não podiam estar perto do próprio Bill, e me irritava constantemente ver seus novos automóveis, roupa cara e o novo terraço sobre a grande casa Bellefleur, quando eles desprezavam ao Bill todo o tempo—e a mim, também, por ser a noiva do Bill.

Andy tinha sido muito agradável comigo antes de que começasse a sair com o Bill. Ao menos ele tinha sido civilizado e deixava uma gorjeta decente. Eu era um ser invisível para Porta, que tinha sua própria parte de infortúnios pessoais. Ela tinha um pretendente, tinha ouvido, e me perguntei maliciosamente se não seria devido ao aumento repentino da fortuna familiar Bellefleur. Também me perguntei, às vezes, se Andy e Porta se voltavam mais felizes em proporção direta com minha miséria. Eles estavam em boa forma essa tarde de inverno, ambos escondendo-se seus hambúrgueres com grande entusiasmo.

-Lamentável o de você irmano, Sookie, -disse Andy, quando preenchi seu copo de chá.

Vi fazia ele, minha cara inexpressiva. *Mentiroso*, pensei. depois de um segundo, os olhos do Andy se desviaram inquietamente de meus para concentrar-se sobre o saleiro, que pareceu haver-se voltado peculiarmente fascinante.

-Viu ao Bill ultimamente? -Porta perguntou, limpando sua boca com um guardanapo. Ela tratava de romper o silêncio difícil com uma pergunta agradável, mas me pôs mais zangada.

-Não, -pinjente. -Posso lhes trazer algo mais?

-Não, obrigado, estamos bem, -disse ela rapidamente. Girei sobre meus saltos e me afastei. Então minha boca se franziu em um sorriso. No mesmo momento que eu pensei, *Cadela*, Porta pensava, *Que cadela*.

Seu culo está riquíssimo, Andy interveio. Deus Mijo!, telepatia. Que rajada. Não o desejaria nem a meu pior inimigo. Invejei às pessoas que só escutava com suas orelhas.

Kevin e Kenya entraram, também, muito cuidadosos em não beber. A sua era uma sociedade que tinha criado na gente do Bon Temps muita hilaridade. Níveo Kevin era magro e corado, um dono de hospedaria; toda a equipe que tinha que ter posto sobre seu cinturão do uniforme parecia muito para que ele o pudesse carregar. Sua companheira, Kenya, era duas polegadas mais alta, várias libras mais pesada, e quinze tons mais escura. Os homens na barra tinham estado jogando apostas durante dois anos sobre se eles seriam amantes—certamente, os tipos no bar não o diziam tão amavelmente como isto.

Era consciente a contra gosto que Kenya (com suas algemas e peta) destacava em muitos sonhos de vários paroquianos, e também sabia que os homens que gracejavam e se mofavam do Kevin mais sem piedade eram esses os quais tinham as fantasias mais morbosas e sórdidas. Quando levei suas cestas de hambúrgueres à mesa do Kevin e Kenya, poderia dizer que Kenya se perguntava se deveria sugerir ao Bud Dearborn chamar os cães de rastreamento da região vizinha na busca do Jason, enquanto Kevin estava preocupado sobre o coração de sua mãe, que tinha estado funcionando ultimamente mais mal que de costume.

-Sookie, -Kevin disse, depois de que havia lhes trazido uma garrafa de ketchup, -queria te dizer que, algumas pessoas vieram ao departamento de polícia hoje pondo pôsteres sobre um vampiro.

-Vi um na loja de comestíveis, -pinjente.

-Já sei, que não nada mais porque você saía com um vampiro, é uma perita, -disse Kevin com cuidado, porque Kevin sempre faz todo o possível por ser lindo comigo, -mas me perguntei se teria visto este vampiro. antes de que ele desaparecesse, quero dizer.

Kenya elevou a vista fazia mim, também, seus olhos escuros me examinaram com grande interesse. Kenya pensava que eu sempre parecia estar sobre a periferia das coisas más que aconteciam Bon Temps, sem ser malote eu mesma (obrigado, Kenya). Ela esperava por mim que Jason estivesse vivo. Kevin pensava que eu era sempre boa gente com ele e Kenya; e ele pensava que não me tocaria nem com uma vara de dez metros. Suspirei, esperei que imperceptivelmente. Eles esperavam uma resposta. Vacilei, me perguntando qual era minha melhor opção. A verdade é sempre o mais fácil para recordar.

-Claro que o vi antes. Eric possui o bar vampiro no Shreveport, -pinjente. -Conheci-o quando fui ali com o Bill.

-Não o viu recentemente?

-Seguro que não o seqüestrei da Fangtasia, -pinjente, com muitíssimo sarcasmo em minha voz.

Kenya me dirigiu um olhar ácido, e não a culpei.

-Ninguém disse que você o fez, -ela me disse, em um tom de voz de, “não me dê nenhum problema”.

Encolhi-me de ombros e me afastei.

Tinha muito por fazer, já que algumas pessoas comiam ainda o jantar (e uns a bebiam), e alguns habituais chegavam depois de jantar em casa. Holly estava igualmente ocupada, e quando um dos homens que trabalhava para a companhia Telefônica derramou sua cerveja sobre o chão, teve que ir conseguir a faxineira e o cubo. Ela atendia suas mesas quando a porta se abriu. Vi-a lhe pôr ao Sid Matt Lancaster sua ordem diante dele, de costas à porta. Assim, ela se perdeu a seguinte entrada, mas eu não. O menino que Sam tinha contratado para tirar os pratos das mesas durante nossas horas mas atarefadas estava ocupado limpando duas mesas onde tinham celebrado uma grande festa de trabalhadores da região, e eu limpava a mesa dos Bellefleurs. Andy conversava com o Sam enquanto ele esperava a Porta, que tinha visitado o serviço de senhoras. Acabava de me guardar no bolso minha gorjeta, que era quinze por cento da conta, nem um penique mais. Os hábitos de dar gorjetas dos Bellefleur tinha melhorado—ligeiramente—com a nova fortuna. Joguei uma olhada quando a porta se abriu o suficiente tempo para que uma rajada fria de ar me esfriasse.

A mulher que entrou era alta e tão magra e larga de costas que comprovei seu peito, somente para estar segura que tinha registrado seu gênero corretamente. Seu cabelo era curto, grosso e marrom, e ela não tinha posto absolutamente nenhuma maquiagem. Havia um homem com ela, mas não o vi até que ela andou a um lado. Ele mesmo não era nenhum principiante no departamento dos músculos, e sua apertada camiseta revelou os braços mais desenvolvidos que jamais tenha visto. Horas no ginásio; não, anos no ginásio. Seu cabelo

castanho caía sob seus ombros em apertados cachos, e sua barba e bigode era perceptivelmente mais vermelhos. Nenhum dos dois levavam postos casacos, embora fora definitivamente o tempo de casaco. Os recém chegados me passaram de comprimento.

-Onde está o dono? -a mulher perguntou.

-Sam. Está detrás da barra, -pinjente, olhando abaixo logo que pude e limpei a mesa uma vez mais. O homem me tinha visto com curiosidade; isto era normal. Quando eles passaram por diante de mim, vi que ele levava alguns pôsteres sob seu braço e uma grampeador. Ele tinha metido sua boneca dentro de um cilindro de cinta adesiva, assim que isto era o primeiro que se notava em sua mão esquerda.

Joguei uma olhada ao Holly. Ela se tinha congelado, com a taça de café em sua mão a metade de caminho para dar-lhe à plácida esposa do Sid Matt Lancaster. O velho advogado elevou a vista para vê-la, e seguiu seu olhar fixamente no casal que fazia seu caminho entre as mesas do bar. *Merlotte's*, que tinha estado tranqüilo e pacífico, de repente esteve alagado de tensão. Holly pôs a taça sem queimar à Sra. Lancaster e girou sobre seus saltos, passando pela porta batente da cozinha a toda velocidade.

Não necessitei mais confirmação sobre a identidade da mulher.

Os dois chegaram onde Sam e começaram uma conversação em voz baixa com ele, com o Andy que escutava somente porque ele estava perto. Passei por aí em meu caminho de levar os pratos sujos à escotilha, e ouvi a mulher dizer (em uma profunda, voz de alto);

-... apresentado estes pôsteres na cidade, no caso de alguém o distingue.

Esta era Hallow, a bruxa cuja perseguição do Eric tinha causado tal transtorno. Ela, ou um membro de seu aquelarre, eram provavelmente o assassino do Adabelle Yancy. Está era a mulher que poderia ter capturado a meu irmão, Jason. Minha cabeça começou a palpitar como se algum pequeno demônio dentro tratasse de fazê-la estalar com um martelo.

Não me surpreendia que Holly estivesse em tal estado e não queria que Hallow a vislumbrasse. Ela tinha ido à pequena reunião do Hallow no Shreveport, e seu aquelarre tinha rechaçado o convite do Hallow.

-Claro, -Sam disse. -Ponha um sobre esta parede. -Ele indicou um ponto em branco pela porta que conduzia atrás dos quartos de banho e seu escritório.

Holly tirou sua cabeça pela porta de cozinha, detectada Hallow, esquivou a porta e se tornou para atrás. Os olhos do Hallow voltaram fazia a porta, mas não a tempo para vislumbrar ao Holly, esperei.

Pensei em saltar sobre o Hallow, lhe dando golpes até que ela me dissesse o que queria saber sobre meu irmão. Isto era o que a palpitação em minha cabeça me urgia a fazer—inicia a ação, qualquer ação. Mas tinha uma raia de sentido comum, e por sorte para mim esta começou a destacar. Hallow era grande, e tinha um cupincha que poderia me esmagar—mais à parte, Kevin e Kenya me deteriam antes de que eu pudesse conseguir fazê-la falar.

Era horrivelmente te frustrarem tê-la justo diante de mim e ao mesmo tempo ser incapaz de descobrir o que ela sabia. Deixei cair todos meus escudos, e escutei com toda a força que pude.

Mas ela suspeitou algo quando toquei dentro de sua cabeça.

Ela pareceu vagamente perplexa e jogou uma olhada ao redor. Isto foi suficiente advertência para mim. Subi de retorno em minha própria cabeça tão rapidamente como pude. Segui meu caminho trás da barra, a uns pés de distância da bruxa quando ela tratava de adivinhar quem tinha roçado seu cérebro.

Isto não me tinha passado antes. Nenhum, *nenhum*, tinha suspeitado alguma vez que eu lhe escutava. Agachei-me detrás da barra para conseguir o pacote grande de Sal Morton, endireitei-me, e com cuidado preenchi o frasco que tinha tirado da mesa da Kenya e Kevin. Concentrei-me nisto com tanta força como alguém se pode concentrar na realização de tão pequena tarefa, e quando pensei que o pôster já teria sido montado com a grampeador. Hallow se retardou, prolongando sua conversação com o Sam, assim ela poderia imaginar-se quem havia meio doido o interior de sua cabeça, e Sr. Músculos me olhava—mas só como um homem vá a uma mulher—quando devolvi o saleiro a sua mesa. Holly não tinha reaparecido.

-Sookie, -Sam chamou.

Ah, genial. Tinha que responder. Ele era meu chefe.

Aproximei-me dos três, temor em meu coração e um sorriso sobre minha cara.

-Né!, -pinjente, por via de saudação, dirigindo à alta bruxa e seu fortachón cupincha um sorriso neutro. Elevei minhas sobrancelhas fazia Sam para lhe perguntar o que ele queria.

-Marnie Stonebrook, Mark Stonebrook, -ele disse.

Saudei com a cabeça a cada um deles. *Hallow, em efeito*, pensei, médio divertida. “Hallow” era somente um pouco mais espiritual que “Marnie”.

-Eles procuram a este tipo, -disse Sam, indicando o pôster. -Conhece-o?

É obvio Sam sabia que eu conhecia o Eric. Alegrei-me de ter anos de prática para ocultar meus sentimentos e pensamentos aos olhos de outros. Revisei o pôster deliberadamente.

-Claro que o vi, -pinjente. -Quando fui aquele bar no Shreveport? Ele é do tipo inesquecível, verdade? -Dirigi- um sorriso ao Hallow—Marnie. Fomos somente umas fulanas juntas, Marnie e Sookie, compartilhando um momento de garotas.

-Tipo bonito, -ela esteve de acordo com sua voz rouca. -Ele agora está perdido, e oferecemos uma recompensa se por acaso alguém pode nos dar informação.

-isto leão do pôster, -comentei, deixando mostrar uma indireta diminuta de irritação em minha voz. -Há alguma razão em particular pelo que pensa que ele poderia estar por aqui? Não posso imaginar o que um vampiro do Shreveport faria no Bon Temps. -Olhe-a de maneira inquisidora. Certamente não estava fora de linha perguntando isto?

-Uma boa pergunta, Sookie, -disse Sam. -Não que me importe pegar o pôster, mas como é que vocês dois procuram a este tipo na área? por que estaria aqui? Não passa nada no Bon Temps.

-Esta cidade tem a um vampiro residente, verdade? -Mark Stonebrook disse de repente. Sua voz era quase um gêmeo da de sua irmã. Ele estava tão maciço que alguém esperava ouvir um baixo, e até um tom tão profundamente alto como o do Marnie soava estranho vindo de sua garganta. Realmente, pelo aspecto do Mark Stonebrook, alguém pensaria que ele somente grunhiria e uivaria para comunicar-se.

-Ahá, Bill Compton vive aqui, -disse Sam. -Mas ele esta fora da cidade.

-foi ao Peru, conforme ouvi, -pinjente.

-Ah, sim, já tinha ouvido do Bill Compton. Onde vive ele? -Hallow perguntou, tratando de dissimular o entusiasmo de sua voz.

-Bem, ele vive aos subúrbios daqui, cruzando o cemitério de minha casa, -pinjente, porque não tinha nenhuma opção. Se os dois perguntassem a alguém mais e conseguissem uma resposta diferente das que lhes dava, saberiam que eu tinha algo (ou neste caso, alguém) que ocultar. -Pelo Hummingbird Road. -Dava-lhes indicações e direções pouco claras, e esperei que eles se perdessem lá fora em algum sítio como Hotshot.

-Bem, poderíamos nos deixar cair na casa do Compton, no caso de Eric foi visitar o, -Hallow disse. Seus olhos se encontraram com os de seu irmão Mark, despediram-se com a cabeça e deixaram o bar. Não se preocuparam se isto teve sentido ou não para nós.

-Eles estiveram enviando bruxas para visitar todos os vampiros, -disse Sam brandamente. Certamente. Os Stonebrooks iriam às residências de todos os vampiros que deviam lealdade

ao Eric—os vampiros da Área Cinco. Eles suspeitavam que um destes vampiros poderia estar escondendo ao Eric. Já que Eric não tinha aparecido, ele estava sendo escondido. Hallow devia confiar que seu enfeitiço funcionou, mas não poderia saber exatamente como tinha trabalhado.

Apaguei o sorriso de minha cara, e me apoiei contra a barra sobre meus cotovelos, tratando de pensar com verdadeiro esforço.

Sam disse;

-Isto é uma confusão grande, certo? -Sua cara era séria.

-Sim, esta é uma confusão grave.

-Tem que partir ?Não há muito movimento aqui. Holly pode sair da cozinha agora que eles se foram, e sempre posso atender as mesas eu mesmo, se você tiver que chegar a casa... - Sam não estava seguro onde estava Eric, mas o suspeitou, e ele tinha notado a fuga abrupta do Holly à cozinha.

Sam se tinha ganho minha lealdade e respeito cem vezes.

-Darei-lhes cinco minutos para sair do estacionamento.

-Pensa que eles poderiam ter algo que ver com o desaparecimento do Jason?

-Sam, não tenho nem idéia. -Automaticamente marquei o departamento do xerife e consegui a mesma resposta que tinha conseguido todo o dia—“Nenhuma notícia, chamaremos-la quando soubermos algo”. Mas depois de que ela disse isto, encarregada-a me disse que o lago ia ser revisado ao dia seguinte; a polícia tinha conseguido conseguir a colaboração de dois mergulhadores de busca-y-resgate. Não sabia que sentir sobre esta informação. Mas que nada, estava aliviada que o desaparecimento do Jason estava sendo tomada a sério.

Quando pendurei o telefone, comentei ao Sam as notícias. depois de um segundo, pinjente;

-Parece muito para acreditar que dois homens poderiam desaparecer na área do Bon Temps ao mesmo tempo. Ao menos, os Stonebrooks parecem acreditar que Eric anda por aqui. Tenho que pensar que há uma conexão.

-Aqueles Stonebrooks são Lobatos, -resmungou Sam.

-*E bruxas.* Tome cuidado, Sam. Ela é um assassino. Os Lobatos do Shreveport estão detrás dela, e os vampiros, também. Cuida seus passos.

-por que é tão perigosa? por que teria o grupo do Shreveport algum problema para dirigi-la?

-Ela bebe sangue de vampiro, -pinjente, o mas perto de seu ouvido que poderia me pôr sem beijá-lo. Joguei uma olhada ao redor do quarto, para ver que Kevin observava nosso intercâmbio com muito interesse.

-O que quer ela com o Eric?

-Seu negócio. Todos seus negócios. E a ele.

Os olhos do Sam se aumentaram.

-Então é comercial, e pessoal.

-Sim.

-Sabe onde está Eric? -Ele tinha evitado me perguntar diretamente até agora.

Sorri-lhe.

-por que saberia eu? Mas confesso, estou preocupada sobre aqueles dois estando justo rua abaixo de minha casa. Tenho o pressentimento de que eles vão entrar pela força no lugar do Bill. Eles poderiam supor que Eric se esconde com o Bill, ou na casa do Bill. Estou segura que ele tem um buraco seguro para que Eric durma e sangue à mão. -Era mais ou menos tudo o que requeria um vampiro, sangue e um lugar escuro.

-Então vai cuidar a propriedade do Bill? Não é uma boa idéia, Sookie. Deixa ao seguro de proprietários do Bill pagar qualquer dano que eles façam na busca. Acredito que ele me disse se assegurou com o *State Farm*. Bill não quereria que você fosse ferida em defesa de novelo e tijolos.

-Não descida fazer algo tão perigoso, -pinjente, e de verdade, não o planejei. -Mas realmente penso que correrei a casa. No caso de. Quando vir suas luzes do automóvel abandonar a casa do Bill, aproximarei-me e comprovarei.

-Necessita-me para vir contigo?

-Nah, vou somente a fazer a avaliação do dano, isto é tudo. Holly será suficiente ajuda aqui? -Ela tinha retornado fora da cozinha ao minuto que os Stonebrooks se foi.

-Seguro.

-Bem, vou. Muito obrigado. -Minha consciência não ferroou tão quando notei que o lugar não estava quase tão cheio como tinha estado fazia uma hora. Há noites assim, quando a gente se vai de repente todas ao mesmo tempo.

Tinha um picor entre minhas omoplatas, um pressentimento, e talvez todos nossos paroquianos o tinham, também. Era aquele sentimento de que algo que não deveria rondava fora: aquele sentimento de Véspera de todos os Santos (Halloween), como eu o chamo, quando imagina que algo mau ronda à volta da esquina de sua casa, espionando por suas janelas.

Quando agarrei minha bolsa, abri meu automóvel, e conduzi fazia minha casa, estava-me quase dobrando dos nervos e inquietação. Tudo se estava llendo ao diabo em uma cesta de mão, pareceu-me. Jason faltava, a bruxa estava aqui em vez do Shreveport, e agora se encontrava aproximadamente a meia milha do Eric.

Quando dava volta pelo caminho vicinal em minha larga e lhe serpenteiem meio-fio, e freei pelos cervos que cruzavam dos bosques do lado Sul aos bosques do lado Norte—afastando-se da casa do Bill, notei—tinha conseguido trabalhar em meu estado de ânimo. Conduzindo ao redor da casa fazia a porta de atrás, saí do automóvel e saltei os degraus traseiros.

Fui arranca-rabo ao meio vôo por um par de braços como bandas de aço. Levantada e feita girar, estive abraçada ao redor da cintura do Eric antes de que eu soubesse.

-Eric, -pinjente, -não deveria estar fora...

Minhas palavras foram interrompidas por sua boca sobre a minha.

Durante um minuto, indo juntos com este programa pareceu uma alternativa viável. Eu poderia esquecer toda a maldade e espremeria e deixaria seus cérebros fora sobre meu alpendre traseiro, frio como era. Mas a prudência se filtrou dentro de meu sobrecarregado estado emocional, e me apartei um pouco. Ele levava postos os jeans e a sudadera dos Bulldogs do Tecnológico da Luisiana que Jason tinha comprado para ele no Wal-Mart. As mãos grandes do Eric se apoiaram meu traseiro, e minhas pernas o rodearam como se estivessem acostumadas a isso.

-Escuta, Eric, -pinjente, quando sua boca se moveu abaixo a meu pescoço.

-Ssshh, -ele sussurrou.

-Não, tem que me deixar falar. Temos que nos esconder.

Isso conseguiu sua atenção.

-De quem? -ele disse em meu ouvido, e me estremeci. O tremor não tinha nada que ver com a temperatura.

-A bruxa má, a que esta detrás de tí, -Baixei-me com dificuldade para explicar. -Ela entrou no bar com seu irmão e traziam aquele pôster.

-Aha? -Sua voz era indolente.

-Eles perguntaram que outros vampiros vivem na localidade, e certamente tivemos que lhes dizer sobre o Bill. Então nos pediram indicações para chegar à casa do Bill, e adivinho que eles lhe buscam aí.

-E?

-Isso esta justo cruzando o cemitério daqui! E se eles vierem aqui?

-Você quer que me esconda? Retornar naquele buraco negro debaixo de sua casa? -Ele soou incerto, mas estava claro para mim que seu orgulho foi picado.

-Ah, sim. Somente por um ratito! Você é minha responsabilidade; tenho que te manter a salvo. -Mas tinha o negro pressentimento que tinha expresso meus medos do modo incorreto. Este forasteiro provisório, embora desinteressado e indiferente, como parecia das preocupações de vampiros, embora parecesse que ele recordava muito pouco de seu poder e posses, ainda tinha a veia de orgulho e curiosidade que Eric mostrava sempre nos piores e mais estranhos momentos. Eu lhe tinha dado um toque diretamente nisso. Perguntei-me se talvez pudesse falar com ele ou ao menos entrar em minha casa, mas bem que nos destacar sobre o alpendre, expostos.

Mas era muito tarde. Uma simplesmente não podia dizer nada ao Eric.

Capítulo 8

-Vêem, minha amada, vamos jogar uma olhada, -disse Eric, me dando um beijo rápido.

Ele saltou do alpendre traseiro comigo ainda pega a ele—como um grande ignorante—e aterrisou silenciosamente, o que pareceu assombroso. Eu era a ruidosa, com minha respiração e pequenos sons de surpresa. Com uma destreza que argumentou muita prática, Eric me lançou ao redor de modo que montasse suas costas. Eu não tinha feito isto desde que era uma menina e meu pai me tinha levado de cavalinho, assim estava grandemente espantada.

Ah, que bom trabalho estava fazendo escondendo ao Eric. Aqui íamos, voando pelo cemitério, indo *para* a Malvada Bruxa do oeste, em vez de nos esconder em um buraco escuro onde ela não poderia nos encontrar. Isto era *tão* inteligente.

Ao mesmo tempo, tive que admitir que isto era uma espécie de diversão, apesar das dificuldades para me manter arranca-rabo sobre o Eric neste país brandamente giratório. O cemitério estava colina abaixo de minha casa. A casa do Bill, a casa Compton, estava um pouco mais à frente colina acima do Cemitério *Sweet Home* (Doce Lar). A viagem de descida, leve como a costa, era estimulante, embora vislumbrei dois ou três automóveis estacionados sobre a estreita perto que rodeava as tumbas. Isto me assustou. Os adolescentes às vezes escolhiam o cemitério procurando privacidade, mais não em grupos. Mas antes de que pudesse estudar atentamente isto, tínhamo-los passado, rápida e silenciosamente. Eric fez a parte ascendente mais devagar, mas sem sinais de esgotamento.

Estávamos perto de uma árvore quando Eric se parou. Era um enorme carvalho, e quando o toquei mais ou menos me orientei. Havia um carvalho deste tamanho talvez vinte jardas ao norte da casa do Bill.

Eric soltou minhas pernas assim me deslizaria de suas costas, e logo me pôs entre ele e o tronco da árvore. Não sabia se ele tratava de me apanhar ou me proteger. Aferrei ambas de suas bonecas em uma tentativa bastante vã de mantê-lo a mim lado. Congelei-me quando ouvi uma voz que provinha da casa do Bill.

-Este automóvel não se moveu por um tempo, -disse uma mulher. Hallow. Ela estava no abrigo para automóveis do Bill, que estava sobre este lado da casa. Ela estava perto. Pude sentir que o corpo do Eric ficou rígido. O som de sua voz evocava um eco em sua memória?

-A casa está bem fechada, -chamou Mark Stonebrook, de mais longe.

-Bem, podemos-nos encarregar disso. -Pelo som de sua voz, movia-se rumo à porta de rua. Ela soou divertida.

Eles foram entrar pela força na casa do Bill! Com segurança haveria algo que pudesse fazer para acautelar isto, não? Devo ter feito algum movimento repentino, porque o corpo do Eric esmagou o meu contrário o tronco da árvore. Meu casaco se escoiceou ao redor de minha cintura, e a casca raspo meu culo pelo material magro de minhas calças negras.

Podia ouvir o Hallow. Ela cantava, sua voz baixa e de algum jeito sinistra. Ela lançava um enfeitiço atualmente. Deveria ter sido emocionante e eu deveria ter estado curiosa: um verdadeiro conjuro, jogado por uma verdadeira bruxa. Mas me senti assustada, desejosa de escapar. A escuridão pareceu espessar-se.

-Cheiro a alguém, -disse Mark Stonebrook.

Fee, confie, foe, fum.

-O que? Aqui e agora? -Hallow parou seu cântico, soando um pouco falta de fôlego.

Comecei a tremer.

-Ahá. -Sua voz saiu mais profunda, quase como um grunhido.

-Troca, -ela ordenou, assim de fácil. Ouvi um som, sabia que já o tinha ouvido antes, embora não pudesse trazê-lo para a mente. Era uma espécie de som viscoso. Pegajoso. Como tirar uma colher rígida colocada dentro de um pouco de xarope espesso que tem coisas duras e rangentes nele, talvez amendoins ou partes de caramelo. Ou pedaços de osso.

Então ouvi um verdadeiro uivo. Absolutamente era humano. Mark se tinha trocado, e não era lua enche. Isto era verdadeiro poder. A noite de repente pareceu cheia da vida. Respirações estrepitosas. Chiados. Gemidos. Movimentos diminutos todos ao redor de nós.

Que grande guardião era para o Eric, né!? Eu o tinha deixado me arrastar até aqui. Estabamos a ponto de ser descobertos por uma bruxa lobato que bebia sangue de vampiro, e quem sabe que mais, e nem sequer tinha a escopeta do Jason. Pus meus braços ao redor do Eric e o abracei me desculpando.

-Lamento-o, -sussurrei, tão suavecito como uma abelha sussurraria. Mas então senti que algo roçava contra nós, algo grande e peludo, enquanto ouvia os sons lobunos do Mark a uns pés longe do outro lado da árvore. Mordi meu lábio com força para impedir de pegar um chiado eu mesma.

Escutando atentamente, estive segura que havia mais de dois animais. Teria dado quase o que fora por ter um refletor. Talvez a dez jardas de distância veio um curto e agudo latido. Outro lobo? Um velho cão corrente, no lugar equivocado no momento equivocado?

De repente, Eric me abandonou. Um minuto, ele me pressionava contra a árvore na negra escuridão como boca de lobo, e ao minuto seguinte, o ar frio me golpeou de cima abaixo (já, tanto que detive suas bonecas). Elevei meus braços, tratando de descobrir onde estava ele, e toque só o ar. Acabava de afastar-se para poder investigar o que acontecia? Teria decidido participar?

Embora minhas mãos não encontraram a nenhum vampiro, algo grande e quente se pressionava contra minhas pernas. Usei meus dedos para tentar alcançar melhor abaixo para explorar ao animal. Toquei muita pelagem: um par de ouvidos bicudos, um focinho comprido, uma língua quente. Tratei de me mover, me afastar do carvalho, mas o cão (lobo?) não me deixou. Embora fora mais pequeno que eu e pesasse menos, apoiou-se contra mim com tal pressão que não havia maneira que pudesse me mover. Quando escutei

o que seguia na escuridão—um montão de uivos e grunhidos—decidi que estava realmente muito contente de ficar aqui. Afundei-me sobre meus joelhos e pus um braço através do lombo do canino. Este lambeu minha cara.

Ouvi um coro de uivos, que se elevaram misteriosamente na noite fria. Meu couro cabeludo se arrepio, sepultei minha cara no pelame do pescoço de meu companheiro e rezei. De repente, em cima de todos os ruídos menores, houve um alarido de dor e uma série de gemidos.

Ouvi arrancar um automóvel, e os faróis se prenderam na noite. Meu lado da árvore estava longe da luz, mas podia ver que estava escondida com um cão, não um lobo. Então as luzes se moveram e o cascalho voou sobre o meio-fio do Bill quando o automóvel se tornou de reversa. Houve uma pausa de um momento, supus seria enquanto o condutor trocou a velocidade, e logo o automóvel chio e o ouvi indo a toda velocidade baixando a colina ao caminho principal no Hummingbird Road. Houve um ruído surdo terrível e um som de chiado alto que fez que meu coração martilheara ainda mais duro. Este era o som de dor que um cão faz quando foi golpeado por um automóvel.

-OH, Deus Santo, -disse miseravelmente, e aferrei a meu amigo peludo. Pensei em algo que poderia fazer para ajudar, agora que parecia que as bruxas se partiram.

Levantei-me e corri à porta principal da casa do Bill antes de que o cão pudesse me deter. Tirei minhas chaves de meu bolso enquanto corri. Elas tinham estado em minha mão quando Eric me tinha agarrado em minha porta de atrás, e eu as tinha metido em meu casaco, onde um lenço lhes tinha impedido de tilintar. Manuseie ao redor da fechadura, contei minhas chaves até que cheguei a do Bill—a terceira em meu chaveiro—e abri sua porta principal. Alcancei e preendi o interruptor exterior, e repentinamente a jarda esteve iluminada.

Estava cheia de lobos.

Não sei que tão assustada deveria estar. Bastante assustada, adivinhei. Somente assumi que ambos das bruxas lobatos tinham estado no automóvel. E se um deles estivesse presente entre estes lobos? E onde estava meu vampiro?

Aquela pergunta foi respondida quase imediatamente. Houve uma espécie de *bump* quando Eric aterrisso na jarda.

-Segui-os pelo caminho, mas eles foram muito rápido para mim ali, -disse ele, sonriéndome abertamente como se hubieramos estado jogando um jogo.

Um cão—um collie—se aproximou do Eric, viu-o sua cara, e grunhiu.

-Fora!, -Eric disse, fazendo um gesto imperioso com sua mão.

Meu chefe trotou de volta comigo e se sentou contra minhas pernas outra vez. Inclusive na escuridão, tinha suspeitado que meu guardião era Sam. A primeira vez que o tinha encontrado nesta forma, eu tinha pensado que ele era um cão vagabundo, e o tinha chamado Dean, por um homem que conhecia com a mesma cor de olhos. Agora era um hábito lhe chamar Dean quando ele andava a quatro patas. Sentei-me sobre os degraus dianteiros do Bill com o colíe acurrucado contra mim. Pinjente;

-É um bom cão. -Ele meneou sua cauda. Os lobos cheiravam ao Eric, que estava de pé sem mover-se.

Um grande lobo trotou fazia mim, o lobo maior que eu tenha visto alguma vez. Os lobatos se convertem em lobos grandes, suponho; não vi muitos. Vivendo na Luisiana, nunca vi a um lobo padrão absolutamente. Este lobato era quase negro puro, o que pensei era insólito. O resto dos lobos eram mais chapeados, exceto um que era mais pequeno e avermelhado.

O lobo agarrou minha manga do casaco com seus brancos dentes largos e atirou. Levantei-me imediatamente e me aproximei do ponto onde a maior parte de outros lobos estavam apinhados. Estávamos na borda externa da luz, assim não tinha notado o amontoamento em seguida. Havia sangue sobre a terra, e em meio desta superfície jazia uma jovem moréia. Ela estava nua.

Ela estava óbvia e terrivelmente ferida. Suas pernas se encontravam rotas, e talvez um braço.

-vá conseguir meu automóvel, -disse ao Eric, na classe de voz que tem que ser obedecida.

Lancei-lhe minhas chaves, e ele tomou ao ar enquanto se elevava. Em uma esquina disponível de meu cérebro, esperei que ele recordasse como conduzir. Tinha notado que embora ele tivesse esquecido sua história pessoal, suas habilidades modernas estavam pelo visto intactas.

Tratava de não pensar na pobre moça ferida diretamente frente a mim. Os lobos deram voltas e marcaram o passo, gemendo. Então o negro grande levantou sua cabeça ao céu escuro e uivou outra vez. Este foi um sinal para todos outros, quais fizeram a mesma coisa. Joguei uma olhada atrás para estar segura que Dean se mantinha longe, já que ele era o forasteiro. Não estava segura quanta personalidade humana ficava a esta gente dobre-natura depois de que se transformavam, e não quis que nada lhe passasse. Ele estava sentado sobre o pequeno alpendre, fora do caminho, seus olhos fixos em mim.

Eu era a única criatura com polegares preênsos sobre a cena, e fui de repente consciente que isto me dava muita responsabilidade.

Primeira coisa de comprovar? Respiração. Sim, respirava! Ela tinha pulso. Não era nenhum paramédico, mas esse não me parecia um pulso normal—o que não seria nada assombroso. Sua pele se sentiu quente, talvez de sua mudança de novo a humana. Não vi uma quantidade aterradora de sangue fresca, assim esperei que nenhuma das artérias principais tivesse sido comprometida.

Deslizei uma mão sob a cabeça da moça, com muito cuidado, e toquei o escuro cabelo poirento, tratando de ver se seu couro cabeludo estava rasgado. Não.

Em algum momento durante o processo deste exame, comecei a tremer por toda parte. Suas feridas eram realmente espantosas. Tudo o que eu podia ver dela parecia golpeado, machucado, quebrado. Seus olhos se abriram. Ela se estremeceu. Cobre—ela tinha que ser mantida quente. Joguei uma olhada ao redor. Todos os lobos eram ainda lobos.

-Seria grandioso se um ou dois de vocês pudesse trocar de volta, -disse-lhes. -Tenho que levá-la a um hospital em meu automóvel, e ela necessita mantas de dentro desta casa.

Um dos lobos, uma cor cinza prateada, rodou sobre suas costas—vale, um lobo macho—e ouvi o mesmo ruído viscoso outra vez. Uma neblina se verteu ao redor da figura que se retorcia, e quando esta se dispersou, o Coronel Flood estava enroscado no lugar do lobo. Certamente, ele estava nu, também, mas decidi passar por cima minha vergonha natural. Ele teve que ficar imóvel durante ao menos um minuto ou dois, e foi obviamente um grande esforço para ele sentar-se.

Ele engatinhou lentamente à moça ferida.

-Maria-estrela, -ele disse em voz rouca. inclinou-se a cheirá-la, o que pareceu muito estranho quando ele estava em forma humana. Gemeu com angústia.

Girou sua cabeça para ver-me, e disse;

-Onde? -e entendi que ele se referia às mantas.

-Entre na casa, vá acima. Há um dormitório terminando a escada. Há uma cômoda ao pé da cama. Consiga duas mantas dali.

Ele se cambaleou sobre seus pés, pelo visto lutando com alguma classe de desorientação devido a sua mudança rápida, antes de que começasse a andar a pernas para a casa.

A garota—Maria-estrela—o seguiu com seus olhos.

-Pode falar? -Perguntei.

-Sim, -ela disse, apenas audivelmente.

-Onde dói pior?

-Penso que meu quadril e as pernas estão rotas, -ela disse. -O automóvel me golpeou.

-Lançou-te pelo ar?

-Sim.

-As rodas não passaram sobre ti?

Ela se estremeceu.

-Não, foi o impacto que me fez mal.

-Qual é seu nome completo? Maria-estrela o que? -Eu teria que sabê-lo para o hospital. Ela não poderia estar consciente para então.

-Cooper, -ela sussurrou.

Nesse momento, pude ouvir um automóvel que subia pelo passeio do Bill.

O Coronel, movendo-se mais brandamente agora, apressou-se da casa com as mantas, e todos os lobos e um humano imediatamente ficaram em ordem ao redor de mim e seu membro de matilha ferido. O automóvel era obviamente uma ameaça até que eles soubessem que continha. Admirei ao Coronel. precisava-se ser um verdadeiro homem para confrontar a um inimigo próximo completamente nu.

O novo atracado era Eric, em meu velho automóvel. Ele chegou até Maria-estrela e eu, com garbo considerável e freios chirriantes. Os lobos deram voltas agitadamente, seus olhos amarelos acesos se fixaram na porta do condutor. Os olhos do Calvin Norris tinham parecido bastante diferentes; fugazmente, perguntei-me por que.

-É meu automóvel; está bem, -pinjente, quando um dos lobatos começou a grunhir. Vários pares de olhos giraram para me olhar atentamente. Pareci-lhes suspeita, ou saborosa?

Quando terminei de cobrir a Maria-estrela com as mantas, perguntei-me qual dos lobos era Alcide. Suspeitei que seria o maior, mais escuro, que justo nesse momento deu volta para me olhar aos olhos. Sim, Alcide. Este era o lobo que eu tinha visto no *Clube Morto* faz umas semanas, quando Alcide tinha sido minha entrevista durante uma noite que tinha terminado catastroficamente—para mim e algumas outras pessoas.

Tratei de lhe sorrir, mas minha cara estava rígida pelo frio e a impressão.

Eric saltou do assento do condutor, deixando em marcha o automóvel. Ele abriu a porta de atrás.

-Porei-a dentro, -ele chamou, e os lobos começaram a ladrar. Eles não queriam a sua irmã de matilha sustentada por um vampiro, e não queriam que Eric estivesse de maneira nenhuma perto de Maria-estrela.

O Coronel Flood disse;

-Levantarei-a. -Eric olhou o magro físico do homem mais velho e levantou uma sobrancelha duvidoso, mas tinha o sentido de manter-se de pé à parte. Eu tinha abrigado à moça tanto como poderia sem lhe causar mais dor, mas o Coronel sabia que isto ia fazer lhe danifico ainda pior. No último momento, ele vacilou.

-Talvez deveríamos chamar uma ambulância, -resmungou ele.

-E como explicamos isto? -Perguntei. -Um montão de lobos e um tipo nu, e ela aqui ao lado de uma casa privada onde o dono vampiro está ausente? Não acredito!

-Certamente. -Ele assentiu, aceitando o inevitável. Sem nem sequer uma mudança em sua respiração, ele esteve de pé com o vulto que era a moça e foi ao automóvel. Eric correu ao outro lado, abriu a porta, e se meteu dentro para ajudar a acomodá-la melhor no assento traseiro. O Coronel permitiu isto. A moça chiou uma vez mais, e subi atrás do volante tão rápido como pude. Eric entrou em lado do passageiro, e pinjente;

-Não pode vir.

-por que não? -Ele soou assombrado e ofendido.

-Terei que dar duas vezes mais explicações se tiver a um vampiro comigo! -Tomava a maior parte das pessoas uns minutos para decidir que Eric estava morto, mas certamente cedo ou tarde se davam conta. Eric tercamente ficou sentado. -E todo mundo viu sua cara sobre os malditos pôsteres, -pinjente, lutando para manter minha voz razoável mas urgente. -Vivo entre gente bastante boa, mas não existe ninguém nesta região que não poderia lhe dar bom uso a tanto dinheiro. -Ele saiu, não muito convencido, e gritei, -Apaga as luzes e fecha de novo a casa, vale?

-nos encontre no bar quando decidamos que fazer pelo de Maria-estrela! -O Coronel Flood gritou detrás. -Temos que conseguir nossos automóveis e roupa do cemitério. -Bem, isto explicou o vislumbre que tinha captado pelo caminho.

Quando conduzi devagar pelo meio-fio, os lobos me olharam ir, Alcide se manteve além do resto, sua cara negra peluda deu volta para seguir meu caminho. Perguntei-me que pensamentos lobunos teria.

O hospital mais próximo não estava no Bon Temps, que é muito pequeno para ter um próprio (temos sorte de ter *Wal-Mart*), mas têm um na localidade vizinha Clarice, o centro da região. Por sorte, está aos subúrbios da cidade, sobre o lado mais próximo do Bon Temps. O trajeto por volta do Hospital da Região Parish pareceu durar anos; em realidade, cheguei ali em aproximadamente vinte minutos. Minha passageira gemeu durante os dez primeiros minutos, e logo caiu em um sinistro silêncio. Dirigi a ela, lhe suplicando que me respondesse, pedi-lhe me dizer que idade tinha, e acendi a rádio em uma tentativa de provocar um pouco de resposta em Maria-estrela.

Não quis tomar tempo para me deter e controlar como estava, e não saberia o que fazer se estivesse mau, assim conduzi como alma que leva o diabo. Quando atraquei até a entrada de emergências e chamei as duas enfermeiras que estavam fora tornando um charuto, estava segura que a pobre lobato estaria morta.

Ela não o estava, julgando pela atividade que a rodeou nos seguintes minutos. Nosso hospital regional é pequeno, certamente, e não tem as instalações das quais um hospital de cidade pode alardear. Já nos sentimos muito afortunados por ter um hospital. Essa noite, eles salvaram a vida da Lobato.

A doutora, uma mulher magra com cabelo cinzento estirado e enormes óculos com bordos negros, dirigiu-me algumas pergunta concisas que não pude responder, embora tivesse estado trabalhando sobre minha história básica durante todo o caminho ao hospital. depois de precaver-se que não tinha nem idéia, a doutora deixou claro que devia me tirar de no meio do caminho e deixar trabalhar a sua equipe. Então me sentei em uma cadeira no corredor, e esperei, e trabalhei sobre minha história algo mais.

Não havia maneira que pudesse ser útil aqui, e as deslumbrantes luz de néon e o reluzente linóleo criavam um ambiente áspero, pouco amistoso. Tratei de ler uma revista, e a ventilei sobre a mesa depois de um par de minutos. Por sétima ou oitava vez, pensei escapar. Mas havia uma mulher sentada na mesa de recepção de noite, e ela mantinha um olho vigilante sobre mim. depois de uns minutos mais, decidi visitar o quarto de banho para lavar o sangue de minhas mãos. Enquanto estava ali, tome uma quantas toalhas de papel, molhei-as e esfreguei meu casaco com elas, o que resultou ser uma perda de tempo e esforço.

Quando saí do quarto de banho, havia dois polis me esperando. Ambos eram homens grandes. Eles rangeram dentro de seus chamarras sintéticas acolchonadas, e rangeram com o couro de seus cinturões e equipe. Não podia imaginar os caindo em cima a ninguém.

O homem mais alto era o mais velho. Seu cabelo cinza aço estava recortado perto de seu couro cabeludo. Sua cara estava esculpida por rugas profundas, como sulcos. Sua tripa se sobressaiu por cima de seu cinturão. Seu companheiro era um homem mais jôven, talvez trinta, com corto café claro e olhos café claros e pele café clara—um tipo curiosamente

monocromático. Dava-lhes uma exploração rápida, mas completa, com todos meus sentidos.

Poderia dizer que os dois estavam preparados para averiguar se eu tinha algo que ver nas feridas da moça que havia trazido, ou ao menos que eu saberia mais do que dizia.

Certamente, eles tinham parcialmente razão.

-Senhorita Stackhouse? Você trouxe para a garota que trata a doutora Skinner? -o homem mais jovem perguntou brandamente.

-Maria-estrela,- pinjente. -Cooper.

-nos diga que aconteceu, -o velho poli disse.

Era definitivamente uma ordem, embora seu tom fora moderado. Nenhum dos dois me conhecia ou sabia de mim, “escutei”. Bem.

Suspirei e me mergulhei nas águas da mendacidade.

-Eu conduzia a casa do trabalho, -pinjente. -Trabalho no bar *Merlotte's* —sabem onde é?

Ambos assentiram. Claro, a polícia saberia a posição de cada bar na região.

-Vi um corpo jazendo ao lado do caminho, de flanco sobre o cascalho, -pinjente com cuidado, prevendo não dizer algo que não pudesse recordar. -Então me parei. Não havia ninguém mais à vista. Quando averigüei que ela estava ainda viva, sabia que tinha que conseguir ajuda. Demorei-me muito em colocá-la no automóvel sozinha. -Tratava de explicar o passado do tempo, a hora que eu tinha deixado o trabalho e o cascalho do meio-fio do Bill que eu sabia estaria em sua pele. Não podia calibrar quanto cuidado tinha que pôr na reconstrução de minha história, mas mais cuidado era melhor que menos.

-Notou alguma marca de derrapón sobre o caminho? -O policial café claro não podia estar muito tempo sem fazer uma pergunta.

-Não, não notei nada. Pode ter estado ali. É somente que... depois de vê-la, no único que pensei foi nela.

-E logo? -o homem mais velho apontou.

-Podia ver que ela estava ferida, realmente mal, então a traje aqui tão rápido como pude. - Encolhi-me de ombros. Fim de minha história.

-Não pensou em chamar uma ambulância?

-Não tenho um telefone celular.

-Uma mulher que vem a casa do trabalho tão tarde, sozinha, na verdade deveria ter um telefone celular, senhora.

Abri minha boca para lhe dizer que se ele tinha vontades de pagar a conta, estaria encantada de ter um, mas me contive. Sim, *seria* prático ter um telefone celular, mas logo que podia me permitir pagar meu telefone normal. Meu único esbanjamento era a televisão por cabo, e justifiquei isto me dizendo que eram meus únicos gastos recreacionais.

-Tem razão, -pinjente brevemente.

-E seu nome completo é? -Este era o homem mais jóven. Elevei a vista, encontrei seus olhos.

-Sookie Stackhouse, -pinjente. Ele tinha estado pensando que eu parecia do tipo tímida e doce.

-É a irmã do homem extraviado? -O homem grisalho se inclinou para olhar minha cara.

-Sim, senhor. -Olhei meus dedos do pé outra vez.

-Você certamente esta tendo uma rajada de má sorte, senhorita Stackhouse.

-diga-me isso , -pinjente, minha voz retumbo com sinceridade.

-Tinha visto alguma vez a esta mulher, a mulher que trouxe, antes de esta noite? -O oficial mais velho rabiscava em uma pequena caderneta que ele tinha tirado de um bolso. Seu nome era Curlew, o pequeno alfinete sobre seu bolso o dizia.

Sacudi minha cabeça.

-Você pensa que seu irmão poderia havê-la conhecido?

Elevei a vista, surpreendida. Procurei os olhos do homem café outra vez. Seu nome era Stans.

-Como diabos poderia sabê-lo? -Perguntei. Soube no segundo seguinte que ele só queria que elevasse a vista outra vez. Ele não sabia que pensar de mim. O monocromático Stans pensava que eu era bonita e parecia uma pequena boa Samaritana. Por outra parte, meu trabalho era da classe que uma moça educada “bem” não tomava frequentemente, e meu irmão era conhecido como um bagunceiro, embora a muitos dos oficiais de patrulha lhes caísse bem.

-Como está ela? -Perguntei.

Ambos jogaram uma olhada à porta detrás da qual continuava a luta para salvar a jovem mulher.

-Ela está ainda viva, -disse Stans.

-Pobrecita, -pinjente. As lágrimas rodaram sob minhas bochechas, e comecei a pinçar em meus bolsos por um lenço.

-Disse-lhe algo ela, senhorita Stackhouse?

Tive que pensar nisto.

-Sim, -pinjente. -Ela o fez. -A verdade, era o mas seguro neste caso.

Ambos resplandeceram com esta notícia.

-Disse-me seu nome. Disse que suas pernas eram o que mas doía, quando lhe perguntei, -pinjente. -E ela disse que o automóvel a tinha golpeado, mas não a atropelou.

Os dois homens se viram o um ao outro.

-Descreveu-lhe o automóvel? -Stans perguntou.

Estive incrivelmente tentada a descrever o automóvel das bruxas. Mas desconfiei do regozijo que borbulhou dentro de mim pela idéia. E me alegrei de fazê-lo, ao segundo seguinte, quando me precavi que o rastro de evidência que eles obteriam do automóvel seria pele de lobo. Bem pensado, Sook.

-Não, ela não o fez, -pinjente, tratando de me olhar como se tivesse estado fazendo memória. -Ela não falou realmente muito depois disto, somente gemia. Foi horrível. -E a tapeçaria sobre meu assento traseiro estava provavelmente arruinada, também. Imediatamente lamentei ter pensado em um pouco tão egoísta.

-E você não viu nenhum outro automóvel, caminhonete, nenhum outro veículo sobre seu caminho a casa do bar, ou inclusive quando você voltava para a cidade?

Era uma pergunta ligeiramente diferente.

-Não sobre meu caminho, -disse irresolutamente. -Provavelmente vi uns automóveis quando me aproximei mais ao Bon Temps e passei pela cidade. E certamente vi mais entre o Bon Temps e Clarice. Mas não recordo nenhum em particular.

-Pode nos levar a ponto onde você a recolheu? O lugar exato?

-Duvido-o. Não havia nada para marcá-lo além dela, -pinjente. Meu nível de coerência decaía com cada minuto. -Nenhuma árvore grande, ou caminho, ou pôster de milhas. Talvez amanhã? No dia?

Stans me aplaudo sobre o ombro.

-Sei que você esta impressionada, senhorita, -disse ele consoladoramente. -Você fez o melhor que podia por esta garota. Agora temos que deixá-la em mãos dos doutores e o Senhor.

Assenti com a cabeça energicamente, porque claramente estive de acordo. Curlew, o mais velho, ainda me via um pouco escépticamente, mas me agradeceu de maneira formal, e andaram a pernas fora do hospital na escuridão. Retrocedi um pouco, embora permaneci olhando o estacionamento. Um segundo ou dois, eles chegaram a meu automóvel e iluminaram com suas lanternas grandes pelas janelas, comprovando o interior. Guardo o interior de meu automóvel super-limpo, assim que eles não veriam outra coisa a não ser manchas de sangue no assento traseiro. Notei que eles comprovaram a defesa dianteira, também, e não os culpei nem um poquinho.

Examinaram meu automóvel repetidas vezes, e finalmente eles estiveram de pé sob uma das luzes grandes, fazendo notas sobre tabuletas sujetapapeles.

Não muito tempo depois disto, a doutora saiu para me encontrar. Ela se tirou sua máscara e esfregou a base de seu pescoço com uma larga mão magra.

-A Senhorita Cooper o esta fazendo bem. Ela é estável, -disse ela.

Assenti, e logo fechei meus olhos durante um momento de intenso alívio.

-Obrigado, -grasnei.

-vamos transportar a por avião ao Schumpert no Shreveport. O helicoptero estará aqui em qualquer segundo.

Pisquei, tratando de me decidir se isto era uma coisa boa ou uma coisa má. Sem importar qual fora minha opinião, a lobato tinha que ir ao melhor hospital e mais próximo. Quando ela fora capaz de falar, ela teria que lhes dizer algo. Como poderia me assegurar que sua história enquadrasse com a minha?

-Ela está consciente? -Perguntei.

-Apenas, -a doutor disse, quase furiosamente, como se tais feridas fossem um insulto pessoal a ela. -Você pode lhe falar brevemente, mas não posso garantir que ela recordará, ou entenderá. Tenho que ir falar com os polis. -Os dois oficiais andavam a pernas de volta ao hospital, vi desde meu lugar na janela.

-Obrigado, -pinjente, e segui seu gesto à esquerda. Empurrei para abrir a porta no severo quarto brilhante onde eles tinham estado trabalhando sobre a garota.

Era uma confusão. Havia um par de enfermeiras ali agora mesmo, conversando sobre isto e aquilo enquanto guardavam alguns pacotes não usados de ataduras e tubos. Um homem com um cubo e faxineira estava à espera em uma esquina. Ele limparia o quarto quando a lobato—a garota—fora conduzida para fora ao helicóptero. Dirigi-me ao lado da estreita cama e tomei sua mão.

Inclinei-me perto.

-Maria-estrela, reconhece minha voz? -Perguntei quedamente. Sua cara estava torcida por seu impacto contra a terra, e estava coberta de arranhões e raspagens. Estas eram as mais pequenas de suas feridas, mas me pareceram muito dolorosas.

-Sim, -ela respirou.

-Sou a que te encontrou *ao lado do caminho*, -pinjente. -Quando dirigia a casa, ao sul do Bon Temps. Você jazia no caminho regional.

-Entendo, -ela murmurou.

-Suponho, -segui com cuidado, -que alguém te fez sair de seu automóvel, e que então alguém te golpeou com o automóvel. Mas você sabe como é depois de um trauma, às vezes a gente não recorda *nada*. -Uma das enfermeiras deu volta, sua cara curiosa. Ela tinha agarrado a última parte de minha oração. -Assim não se preocupe se não te lembra.

-Tentarei-o, -disse ela ambiguamente, ainda com aquela voz fica, remota.

Não havia nada mais que poderia fazer aqui, e muito mais que dizer sem me equivocar, assim que lhe sussurrei;

-Adeus!, -disse às enfermeiras que apreciava o que faziam, e saí rumo a meu automóvel. Graças às mantas (que supus teria que substituir para o Bill), meu assento traseiro não estava tão quebrado.

Alegrei-me de encontrar algo para estar contente.

Perguntei-me sobre as mantas. Teria-as a polícia? Chamaria-me o hospital sobre elas? Ou tinham sido lançadas no lixo? Encolhi-me de ombros. Não havia nenhuma razão para me preocupar com dois retângulos de material, quando tinha tantos pendentes em minha lista de preocupações. Em primeiro lugar, eu não gostei que os Lobatos se congregassem no Merlotte's. Isto envolvia muito ao Sam dentro dos problemas dos lobatos. Ele era um adapto, depois de tudo, e os adaptos estavam menos implicados com o mundo sobrenatural. Os Adaptos tendiam mais a ser "um adapto para si mesmo", enquanto os Lobatos estavam sempre organizados em grupos. Agora eles usavam *Merlotte's* como seu lugar de encontro, fora de horário.

E logo estava Eric. *Ah, Senhor*, Eric estaria me esperando em casa.

Encontrei-me me perguntando que hora seria no Peru. Bill devia estar tendo mais diversão que eu. Parecia que me tinha ficado feita pó durante a Véspera de ano novo e nunca me recuperei; jamais me havia sentido tão exausta.

Justo estava passando a intercessão onde eu devia dar volta à esquerda, o caminho que eventualmente passa pelo Merlotte's. Os faróis iluminaram brilhos de árvores e arbustos. Ao menos não havia mais vampiros que corriam ao lado...

-Desperta, -disse a mulher sentada comigo sobre o assento dianteiro.

-O que? -Minhas pálpebras se abriram. O automóvel virou brusca e violentamente.

-Estava-te ficando dormida.

Para estas datas, não teria estado surpreendida se uma baleia encalhada tivesse descansado através do caminho.

-Quem é você? -Perguntei, quando senti que minha voz poderia estar sob controle.

-Claudine.

Era difícil reconhecer a à luz do tabuleiro de instrumentos, mas em efeito, parecia ser a mulher alta e formosa que tinha estado na Véspera de ano novo do Merlotte's, quem tinha estado com a Tara à manhã seguinte.

-Como entrou em meu automóvel? por que está aqui?

-Como existiu uma quantidade insólita de atividade sobrenatural nesta área durante a semana passada ou dois. Sou o intermediário.

-Entre o que?

-Entre os dois mundos. Ou, mais exatamente, entre os três mundos.

Às vezes a vida simplesmente te dá mais do que tomadas. Então somente o aceita.

-De modo, que é como um anjo? Por isso despertou quando dormia sobre o volante?

-Não, não consegui chegar tão longe ainda. Está muito cansada para captar isto. Não faça caso da mitologia e simplesmente me aceite tal qual sou.

Senti uma sacudida graciosa em meu peito.

-Olhe, -Claudine indicou. -Esse está homem te fazendo sinais a ti.

Efetivamente, ali no estacionamento do Merlotte's estava parado um vampiro fazendo a de semáforo. Era Chow.

-Ah, simplesmente grandioso, -pinjente, com a voz mas resmungona que podia. -Bom, espero que não te importe uma parada, Claudine. Tenho que entrar.

-Seguro, eu não me perderia isso.

Chow gesticulo ao reverso do bar, e estive surpreendida de encontrar o estacionamento de empregados lotado por automóveis que tinham sido invisíveis do caminho.

-Ah, caramba! -Claudine disse. -Uma festa! -Ela saiu de meu automóvel como se lhe custasse conter seu regozijo, e eu tive a satisfação de ver que Chow ficou absolutamente estupefato quando ele contemplo ao longo de todos os seis pés dela. É difícil surpreender a um vampiro.

-Vamos dentro, -disse Claudine alegremente, e tomou minha mão.

Capítulo 9

Cada *Soube* que tinha conhecido alguma vez estava no Merlotte's. Ou talvez somente me pareceu isso, já que eu estava exausta e queria estar sozinha. A matilha do Lobatos estava ali, todos em sua forma humana e todos mais ou menos vestidos, para meu alívio.

Alcide estava em caquis e uma camisa desabotoada com quadros verdes e azuis. Era difícil acreditar que ele poderia correr sobre quatro patas. Os lobatos bebiam café ou refrescos, e Eric (parecendo feliz e são) tinha um pouco do TrueBlood. Pam se sentava sobre um tamborete, tendo posto um moletom verde cinza, que conseguiu fazer que nela se visse primoroso e sexy. Tinha uma banda em seu cabelo e sapatilhas de esporte adornadas com contas. Trouxe para o Gerald com ela, um vampiro que tinha visto um par de vezes na Fangtasia. Gerald se olhava ao redor de trinta, mas o tinha ouvido referir-se à Proibição

uma vez como se ele a tivesse vivido. O pouco que eu sabia sobre o Gerald não me predispo a querer conhecer mais a respeito dele.

Inclusive em tal companhia, minha entrada com o Claudine não foi nada salvo sensacional. Sob a melhor iluminação do bar, podia ver que o curvilíneo corpo do Claudine estava estrategicamente embutido em um vestido laranja tecido, e suas pernas largas terminavam nos saltos mais altos que tivesse visto jamais. Ela luzia como uma porca deliciosa, em talha extra-grande.

Nop, ela não podia ser um anjo—ao menos, não como eu concebia aos anjos.

Olhando do Claudine ao Pam, decidi que era tremendamente injusto que elas parecessem tão bonitas e chamativas. Como se em cima tivesse que me sentir pouco atrativa, além de parecer pó, assustada e aturdida! Quer alguma tia andar dentro de um quarto ao lado de uma mulher magnífica que virtualmente tem um “quero joder” tatuado sobre sua frente? Se não tivesse detectado ao Sam, a quem eu tinha miserável por completo nisto, teria girado e me teria largado dali.

-Claudine, -disse Coronel Flood. -O que te traz por aqui?

Pam e Gerald ambos contemplavam à mulher em laranja atentamente, como se eles esperassem que ela se tirasse sua roupa em qualquer segundo.

-Minha menina, aqui... —e Claudine inclinou sua cabeça para mim— ... dormiu no volante. Como é que não cuidou melhor dela?

O Coronel, tão digno em sua roupa civil como tinha estado em sua pele, pareceu um pouco surpreso, como se fora novo para ele que, como se supunha, devia me proporcionar amparo.

-Ah, -ele disse. -Uh...

-Deveria ter enviado alguém ao hospital com ela, -disse Claudine, sacudindo sua cascata de cabelo negro.

-Eu me ofereci ir com ela, -disse Eric indignadamente. -Ela disse que seria muito suspeito se fosse ao hospital com um vampiro.

-Bom, hoo-laa, alto, loiro, e *morto!*, -disse Claudine. Ela olhou ao Eric de cima abaixo, admirando o que viu. -Tem o hábito de fazer o que as mulheres humanas lhe pedem?

Agradeço-lhe isso muito, Claudine, reprove-lhe silenciosamente. supunha-se, que eu cuidava do Eric, e agora ele não fecharia nem a porta se eu o dissesse. Gerald a comia com os olhos, ainda do mesmo modo atordoado. Perguntei-me se alguém cartório se me ia estirar sobre uma das mesas e dormisse. De repente, tal como Pam e Gerald faziam, o olhar

do Eric se agudizo e ele pareceu fixo no Claudine. Tive tempo para pensar que eram como olhares de gato que de repente divisavam algo passando e roçando ao longo dos rodapés, antes de que umas mãos grandes me fizessem girar ao redor e Alcide me aproximasse dele. Ele tinha passado pela multidão no bar até que me alcançou. Já que sua camisa não estava grampeada, encontrei minha cara pressionada contra seu quente peito, e me alegrei de estar ali. O cabelo encaracolado negro cheirava realmente como a cão, de verdade, mas por outro lado me sentia cômoda sendo abraçada e apreciada. sentiu-se maravilhoso.

-Quem é você? -Alcide perguntou ao Claudine. Eu tinha meu ouvido contra seu peito e podia ouvir o de dentro e fora, uma sensação estranha.

-Sou Claudine, a fada, -disse a enorme mulher. -Vê?

Tive que dar volta para ver o que ela fazia. Ela tinha levantado seu cabelo comprido para mostrar suas orelhas, que estavam delicadamente bicudas.

-Uma fada, -Alcide repetiu. Ele soou tão surpreso como eu me senti.

-Deliciosa, -disse um dos lobatos mais jovens, um macho com penteado em ponta que poderia ter dezenove. Ele se olhava intrigado com o giro dos acontecimentos, e jogou uma olhada ao redor dos outro lobatos sentados em sua mesa como convidando-os a compartilhar seu prazer. -De verdade?

-Por um tempo, -Claudine disse. -cedo ou tarde, irei por um caminho ou outro. -Ninguém entendeu isto, com a possível exceção do Coronel.

-Você é uma mulher que faz água a boca, apetitosa, -disse o jóven lobato. Para respaldar semelhante completo, o cabelos parados, levava postos jeans e uma camiseta rasgada com *Faltam Angel*; estava descalço, embora *Merlotte's* estivesse fresco, já que o termostato estava apagado para o resto da noite. Ele levava postos anéis no dedo do pé.

-Obrigado! -Claudine sorriu a ele. Ela estalou seus dedos, e houve a mesma classe de neblina ao redor dela que envolvia aos Lobatos quando eles trocavam. Era a bruma da verdadeira magia. Quando o ar se limpou, Claudine tinha posto um vestido de noite branco adornado com lentejoulas.

-Deliciosa, -o menino repetiu de um modo aturdido, e Claudine se desfrutou com sua admiração. Notei que ela mantinha uma certa distância dos vampiros.

-Claudine, agora que proveste, poderíamos por favor falar de algo além de ti? -disse o Coronel Flood soando tão cansado como eu me senti.

-Certamente, -Claudine disse com uma voz apropriadamente castigada. -Somente perguntei.

-Antes de mais nada. Senhorita Stackhouse, como está Maria-estrela?

-Ela sobreviveu a viagem ao hospital no Clarice. Transportassem-na por avião ao Shreveport, ao hospital Schumpert. Pode que já esteja em caminho. A doutora soou bastante otimista sobre suas possibilidades.

Todos os Lobatos se viram o um ao outro, e a maior parte deles soltaram ruídos impetuosos de alívio. Uma mulher, aproximadamente de trinta anos, dançou um momento alegremente. Os vampiros, por agora quase totalmente absortos sobre a fada, não reagiram absolutamente.

-O que lhe disse ao doutor do quarto de emergências? -O Coronel Flood perguntou. -Tenho que avisar a seus pais qual é a linha oficial. -Maria-estrela seria sua primogênita, e sua única menina lobato.

-Disse à polícia que a encontrei ao lado do caminho, que não vi nenhum signo de um freado de automóvel ou algo. Disse-lhes que ela jazia sobre o cascalho, assim não teremos que nos preocupar de que a erva não tenha marcada nenhuma depressão como deveria ser... Espero que ela o tenha captado. Estava bem dopada quando dirigi a ela.

-Muito bem pensado, -Coronel Flood disse. -O agradeço, senhorita Stackhouse. Nossa esta matilha em dívida com você.

Agitei minha mão para rechaçar qualquer dívida.

-Como pôde aparecer-se na casa do Bill no momento adequado?

-Emilio e Sid rastrearam às bruxas à área correta. -Emilio devia ser o homem pequeno, escuro com enormes olhos negros. Havia uma crescente população imigrante mexicana em nossa área, e Emilio era pelo visto uma parte daquela comunidade. O menino com cabelos de puas me dirigiu um gesto com a mão, e assumi que ele devia ser Sid. -De todos os modos, depois do anoitecer, começamos a vigiar o edifício onde Hallow e seu aquelarre estão escondidos. É difícil de fazer; está em um bairro que é sobretudo de negros. -As gêmeas afroamericanas, ambas as garotas, sorriram abertamente a uma à outra. Elas eram o suficientemente jovens para encontrar isto excitante, igual a Sid. -Quando Hallow e seu irmão se dirigiram ao Bon Temps, seguimo-los em nossos automóveis. Chamamos o Sam, também, para lhe advertir.

Vi o Sam com recriminação. Ele não me tinha advertido, não tinha mencionado que os Lobatos encabeçavam nosso caminho, também.

Coronel Flood continuou;

-Sam chamou a meu celular para me dizer onde supunha que eles se dirigiam quando saíram de seu bar. Decidi que um lugar isolado como a casa Compton seria um bom lugar para apanhá-los. Fomos capazes de estacionar nossos automóveis no cemitério e nos trocar, assim foi como chegamos ali bem a tempo. Mas eles agarraram nosso aroma antes. -O coronel fulminou com o olhar ao Sid. Pelo visto, o lobato mais jôven se saltou o plano.

-Então eles escaparam, -pinjente, tratando de sonar neutra. -E agora já sabem que você está atrás deles.

-Sim, eles escaparam. Os assassinos do Adabelle Yancy. Os líderes de um grupo que trata de assumir não só o território dos vampiros, mas também o nosso. -O Coronel Flood tinha estado percorrendo aos Lobatos, reunido com um olhar frio, e eles se encolheram sob seu penetrante olhar, incluindo Alcide. -E agora as bruxas estão sobre aviso, já que elas sabem que estamos atrás de seus passos.

Pam e Gerald pareceram discretamente divertidos com o discurso do coronel, sua atenção momentaneamente desviada da radiante fada Claudine. Eric, como sempre nestes dias, olhou-se tão confundido como se o Coronel falasse em Sânscrito.

-Os Stonebrooks retornaram ao Shreveport quando deixaram a casa do Bill? -Perguntei.

-Acreditam que sim. Tivemo-nos que transformar de novo muito rapidamente—não é uma coisa singela—e logo conseguir nossos automóveis. Alguns de nós seguimos o caminho, outros quantos o outro, mas não os descobrimos.

-E agora estamos aqui. Para que? -A voz do Alcide era áspera.

-Estamos aqui por vários motivos, -o *packmaster* disse. -Primeiro, queríamos saber sobre Maria-estrela. Também, quisemos nos recuperar um pouco antes de conduzir de volta ao Shreveport por nós mesmos.

Os Lobatos, quais pareciam haver ficado sua roupa a toda pressa, realmente se viam um pouco cansados. A transformação sem lua enche e a mudança rápida de forma duas vezes seguidas se cobraram pedágio sobre todos eles.

-E por que estão vocês aqui? -Perguntei ao Pam.

-Temos algo que reportar, também, -disse ela. -Evidentemente, temos os mesmos objetivos que os Lobatos—sobre esta matéria, de todos os modos. -Ela arrancou seu olhar fixo do Claudine com esforço. Ela e Gerald intercambiaram olhadas, e como um sozinho, giraram para o Eric, quem os olhou sem expressão. Pam suspirou, e Gerald olhou seus pés calçados com botas.

-Nosso companheiro de ninho, Clancy, não voltou ontem à noite, -disse Pam. depois deste anúncio alarmante, ela se concentrou outra vez na fada. Claudine parecia ter alguma aula de encanto avassalador sobre os vampiros.

A maior parte dos Lobatos luziram como se pensassem que um vampiro menos era um passo na direção correta. Mas Alcide disse:

-O que pensam que lhe aconteceu?

-Recebemos uma nota, -disse Gerald, em uma das poucas vezes que eu o tinha ouvido dizer algo em voz alta. Ele tinha um débil acento inglês. -A nota disse que as bruxas planejam drenar a um de nossos vampiros cada dia que eles tenham que procurar pelo Eric.

Todos os olhos se dirigiram ao Eric, que pareceu anonadadamente pasmado.

-Mas, por que? -ele perguntou. -Não posso entender o que me converte em semelhante prêmio.

Uma das garota lobato, uma loira bronzeada a finais dos vinte, tomou questão silenciosa com isto. Ela pôs os olhos em branco para mim, e eu só pude lhe sorrir abertamente de volta. Mas não importa quão bom Eric se olhasse, e que idéias tão interessantes se poderiam ter sobre a diversão de estar com ele na cama (e ainda por cima disto, o controle que ele tinha sobre várias empresas vampiro no Shreveport), esta decidida busca do Eric soou com alarme muito "Excessivo". Inclusive se Hallow tinha sexo com o Eric, e logo o drenava até deixá-lo seco e consumiam tudo seu sangue—Esperem, ali havia uma idéia.

-Quanta sangue pode tirar-se de um de vocês? -Perguntei ao Pam.

Ela me contemplou, tão perto de estar surpreendida de quanto eu a tinha visto alguma vez.

-me deixe ver, -disse. Ela olhou fixamente no espaço, e seus dedos se menearam. Pareceu que Pam traduzia de uma unidade de medida a outra. -Seis quartos de galão, -ela disse por fim.

-E quanta sangue se venderia naqueles pequenos frascos?

-Isto é... -Ela fez um pouco mais de cálculo. -Bom, seria menos que um quarto de taça. -Ela antecipou aonde me dirigia. -Eric contém mais de noventa e seis unidades vendíveis de sangue.

-Quanto calcula que eles poderiam pedir por isso?

-Bem, na rua, o preço alcançou 225 dólares para o sangue de vampiro normal, -disse Pam, seus olhos tão frios como a geada de inverno. -Pelo sangue do Eric... Ele é tão velho...

-Talvez 425 dólares um frasco?

-Conservadoramente.

-Deste modo, com calculos alegres, o valor do Eric seria...

-mais de quarenta mil dólares.

A multidão inteira contemplou ao Eric com renovado interesse—exceto Pam e Gerald, que junto com o Eric tinha reatado sua contemplação do Claudine. Eles pareceram haver-se movido pouco a pouco mais perto da fada.

-Assim, pensa que isto seria motivação suficiente? -Perguntei. -Eric a desprezou. Ela o quer, ela quer suas coisas, e ela quer vender seu sangue.

-Isso é muchísima motivação, -reconheceu uma lobato mulher, uma bonita moréia a finais de seus anos quarenta.

-Mais à parte, Hallow está assobiada, -disse Claudine alegremente.

Não acredito que a fada tivesse deixado de sorrir desde que ela tinha aparecido em meu automóvel.

-Como sabe isto, Claudine? -Perguntei.

-estive em sua sede, -disse ela.

Consideramo-la em silencio durante um momento comprido, mas não tão completamente absortos como faziam os três vampiros.

-Claudine, aproximaste-te deles? -O coronel Flood perguntou. Ele soou mais cansado que qualquer outra coisa.

-James, -Claudine disse. -Deveria te envergonhar! Ela pensou que eu era uma bruxa da área.

Talvez eu não era a única quem pensava que tão transbordante alegria era um pouco estranha. A maior parte dos quinze e pico Lobatos no bar não pareciam muito cômodos ao redor da fada.

-Nos teria economizado um montão de confusões se nos houvesse dito isto mais cedo hoje, Claudine, -o Coronel disse, seu tom gelado.

-Uma verdadeira fada, -disse Gerald. -tive só uma antes.

-Elas são difíceis de agarrar, -disse Pam, sua voz sonhadora. Ela dió um passado um pouco mais perto.

Inclusive Eric tinha perdido seu porte em branco e frustrado e dió um passo para o Claudine. Os três vampiros pareceram me choco-adictos na fábrica Hershey .

-Ouçam, -disse Claudine, um pouco ansiosa. -Cuaquier costure com presas, dê um passo atrás!

Pam pareceu um pouco envergonhada, e tratou de relaxar-se. Gerald se submeteu a contra gosto. Eric seguiu seu progressivo avanço.

Nenhum dos vampiros nem qualquer dos Lobatos pareceu desejoso de deter o Eric. Mentalmente me encolhi de ombros. depois de tudo, Claudine me tinha despertado antes de que pudesse me estrelar com meu automóvel.

-Eric, -pinjente, avançando três rápidos passos para estar de pé entre o Eric e a fada. -lhe corte já!

-O que? -Eric não me emprestou mais atenção que a uma mosca que zumbia ao redor de sua cabeça.

-Ela esta fora dos limites, Eric, -pinjente, e os olhos do Eric vacilaram e olharam a minha cara. -Olá, recorda-me? -Pus minha mão sobre seu peito para fazê-lo mais lento. -Não sei por que está tão acelerado, amigo, mas tem que deter seus cavalos.

-Quero-a, -disse Eric, seus olhos azuis reluzindo enquanto me olhavam.

-Vale, ela é magnífica, -pinjente, me esforçando por ser razoável, embora estava um pouco ferida. -Mas ela não está disponível. Correto, Claudine? -Apontei minha voz atrás sobre meu ombro.

-Não disponível para um vampiro, -disse a fada. -Meu sangue é embriagador para um vampiro. Não quer saber como luzem depois de que eles me tiveram. -Mas ela ainda soava alegremente jovial.

Então não me tinha equivocado muito com a metáfora do chocolate. Provavelmente era por que não tinha conhecido a nenhuma fada antes; andava muito em companhia dos não-mortos.

Quando uma tem pensamentos assim, alguém sabe que está em problemas.

-Claudine, adivinho que seria melhor te tirar fora agora, -pinjente algo desesperadamente. Eric empurrava contra mim, ainda não de maneira séria (ou eu estaria aplanada sobre o chão), mas já tinha tido que ceder um passo. Queria ouvir o que Claudine tinha que lhe dizer aos Lobatos, mas me dava conta que separar aos vampiros da fada era prioritária.

-Justo como um grande *petit four* , -suspirou Pam, olhando ao Claudine rebolar seu culo branco adornado com lentejoulas todo o caminho para fora da porta de rua com o Coronel Flood seguindo-a detrás. Eric pareceu despertar de sopetón uma vez que Claudine estava fora de vista, e respirei com uma sensação de alívio.

-Aos vampiros realmente gosta das fadas, né!? -Pinjente nervosamente.

-OH, sim!, -disseram eles ao unísono.

-Já sabem que ela salvou minha vida, e pelo visto, ela nos está dando uma mão sobre esta coisa da bruxa, -recordei-lhes.

Eles luziram mal-humorados.

-Claudine foi realmente de muita ajuda, -Coronel Flood disse quando ele entrou de novo, soava surpreso. A porta se balançou fechando-se detrás dele.

O braço do Eric se enroscou para mim ao redor, e podia sentir uma classe de fome que mudava em outra.

-por que estava élla na sede do aquelarre? -Alcide perguntou, mais zangado do normal.

-Já conhece as fadas. Gostam de paquerar com o desastre, gostam dos jogos onde podem atuar. -O *packmaster* suspirou pesadamente. -Inclusive Claudine, e ela é uma das boas. Definitivamente vai em ascensão. O que ela me disse foi isto: Esta Hallow tem um aquelarre de aproximadamente vinte bruxas. Todos eles são Lobatos ou Adaptos maiores. Todos usam sangue de vampiro, talvez são viciados.

-Ajudarão-nos as Wiccans a lutar contra eles? -Perguntou uma mulher de média idade com o cabelo tingido de vermelho e um pouco de papada.

-Eles não se comprometeram ainda. -Um homem jóven com um corte de cabelo uso militar—me perguntei se ele estaria estacionado na Base da Força Aérea do Barksdale—parecia saber a história sobre as Wiccans. -Seguindo as ordens de nosso *packmaster*, chamei ou me pus em contato com cada aquelarre Wiccan ou indivíduo Wiccan na área, e eles estão fazendo todo o possível para esconder-se destas criaturas. Mas vi signos que a maior parte deles se dirigiam a uma reunião esta noite, embora eu não saiba onde. Acredito que vão falar da situação sozinhos. Se eles pudessem montar um ataque também, isto nos ajudaria.

-Bom trabalho, Portugal, -disse Coronel Flood, e o homem jóven pareceu gratificado.

Como estávamos com nossas costas contra a parede, Eric se tinha sentido em liberdade de deixar vagar a sua mão sobre meu traseiro. Não me opus à sensação, que era muito prazenteira, mas me opus realmente ao local, que era também condenadamente público.

-Claudine não disse nada sobre prisioneiros que poderiam ter estado ali? -Perguntei, dando um passo longe do Eric.

-Não, sinto muito, senhorita Stackhouse. Ela não viu ninguém que encaixasse com a descrição de seu irmão, e não viu o vampiro Clancy.

Não estive exatamente surpreendida, mas estive muito decepcionada. Sam disse;

-Lamento-o, Sookie. Se Hallow não o tiver, onde pode estar ele?

-Embora claro, somente porque ela não o viu, não significa que ele não está ali, -disse o Coronel. -Estamos seguros que ela tem ao Clancy, e Claudine não o viu tampouco.

-De retorno às Wiccans, -sugeri a lobato ruiva. -O que deveríamos fazer sobre eles?

-Amanhã, Portugal, chama todos seus contatos das Wiccan outra vez, -Coronel Flood disse. -te leve ao Culpepper para te ajudar.

Culpepper era uma garota com uma cara forte, formosa e um corte de cabelo prático. Ela pareceu contente de estar incluída em algo que o Portugal fazia. Ele pareceu contente, também, mas ele tratou de mascará-lo sob uma maneira brusca.

-Sim, senhor, -disse ele rapidamente. Culpepper pensou que era bonito e divino de morte; eu levantei isto diretamente de seu cérebro. Ela poderia ser lobato, mas não se podia disfarçar uma admiração tão intensa. -Uh, por que lhes chamo outra vez? -Portugal perguntou depois de um comprido momento.

-Temos que saber o que eles planejam fazer, se compartilharão isto conosco, -Coronel Flood disse. -Se eles não estiverem conosco, podem ao menos manter-se fora de nosso caminho.

-De modo o que, vamos ter guerra? -Este foi um homem mais velho, que pareceu ser casal com a mulher ruiva.

-Foram os vampiros quem a começou, -disse a mulher ruiva.

-Isso *não é certo*, -disse indignadamente.

-Lameculos de vampiros, -ela disse.

Eu tinha escutado dizer coisas piores sobre mim, mas não em minha cara, e não de gente que tinha a intenção de que eu as ouvisse.

Eric tinha deixado o chão antes de que eu pudesse me decidir se estava mais ferida ou mais enfurecida. Ele tinha optado imediatamente por enfurecer-se, e o fez muito eficazmente. Ela estava sobre o chão em suas costas e ele estava em cima dela com as presas estendidas antes de que alguém pudesse estar sequer alarmado. Foi uma sorte para a mulher ruiva que Pam e Gerald fossem igualmente rápidos, embora se necessitou de ambos para separar ao Eric da lobato ruiva. Ela sangrava só um pouco, mas choramingava sem parar.

Durante um segundo comprido, pensei que o quarto inteiro ia fazer erupção em uma batalha, mas Coronel Flood rugiu;

-SILÊNCIO! -e vocês não desobedeciam aquela voz.

-Amanda, -ele disse à mulher ruiva, que chorava como se Eric lhe tivesse tirado um membro, e cujo companheiro estava ocupado verificando suas feridas com um pânico totalmente desnecessário, -será cortês com nossos aliados, e te guardará suas malditas opiniões para ti mesma. Sua ofensa anula o sangue que ele derramou. Nenhuma vingança, Parnell! -O macho lobato lhe grunhiu ao Coronel, mas finalmente deu uma cabeçada mesquinha.

-Senhorita Stackhouse, peço perdão pelas pobres maneiras da matilha, -Coronel Flood me disse. Embora estivesse ainda desgostada, obriguei a meu mesma assentir. Não pude menos que notar que Alcide olhava de mim ao Eric, e ele luzia—pois, olhava-se consternado. Sam teve o sentido de manter-se bastante inexpressivo. Minhas costas ficou rígida, e rapidamente passe uma mão sobre meus olhos para enxugar as lágrimas.

Eric se estava acalmando, mas era com esforço. Pam murmurava em seu ouvido, e Gerald mantinha um bom apertão sobre seu braço.

Para fazer minha noite perfeita, a porta traseira do Merlotte's se abriu outra vez, e Debbie Pelt andou dentro.

-Todos vocês estão tendo festa sem mim. -Viu a estranha assembléia e levantou suas sobranceiras. -Né, bebê!, -disse ela diretamente ao Alcide, e percorreu com mão possessiva seu braço, entrelaçando seus dedos com os seus. Alcide tinha uma expressão engraçada sobre sua cara. Era como se ele fora simultaneamente feliz e miserável.

Debbie era uma mulher imponente, alta e magra, com uma cara larga. Ela tinha o cabelo negro, mas não era encaracolado e despenteado como o do Alcide. Estava talhado em

diminutos grupos assimétrico de maneira reta e se balançava com seu movimento. Era o corte de cabelo mais parvo que tinha visto alguma vez, e haveria flanco indubitavelmente uma boa prata. De algum jeito, os homens não pareciam estar interessados em seu corte de cabelo.

Teria sido hipócrita que a saudasse. Debbie e eu estávamos mas lá disso. Ela tinha tratado de me matar, um fato que Alcide sabia; e ainda assim, ela ainda parecia exercer alguma fascinação sobre ele, embora ele a tivesse mandado longe quando compreendeu isto. Para um homem preparado, prático e trabalhador, ele tinha um enorme ponto cego, e aqui estava, em jeans apertados de Moça Cruel e um suéter magro laranja que se pegava a cada polegada de sua pele. Que fazia ela aqui, tão longe de suas próprias terras para brincar de correr?

Senti um impulso repentino de dar volta ao Eric e lhe dizer que Debbie fazia um atentado sério contra minha vida, somente para ver o que aconteceria. Mas me contive outra vez. Todo este refreamento era claramente muito. Meus dedos se crisparam dolorosamente, transformando minhas mãos em punhos apertados.

-Chamaremos-lhe se algo mais passa nesta reunião, -disse Gerald. Tomou um minuto para entender que estava sendo despedida, e que era porque tinha que levar ao Eric de volta a minha casa, não fora que ele fizesse erupção outra vez. Do olhar sobre sua cara, isto não tomaria muito. Seus olhos brilhavam azuis, e suas presas estavam ao menos estendidos na metade. Estive mas tentada que nunca a ... não, *não o estava*. Partiria-me.

-Adeus, cadela!, -disse Debbie, quando saí pela porta. Vislumbrei ao Alcide que girava a vê-la, sua expressão horrorizada, mas Pam aprisionou meu braço e me empurrou para fora no estacionamento. Gerald tinha bem agarrado ao Eric, que era uma coisa boa, também.

Quando os dois vampiros nos deixaram com o Chow, eu jogava fumaça.

Chow confiou ao Eric no assento do passageiro, assim parecia que eu era o condutor designado. O vampiro asiático disse;

-Chamaremos-lhe mais tarde, vete a sua casa, -e estive a ponto de lhe espetar que se calasse. Mas joguei uma olhada a meu passageiro e decidi em troca ser inteligente e sair dali rapidamente. A beligerância e desejos de follón do Eric se dissolveram paulatinamente. Ele pareceu confundido e perdido, a diferença do cabeludo vingador explosivo que tinha sido só uns minutos antes, como se podem imaginar.

Estivemos a metade de caminho de casa antes de que Eric dissesse algo.

-por que odeiam tanto os lobatos aos vampiros? -ele perguntou.

-Não sei, -respondi, reduzindo a velocidade porque dois cervos saltaram através do caminho. Quando se vê o primeiro, é bom sempre esperar: Haverá outro mais, muito seguido. -Os vampiros sentem o mesmo sobre o Lobatos e Adaptos. A comunidade sobrenatural parece unir-se contra os humanos, mas fora disto, vocês meninos, brigam muito, ao menos pelo que eu posso contar. -Suspirei e considerei a fraseologia. -Um, Eric, aprecio seu tira de postura por minha parte, quando Amanda me chamou por esse nome. Mas estou acostumada a arrumar as coisas por meu mesma quando penso que o merece. Se eu fosse um vampiro, você não sentiria que tem que golpear às pessoas em meu nome, certo?

-Mas você não é tão forte como um vampiro, nem sequer tão forte como um lobato, -objetou Eric.

-Tem razão, carinho. Mas também eu não teria pensado nem em golpeá-la, porque isto lhe daria uma boa razão de me golpear de volta.

-O que está dizendo é que atei a golpes quando não havia necessidade disso.

-Isto é exatamente o que digo.

-Envergonhei-te.

-Não, -pinjente imediatamente. Então me perguntei se não seria exatamente o caso. -Não, -repeti com mais convicção, -não me envergonhou. Realmente, fez-me sentir bem, que você se sentisse, ah, suficiente afeiçoado comigo para te zangar quando Amanda atuou como se eu fora um pouco pego a seu sapato. Mas estou acostumada a aquele tratamento, e posso dirigi-lo. Embora enquadrar o do Debbie é outro nível completamente diferente.

O novo Eric pensativo dió a isto uma mastigada mental.

-por que está acostumada a isto? -ele perguntou.

Isto não era a reação que eu tinha esperado. Para esse momento estávamos na casa, e comprovei que os arredores estivessem limpos antes de que eu saísse a lhe tirar o cadeado à porta traseira. Quando estivemos a salvo dentro sob chave e o ferrolho jogado, pinjente;

-Porque estou acostumada a que a gente não pensa bem da maioria das garçonetes. Garçonetes incultas. Garçonetes incultas telepáticas. Estou acostumada às pessoas que pensa que estou louca, ou ao menos tocada mentalmente. Não tento soar como a Pobre Pérola Maltratada, mas não tenho muitos fãs, e estou acostumada a isso.

-Isto confirma minha má opinião dos humanos em geral, -Eric disse. Ele atirou meu casaco de meus ombros, olhou-o com desgosto, pendurou-o ao dorso de uma das cadeiras empurradas sob a mesa da cozinha. -Você é tão formosa.

Ninguém me tinha cuidado alguma vez aos olhos e dito isto. Encontrei que tive que baixar minha cabeça.

-Você é simpática, e é leal, -disse ele seguindo implacável, embora eu agitasse uma mão para lhe pedir calar-se. -Tem sentido para a diversão e aventura.

-Curta o cilindro, -pinjente.

-me obrigue, -disse ele. -Tem os peitos mais formosos que vi alguma vez. É valente. -Pus meus dedos através de sua boca, e sua língua imediatamente saiu para lhes dar uma lambida rápida. Relaxe-me contra ele, me sentindo vibrar da cabeça a meus dedos do pé. -É responsável e trabalhadora, -seguiu. antes de que ele pudesse me dizer que eu era boa remplazando a bolsa plástica do lixo quando a tirava fora, substituí meus dedos por meus lábios.

-Ali, -ele disse brandamente, depois de um momento comprido. -É criativa, também.

Durante a hora seguinte, demonstrou-me que, também, ele era muito criativo.

Foi na única hora de um dia extremamente comprido que eu não fui consumida com medo: pelo destino de meu irmão, sobre a malevolência do Hallow, sobre a horrível morte do Adabelle Yancy. Haveria provavelmente umas quantas coisas mais que me fariam temerosa, mas em um dia tão comprido foi impossível escolher qual coisa era mais horrível que a outra.

Quando descansar acurrucada entre os braços do Eric, cantarolando uma pequena melodia muda enquanto riscava a linha de seu ombro com um dedo ocioso, eu estava agradecida até os ossos pelo prazer que ele me tinha dado. Um pedaço de felicidade nunca deveria dar-se por sentado.

-Obrigado, -pinjente, minha cara pressionada a seu peito silencioso.

Ele pôs um dedo sob meu queixo, assim eu levantaria meus olhos fazia os seus.

-Não, -ele disse quedamente. -Você me recolheu do caminho e me manteve a salvo. Está lista a lutar por mim. Posso dizer isso sobre ti. Não posso acreditar minha sorte. Quando esta bruxa seja derrotada, trarei-te para meu lado. Compartilharei tudo o que tenho contigo. Cada vampiro que me deva lealdade te honrará.

Isto era medieval, ou o que? Benzo o coração do Eric, nada disso ia passar. Ao menos eu era o suficiente inteligente, e realista, para não me enganar durante um minuto, embora isto fora uma maravilhosa fantasia. Ele pensava como um amo com escravos ao seu dispor, não como um desumano vampiro líder que possuía um bar turístico no Shreveport.

-Você me tem feito muito feliz,- pinjente, que era certamente a verdade.

Capítulo 10

O lago detrás da casa do Jason já tinha sido investigado quando me levantei na próxima manhã. Alcee Beck esmurrou minha porta às dez, e já que isto soou exatamente o golpe de um oficial de polícia, pu-me meus jeans e uma sudadera antes de me dirigir à porta.

-Ele não está no lago, -disse Beck, sem preâmbulo.

Recarregue-me pesadamente contra a entrada.

-Ah, graças a Deus. -Fechei meus olhos durante um minuto somente para isso. -Por favor, entre. -Alcee Beck atravessou a soleira como um vampiro, olhando-o tudo ao redor silenciosamente e com certa cautela.

-Queria um pouco de café? -Perguntei cortesmente, quando ele esteve sentado sobre a velha poltrona.

-Não, obrigado, -disse ele rigidamente, tão incômodo comigo como eu o estava com ele. Divisei a camisa do Eric pendurada sobre o cabo da porta de meu dormitório, não exatamente visível de onde o Detetive Beck se sentava. Muitas mulheres levam postas camisas de homem, e me disse não ser paranóica sobre sua presença. Embora tratasse de não escutar a mente do detetive, poderia dizer que ele estava intranquilo de estar sozinho na casa de uma mulher branca, e ele desejava que Andy Bellefleur chegasse logo.

-Volto em um minuto, -pinjente, antes de que cedesse à tentação e lhe perguntasse por que estava previsto que chegasse Andy. Isto sacudiria ao Alcee Beck até o tutano. Agarrei a camisa quando entrei em meu quarto, dobrei-a, e a meti em uma gaveta antes de me escovar meus dentes e lavar minha cara. Quando voltei para a sala de estar, Andy fazia sua aparição. O chefe do Jason, Siluro Hennessey, estava com ele. Podia sentir o sangue correr dentro de minha cabeça e me sentei muito pesadamente sobre o turco junto à poltrona.

-O que? -Pinjente. Não podia ter pronunciado outra palavra.

-O sangue sobre o mole é provavelmente sangue felina, e há um rastro, além da impressão de bota do Jason, -disse Andy. -mantivemos isto em silêncio, porque não queremos aqueles bosques fervendo de idiotas. -Podia me sentir balançada por um vento invisível. Me teria rido, se não tivesse tido o “presente” da telepatia. Ele não pensava em um gato listrado ou calicó quando ele disse felino; ele pensava em uma pantera.

As panteras são o que chamamos leões de montanhas (pumas). Certamente não há montanhas por aqui, mas as panteras—os homens mais velhos de por aqui lhes chamavam “pantadas”—vivem em terras baixas, também. De acordo ao que eu sabia, as únicas panteras do lugar que poderiam ser encontradas em seu hábitat natural estavam na Flórida, e seu número diminuído ao bordo da extinção. Nenhuma evidência sólida tinha sido proporcionada para demonstrar que qualquer pantera viva nativa tinha estado vivendo na Luisiana nos passados cinquenta anos, mais ou menos.

Mas certamente, existiam histórias. E nossos bosques e rios poderiam produzir um sem-fim de jacarés, lontras, zarigüeyas, mapaches, e até um ocasional urso negro ou gato montês. Coiotes, também. Mas não havia nenhuma foto, ou toma, ou rastros impressos, para demonstrar a presença de panteras... até agora.

Os olhos do Andy Bellefleur estavam ardendo de desejo, mas não por mim. Qualquer macho viril com sangue nas veias que tinha ido alguma vez a caçar, ou até qualquer tipo P.C. que fotografava a natureza, daria o que fora para ver uma verdadeira pantera selvagem. Apesar de que estes grandes depredadores estavam profundamente ansiosos de evitar às pessoas, a gente não lhes devolveria o favor.

-O que pensam vocês? -Perguntei, embora eu soubesse condenadamente bem o que eles pensavam. Mas para mantê-los dentro de um saudável equilíbrio, tive que fingir que não sabia; eles se sentiriam melhor, e poderiam deixar deslizar algo. Siluro pensava que Jason estava provavelmente morto. Os dois oficiais de polícia seguiram me vendo com seu olhar fixo, mas Siluro, que me conhecia melhor que eles, sentava-se olhando a outro lado sobre o bordo da velha poltrona reclinável do Abue, suas avermelhadas mãos grandes entrelaçadas a uma à outra com tal força que seus nódulos estavam brancos.

-Talvez Jason detectou à pantera quando ele veio a casa essa noite, -disse Andy com cuidado. -Já sabe que ele teria conseguido e carregado seu rifle para tratar de rastreá-la.

-Estão em perigo de extinção, -pinjente. -Pensa que Jason não sabe que as panteras são uma espécie em perigo? -Certamente, eles pensaram que Jason era tão impulsivo e tolo que simplesmente não lhe preocuparia.

-Você está segura que isto seria primitivo em sua lista? -Alcee Beck perguntou, com um intento de gentileza.

-Então você pensa que Jason lhe pegou um tiro à pantera, -pinjente, tendo um pouco de dificuldade para conseguir tirar as palavras de minha boca.

-É uma possibilidade.

-E logo o que? -Cruzei meus braços sobre meu peito.

Os três homens intercambiaram uma olhada.

-Talvez Jason seguiu à pantera nos bosques, -disse Andy. -Talvez a pantera não estava tão mau ferida depois de tudo, e o apanhou.

-Você pensa que meu irmão rastrearia a um animal ferido e perigoso nos bosques de noite, sozinho. -Seguro que eles acreditavam. Podia lê-lo alto e claro. Eles pensaram que seria um comportamento absolutamente típico do Jason Stackhouse. O que eles não captavam era que (imprudente e selvagem como meu irmão era) a pessoa favorita do Jason no universo inteiro era: Jason Stackhouse, e ele não poria em perigo a aquela pessoa de um modo tão óbvio.

Andy Bellefleur tinha algumas duvida sobre esta teoria, mas Alcee Beck seguro que não. Ele pensou que eu tinha perfilado exatamente o comportamento do Jason essa noite. O que os dois oficiais de polícia não sabiam, e o que eu não podia lhes dizer, era que se Jason tinha visto uma pantera em sua casa essa noite, havia boas possibilidades que a pantera fora realmente um humano que trocava de forma. Não havia dito Claudine que as bruxas tinham coberto sob seu manto alguns adaptos maiores? Uma pantera seria um valioso animal para ter de seu lado se alguém contemplasse uma apropriação de maneira hostil.

-Jay Stans, do Clarice, chamou-me esta manhã, -disse Andy. Sua larga cara dió volta para mim e seus olhos negros se centraram sobre mim. -Ele me comentou sobre esta garota que encontrou ao lado do caminho ontem à noite.

Assenti, não vendo a conexão, e muito preocupada com a especulação sobre a pantera para adivinhar o que vinha.

-Esta moça tem alguma relação com o Jason?

-O que? -Abri a boca. -De que falas?

-Você encontrou a esta moça, esta Maria-estrela Cooper, ao lado do caminho. Eles procuraram, mas não encontraram nenhum rastro de um acidente.

Encolhi-me de ombros.

-Disse-lhes que não estava segura que pudesse se localizar o ponto, e eles não me pediram ir olhar, depois de que o ofereci. Não estou muito surpreendida de que eles não pudessem encontrar nenhuma prova, não sabendo o ponto exato. Tratei de memorizá-lo, mas era de noite, e estava muito assustada. Ou também ela poderia ter sido expulsa onde a encontrei. - Não Miro o *Discovery Channel* para nada.

-Olhe, o que pensávamos, -retumbou a voz do Alcee Beck, -é que esta moça era um dos movimentos do Jason, e talvez ele a mantinha em algum sítio secreto? Mas você a deixou ir quando Jason desapareceu.

-Né!? -Era como se eles falassem no Urdu ou algo assim. Não podia encontrar nenhum sentido disso.

-Com o Jason detido como suspeito por aqueles assassinatos o ano passado, todos nos perguntamos se não haveria um pouco de fogo sob toda aquela fumaça.

-Você sabe quem fez aquelas matanças. Ele está no cárcere, a menos que algo tenha resultado mal que eu não saiba. E ele confessou. -Siluro encontrou meus olhos, e estavam muito intranquilos. Esta linha de interrogatório tinha ao chefe de meu irmão todo nervoso. Concedido, meu irmão era um pouco pervertido no departamento sexual (embora nenhuma das mulheres às que ele pervertia parecia lhe importar), mas a idéia dele guardando a uma pulseira sexual que eu libere quando ele desapareceu? Ah, venha já!

-Ele realmente admitiu, e está ainda no cárcere, -disse Andy. Já que Andy tinha sido quem tomou a confissão, esperava que assim fora. -Mas, e se Jason fora seu cúmplice?

-Espera um maldito minuto agora, -pinjente. Meu recipiente de paciência começava a derramar-se. -Não pode ter ambos os caminhos. Se meu irmão estiver morto lá fora nos bosques depois de perseguir uma mítica pantera ferida, como poderia ele ter estado retendo, qual era seu nome, a Maria-estrela Cooper de refém em algum sítio? Você pensa que estive envolta nas atividades de suposta escravidão de meu irmão, também? Você pensa que a golpeei com meu automóvel? E logo a carreguei dentro e a conduzi ao quarto de emergências?

Fulminamo-nos com o olhar o um ao outro durante um momento comprido. Os homens exsudavam ondas de tensão e confusão como se fossem participantes no Mardi Gras.

Então Siluro se levantou da poltrona como uma cortiça de garrafa.

-Não, -ele bramou. -Vocês me pediram vir para levar as más notícias sobre a pantera ao Sookie. Ninguém disse nada sobre esta coisa de alguma garota sendo golpeada por um automóvel! Esta moça aqui é boa. -Siluro me assinalou. -Ninguém vai chamar a diferente! Jason Stackhouse nunca teve que fazer nada mais que flexionar seu dedo mindinho para que qualquer moça venha correndo, muito menos precisa tomar a uma refém e lhe fazer coisas estranhas, mas se vocês insinúan que Sookie deixou a esta moça Cooper livre quando Jason não veio a casa, e logo tentou atropelá-la, pois tudo o que vou dizer é que; podem ir diretamente ao inferno!

Deus benza ao Siluro Hennessey é tudo o que *eu* tenho que dizer.

Alcee e Andy partiram quase imediatamente, e Siluro e eu mantivemos uma conversação desarticulada que consistiu majoritariamente com ele insultando aos homens da lei. Quando ele se esgotou, jogou uma olhada a seu relógio.

-Venha, Sookie. Você e eu conseguiremos encontrar ao Jason.

-Como? –Estava disposta, mas também aturdida.

-Organizamo-nos todos juntos um pelotão de busca, e sei que você querará estar ali.

Contemplei-o com minha boca aberta, enquanto Siluro ainda jogava fumaça sobre as acusações do Andy e Alcee. Tentei com verdadeiro esforço pensar em algum modo de anular um pelotão de busca. Odiava pensar naqueles homens e mulheres ficando a toda parte no inverno para esquadrinhar pela maleza, agora nua e marrom, que faz os bosques tão difíceis para passar. Mas não havia nenhum modo de pará-los, quando eles o hacian de coração; e havia uma razão de uni-los.

Havia uma possibilidade remota que Jason *estivesse aí* nos bosques em algum sítio. Siluro me disse que ele tinha reunido a tantos homens como pôde, e Kevin Pryor tinha acordado ser o coordenador, embora fora de volta. Maxine Fortenberry e as mulheres da igreja traria café e rosquinhas da Padaria do Bon Temps. Comecei a chorar, porque isto era simplesmente entristecedor, e Siluro ficou ainda mais vermelho. As mulheres lloronas estavam em primeiro lugar da larga lista do Siluro de coisas que o punham incômodo.

Aliviei sua situação dizendo-o que tinha que me preparar. Lancei tudo junto à cama, lavei minha cara para deixá-la poda de lágrimas, e estirei meu cabelo atrás em uma rabo-de-cavalo. Encontrei um par de brincalhonas que usava talvez uma vez ao ano, pu-me meu velho casaco e coloquei minhas luvas de jardinagem em meu bolso, junto com um pacote do Kleenex se por acaso me punha chorã outra vez.

O pelotão de busca foi a atividade popular para o dia no Bon Temps. Não só às pessoas gosta de ajudar em nossa pequena cidade—mas também também os rumores tinham começado indevidamente a circular sobre o rastro misterioso do animal selvagem. Por isso poderia contar, a palavra “pantera” não estava ainda em uso corrente; se o tivesse sido, a multidão teria sido ainda muito maior. A maior parte dos homens tinham vindo armados—vale, realmente, a maior parte dos homens estavam sempre armados. A caça é um modo de viver por aqui, a NRA proporciona a maior parte das etiquetas adesivas para os pára-choque, e a temporada de cervos parecem umas férias de semana Santa. Há tempos especiais para caçar cervos com um arco e flecha, com um mosquete, ou com um rifle. (Pode haver até uma temporada de lança, por tudo o que sei) devem ter havido cinquenta pessoas na casa do Jason, uma verdadeira festa durante um dia de trabalho para uma comunidade tão pequena.

Sam estava ali, e estive tão contente de vê-lo que quase comecei a chorar outra vez. Sam era o melhor chefe que eu tinha tido alguma vez, e um amigo, e ele sempre vinha quando eu estava em confusões. Seu cabelo roxo-ouro estava talher por uma brilhante boina laranja tecida, e também levava postos brilhantes luvas laranja. Sua pesada jaqueta marrom parecia sombria em contraste, e como todos os homens, ele levava postas botas de trabalho. Vocês não saíam pelos bosques, nem sequer no inverno, com tornozelos desprotegidos. As serpentes eram lentas e inativas, mas ali estavam, e se vingariam se as pisassem.

De algum jeito a presença de toda esta gente fez aparecer o desaparecimento do Jason muito mais aterradora. Se toda esta gente acreditava que Jason poderia estar lá fora nos bosques, morto ou ferido gravemente, ele poderia está-lo. Apesar de cada coisa sensível que pude me dizer, pu-me cada vez mais aterrada. Tive uns minutos em branco completamente fora desta cena enquanto imaginei todas as coisas que poderiam ter acontecido com Jason, possivelmente pela milionésima vez.

Sam estava de pé ao lado de mim, quando pude ouvi-lo e vê-lo outra vez. Ele se tinha tirado uma luva, e sua mão encontrou a minha e a estreitou. sentiu-se quente e sólido, e me alegrei de me aferrar a ele. Sam, embora era um adapto, sabia dirigir seus pensamentos sobre mim, embora ele não pudesse “ouvir” minha em troca. *Crie realmente que ele está aí?* ele me perguntou.

Sacudi minha cabeça. Nossos olhos se encontraram e sustentaram.

Pensa que ele está ainda vivo?

Isto era muito mais difícil. Finalmente, somente me encolhi de ombros. Ele não soltou minha mão, e me alegrei disso.

Arlene e Tack saíram do automóvel do Arlene e vieram para nós. O cabelo do Arlene estava de brilhante vermelho como sempre, mas bastante mas despenteado já que, pelo general, tinha-o arrumado, e o cozinheiro do meio tempo tinha que barbear-se. Assim que ele não tinha começado a guardar uma navalha de barbear na casa do Arlene ainda, esse foi o modo que o interpretei.

-Já viu a Tara? -Arlene perguntou.

-Não.

-Olha-a. -Ela assinalou, tão subrepticiamente como alguém poderia, e vi a Tara em jeans e botas de borracha até seus joelhos. Ela se olhou muito distinta da meticulosamente arrumada proprietária de loja de roupas do que jamais poderia haver imaginado, embora ela tivesse posto um adorável chapéu branco e marrom de pele de imitação que faziam desejar aproximar-se e acariciar sua cabeça. Seu casaco combinava com o chapéu. Assim como suas luvas. Mas da cintura para abaixo, Tara estava lista para os bosques. O amigo do

Jason, Dago, contemplava a Tara com olhar abobalhado de novo apaixonado. Holly e Danielle também tinham vindo, e como o noivo do Danielle não estava ao redor, o pelotão de busca resultou ter um lado inesperadamente social.

Maxine Fortenberry e outras duas mulheres de sua igreja tinham baixado a porta posterior da velha caminhonete do marido do Maxine, e havia vários recipientes térmicos que continham café para ser servido, junto com as taças descartáveis, colheres plásticas e pacotes de açúcar. Seis dúzias de rosquinhas fumegavam através das caixas largas nas que tinham sido embaladas. Um grande cubo plástico de lixo, já preparado com uma bolsa negra, esperava. Estas senhoras se que sabiam preparar um pelotão de busca.

Eu não podia acreditar que tudo isto tivesse sido organizado no espaço de umas horas. Tive que arrancar minha mão do Sam para tirar um lenço e enxugar meu rosto com ele. Teria esperado que Arlene viesse, mas a presença do Holly e Danielle era mais ou menos atordoante, e a assistência da Tara era até mais surpreendente. Ela não era a classe de mulher que procurasse nos bosques. Kevin Pryor não tinha muita apego para com o Jason, mas aqui estava ele, com um mapa, caderneta e lápis, preparando-o tudo.

Apanhei o olhar do Holly, e ela me dedicou uma espécie de sorriso triste, a classe de diminuto sorriso que dá a alguém em um enterro.

Justo nesse momento, Kevin golpeou a tampa de cubo do lixo plástico contra a porta posterior do caminhonete, e quando a atenção de todo o mundo estava sobre ele, começou a dar indicações para a busca. Não me tinha dado conta que Kevin poderia ser tão autoritário; a maior parte das ocasiões, ele estava escurecido por seu hiper-protetiva mãe, Jeneen, ou sua companheira de grande tamanho, Kenya. Embora seguro não pilharíamos a Kenya por engano nos bosques procurando o Jason, refleti, e nesse mesmo momento a distingi e tive que me tragar meus próprios pensamentos. De maneira visível, ela se apoiava contra a caminhonete dos Fortenberrys, sua cara marrom absolutamente inexpressiva. Sua postura sugeriu que ela era o respaldo do Kevin—que ela se moveria ou diria algo só se ele fosse desafiado de algum modo. Kenya sabia projetar silenciosa ameaça; concederei-lhe isto. Ela lançaria um cubo de água sobre o Jason se ele ardesse, mas seus sentimentos para meu irmão não eram com segurança abrumadoramente positivos. Ela tinha vindo porque Kevin se ofereceu como voluntário. Quando Kevin dividiu às pessoas em equipes, seus olhos escuros só o abandonaram para explorar as caras dos buscadores, inclusive a minha. Ela me dió uma cabeçada leve, e eu fiz o mesmo.

-Cada grupo de cinco tem que ter a um atirador, -chamou Kevin. -Não pode ser qualquer. Tem que ser alguém que aconteceu tempo caçando nos bosques.

O nível de entusiasmo se elevou ao ponto de ebulição com esta diretiva. Mas, depois disto, não escutei o resto das instruções do Kevin. Estava ainda cansada do dia anterior, em primeiro lugar; que dia excepcionalmente ocupado tinha sido. E todo o tempo, no fundo, meu medo por meu irmão tinha estado chateando e me carcomendo. Tinha sido despertada

cedo esta manhã depois de uma noite larga, e aqui estava eu, de pé no frio, fora da casa de minha infância, esperando a participar de uma perseguição pelo ganso de ouro—ou ao menos esperei que isto fora um intento totalmente inútil. Estava muito aturdida para julgar mais. Um vento gelado começou a soprar em uma rajada pelo claro ao redor da casa, fazendo as lágrimas sobre minhas bochechas insupportavelmente frite.

Sam pôs seus braços ao redor de mim, embora com nossos casacos fora bastante torpe. Pareceu-me que poderia sentir o calor dele, ainda através de todo esse material.

-Sabe que não o encontraremos aí, -sussurrou-me ele.

-Estou bastante segura que não vamos encontrar o, -pinjente, soando algo menos segura.

Sam disse;

-Cheirarei-o se ele estiver aí.

Isto era tão prático.

Elevei meu olhar nele. Não tive que elevar a vista tanto, porque Sam não é um homem verdadeiramente alto. Neste momento, sua cara era muito séria. Sam obtém mais diversão com sua parte adapto que a maior parte dos dobre-natura, mas poderia dizer que ele tentava absorver e acalmar meu medo. Quando ele estava em sua segunda natureza, tinha o sentido penetrante do olfato do cão; quando ele estava em sua forma humana, aquele sentido era ainda superior ao de um homem com uma só natureza. Sam seria capaz de cheirar um cadáver muito recente.

-Você irá entre os bosques, -pinjente.

-Seguro. Farei todo o possível. Se ele estiver ali, acredito que saberei.

Kevin me havia dito que o xerife tinha tratado de alugar os cães treinados em rastreamento de um policial Shreveport, mas o oficial havia dito que eles estavam reservados para esse dia. Perguntei-me se isto era certo, ou se o homem simplesmente não tinha querido arriscar a seus cães nos bosques com uma pantera. Sinceramente, não podia culpá-lo. E aqui estava uma melhor oferta, diretamente diante de mim.

-Sam, -pinjente, meus olhos cheios de lágrimas. Tratei de lhe agradecer, mas as palavras não vinham. Tinha sorte de ter a um amigo como Sam, e bem que sabia.

-Cala, Sookie, -ele disse. -Não chore. Averiguaremos o que aconteceu Jason, e encontraremos uma maneira de retornar ao Eric à normalidade. -Ele esfregou as lágrimas de minhas bochechas com seu polegar.

Ninguém estava bastante perto para ouvir, mas não pude menos que jogar uma olhada ao redor para me assegurar.

-Então, -Sam disse, um som claramente severo em sua voz, -poderemos tirá-lo fora de sua casa e retorná-lo ao Shreveport, onde ele pertence.

Decidi que nenhuma resposta a isto era a melhor política.

-Qual foi sua palavra do dia? -ele perguntou, quando se apartou.

Dava-lhe um sorriso lacrimogêneo. Sam sempre perguntava sobre a proposição diária de meu calendário com a Palavra do Dia.

-Não comprovei esta manhã. Ontem era “mixórdia”, -pinjente.

Ele levantou suas sobrancelhas inquisitivamente.

-Um batidillo confuso, -pinjente.

-Sookie, encontraremos uma saída de este.

Quando os buscadores se dividiram em grupos, descobri que Sam não era a única criatura dobre-natura fora da jarda do Jason esse dia. Estive surpreendida de ver um contingente do Hotshot. Calvin Norris, sua sobrinha Crystal, e um segundo homem que me pareceu vagamente familiar estavam em um grupo por si só. depois de espremer toda a porcaria de minha memória, adverti que o segundo homem era o que eu tinha visto surgir do abrigo detrás da casa do Crystal. Seu grosso e pálido cabelo provocou a memória, e estive segura disso quando vi a maneira cheia de graça com a que ele se moveu. Kevin adjudicou ao Reverendo Jimmy Fullenwilder ao trio, como o homem armado. A combinação de três lobatos com o reverendo me teria provocado risadas em outras circunstâncias.

Já que eles careciam de um quinto, uni-me isso.

Os três Lobatos do Hotshot me dirigiram cabeçadas sóbrias, os olhos verdes dourados do Calvin se fixaram em mim pensativamente.

-Este aqui é Felton Norris, -disse ele, por via de introdução.

Saudei com a cabeça de volta ao Felton e Jimmy Fullenwilder, um homem grisalho de aproximadamente sessenta, o dió a mão.

-Certamente conheço a senhorita Sookie, mas ao resto de vocês não estou seguro. Sou Jimmy Fullenwilder, o pastor do Greater Love Baptist, -disse ele, sonriéndoles a todos ao redor. Calvin registrou esta informação com um sorriso cortês, Crystal soprou, e Felton

Norris (teriam ficado sem sobrenomes no Hotshot?) voltou-se mas frio. Felton era estranho, até para um homem-lobo inato. Seus olhos eram notavelmente escuros, emoldurados debaixo de grosas sobrancelhas retas marrons, contrastavam bruscamente com seu cabelo pálido. Sua cara era larga nos olhos, estreitando-se repentinamente em uma boca de lábios finos. Embora ele fora um homem musculoso, movia-se ligeira e silenciosamente, e quando começamos a nos mover pelos bosques, fixei-me que todos os residentes Hotshots tinham isto em comum. Em comparação com os Norris, Jimmy Fullenwilder e eu parecíamos toscos elefantes.

Ao menos o ministro levava seu 30-30 como se ele soubesse usá-la.

Seguindo nossas instruções, estivemos de pé em fileira, colocando nossas armas à altura do ombro assim estaríamos gema do dedo contra gema do dedo. Crystal estava a minha direita e Calvin estava a minha esquerda. Os outros grupos fizeram o mesmo. Começamos a busca em forma parecida com um leque, determinada pela curva do lago.

-Recordem quem está em seu grupo, -bramou Kevin. -Não queremos abandonar às pessoas aqui fora! Agora, comecemos.

Começamos a explorar a terra diante de nós, nos movendo com um passo estável. Jimmy Fullenwilder ia um par de passos diante, já que ia armado. Foi imediatamente óbvio que existia disparidades do conhecimento dos bosques entre a gente do Hotshot, o reverendo, e eu. Crystal pareceu fluir pela maleza, sem necessidade de caminhar por ela ou apartá-la, embora eu pudesse ouvir seu avanço. Jimmy Fullenwilder, um ávido caçador, e um experiente amante da natureza, estava como em casa dentro dos bosques, e poderia dizer que ele conseguia muito mais informação de seus arredores que eu, mas ele não era capaz de mover-se como Calvin e Felton. Eles se deslizaram pelos bosques como fantasmas, sem nenhum ruído.

Uma vez, quando entrei correndo em uma espessura particularmente densa de videiras espinhosas, senti duas mãos como braçadeiras a ambos os lados de minha cintura, e simplesmente fui levantada sobre isso antes de que eu tivesse uma possibilidade para reagir. Calvin Norris me depositou muito brandamente e retornou de novo a sua posição. Não penso que alguém mais o notou. Jimmy Fullenwilder, o único quem poderia haver-se surpreso, adiantou-se um pouco.

Nossa equipe não encontrou nada: nem um só fragmento de tecido ou carne, nenhuma impressão de bota ou rastro de pantera, nem um aroma ou um rastro ou uma gota de sangue. Uma das outras equipes gritou que eles tinham encontrado um cadáver de zarigüeya mastigado, mas não houve nenhum modo imediato de explicar o que tinha causado sua morte.

O caminho se fez mais escarpado. Meu irmão tinha caçado nestes bosques, permitindo a alguns de seus amigos caçar ali mas, por outra parte, não tinha interferido com a natureza

em vinte acres ao redor da casa. Isto queria dizer que ele não tinha tirado ramos quedas ou tinha atirado plantões, que produziram a dificuldade de nosso movimento.

Minha equipe resultou ser o que encontrou seu suporte de cervos, que ele e Hoyt tinham construído fazia aproximadamente cinco anos.

Embora o suporte encarasse um claro natural que percorria aproximadamente do Sul ao Norte, os bosques eram tão espessos ao redor dele que estávamos temporalmente fora de vista dos outros buscadores, o que não teria acreditado possível no inverno, pelos ramos nus. De tanto em tanto, uma voz humana, um chamado distante, penetrava pelos pinheiros, os arbustos e os ramos dos carvalhos e árvores gomíferos, mas o sentido de isolamento era lhe esmague.

Felton Norris se encarapitou na escala do suporte de cervos de um modo tão desumano que tive que distrair ao Reverendo Fullenwilder lhe perguntando se lhe importaria rezar na igreja para a volta de meu irmão. Certamente, ele me disse que já o fazia, e além disso, notificou-me que se alegraria de lombriga em sua igreja no domingo para acrescentar minha voz a aqueles unidos em oração. Embora eu omitisse seguido o ir à igreja devido a meu trabalho, e quando ia realmente assistia à igreja Metodista (como Jimmy Fullenwilder bem sabia), mais ou menos tive que dizer sim. Nesse mesmo momento, Felton chamou dizendo que o suporte estava vazio.

-Baixa com cuidado, esta escala não é muito estável, -Calvin indicou, e me dava conta que Calvin advertia ao Felton de parecer humano quando descendesse. Depois que o adapto descendeu devagar e com estupidez, olhei aos olhos do Calvin, e ele pareceu divertido.

Aborrecida por ter que esperar ao pé do suporte de cervos, Crystal tinha revoado por diante de nosso homem de ponto, o Reverendo Fullenwilder, algo que Kevin nos tinha advertido a todos nós de não fazer. Justo quando eu pensava, *não posso vê-la*, ouvi seu grito.

No espaço de um par de segundos, Calvin e Felton tinham saltado sobre o claro para o som da voz do Crystal, e o Reverendo Jimmy e eu fomos abandonados para correr detrás. Esperei que a agitação do momento obscurecesse sua percepção do modo que Calvin e Felton se moviam. diante de nós, ouvimos um ruído indescritível, um coro ruidoso de chiados e movimento frenéticos que provinham da maleza. Então um rouco alarido e outro som gritão e agudo nos chegou amortecido pela fria grossura dos bosques.

Ouvimos gritos de todas direções quando os outros buscadores responderam, apressando-se para os alarmantes sons.

Meu talão se enredo em um nó de raízes e aterrissei de culo. Embora rodei sobre meus pés e comecei a correr outra vez, Jimmy Fullenwilder me tinha adiantado, e quando me aventurei por um suporte de pinheiros baixos ao redor, cada um deles não muito maior que um tubo de envio para correio, ouvi o *boom* do rifle.

OH, Meu deus, pensei. OH, Meu deus.

O pequeno claro estava cheio de sangue e tumulto. Um enorme animal jazia nas folhas secas, pulverizando gotas escarlates sobre tudo em seus cercanias. Mas não era nenhuma pantera. Pela segunda vez em minha vida, vi um javali, esse feroz porco selvagem que cresce até alcançar um tamanho enorme.

No tempo que tomou entender o que estava diante de mim, a porca se derrubou e morreu. Ela emprestava a porco e sangue. Um estrondo e os chiados na maleza ao redor de nós indicaram que ela não tinha estado sozinha quando Crystal tropeçou sobre ela.

Mas não tudo o sangue era da porca.

Crystal Norris jurava a viva voz quando ela se sentou com suas costas contra um velho carvalho, suas mãos sujeitavam como asas sua coxa corneada. Seus jeans estavam empapados por seu próprio sangue, e seu tio e seu—pois, não sabia que relação teria Felton com o Crystal, mas estava segura que existiria uma—parente, inclinavam-se sobre ela. Jimmy Fullenwilder estava de pé com seu rifle ainda apontando contra a besta, e ele tinha uma expressão sobre sua cara que só posso descrever como de auto-comoção.

-Como esta ela? -Perguntei aos dois homens, e só Calvin elevou a vista. Seus olhos se tornaram muito peculiares, e me precavi que se feito mais amarelos, mais arredondados. Ele jogou um olhar inequívoco ao enorme animal morto, um olhar de desejo descarnado. Havia sangue ao redor de sua boca. Havia uma parte de pelagem ao dorso de sua mão, uma espécie de cor ante. Ele deve ser um lobo estranho. Assinalei silenciosamente sobre estas provas de sua natureza, e ele se estremeceu com desejo contido quando assentiu com a cabeça em reconhecimento. Atirei um lenço de meu bolso do casaco, cuspi sobre o, e limpei sua cara com ele antes do Jimmy Fullenwilder pudesse sair de sua fascinação depois da matança e observar a seus estranhos companheiros. Quando a boca do Calvin não esteve mais manchada, atei o lenço ao redor de sua mão para ocultar a pele.

Felton pareceu estar normal, até que observei o que havia ao final de seus braços. Realmente já não eram mãos... mas tampouco eram patas de lobo. Eram algo muito estranho, algo grande e plano com garras.

Não podia ler os pensamentos dos homens, mas podia sentir seus desejos, e a maior parte daqueles desejos tinham que ver com a carne de porco crua e vermelha, por essa linha. Felton realmente se balançou daqui para lá um par de vezes pela força de seu desejo. Sua luta silenciosa era dolorosa de suportar, inclusive de segunda mão. Senti a mudança quando os dois homens começaram a forçar seus cérebros em modelos humanos. Em uns segundos, Calvin conseguiu falar.

-Ela perde sangue rápido, mas se a transportamos ao hospital se reporá. -Sua voz era grossa, e ele falou com esforço. Felton, ainda cabisbaixo, começou a rasgar-se com estupidez sua camisa de flanela. Com suas mãos disformes, ele não podia dirigir esta tarefa, e eu a assumi. Quando a ferida do Crystal esteve ligada tão fortemente como a atadura improvisada poderia comprimi-la, os dois homens levantaram a agora pálida e silenciosa Crystal e começaram a tirá-la rapidamente dos bosques. A posição das mãos do Felton, escondidas da vista, graças a Deus.

Tudo isto ocorreu tão rapidamente que os outros buscadores que convergiam no claro começavam somente a absorver o que tinha passado, e a reagir.

-Peguei-lhe um tiro a um porco selvagem, -dizia Jimmy Fullenwilder, sacudindo sua cabeça de um lado ao outro, quando Kevin e Kenya irromperam o claro pelo Este. -Não posso acreditá-lo. Simplesmente Crystal se tropeçou contra ela e os outros porcos e os pequenos se dispersaram e logo os dois homens estavam sobre ela, e logo eles se tiraram de no meio do caminho e lhe peguei um tiro na garganta. -Ele não sabia se era um herói ou se estava metido em um follón com o Departamento de Fauna Selvagem. Ele teria tido mais para temer do que jamais se poderia imaginar alguma vez. Felton e Calvin tinham trocado quase por completo em modo Lobato ante a ameaça contra Crystal e a excitação de seus próprios instintos de caça, e o fato de que se apartaram do porco em lugar de transformar-se completamente demonstrou que eles eram muito fortes, em efeito. Mas o fato de que eles tinham começado a trocar-se, e não tinham sido capaz de pará-lo, argumentava o contrário. A linha entre as duas naturezas de alguns habitantes do Hotshot pareciam estar muito diluídas.

De fato, havia sinais de mordida sobre a porca. Estava tão afligida com a ansiedade que não podia manter meu guarda mental, e toda a excitação de todos os buscadores se verteu em minha cabeça—toda a repulsión/miedo/pánico à vista do sangue, o conhecimento que um buscador tinha sido seriamente machucado, a inveja de outros caçadores pelo tiro do Jimmy Fullenwilder. Era muito, e quis me apartar o mais longe daí do que desejei alguma vez algo.

-Vamos. Isto será o final da busca, ao menos por hoje, -disse Sam a um cotovelo de distância. Andamos fora dos bosques juntos, muito devagar. Disse ao Maxine o que tinha passado, e depois de que lhe agradecei sua maravilhosa contribuição e aceitei uma caixa de rosquinhas, conduzi a casa. Sam me seguiu. Era um pouco mais eu mesma quando chegamos ali.

Quando abri a porta de atrás, sentiu-se bastante estranho saber que realmente já havia alguém mais na casa. Eric estava consciente em algum nível de meus passos sobre o chão em cima de sua cabeça—ou ele estava tão morto como uma pessoa ordinária morta? Mas me perguntar isto, transpassou minha cabeça e de um lado para outro, porque estava muito sobrecarregada para considerá-lo.

Sam começou a fazer café. sentia-se como em casa na cozinha, ele tinha passado uma ou duas vezes quando meu Abue estava viva, e ele me tinha visitado em outras ocasiões.

Quando pendurei nossos casacos, pinjente;

-o de hoje foi um desastre.

Sam não discrepou.

-Não só não encontramos ao Jason, o que realmente nunca esperei, mas os tipos do Hotshot quase conseguiram tirar o chapéu, e Crystal se fez mal. Francamente, não sei por que pensaram que eles deveriam estar ali de todos os modos. -Sei que não era agradável que eu dissesse isto, mas estava com o Sam, que tinha visto o suficiente de meu lado mau como para não fazer-se nenhuma ilusão.

-Falei com eles antes de que você chegasse ali. Calvin quis demonstrar que ele esta disposto a te fazer a corte, em uma espécie de uso Hotshot, -disse Sam, sua voz tranqüila e equânime. -Felton é seu melhor rastreador, assim que ele fez vir ao Felton, e Crystal simplesmente queria encontrar ao Jason.

Imediatamente me envergonhei de mim mesma.

-Sinto muito, -pinjente, sustentando minha cabeça entre minhas mãos e me desabando em uma cadeira.-Sinto muito.

Sam se ajoelhou diante de mim e pôs suas mãos sobre meus joelhos.

-Tem direito a estar mal-humorada, -disse ele.

Inclinei-me e o beijei sobre sua cabeça.

-Não sei o que faria sem ti, -pinjente, absolutamente pensando.

Ele elevou a vista fazia mim, e houve um momento comprido, estranho, quando a luz no quarto pareceu dançar e vibrar.

-Chamaria o Arlene, -disse ele com um sorriso. -Ela traria para os meninos, e trataria de te marretar seu café, e te diria sobre a franga curva do Tack, e conseguiria que lhe rieras, e se sentisse melhor.

Benzi-o por deixar acontecer o momento.

-Já sabe, isso é para te pôr curiosa, aquela parte sobre o Tack, mas provavelmente cai na categoria de “muita informação,” -pinjente.

-É claro que sim, mas isto não me impediu de ouvi-lo quando ela o dizia ao Charlise Tooten.

Servi a cada um uma taça de café e pus o açucareiro médio vazio ao alcance do Sam, junto com uma colher. Joguei uma olhada ao mostrador da cozinha para ver que tão enche estava a lata de açúcar, e notei que a luz de mensagens sobre a secretária eletrônica piscava. Só tive que me levantar e dar um passo para pressionar o botão. A mensagem tinha sido registrado às 5:01 da manhã. Ah. Eu tinha apagado o dispositivo de chamadas telefônico quando me tinha deitado esgotada. Quase invariavelmente minhas mensagens eram realmente frívolas—Arlene me perguntando se eu tinha ouvido um pedaço de succulenta intriga, Tara que matava o tempo do dia durante uma hora lenta na loja—mas este era verdadeiramente fora de série.

A voz clara do Pam disse;

-Esta noite atacamos à bruxa e seu aquelarre. Os Lobatos persuadiram às Wiccans locais a unir-se conosco. Necessitamos-lhe para trazer para o Eric. Ele pode lutar, até se não saber quem é ele. De todos os modos, ele nos será inútil se não podermos romper o enfeitiço. -Aquele Pam, sempre tão prática. Ela queria usar ao Eric como carne de canhão, em caso de que não fôssemos capazes de restaurar totalmente ao Eric em modo de mando. depois de uma pequena pausa, ela prosseguiu; *-Os Lobatos do Shreveport se aliam com os vampiros na batalha. Pode olhar enquanto a história se escreve, minha telepática amiga.*

Som do telefone quando se pendura. Click que anunciou a seguinte mensagem, que veio dois minutos depois do primeiro.

-Pensando-o bem, -disse Pam, como se ela nunca tivesse pendurado, *-tomando em conta sua insólita capacidade pode nos ajudar em nossa luta, e queremos explorar isto. Não é a palavra de moda hoje em dia? Explorar? Assim vêem aqui o mais próximo do anoitecer.* - Ela pendurou outra vez. E outra vez click.

-“Aqui” significa 714 Avenida Parchman, -disse Pam. Pendurando.

-Como posso fazer isto, com o Jason ainda perdido? -Perguntei, quando foi óbvio que Pam não chamaria outra vez.

-Você te vais dormir agora, -disse Sam. -Vêem para cá. -Ele me atirou para me pôr sobre meus pés, e conduziu a meu quarto. -Te vais tirar suas botas e jeans, subir na cama, e tomar uma sesta larga. Quando te levantar, sentirá-se melhor. Deixa o número do Pam, assim posso te encontrar. Ihe diga aos polis que chamem o bar se eles souberem algo, e te telefonarei se tiver notícias do Bud Dearborn.

-Então, você crie que eu deveria fazer isto? -Estava perplexa.

-Não, eu daria o que fora se não tivesse que fazê-lo. Mas penso que deve fazê-lo. Esta não é minha luta; não me convidaram. -Sam me dió um beijo sobre a frente e partiu para voltar para o *Merlotte's*.

Sua atitude era de certa maneira interessante, depois de toda a insistência dos vampiros (tanto Bill como Eric) que eu era uma posse para ser guardada. Senti-me engrandecida e exaltada durante aproximadamente trinta segundos, até que recordei minha resolução do Ano Novo: *não ser golpeada*. Se fosse ao Shreveport com o Eric, então estava segura de ver coisas que não queria ver, aprender coisas que não queria saber, e também, conseguir meu culo açoitado.

Por outra parte, meu irmão Jason fazia um trato com os vampiros, e tinha que mantê-lo. Às vezes sentia que tinha transcorrido minha vida inteira pega entre uma rocha e um lugar duro. Mas bom, muita gente tem vistas complicadas.

Pensei no Eric, um vampiro poderoso cuja mente tinha sido despojada limpamente de sua identidade. Pensei no açougue que tinha visto na loja nupcial, o fita de seda branco e brocado salpicados com sangue seca e matéria. Pensei na pobre Maria-estrela, no hospital do Shreveport. Estas bruxas eram más, e mau que bem, deveriam ser detidas; mal que bem, deviam ser vencidas. Isto é o Modelo Americano.

Pareceu extremamente estranho pensar que eu estava do lado dos vampiros e homens-lobos, e que este era o lado bom. Isto me fez rir um pouco, todos a mim. OH, sim, nós os meninos bons salvariam o dia.

Capítulo 11

Increivelmente, fiquei dormida. Despertei com o Eric sobre a cama ao lado de mim. Ele me cheirava.

-Sookie, o que é isto? -ele perguntou com uma voz muito tranqüila. Ele sabia, certamente, quando despertei. -Cheira a bosques, e cheira a adapto. E algo ainda mais selvagem.

Supus que o adapto que ele cheirou era Sam.

-E Lobatos, -apontei, não querendo-o deixar passar de comprimento.

-Não, não é lobato, -disse ele.

Fique perplexa. Calvin me tinha levantado sobre as sarças, e seu aroma deveria ter estado ainda sobre mim.

-mais de uma classe de adapto, -disse Eric na quase-escuridão de meu quarto. -O que estiveste fazendo, minha amada?

Ele não soou exatamente zangado, mas não soou feliz, tampouco. Vampiros. Eles escreveram o livro sobre a posesividad.

-Estive no pelotão de busca para meu irmão, nos bosques detrás de sua casa, -pinjente.

Eric se manteve quieto ainda durante um minuto. Então, ele me passou seus braços ao redor de mim e me aproximou contra ele.

-Sinto muito, -disse ele. -Sei que está preocupada.

-me deixe te perguntar algo, -pinjente, desejosa de provar minha teoria.

-Claro.

-Olhe dentro de ti, Eric. Estas realmente preocupado? Realmente sente o do Jason? -Porque o verdadeiro Eric, com sua mentalidade, não se teria preocupado por ele nem um poquito.

-Certamente, -ele protestou. Então, depois de um momento comprido—lamentei não poder ver sua cara—ele disse; -Não realmente. -Ele soou surpreso. -Sei que deveria está-lo. Deveria estar preocupado por seu irmão, porque eu adoro ter sexo contigo, e eu deveria querer que seu pense bem de mim, assim seu também quererá sexo.

Uma tônia que lhe reconhecer e lhe agradecer sua honestidade. Isto era o mais próximo ao verdadeiro Eric que tinha visto em dias.

-Mas seu me escutará, certo? Se eu tiver que falar? Pela mesma razão?

-Certamente, minha amada.

-Porque seu quer ter sexo comigo.

-Isto é certo. Mas também porque tenho descoberto que realmente... -Ele fez uma pausa, como se estivesse a ponto de dizer algo estrambótico. -Encontro que tenho sentimentos por ti.

-Ah, -disse em seu peito, soando tão surpreendida como o mesmo Eric. Seu peito estava nu, como suspeitei que o resto dele o estaria. Senti o ligeiro comichão que me provocou seu cabelo loiro contra minha bochecha.

-Eric, -pinjente, depois de uma pausa larga, -quase lamento dizer isto, mas também tenho sentimentos por ti. -Havia muito que tinha que lhe dizer ao Eric, e já deveríamos estar no

automóvel, caminho ao Shreveport. Mas tomava este momento para saborear este pedacinho de felicidade.

-Não exatamente amor, -disse ele. Seus dedos se encontravam ocupados tratando de averiguar como conseguir o melhor método de me tirar minha roupa.

-Não, mas algo próximo. -Ajudei-lhe. -Não temos muito tempo, Eric, -pinjente, alcançando abaixo, tocando-o, fazendo-o ofegar. -vamos fazer o memorável.

-me beije, -ele disse, e não se referia a sua boca. -Excursão, -sussurrou ele. -Quero te beijar, também.

Não tomou muito tempo, depois de tudo, para que nos sustentáramos o um ao outro, saciados e felizes.

-O que passou? -ele perguntou. -Posso sentir que algo te assusta.

-Temos que ir ao Shreveport agora, -pinjente. -Já vamos atrasados do tempo que Pam disse por telefone. Esta noite será quando nos enfrentarmos contra Hallow e suas bruxas.

-Então seu deve ficar aqui, -disse ele imediatamente.

-Não, -pinjente brandamente, pondo minha mão sobre sua bochecha. -Não, bebê, tenho que ir contigo. -Não lhe disse que Pam pensou que me usar na batalha era uma boa idéia. Não lhe disse que ele ia ser usado como uma máquina de luta. Não lhe disse que eu estava segura que alguém ia morrer esta noite; talvez bastante mais que alguns, humanos, lobatos e vampiros. Esta era, provavelmente, a última vez que eu usaria uma carícia quando dirigisse ao Eric. Esta era, possivelmente, ultima-a vez que Eric despertaria em minha casa. Um de nós poderia não sobreviver esta noite, e se o fizéssemos, não haveria nenhum modo de saber que seria o que tinha trocado.

A viagem ao Shreveport foi silencioso. Tínhamo-nos tomado banho e vestido sem falar muito, tampouco. Ao menos sete vezes, pensei me dirigir de volta ao Bon Temps, com ou sem o Eric.

Mas não o fiz.

As habilidades do Eric não incluíam a leitura dos mapas, assim tive que me estacionar para revisar meu mapa do Shreveport e riscar nosso curso aos 714 Parchman, algo que não tinha previsto antes de que chegássemos à cidade. (Eu tinha suposto de algum jeito que Eric recordaria as direções, mas certamente, ele não o fez.)

-Sua palavra do dia era “aniquilam”, -ele me disse alegremente.

-Ah. Obrigado por comprová-lo. -Provavelmente não soei muito agradecida. -Suas sonhas muito entusiasmado sobre tudo isto.

-Sookie, não há nada melhor que uma boa luta, -disse ele defensivamente.

-Isto depende de quem ganhe, eu diria.

Isto o manteve tranqüilo durante uns minutos, o que estava bem. Tinha o problema de encontrar as ruas estranhas na escuridão, com tanto em minha mente. Mas finalmente nos encontramos sobre a rua correta e a casa correta sobre aquela rua. Eu me tinha imaginado sempre ao Pam e Chow vivendo em uma mansão, mas os vampiros tinham uma grande casa estilo rancho em um bairro residencial de classe média alta. Pelo que eu poderia dizer, era o típico bairro com grama recortada, calçadas especiais para as bicicletas e ruas com decorativas rotundas ao redor.

A luz pelo meio-fio estava preso no 714, e a garagem para três automóveis na parte traseira estava cheio. Fiz-me subir a costa de concreto que existia para estacionar. Reconheci a caminhonete do Alcide e o automóvel compacto que tinha estado estacionado no abrigo para automóveis do Coronel Flood.

antes de que saíssemos de meu velho automóvel, Eric se inclinou para me beijar. Vimo-nos o um ao outro, seus olhos amplos e azuis, corneia-as tão brancas que dificilmente pude olhar a outro lado, seu cabelo de ouro escovado com esmero. Ele o tinha pacote atrás com uma de minhas borrachas elásticas, uma de brilhante azul. Ele tinha posto um par de jeans e uma nova camisa de flanela.

-Poderíamos voltar, -disse ele. Sob a luz de cúpula do automóvel, sua cara pareceu dura como a pedra. -Poderíamos voltar para sua casa. Posso ficar contigo para sempre. Podemos conhecer nossos corpos de todas as maneiras e modos possíveis, depois da noite. Eu poderia te amar. -Suas fossas nasais se alargaram, e ele pareceu de repente orgulhoso. - Poderia trabalhar. Não seria pobre. Eu te ajudaria.

-Soa a um matrimônio, -pinjente, tratando de aliviar a atmosfera. Mas minha voz era muito instável.

-Sim, -ele disse.

E ele nunca seria ele mesmo outra vez. Ele seria uma versão falsa do Eric, um Eric apanhado fora de sua vida real. Provendo a nossa relação (se é que havia uma) enquanto durasse, ele ficaria igual; mas eu não poderia olhá-lo à cara.

Suficiente com o pensamento negativo, Sookie, disse a meu mesma. Eu seria uma idiota total por renunciar a uma vida com esta criatura magnífica pelo tempo que durasse. Realmente, pasabamos bons momentos juntos e desfrutava de do senso de humor do Eric e

sua companhia, sem mencionar nada a respeito de sua maneira de fazer o amor. Agora que ele tinha perdido sua memória, ele oferecia um montão de diversão sem nenhuma complicação.

E esta era a mosca no leite. Teríamos uma relação falsificada, porque este era a falsificação do Eric. Eu vinha contudo, incluindo meus reversos.

Deslizei-me fora do automóvel com um suspiro.

-Sou uma idiota total, -pinjente, quando ele deu a volta pelas costas do automóvel para andar comigo à casa.

Eric não disse nada. Adivinho que ele esteve de acordo comigo.

-Olá!, -chamei, empurrando para abrir a porta, depois de que meu toque não obteve nenhuma resposta. A porta da garagem nos conduziu à lavanderia e de ali, à cozinha.

Como vocês esperariam na casa de um vampiro, a cozinha estava absolutamente poda, porque não se usava. Esta cozinha era pequena para uma casa de este tamanho. Suponho que a corredora de bens raízes teria pensado que esse era seu dia afortunado—sua noite afortunada—quando ela as tinha mostrado aos vampiros, já que uma verdadeira família, quem cozinha em casa, teria um verdadeiro problema em tratar com uma cozinha do tamanho de uma cama matrimonial. A casa tinha um plano de edifício aberto, assim a gente poderia ver da barra de café da manhã até o quarto de “família”—neste caso, o quarto principal para uma família particularmente estranha. Havia três entradas abertas que provavelmente conduziam à sala de estar formal, o comilão, e a área dos dormitórios.

Exatamente neste momento, esse quarto de família estava abarrotado de gente. Tive esta impressão, dos vislumbres de pés e braços, que mais de uma pessoa estava de pé nas entradas abertas dos outros quartos.

Os vampiros estavam ali: Pam, Chow, Gerald, e ao menos dois mais que reconheci da Fangtasia. Dobre-natura-os estavam representados pelo Coronel Flood, Amanda a ruiva (meu grande fã), o jovem com o cabelo castanho parado (Sid), Alcide, Culpepper, (e para minha repugnância) Debbie Pelt. Debbie ia vestida ao ultimo grito da moda—ao menos sua versão de moda—que pareceu um pouco desconjurado para uma reunião desta classe. Talvez, ela quis me recordar que tinha um emprego muito bom porque trabalhava em uma agência publicitária.

Ah, bom. A presença do Debbie fez a noite simplesmente perfeita.

O grupo que não reconheci tinham que ser as bruxas locais, por processo de eliminação. Assumi que a digna mulher sentada sobre o canapé era sua líder. Eu não sabia qual seria seu título correto—professora do aquelarre? Ama? Ela andava em seus anos sessenta e

tinha o cabelo cinza aço. Uma afroamericana com a pele da cor do café, tinha olhos negros que me pareceram imensamente sábios e também céticos. Ela havia trazido para um pálido homem jovem com óculos, que levava postos uns engomados caquis com uma camisa raiada e sapatos jogados bola. Ele poderia estar trabalhando no Office Depot ou *Super One Foods* em uma espécie de posição diretiva, e seus meninos pensariam que ele estava nos boliches ou atendendo e assistia a alguma junta da igreja durante esta fria noite de janeiro. Em lugar disso, ele e a jovem bruxa ao lado dele, estavam a ponto de embarcar-se em uma luta a morte.

As duas restantes sêlas vazias estavam claramente destinadas para o Eric e eu.

-Esperávamo-lhe antes, -disse Pam tirante.

-Olá, que bom é verte também, muito obrigado por vir depois de tão curto aviso, - resmunguei. Durante um comprido momento, cada um no quarto viu o Eric, esperando que ele tomasse o curso para a ação, como ele vinha fazendo durante anos. E Eric os olhou de volta, sem expressão. A pausa larga começou a voltar-se incomoda.

-Bem, vejamos que temos, -disse Pam. Todo os *Supes* reunidos giraram suas caras para ela. Pam pareceu ter tomado o mensageiro de mando entre seus dentes e estava lista a correr com ela.

-Graças aos rastreadores lobatos, sabemos a posição do edifício que Hallow usa para sua sede central, -Pam me disse. Ela pareceu estar ignorando ao Eric, mas senti que era porque ela não sabia que mais fazer. Sid sorriu abertamente para mim; recordei que ele e Emilio tinham rastreado aos assassinos da loja nupcial à casa. Então me dava conta que ele me mostrava suas presas para ganhar pontos. Agh.

Eu poderia entender a presença dos vampiros, as bruxas, e os lobatos, mas por que estava Debbie Pelt nesta reunião? Ela era uma adapto, não uma lobato. Os Lobatos eram sempre tão esnobes sobre os adaptos, e aqui estava uma; além disso, uma fora de seu próprio território. Aborreci-a e desconfiei. Ela deve ter insistido em estar aqui, e isto me fez confiar nela muitíssimo menos, se isto fosse possível.

Se ela estava tão determinada para participar, meu conselho seria; ponham ao Debbie na primeira linha de fogo. Assim não teriam que preocupar-se do que ela faria detrás de suas costas.

Certamente minha avó se teria envergonhado de meu caráter vingativo; mas também (igual a Alcide) ela teria encontrado quase impossível de acreditar que Debbie tinha tratado realmente de me matar.

-Infiltraremos-nos na vizinhança devagar, -disse Pam. Perguntei-me se ela teria estado lendo um manual de comandos. -As bruxas já emitiram muita magia na área, assim não há muitas

peessoas fora sobre as ruas. Alguns Lobatos já estão no lugar. Não seremos tão óbvios. Sookie entrará primeiro.

Os *Supes* reunidos giraram seus olhos para mim ao mesmo tempo. Isto desconcertava o bastante: era como estar em um círculo de caminhonetes de noite, quando todas elas acendiam seus faróis ao mesmo tempo para iluminar o centro.

-por que? -Alcide perguntou. Suas mãos grandes agarraram seus joelhos. Debbie, que se tinha deixado cair para sentar-se sobre o chão ao lado do canapé, sorriu-me, sabendo que Alcide não podia vê-la.

-Como Sookie é humano, -indicou Pam. -E ela é mais um fenômeno natural que um *Soube* verdadeiro, eles não a descobrirão.

Eric tinha tomado minha mão. Apertava-a tão forte que pensei que poderia ouvir meus ossos ranger todos juntos. antes de seu enfeitiço, ele teria talhado o plano do Pam de raiz, ou talvez o teria respaldado com entusiasmo. Agora estava muito intimidado para comentar algo, o que ele claramente desejava fazer.

-O que se supõe, que faça ali quando chegue? -Estava orgulhosa de mim por soar tão tranqüila e prática. Embora prefira tomar uma complicada ordem de bebida de uma mesa de oportunistas bêbados a ser primeira na linha de batalha.

-Ler as mentes das bruxas dentro, enquanto entramos em posição. Se eles descobrirem nossa aproximação, perderemos a surpresa disso e obteremos uma possibilidade maior de conseguir uma ferida séria. -Quando estava excitada, Pam tinha um acento leve, embora eu nunca tivesse sido capaz de entender qual era. Pensei que poderia ser simplesmente o inglês que se falava faz trezentos anos. Ou algo assim. -Pode contá-los? É possível?

Pensei durante um segundo.

-Sim, posso fazer isto.

-Também seria uma grande ajuda.

-O que faremos quando entremos em edifício? -perguntou Sid. Nervoso com a emoção de todo aquilo, ele sorria abertamente, expondo seus dentes bicudos.

Pam se olhou brandamente surpreendida.

-Matamo-los a todos, -disse ela.

O sorriso do Sid se apagou. Estremeci-me. Não fui a única.

Pam pareceu precaver-se que ela havia dito algo desagradável.

-O que outra coisa poderíamos fazer? -perguntou, sinceramente assombrada.

Era um embrulho.

-Eles farão todo o possível para *nos matar*, -Chow indicou. -Só fizeram uma tentativa de negociação, e isto custou ao Eric sua memória e ao Clancy sua vida. Entregaram a roupa do Clancy a Fangtasia esta manhã. -A gente apartou o olhar longe do Eric, envergonhada. Ele pareceu aflito, e acariciei sua mão com a meu livre. Seu apertão em minha mão direita se relaxou um pouco. Minha circulação se restaurou naquela mão e começou a formigar. Era um alívio.

-Alguém tem que ir com o Sookie, -disse Alcide. Ele franziu o cenho fazia Pam. -Ela não pode aproximar-se daquela casa sozinha.

-Eu irei com ela, -disse uma voz familiar da esquina do quarto, e me inclinei fazia adiante, procurando a cara.

-Bubba! -Pinjente, agradada de ver o vampiro. Eric olhou fixamente de maneira interrogante a famosa cara. O reluzente cabelo negro estava penteado atrás em um pompadour, e o sobressalente lábio inferior estava estirado naquele sorriso, com seu particular selo pessoal. Seu atual cuidador deve havê-lo vestido para a noite, porque em vez de um macaco engalanado com pedras falsas, ou jeans e uma camiseta, Bubba levava posta roupa de camuflagem.

-Contente de vê-la, senhorita Sookie, -disse Bubba. -Tenho posto minha uniforme de mentira.

-Já o vejo. Te vê muito bem, Bubba.

-Obrigado, senhora.

Pam o considerou.

-Poderia ser uma boa idéia, -disse ela. -Seu, ah—o patrão mental, assina-a distintiva, todos entendem ao que me refiro? —é assim de, ah, atípica, que eles não descobrirão que um vampiro está perto. -Pam falou com muito, muito tato.

Bubba era um vampiro terrível. Embora sigiloso e obediente, ele não podia raciocinar muito claramente, e gostava do sangue de gato muito mais que o sangue humano.

-Onde está Bill, senhorita Sookie? -ele perguntou, quase poderia haver predito que me perguntaria isto. Bubba sempre tinha sido muito aficionado ao Bill.

-Ele está no Peru, Bubba. Isso está caminho abaixo, na Sudamérica.

-Não, já não, -disse uma voz fanfarrona, e meu coração dió um tombo. -Estou de volta. -De uma porta aberta andou meu antigo amor.

Era justo uma noite para surpresas. Esperei que algumas delas fossem agradáveis.

O ver o Bill tão de improviso me dió uma sacudida mais pesada do que eu me tinha imaginado. Nunca antes tinha tido um ex-noivo, minha vida careceu totalmente de noivos, assim que eu não tinha muita experiência no manejo de minhas emoções estando em sua presença, sobre tudo com o Eric, que aferrava minha mão como se eu fora Mary Poppins e ele fora meu tutelado.

Bill luzia bem em seus caquis. Levava posta uma camisa de marca *Calvin Klein* que eu tinha eleito para ele, um modelo em sombras marrom e ouro. Não que eu o notasse.

-Bem, necessitamo-lhe esta noite, -disse Pam. Sra. Negócios. -Terá que me dizer como são essas ruínas das que todo mundo fala. Conhece resto da gente aqui?

Bill jogou uma olhada ao redor.

-Coronel Flood, -disse ele, saudando com a cabeça. -Alcide. -Sua cabeçada ao Alcide foi menos cordial. -Não conheço os novos aliados, -disse ele, indicando às bruxas. Bill esperou até que as apresentações estivessem feitas para perguntar; -O que faz Debbie Pelt aqui?

Tratei de não olhá-lo boquiaberta ao lhe escutar dizer meus pensamentos íntimos em voz alta. Exatamente minha pergunta! E de onde conhecia Bill ao Debbie? Tratei de recordar se seus caminhos se teria cruzado no Jackson, se eles se encontraram realmente cara a cara e não pude recordar tal reunião, embora certamente, Bill sabia o que ela tinha feito.

-Ela é a mulher do Alcide, -disse Pam, em um estilo precavido e perplexo.

Levantei minhas sobrancelhas, vendo o Alcide, e ele ficou cor amadurece escuro.

-Ela está aqui para uma visita, e decidi vir junto com ele, -continuou Pam. -Opõe a sua presença?

-Ela participou enquanto eu estava sendo torturado na mansão do rei do Misisipí, -disse Bill. -Ela desfrutou de minha dor.

Alcide ficou de pé, parecendo tão impressionado como eu nunca o tinha visto alguma vez.

-Debbie, é verdade?

Debbie Pelt tratou de não estremecer-se, agora que cada olho estava sobre ela e cada olho era pouco amistoso.

-Somente resultou que visitava uma amiga lobato que vive ali, um dos guardas, -disse ela. Sua voz não soou tão acalmada para emparelhar as palavras. -Obviamente, não havia nada que eu poderia fazer para lhe liberar. Teria sido feita pedacinhos. Não posso acreditar que me recorde estando ali muito claramente. Você certamente estava fora de combate. -Havia uma indireta de desprezo em suas palavras.

-Você participou da tortura, -disse Bill, sua voz ainda impessoal e tão mais convincente por isso. -Suas preferidas foram as tenazes.

-Não disse a ninguém que ele estava ali? -Alcide perguntou ao Debbie. Sua voz absolutamente era impessoal. Continha pena, dor, cólera, e traição. -Sabia que alguém de outro reino estava sendo torturado com o Russell e não fez nada?

-Ele é uma *vampiro*, Por Deus!, -disse Debbie, soando mais que irritada. -Quando mais tarde averigüei que tinha estado levando ao Sookie ao redor para buscá-lo a ele, assim seu poderia liberar a seu papai da dívida com os vampiros, senti-me terrível. Mas nesse momento, era somente assunto de vampiros. por que deveria interferir?

-Mas por que alguma pessoa decente participaria de uma tortura? -A voz do Alcide era tirante.

Houve um silêncio comprido.

-E certamente, ela tratou de matar ao Sookie, -disse Bill. Ele ainda conseguia soar bastante desapaixonado.

-Eu não sabia que você estava na cajuela do automóvel quando a empurrei dentro! Eu não sabia que a colocava com um vampiro faminto! -Debbie protestou.

Não sei outros, mas eu não lhe acreditei nem por um segundo.

Alcide dobrou sua tosca cabeça negra para olhar suas mãos, como se elas sustentaram um oráculo. Ele levantou sua cara para ver o Debbie. Era um homem incapaz de esquivar a bala da verdade por mais tempo. Senti tanta lástima por ele da que eu tinha sentido por alguém em muito, muito tempo.

-Abjuro-te e repúdio, -disse Alcide. Coronel Flood se estremeceu, e o jóven Sid, Amanda, e Culpepper pareceram tanto surpreendidos como impressionados, como se esta fora uma cerimônia que eles jamais tinham pensado testemunhar. -Não te verei mais. Não caçarei contigo mais. Não compartilharei carne contigo mais.

Este era obviamente um ritual de grande significancia entre os dobre-natura. Debbie contemplou ao Alcide, horrorizada por sua declaração. As bruxas murmuraram os uns aos outros, mas fora disso, o quarto permaneceu silencioso. Inclusive Bubba estava com os olhos muito abertos, e a maior parte de coisas passaram por cima de sua lustrosa cabeça.

-Não, -Debbie disse com uma voz estrangulada, agitando uma mão diante dela, como se pudesse apagar o que tinha passado. -Não, Alcide!

Mas ele olhou fixamente sobre ela. Ele não a olhava mais.

Inclusive embora eu aborrecesse ao Debbie, sua cara era dolorosa de contemplar. Como a maioria de outros pressente, logo que pude, olhei fazia algum outro sítio, mas não a adapto. Encarar o aquelarre do Hallow pareceu uma rolha, comparado com a atestiguación deste episódio.

Pam pareceu estar de acordo.

-Bem então, -ela disse energicamente. -Bubba percorrerá o caminho com o Sookie. Ela fará seu melhor esforço em fazer o que ela faz—e nos dará o sinal. -Pam refletiu durante um momento. -Sookie, uma recapitulação: temos que saber o número de gente na casa, se forem todas bruxas, e qualquer outro aprimoramento que possa conseguir averiguar. nos envie a Bubba de volta com qualquer informação que encontre e mantente em guarda se por acaso a situação troca enquanto nos mobilizamos. Uma vez que estejamos em posição, seu pode te retirar aos automóveis, onde estará mais segura.

Absolutamente tinha nenhum problema com isto. Entre uma multidão de bruxas, vampiros, e lobatos, eu não tência nenhuma oportunidade.

-Sonha bem, se não ter que estar implicada para nada, -pinjente. Um tironcito em minha mão guiou meus olhos ao Eric. Ele pareceu contente ante a perspectiva do enfrentamento, mas havia ainda incerteza em sua cara e postura. -Mas o que passará com o Eric?

-O que quer dizer?

-Se vocês entrarem e arbusto a cada um, quem o desenbrujará? -Dava volta ligeiramente para confrontar aos peritos, o contingente Wiccan. -Se o aquelarre do Hallow morre, morre seu enfeitiço com eles? Ou ficará ainda Eric sem memória?

-O enfeitiço deve ser dissolvido, -disse a bruxa mais velha, a tranqüila mulher Afroamericana. -Se é tirado por quem o pôs em primeiro lugar, seria o melhor. Pode ser removido por alguém mais, mas isto tomará mais tempo, mais esforço, já que não sabemos o que entrou na fabricação do enfeitiço.

Eu tratava de evitar ver o Alcide, porque ele tremia ainda com a violência das emoções que o tinham conduzido a repudiar ao Debbie. Embora eu não soubesse que tal ação era possível, minha primeira reação deveria ser me sentir um pouco amarga a respeito de que ele *não* a tivesse rechaçado diretamente depois de que eu lhe havia dito faz um mês que ela tinha tratado de me matar. Entretanto, ele poderia haver-se dito que eu me tinha confundido, que não tinha sido Debbie a quem havia sentido perto de mim antes de que ela me empurrará na cajuela do Cadillac.

Por isso eu sabia, está era a primeira vez que Debbie tinha confessado que ela o tinha feito. E ela tinha protestado que não sabia que Bill estava na cajuela, inconsciente. Mas empurrar uma pessoa dentro de uma cajuela de automóvel e fechá-la não é nenhuma travessura divertida, certo?

Talvez Debbie se esteve mentindo a ela mesma, também.

Tinha que escutar o que passava agora. Já teria muito tempo para pensar na capacidade do ego humano de automóvel-enganar-se a se mesmo, se sobrevivia a noite.

Pam dizia;

-Então você acredita que temos que salvar ao Hallow? Para que dissolva o enfeitiço do Eric? -Ela não soou feliz ante a perspectiva. Traguei meus sentimentos dolorosos e me obriguei a escutar. Este não era o momento para começar a pensar.

-Não, -a bruxa disse imediatamente. -Seu irmão, Mark. Há muito perigo se se deixar viva ao Hallow. Ela deve morrer o mais breve possível.

-O que fará você? -Pam perguntou. -Como nos ajudará neste ataque?

-Estaremos fora, mas a dois blocos de distância, -disse o homem. -Mandaremos um enfeitiço ao redor do edifício para fazer às bruxas débeis e indecisas. E temos alguns truques debaixo de nossas mangas. -Ele e a mulher jóven, que tinha em cima uma enorme quantidade de maquiagem para olhos cor arroxado, pareciam bastante contentes ante a possibilidade de poder usar aqueles truques.

Pam assentiu, como se os embrujos fossem ajuda suficiente. Pensei que esperar fora com um lança-chamas teria sido melhor.

Todo esse tempo, Debbie Pelt se ficou de pé como se estivesse paralisada. Agora ela começou a dirigir seu caminho fazia a porta de atrás. Bubba saltou para aferrar seu braço. Ela vaiou contra ele, mas ele não vacilou, embora eu o tivesse feito.

Nenhum dos lobatos reagiu a este acontecimento. Realmente era como se ela fora invisível para eles.

-me deixe partir. Não sou bem-vinda, -disse ela a Bubba, fúria e miséria lutavam por controlar sua cara.

Bubba se encolheu de ombros. Ele somente se agarrou a ela, esperando o julgamento do Pam.

-Se lhe deixamos ir, poderia correr fazia as bruxas e lhes avisar que vamos, -disse Pam. – Isso iria de acordo com seu caráter, pelo visto.

Debbie teve as guelra de parecer ultrajada. Alcide luzia como se ele olhasse o prova litográfica meteorológico.

-Bill, te encarregue dela, -Chow sugeriu. -Se ela se voltar contra nós, mata-a.

-Isso sonha maravilhoso, -disse Bill, sonriendo de um modo vampiresco.

depois de uns acertos mais sobre o transporte, e um pouco de consultas mais tranqüilas entre as bruxas, quem confrontava uma classe completamente diferente de luta, Pam disse;

-Muito bem, vamos. -Pam, que se olhou mais que nunca como Alicia no País das Maravilhas com seu suéter rosa pálido e calças rosadas mais escuras, levantou-se e comprovou seu lápis de lábios no espelho sobre a parede, perto de onde eu tinha estado me sentando. Ela dió a sua reflexão um sorriso experimental, como vi que fazemos as mulheres ao redor de mil vezes.

-Sookie, meu amiga, -ela disse, dando volta para apontar o sorriso a mim. -Esta noite é uma grande noite.

-É-o?

-Sim. -Pam pôs seu braço ao redor de meus ombros. -Defendemos o que é nosso! Lutamos pela restauração de nossa líder! -Ela sorriu abertamente por cima de mim ao Eric. -Amanhã, Xerife, estará de volta em seu escritório da Fangtasia. Será capaz de ir a sua própria casa, seu próprio dormitório. Mantivemo-lo limpo para ti.

Comprovei a reação do Eric. Nunca antes tinha ouvido o Pam dirigir-se ao Eric por seu título. Embora chamassem o vampiro cabeça de cada seção xerife, e já deveria ter estado acostumada a estas alturas a isso, não podia menos que imaginar ao Eric em uma equipe de vaqueiro com uma estrela fixada a seu peito, (ou meu favorito) em panties negros como o infame xerife do Nottingham. Encontrei interessante, também, que ele não vivia aqui com o Pam e Chow.

Eric dirigiu ao Pam um olhar tão sério que o sorriso se desvaneceu diretamente de sua cara.

-Se morrer esta noite, -disse ele, -lhe pague a esta mulher o dinheiro que lhe prometeu. -Ele agarrou meu ombro. Estava coberta por vampiros.

-Juro-o, -disse Pam. -Chow e Gerald saberão, também.

Eric disse;

-Sabe onde esta seu irmão?

Surpreendida, andei longe do Pam.

Pam pareceu igualmente desconcertada.

-Não, Xerife.

-Me ocorreu que você poderia havê-lo tirado de refém para te assegurar que ela não me traísse.

A idéia jamais tinha cruzado por minha mente, mas deveu havê-lo feito. Obviamente, tinha muito que aprender sobre ser malpensada.

-Lamento não ter pensado nisto, -disse Pam admirativamente, ecoando a meus pensamentos com seu próprio reverso. -Não me teria importado acontecer algum tempo com o Jason como meu refém. -Não podia entendê-lo: a fascinação pelo Jason simplesmente parecia ser universal. -Mas não tomei, -disse Pam. -Se sairmos desta, Sookie, buscarei-o eu mesma. Poderia ser que as bruxas do Hallow o tenham?

-É possível, -pinjente. -Claudine disse que não viu nenhum refém, mas ela também disse que havia quartos que não examinou. Embora não sei por que teriam capturado ao Jason, a menos que Hallow saiba que tenho ao Eric? Assim poderiam usá-lo para me fazer falar, exatamente do mesmo modo que seu o teria usado para me fazer guardar silêncio. Mas eles não se aproximaram de mim. A gente não pode chantagear a alguém que não sabe nada sobre a alavanca que se tem sobre eles.

-Entretanto, recordarei a todos aqueles que vão entrar no edifício para tomar cuidado com ele, -disse Pam.

-Como esta Belinda? -Perguntei. -Fez acertos para pagar suas contas do hospital?

Ela me viu sem expressão.

-A garçonne que foi lesada defendendo *Fangtasia*, -recordei-lhe, um pelín seca. -Lembrete? A amiga do Ginger, a que *morreu*?

-Certamente, -disse Chow, desde seu lugar contra a parede. -Ela se recupera. Enviamo-lhe flores e caramelos, -disse ao Pam. Então ele se concentrou em mim. -Mais à parte, temos uma apólice de seguros de grupo. -Ele estava orgulhoso sobre isto como um novo pai estaria.

Pam pareceu satisfeita com o relatório do Chow.

-Bem, -ela disse. -A gente tem que mantê-los felizes. Estamos preparados para ir ?

Encolhi-me de ombros.

-Suponho que se. Não existe nenhuma razão em esperar.

Bill andou fazia mim, enquanto Chow e Pam consultavam sobre qual veículo levar. Gerald tinha saído para assegurar-se que cada um estivesse sintonizado e informado sobre o plano de batalha.

-Como esteve o Peru? -Perguntei ao Bill. Eu estava muito consciente do Eric, uma enorme sombra loira em meu cotovelo.

-Fiz muitas notas para meu livro, -disse Bill. -Sudamérica não foi totalmente receptiva com os vampiros, mas o Peru não é tão hostil como os outros países, e fui capaz de conversar com alguns vampiros dos que não tinha ouvido antes. -Durante meses, Bill tinha estado compilando um diretório de vampiros por ordens da rainha da Luisiana, que pensou que ter tal artigo seria muito prático. Sua opinião certamente não era a opinião universal da comunidade vampiro, alguns dos quais tinham objeções muito fortes a “sair à luz”, inclusive entre sua própria classe. Adivinho que o viver em segredo poderia ser quase impossível de renunciar, se um se aderiu a isso durante séculos.

Havia vampiros que ainda viviam em cemitérios, caçando cada noite, rechaçando reconhecer a mudança de seu estado; parecido às histórias sobre os soldados japoneses que tinham resistido a dar as ilhas Pacíficas muito depois de que a Segunda guerra mundial tivesse terminado.

-Conseguiu ver aquelas ruínas das que falava?

-Machu Picchu? Sim, subi até elas, sozinho. Foi uma grande experiência.

Tratei de imaginar ao Bill subindo uma montanha de noite, vendo as ruínas de uma antiga civilização à luz da lua. Nem sequer podia imaginar o que deve ter sido. Eu nunca tinha saído fora do país. Em realidade, poucas vezes tinha saído fora do Estado.

-Este é Bill, seu antigo companheiro? -A voz do Eric soou um pouco... forçada.

-Ah, este—pois sim, algo assim, -pinjente tristemente. o de “antigo” era correto; o de “companheiro” era um pouco apagado.

Eric colocou ambas as mãos sobre meus ombros e se moveu mas perto de mim. Não tinha nenhuma dúvida de que ele olhava por cima de minha cabeça fixamente ao Bill, quem o olhava atentamente também. Eric poderia me haver pego também um signo DELA É MINHA em minha frente. Arlene me havia dito que lhe fascinavam os momentos como este, quando seu ex via claramente que alguém mais a valorava, embora ele não o tivesse feito. Tudo o que posso dizer é que, meu gosto a respeito da satisfação, corre em uma direção completamente diferente. Odiei-o. Senti-me torpe e ridícula.

-Você de verdade não me recorda, -disse Bill ao Eric, como se ele tivesse duvidado disso até esse momento. Minha suspeita foi confirmada quando ele me disse, como se Eric não estivesse de pé ali, -Sinceramente, pensei que este era um complicado esquema de parte do Eric para ficar em sua casa, assim ele poderia encontrar o caminho rumo a sua cama.

Já que o mesmo pensamento me tinha ocorrido, embora o tivesse descartado rapidamente, não podia protestar; mas pude me sentir a meu mesma me pondo vermelha.

-Temos que entrar no automóvel, -disse ao Eric, dando volta para olhar sua cara. Estava esculpida em granito e inexpressiva, que pelo general assinalava que ele se encontrava em um estado de ânimo perigoso. Mas ele veio comigo quando me movi para a porta e a casa inteira pouco a pouco se esvaziou, quando seus habitantes se dirigiram à estreita rua suburbana. Perguntei-me o que os vizinhos pensariam. Seguro que eles sabiam que a casa estava habitada por vampiros—ninguém ao redor durante o dia, todo o trabalho de jarda feito por humanos alugados, a gente que vinha e ia durante a noite era muito pálida. Esta atividade repentina teve que atrair a atenção da vizinhança.

Conduzi em silêncio, Eric a mim lado no assento do passageiro. De tanto em tanto, ele me alcançava para me tocar. Não sei aos quais Bill teria agarrado para que o levarão, mas me alegrei de não ser eu. O nível de testosterona teria sido muito alto no automóvel, e poderia me haver sufocado.

Bubba se sentava no assento traseiro, cantarolando para ele mesmo. Soava como “Love Me Tender.”

-Este é um automóvel muito mau, -disse Eric, fora de tema, por isso me tirou de balanço.

-Sim, -estive de acordo.

-Tem medo?

-Sim.

-Se toda esta coisa funcionar, seguirá-me vendo?

-Seguro -pinjente, para fazê-lo feliz. Estava convencida que, depois desta confrontação, nada seria o mesmo. Mas sem a convicção do verdadeiro Eric a respeito de seu próprio valor e inteligência e crueldade, este Eric era bastante instável. Ele se tinha revitalizado para a batalha atual, mas agora mesmo necessitava um empurrãozinho.

Pam tinha planejado onde deveria cada um estacionar, para impedir ao aquelarre do Hallow de ficar alerta pela súbita aparição de um montão de automóveis. Tínhamos um mapa com nosso ponto marcado sobre ele. Resultou ser um Supermercado E-Z, na esquina de um par de ruas mais amplas, onde se trocava de zona residencial a zona comercial. Estacionamos na esquina mais afastada e fora da vista do Supermercado E-Z. Sem nenhuma discussão adicional, saímos rumo a nossas posições designadas.

Aproximadamente a metade das casas sobre esta tranqüila rua tinham pôsteres imobiliários na grama dianteira, e as que permaneciam em mãos privadas não estavam bem mantidas. Os automóveis estavam tão maltratados como o meu, e grandes partes nuas indicavam que o pasto não tinha sido fertilizado ou regado durante o verão. Cada janela com luz pareceu mostrar a piscada de uma tela de televisão.

Alegrei-me que fora inverno, assim a gente que vivia aqui estariam no interior. Dois vampiros brancos e uma mulher loira levantaria comentários, se não ser que agressões, nesta vizinhança. Mais à parte, um dos vampiros era bastante reconhecível, apesar dos rigores de sua mudança—que era pelo que Bubba era quase sempre mantido fora de vista.

Logo estivemos na esquina onde Eric, como se supunha, separava-se de nós assim ele poderia encontrar-se com os outros vampiros. Eu teria seguido a meu lugar designado sem uma palavra; para esse momento irradiava tal carga de tensão que senti que poderia vibrar se me dessem um toque com um dedo. Mas Eric não estava de acordo com uma separação silenciosa. Ele aferrou meus braços e me beijou com tudo o que tinha, e me criem, que era abundante.

Bubba fez um som de desaprovação.

-Você se supõe que não deveria beijar a alguém mais, senhorita Sookie, -disse ele. -Bill disse que taba bem, mas eu não gosto.

depois de um segundo mais, Eric me liberou.

-Sinto se lhe ofendemos, -disse ele fríamente. Ele olhou para baixo em mim. -Verei-te mais tarde, minha amada, -disse ele muito quedamente.

Pus minha mão contra sua bochecha.

-Mais tarde, -pinjente, dava volta e me afastei com a Bubba me pisando os talões.

-Você não ´você molesta comigo, está-o, senhorita Sookie? -ele perguntou com inquietação.

-Não, -pinjente. Fiz-me lhe sorrir, já que sabia que ele poderia lombriga muito mais claramente do que eu poderia vê-lo. Era uma noite fria, e embora tivesse posto meu casaco, não pareceu ser tão quente como estava acostumado a ser. Minhas mãos nuas tremiam pelo frio, e meu nariz se sentiu intumescida. Justo podia detectar um olorillo da fumaça de madeira de uma chaminé, e gases de combustão de automóvel, e gasolina, e azeite, e todos os outros aromas de automóvel que se combinam para criar o Aroma de Cidade.

Mas havia outro aroma que impregnava a vizinhança, um aroma que indicou que esta vizinhança estava poluída por algo mais que a praga urbana. Inalei, e o aroma se entrelaço no ar em floreios quase visíveis. depois de pensá-lo por um momento, dava-me conta que devia ser o aroma da magia, espesso e que faz contrair o estômago. A magia cheira como imagino que um bazar em algum país exótico estrangeiro poderia cheirar. Empresta a estranho, a diferente. A essência de tanta magia pode ser incrivelmente lhe esmaguem. por que não se queixavam os residentes à polícia disto? Não podia cada um detectar aquele aroma?

-Bubba, cheira algo incomum? -Perguntei com uma voz muito baixa. Um cão ou dois ladrou quando andamos por diante na noite negra, mas rapidamente se acalmaram quando detectaram o aroma do vampiro. (Para eles, adivinho, Bubba era algo insólito.) Os cães se assustam quase sempre com os vampiros, embora sua reação fazia os lobatos e os adaptos seja mais imprevisível.

Encontrei-me me convencendo de que realmente não queria voltar para automóvel e ir. Em um esforço consciente para fazer mover-se a meus pés na direção correta.

-Ahá, com certeza que sim, -sussurrou ele em resposta. -Alguém esteve pondo alguns embrujos. Mantenha-se afastado por meio da magia. -Não sabia se as Wiccans de nossa parte, ou as bruxas do Hallow, seriam responsável por este penetrante pedaço de arte, mas era eficaz.

A noite pareceu quase extrañamente silenciosa. Talvez três automóveis nos passaram quando andamos pelo labirinto de ruas suburbanas. Bubba e eu não vimos nenhum outro pedestre e o sinistro sentido de isolamento cresceu. O desejar manter-se afastado daqui se intensificou quando nos aproximamos mais ao aquelarre do que, supunha-se, tínhamos que nos manter afastados devido ao enfeitiço que flutuava no ar.

A escuridão, entre atoleiros de luz debaixo dos faróis, pareceu mais escura e a luz não pareceu chegar muito longe. Quando Bubba tomou minha mão, não a aparteí. Meus pés pareceram arrastar-se a cada passo.

Já tinha percebido um tufillo deste aroma antes, na Fangtasia. Talvez, o lobato rastreador tinha tido um trabalho mais fácil do que eu tinha pensado.

-Já chegamos, senhorita Sookie, -disse Bubba, sua voz somente um fio tranqüilo na noite.

Tínhamos dado a volta por uma esquina. Já que eu sabia que existia um enfeitiço, e sabia que poderia seguir andando, fiz-o; mas se eu tivesse sido um residente da área, teria encontrado uma rota alternativa, e não teria tornado a pensar nisso duas vezes. O impulso de evitar este ponto era tão forte que me perguntei se a gente que vivia sobre este bloco teria sido capaz de vir a casa de seus empregos. Talvez, eles comiam fora, foram ao cinema, bebiam nos bares—algo para evitar voltar para suas casas. Cada casa sobre a rua pareceu sospechosamente escura e desatendida.

Através do caminho e, no extremo oposto do bloco, estava o centro da magia.

O aquelarre do Hallow tinha encontrado um bom lugar para esconder-se: um negócio para arrendar, um edifício grande que tinha contido uma espécie de combinação de loja de flores com padaria. *Minnie's Flowers&Cakes* estava se localizada em uma solitária posição, a loja maior em uma franja de três que, uma atrás de outra, extinguíram-se e fechado, como chamas sobre um candelabro. Pelo visto, o edifício tinha estado vazio durante anos. As grandes vitrines de vidro estavam emplastadas com pôsteres de eventos passados e candidatos políticos, desde fazia muito tempo, derrotados. O compensado parecido sobre as portas de cristal era a prova que os vândalos tinham entrado mais de uma vez.

Inclusive com o frio de inverno, os hierbajos se empurraram para se sobressair pelas gretas na área de estacionamento. Um contêiner grande estava de pé ao lado direito do estacionamento. Vi-o desde além da rua, obtendo o mais possível um quadro do exterior, antes de fechar meus olhos para me concentrar em meus outros sentidos. Tomei um momento para me afligir.

Se me tivessem perguntado, teria tido dificuldade rememorando os passos que me tinham conduzido a este lugar perigoso, nesta hora perigosa. Estava sobre os borde de uma batalha, na qual ambos os bandos eram bastante duvidosos. Se tivesse conhecido às bruxas do primeiro Hallow, provavelmente teria estado convencida de que os lobatos e os vampiros mereciam ser erradicados.

Neste mesmo tempo, faz um ano, ninguém no mundo realmente entendia o que eu era, ou me preocupava. Eu era somente Sookie a Louca, a do irmão selvagem, uma mulher que uns compadeciam e evitavam, de diferentes maneiras e graus. Agora, aqui estava eu, sobre uma congelada rua no Shreveport, agarrando a mão de um vampiro cuja cara era legendaria e cujo cérebro era um mingau. Era isto uma melhoria?

E não estava aqui para me divertir, ou progredir e avançar, a não ser para fazer um reconhecimento para um montão de criaturas sobrenaturais, obtendo informação a respeito de um grupo de bruxas homicidas, que bebiam sangue, e trocavam de forma.

Suspirei, esperei inaudivelmente. Ah, bom. Ao menos ninguém me tinha golpeado.

Meus olhos se fecharam, e deixei cair meus escudos mentais e estendi minha mente ao edifício através da rua.

Cérebros ocupados, ocupados, ocupados. Estive aturdida pelo vulto de impressões que recebia. Talvez, a ausência de outra gente nas cercanias ou a lhe esmaguem onipotência da magia, eram as responsáveis; mas algum fator tinha afiado meu outro sentido ao ponto da dor. Quase atordoada pelo fluxo de informação, percebi que tinha que classificá-la e organizá-la. Primeiro, contei miolos. Não literalmente (“Um lóbulo temporário, dois lóbulos temporários...”), mas como um cacho de pensamentos. Contei como quinze. Cinco estavam no quarto dianteiro, que tinha sido o salão de amostras da loja, certamente. Um, estava no espaço mais pequeno, que era mais provável o quarto de banho, e o resto estava no terceiro quarto e maior, que estava na parte traseira. Calculei que essa teria sido a área de trabalho.

Cada um no edifício estava acordado. Um cérebro dormido ainda me envia um murmúrio desço de um pensamento ou dois, em sonhos, mas não é tão mesmo um cérebro acordado. parece-se com a diferença entre um cão que se move nervosamente em seu sonho e um cachorrinho acordado.

Para conseguir tanta informação como me fora possível, tive que me aproximar mais. Nunca tinha tentado escolher um grupo para conseguir detalhes tão específicos como culpa ou inocência e não estava nem sequer segura que fora possível. Mas se alguma da gente no edifício não eram malvadas bruxas, não quis que eles estivessem enlameados no que estava por vir.

-Mais perto, -sussurrei a Bubba. -Mas nos ocultando.

-Ahá, -ele sussurrou atrás. -Você vai manter seus olhos fechados?

Assenti com a cabeça, e ele me conduziu com muito cuidado através da rua, perto da sombra do contêiner que estava aproximadamente cinco jardas ao sul do edifício. Alegrei-me que fizesse frio, porque manteve o aroma do lixo em um nível aceitável. Os fantasmales aromas de rosquinhas e flores, misturavam-se com a peste de coisas danificadas e velhos fraldas que os transeuntes tinham arrojado no prático receptáculo. Isto, não fazia nenhuma deliciosa mescla com o aroma mágico.

Ajustei-me, bloqueado totalmente o pestilento assalto contra meu nariz, e comecei a escutar. Embora tivesse melhorado nesta posição, ainda se parecia com o tratar de ouvir

doze conversações telefônicas ao mesmo tempo. Alguns deles eram Lobatos, também, o que complicou o assunto. Só poderia conseguir partes e pedaços.

... esperou que isto não seja uma infecção vaginal sobre a que sinto a chegada...

Ela não me escutará, ela não pensa que os homens podem fazer o trabalho.

Se eu a convertesse em um sapo, quem poderia dizer a diferença?

... desejaria que tivéssemos conseguido alguma Coca-cola de dieta...

Encontrarei a esse maldito vampiro e o matarei...

Mãe Terra, escuta minhas preces.

Estou metido muito profundo...

Melhor consigo uma nova lima de unhas.

Isto não era decisivo, mas ninguém tinha estado pensando, “OH, estas bruxas demoníacas me apanharam, não me ajudará alguém?” ou “Ouço a aproximação dos vampiros!” ou nada tão dramático como isso. Isto, soou como uma banda de gente que se conheciam os uns aos outros, e ao menos, estavam relaxados na companhia de cada um, e portanto, sustentavam os mesmos objetivos. Inclusive quem rezava, não estava em nenhum estado de urgência ou necessidade. Esperei que Hallow não sentisse o bico de minha mente, mas, cada um a quem havia meio doido tinha parecido preocupado.

-Bubba, -pinjente, somente um pouco mais forte que um pensamento, -vá dizer lhe ao Pam que há quinze pessoas ali e pelo que posso contar, são todas bruxas.

-Sim, senhora.

-Recorda como chegar com o Pam?

-Sim, senhora.

-Então pode deixar ir minha mão, certo?

-Ah. Está bem.

-Anda silencioso e cuidadoso, -sussurrei.

E ele se foi. Pu-me em cuclillas, na sombra que era mais escura que a noite, ao lado dos aromas e metal frio, escutando às bruxas. Três cérebros eram masculinos, o resto eram fêmeas. Hallow estava ali, porque uma das mulheres a via e pensava nela... temendo-a, o que me pôs nervosamente incômoda. Perguntei-me onde teriam estacionado seus automóveis—a menos que eles voassem ao redor sobre paus de vassoura. Já! Já! Então, perguntei-me sobre algo que já deveria ter cruzado por minha mente.

Se eles eram assim de condenadamente cautelosos e perigosos, onde estavam seus sentinelas?

Naquele momento, fui arranca-rabo por detrás.

Capítulo 12

-Quem é você? -perguntou uma voz aflautada.

Já que ela tinha uma mão me tampando a boca e a outra sustentava uma faca sobre meu pescoço, eu não podia responder. Ela pareceu entender isto depois de um segundo, porque me disse;

-Entremos, -e começou a me empurrar para as costas do edifício.

Eu não podia agüentar isto. Se ela tivesse sido uma das bruxas no edifício, uma das bruxas bebe-sangre, eu não poderia me haver escapado desta, mas era uma simples bruxa normal, e ela não tinha cuidadoso ao Sam terminar tantas lutas de bar como eu. Com ambas as mãos, alcancei e afelei sua boneca com a faca e a dobrei com tanta força como podia, enquanto a golpeava duro com meu corpo inferior. Fui sobre ela, no asqueroso pavimento frio e aterrissei diretamente em cima dela, esmurando sua mão contra a terra até que liberasse a faca. Ela soluçava, a vontade escapando

-É uma mierda como vigilante, -disse ao Holly, mantendo minha voz baixa.

-Sookie? -Os grandes olhos do Holly me olharam atentamente debaixo de uma boina tecida. Ela se tinha vestido pensando em esta noite, mas ainda tinha posto o lápis de lábios rosa brilhante.

-Que demônios faz aqui?

-Eles me disseram que apanhariam a meu filho se não lhes ajudava.

Senti-me doente.

-Desde quando estiveste lhes ajudando? antes de que eu viesse a seu apartamento, pedindo ajuda? Desde quando? -Sacudi-a tão forte como podia.

-Quando ela veio ao bar com seu irmão, soube que havia outra bruxa ali. E sabia que não foi você ou Sam, depois de que ela se dirigiu a ti. Hallow pode fazer o que for. Ela sabe tudo. Mais tarde, aquela noite, ela e Mark vieram a meu apartamento. Eles tinham estado em uma luta; pareciam um asco e muito cheios o saco. Mark me sustentou enquanto Hallow me golpeava. Gostou disto. Ela viu a foto de meu filho; tomou e disse que ela poderia amaldiçoá-lo por larga distância, todo o caminho ao Shreveport—fazê-lo correr no tráfico ou carregar a arma de seu papai.... -Holly chorava a estas alturas. Não a culpei. Fez-me

sentir chateada o pensar nisso, e ele nem sequer era meu menino. -Tive que dizer que eu a ajudaria, -Holly gemeu.

-Há outros ali como você?

-Obrigados a fazer isto? Alguns deles.

Isto, fez mais compreensíveis alguns pensamentos que tinha escutado.

-E Jason? Ele está ali? -Embora tivesse revisado completamente os três miolos dos homens no edifício, ainda tive que perguntar.

-Jason é um Wiccan? Sério? -Ela se tirou a boina e correu seus dedos por seu cabelo.

-Não, não, não. Mantêm-no como refém?

-Não o vi. por que diabos Hallow teria ao Jason?

Eu tinha estado me enganando desde o começo. Um caçador encontraria os restos de meu irmão algum dia: são sempre caçadores, ou a gente que anda com seus cães, verdade? Senti desmoronar o chão sob meus pés, como se a terra me tivesse abandonado literalmente, mas me chamei ao aqui e ao agora, longe de emoções que eu não podia me permitir sentir, até que estivesse em um lugar seguro.

-Tem que sair daqui, -disse com a voz mais baixa que poderia dirigir. -Tem que sair desta área *agora*.

-Ela conseguirá a meu filho!

-Garanto-te que ela não o fará.

Holly pareceu ler algo sob a débil vista que ela tinha de minha cara.

-Espero que os mate a todos eles, -disse ela tão apaixonadamente como alguém pode dizê-lo em um sussurro. -Quão únicos valem a pena de salvar são Parton, Chelsea e Jane. Chantagearam-nos exatamente igual à mim. Normalmente, eles são somente Wiccans aos quais gostam de viver de verdade tranquilos, como eu. Não queremos fazer mal a ninguém.

-Como se vêem eles?

-Parton é um tipo aproximadamente de vinte e cinco, cabelo castanho, curto, marca de nascimento sobre sua bochecha. Chelsea tem aproximadamente dezessete, seu cabelo tingido tem esse brilhante vermelho. Jane, um, bem—Jane é somente uma anciã, já sabe? Cabelo branco, calças, blusa com flores sobre ela. Óculos. -Minha avó haveria renhido ao

Holly por amontoar a todas as anciãs e as colocar no mesmo saco, mas, Deus a benza, ela não estava por aqui e eu não tinha tempo de fazê-lo.

-por que Hallow não pôs a uma de suas gente mais resistentes aqui fora, de guarda? - Perguntei, curiosidade pura e dura.

-Eles realizassem um grande ritual de enfeitiço a respeito de algo esta noite. Não posso acreditar que o enfeitiço de manter-se longe não funcionou contigo. Deve ser muito resistente. -Então Holly sussurrou, com um pequeno sotaque de risada em sua voz, -À parte, nenhum deles queriam estar no frio.

-Adiante, sal daqui, -pinjente quase inaudivelmente, e lhe ajudei a parar-se. -Não importa onde estacionou seu automóvel, vete pelo Norte daqui. -No caso dela não soubesse que direção era o Norte, assinalei-a.

Holly se foi, seu *Nikes* quase sem fazer ruído sobre a gretada calçada. Seu opaco cabelo tingido de negro pareceu absorver a luz do farol quando ela passou baixo ele. O aroma ao redor da casa, o aroma de magia, pareceu intensificar-se. Perguntei-me que fazer agora. De algum jeito, tinha que me assegurar que três Wiccans locais dentro daquele edifício desvencilhado, esses os quais tinham sido obrigados a servir ao Hallow, não fossem danificados. Não podia pensar em uma maneira eficiente para fazer isto. Poderia inclusive salvar a um deles?

Tive uma completa coleção do meio pensamentos e abortados impulsos nos próximos sessenta segundos. Todos eles conduziam a um beco sem saída.

Se eu corresse dentro e gritasse, “Parton, Chelsea, Jane—para fora!” isto alertaria ao aquelarre para um ataque iminente. Alguns de meus amigos—ou ao menos meus aliados—morreriam.

Se eu perdesse o tempo e tratasse de lhe dizer aos vampiros que três das pessoas no edifício eram inocentes, eles (mais provavelmente) não fariam caso de mim. Ou, se uma chispada de piedade os golpeava, eles teriam que salvar a todas as bruxas e logo escolher os inocentes, o que daria ao aquelarre das bruxas o tempo para contra-atacar. As bruxas não necessitavam armas materiais.

Muito tarde, precavi-me de que deveria ter mantido ao Holly junto a mim e havê-la usado como minha entrada no edifício. Mas pôr em perigo a uma mãe assustada não era uma opção boa, tampouco.

Algo grande e quente se pressionou contra meu flanco. Os olhos e os dentes brilharam na luz da noite da cidade. Quase gritei, até que reconheci ao lobo como Alcide. Ele era muito grande. A pele de prata ao redor de seus olhos fez parecer o resto de sua pelagem ainda mais escura.

Pus um braço através de suas costas.

-Há três ali que não devem morrer, -pinjente. -Não sei o que fazer.

Já que ele era um lobo, Alcide não sabia o que fazer, tampouco. Ele examinou minha cara. Ele gemeu, somente um pouco. Eu, supunha-se, que devia estar de volta nos automóveis por agora; mas aqui estava eu, ao pé do canhão, na zona de perigo. Podia sentir o movimento na escuridão, todos ao redor de mim. Alcide se escabulló longe, a sua posição designada na porta traseira do edifício.

-O que faz aqui? -Bill disse furiosamente, embora isto soasse extrañamente trilhado em um diminuto sussurro. -Pam te disse partir uma vez que tivesse contado.

-Três ali são inocentes, -sussurrei de volta. -Eles são locais. Forçaram-nos.

Bill resmungou algo encoberto e não foi algo feliz.

Passei-lhe as descrições incompletas que Holly me tinha dado.

Podia sentir a tensão no corpo do Bill, e logo Debbie nos uniu em nossa trincheira individual. O que pensava ela, ao embalar-se tão estreitamente com o vampiro e quão humana a odiavam mais?

-Disse-te ficar atrás, -Bill disse, e sua voz era espantosa.

-Alcide me abjurou, -ela me disse, justo como se eu não tivesse estado ali quando passou.

-O que esperava? -Exasperou-me seu lento entender e sua atitude ferida. Não tinha escutado alguma vez a respeito das conseqüências?

-Tenho que fazer algo para ganhar de novo sua confiança.

Ela tinha vindo à loja equivocada, se queria comprar algo de auto-respeito.

-Então me ajude a salvar os três ali os quais são inocentes. -Recontei meu problema outra vez. -por que não te trocasse em seu animal?

-Ah, não posso, -disse ela amargamente. -fui repudiada. Não posso me trocar com a matilha do Alcide mais. Eles têm licença para me matar, se o fizer.

-No que trocava de todos os modos?

-Lince.

Muito apropriado.

-Vêem, -pinjente. Comecei a me mover para o edifício. Aborrecia a esta mulher, mas se ela pudesse me ser de utilidade, tinha que me aliar com ela.

-Espera, supõe-se, que eu vou à porta de atrás com o lobato, -Bill vaiou. -Eric já está ali.

-Então vete!

Senti que alguém mais estava em minhas costas e arrisquei uma olhada rápida para ver que era Pam. Ela me sorriu e suas presas estavam fora, de modo que isto me acovardou um pouco.

Talvez, se as bruxas dentro não tivessem estado implicadas em um ritual, e não tivessem estado tão confiadas em seu sentinela tão pouco dedicado e sua magia, não teríamos chegado até a porta despercebidas. Mas a sorte nos favoreceu durante aqueles poucos minutos. Chegamos à porta principal do edifício, Pam, Debbie e eu, e ali nos encontramos com o jóven lobato, Sid. Poderia reconhecê-lo até em seu corpo de lobo. Bubba estava com ele.

Fui iluminada por uma súbita inspiração. Afastei-me uns pés com a Bubba.

-Pode voltar correndo às Wiccans, essas que estão de nosso lado? Sabe onde estão elas? - Sussurrei.

Bubba assentiu com a cabeça energicamente.

-Diz-lhes que há três Wiccans locais dentro quem tem sido forçados dentro disto. lhes pergunte se eles podem arrumar alguma enfeitiço para conseguir que os três inocentes se destaquem.

-Os direi, senhorita Sookie. Eles me caem muito bem.

-Bem, companheiro. Sei rápido, e tranqüilo.

Ele assentiu e se foi na escuridão.

O aroma ao redor do edifício se intensificava a tal grau que tinha problemas com a respiração. O ar estava tão impregnado com o aroma, que me recordou quando passava uma loja de velas em uma alameda.

Pam disse;

-Onde enviaste a Bubba?

-De volta com nossas Wiccans. Eles têm que fazer que as três pessoas inocentes se destaquem de algum jeito para que não os “matemos”.

-Mas ele tem que retornar agora. Ele tem que abrir a porta para mim!

-Mas... -Estive desconcertada pela reação do Pam. -Ele não pode entrar sem um convite, como você.

-Bubba é um cérebro prejudicado, degradado. Ele não é totalmente um vampiro verdadeiro. Ele pode entrar sem um convite expresso.

Olhei boquiaberta ao Pam.

-por que não me disse isso? -Ela somente elevou suas sobrancelhas. Quando rememorei, era certo que podia recordar, ao menos duas vezes, que Bubba tinha entrado em uma moradia sem convite. Nunca tinha somado dois mais dois.

-Assim terei que ser primeira pela porta, -pinjente, mais normalmente do que eu me sentia realmente. -Então os convido a todos vocês dentro?

-Sim. Seu convite será suficiente. O edifício não lhes pertence.

-Deveríamos fazer isto agora?

Pam deu um bufo quase inaudível. Ela sorria sob o brilho da luz, de repente divertida.

-Esperas um convite caligrafiada?

Deus me libere dos vampiros sarcásticos.

-Crie que Bubba teve bastante tempo para chegar com as Wiccans?

-Seguro. vamos cravar alguns culos de bruxas, -disse ela felizmente. Poderia dizer que o destino das Wiccans locais era o último em sua lista de prioridades. Cada um pareceu evadir esta questão, à exceção de mim. Inclusive os jovens lobatos mostravam muito desejo de encaixar a presa.

-Dou de patadas, você entra, -disse Pam. Ela me dió um bicada rápido sobre a bochecha, completamente surpreendente para mim.

Pensei, *assim não quero estar aqui.*

Então me levantei de minha posição acucillada, estive de pé detrás do Pam e contemplei com temor enquanto ela martelou uma perna e dió um patada com a força de quatro ou cinco mulas. A fechadura se rompeu, a porta saltou para dentro enquanto a velha madeira cravada sobre ela se estilhaçou e se rachou, eu saltei dentro e gritei;

-Entrem! -ao vampiro detrás de mim e aqueles na porta de atrás. Durante um momento estranho, eu estive no refúgio das bruxas sozinha, e todos eles tinham dado volta para verme com completo assombro.

O quarto estava cheio de velas e gente sentada sobre almofadas no chão; durante o tempo que tínhamos esperado fora, todo outros no edifício pareceram haver-se concentrado neste quarto dianteiro e sentar-se com as pernas cruzadas em um círculo, cada um com uma vela ardendo ante eles, um tigela, e uma faca.

Dos três que eu tentava salvar, “a anciã” era a mais fácil de reconhecer. Havia só uma mulher com o cabelo branco no círculo. Ela tinha posto seu lápis de lábios rosa brilhante, um pouco enviesado e deslocado, e havia sangue seca sobre sua bochecha. Agarrei seu braço e a empurrei em uma esquina, enquanto todos sobre mim eram um caos. Havia só três homens humanos no quarto. O irmão do Hallow, Mark, agora atacado por uma matilha de lobos, era um deles. O segundo macho era um homem de média idade com bochechas côncavas e cabelo sospechosamente negro e ele, não só murmurava uma espécie de enfeitiço, mas também tirava um estilete da jaqueta que jazia sobre o chão, a sua direita. Ele estava muito longe para mim para poder fazer algo sobre isso; tive que confiar em outros para proteger-se. Então divisei ao terceiro homem, com a marca de nascimento sobre a bochecha—deve ser Parton. Ele se agachava cobrindo com suas mãos sua cabeça. Sabia como se sentia.

Agarrei seu braço e o atirei, e ele se incorporou dando de murros, certamente. Mas eu não ia agüentar nada disso, ninguém ia golpear me. Então, aponteí meu punho, ignorando seus braços que ineficazmente revoavam e lhe acertei sobre o nariz. Ele chiou, acrescentando outra capa de ruído ao quarto já cacofônico e o empurrei à mesma esquina onde tinha escondido ao Jane. Então vi que a mulher mais velha e o homem mais jóven ambos brilhavam. Bem, os Wiccans tinha chegado com um enfeitiço e estava funcionando, embora algo tarde. Agora tinha que encontrar a uma jovem mulher brilhante com o cabelo tingido de vermelho, a terceira dos locais.

Mas então minha sorte se esgotou; a dela desde fazia momento. Ela brilhava, mas estava morta. Sua garganta tinha sido rasgada por um dos lobos: um nossos ou um deles, isto, realmente não importava.

Levantei-me pesar do tumulto, retornei à esquina e aferrei a ambos dos Wiccans sobreviventes do braço. Debbie Pelt chegou precipitadamente.

-Saíam daqui, -disse-lhes. -Encontrem aos outros Wiccans aí, ou vão-se a casa agora. Caminhem, consigam um táxi, o que seja.

-Esta é uma vizinhança perigosa, -tremeu Jane.

Contemplei-a.

-E isto não o é? -Foi o último que vi dos dois, Debbie marcava e lhes dava instruções. Ela tinha saído à entrada com eles. Estive a ponto de sair junto com eles, já que eu, como se supunha, não devia estar aqui de todos os modos, quando um dos lobato-bruxas se equilibrou sobre minha perna. Seus dentes omitiram a carne, mas rasgaram o tecido de minhas calças, e teve bastante para tironearme fazia atrás. Tropecei e quase me caí ao chão, mas consegui agarrar a cavanhaque da porta a tempo para recuperar o balanço em meus pés. Naquele momento, a segunda onda de lobatos e vampiros chegou do quarto traseiro, e o lobo se girou para encarar o novo assalto a suas costas.

O quarto estava cheio de corpos voadores, sangue que orvalhava e salpicava e gritos.

As bruxas lutavam com tudo o que tinham e aqueles os quais podia trocar o tinham feito assim. Hallow se tinha trocado, e ela era um brilho de grunhidos e dentadas. Seu irmão tratava de trabalhar uma espécie de magia, que requeria que tivesse que estar em sua forma humana, e ele tratava de postergar aos Lobatos e os vampiros o tempo suficiente para completar o enfeitiço.

Ele cantava algo, ele e o homem com as bochechas côncavas, inclusive quando Mark Stonebrook dirigiu um murro no estômago do Eric.

Uma névoa pesada começou a cobrir lentamente o quarto. As bruxas, que lutavam com facas ou dentes de lobo, captaram a idéia, e aqueles que podiam falar começaram a acrescentar-se a algo que Mark dizia. A nuvem de névoa no quarto começou a fazer-se mais espessa e mais grossa, até que foi impossível dizer quem era o amigo do inimigo.

Saltei fazia a porta para escapar da nuvem sufocante. Esta coisa fazia que o respirar fora um verdadeiro esforço. Era como tentar inalar e exalar dentro de bolas de algodão. Estendi minha mão, mas a parte de parede que toquei não incluiu uma porta. Tinha estado ali mesmo! Senti um estremecimento de pânico em meu estômago quando procurei freneticamente, tratando de riscar o contorno da saída.

Não só falhei ao encontrar a cavanhaque da porta, perdi totalmente o toque com a parede em meu seguinte passo lateral. Tropecei com o corpo de um lobo. Não podia ver uma ferida, assim consegui me agarrar de seus ombros e me arrastei, tratando de resgatá-lo da espessa fumaça.

O lobo começou a retorcer-se e trocar-se sob minhas mãos, o que foi bastante desconcertante. Inclusive pior, porque se trocou em uma nua Hallow. Não sabia que alguém poderia trocar-se tão rápido. Aterrorizada, deixei-a ir imediatamente e retrocedi na nuvem. Tinha estado tratando de ser uma boa Samaritana com a vítima equivocada. Uma mulher anônima, uma das bruxas, agarrou-me com força sobre-humana. Ela tratou de imprensar meu pescoço com uma mão, sustentando meu braço com a outra, mas sua mão seguiu escorregando, e eu a mordi tão forte como pude. Ela poderia ser uma bruxa, e poderia ser lobato, e poderia haver-se bebido um galão de sangue de vampiro, mas não era nenhuma jaqueta. Ela gritou e me deixou livre.

Agora estava completamente desorientada. Qual era o caminho para fora? Eu tossia e meus olhos me ardiam. O único sentido de que estava segura era o da gravidade. Vista, ouvido, tato: todos foram afetados pelas grossas ondas brancas, que ficavam cada vez mais densas. Os vampiros tinham uma vantagem nesta situação; eles não têm que respirar. O resto de nós o fazia. Comparado com a espessa atmosfera na velha padaria, o ar de cidade poluído fora, teria sido puro e delicioso.

Ofegando e choramingando, arrojé meus braços para fora diante de mim e tratei de encontrar uma parede ou uma entrada, qualquer classe de sinal. Um quarto que não tinha parecido tão grande agora pareceu cavernoso. Senti que tinha tropeçado com metros de um nada, mas não era possível, a menos que as bruxas tivessem trocado as dimensões do quarto, e minha mente prosaica simplesmente não podia aceitar tal possibilidade. ao redor de mim ouvi gritos e sons que foram amortecidos na nuvem, mas não menos espantosos. Um rocio de sangue de repente apareceu sob o fronte de meu casaco. Senti salpicar de repente minha cara. Emiti um ruído de angústia que não poderia formar em palavras. Sabia que isto não era meu sangue, e sabia que eu não tinha sido ferida, mas, de algum jeito, era difícil para mim acreditá-lo.

Então, algo caiu por diante de mim, e quando ia sobre seu caminho ao estou acostumado a distinguir uma cara. Era a cara do Mark Stonebrook e ele estava em processo de morrer. A fumaça se fechou ao redor dele e poderia ter estado também em outra cidade.

Talvez deveria me pôr em cucullas, também? O ar poderia ser melhor perto do chão. Mas o corpo do Mark estava ali abaixo, e outras coisas. Tanto que Mark ia tirar o enfeitiço sobre o Eric, pensei desordenadamente. Agora necessitaremos ao Hallow. *“Os melhores projetos se torcem ao final...”* Onde teria conseguido minha avó aquela frase? Gerald me deu um tranco de passagem, quando ele se impulsionava por diante na busca de algo que eu não podia ver.

Disse-me que eu era valente e criatividade, mas as palavras soaram ocas. Cometi um engano mais diante, tentando não cair com os escombros sobre o chão. A parafernália das bruxas, os tigelas, as facas e as partes de osso e vegetação que não pude identificar, tinham sido dispersados durante a rixa. Um ponto claro se abriu de improviso, e pude ver um tigelão derrubado e uma das facas sobre o chão a meus pés. Recolhi a faca, justo antes de que a nuvem o cobrisse tudo de novo. Estava segura que a faca, como se supunha, seria usado

para algum ritual—mas eu não era uma bruxa, e o necessitava para me defender. Senti-me melhor quando tive a faca, que era na verdade bonito e se sentia muito afiado.

Perguntei-me o que nossos Wiccans faziam. eles poderiam ser responsáveis pela nuvem? Lamentava que isto não se pôs a votação.

Nossas bruxas, resultou que conseguiam umas vividas cenas da luta por meio de uma de suas irmãs de aquelarre, que era uma adivinha. (Embora ela estivesse fisicamente com eles, ela poderia ver o que ocorria através da superfície de um tigela com água, aprendi mais tarde.) Ela poderia distinguir mais utilizando este método do que nós poderíamos, embora por que ela não via simplesmente um montão de fumaça branca que ondeava sobre a superfície daquela água, não sei.

De todos os modos, nossas bruxas fizeram chover... no edifício. De algum jeito, a chuva devagar reduziu a capa da nuvem, e embora eu me sentisse úmida e extremamente fria, também descobri que estava perto da porta interior, a que conduzia ao segundo quarto grande. Gradualmente, dava-me conta que podia ver; o quarto tinha começado a brilhar com luz, e eu poderia discernir formas. Uma, saltou para mim sobre pernas que pareceram não exatamente humanas, e a cara do Debbie Pelt me grunhiu. Que fazia ela aqui? Ela tinha saído pela porta para mostrar às Wiccans de que modo encontrar-se seguras, e agora estava de volta no quarto.

Não sei se ela pudesse controlar-se ou não, ou se ela acabava de ser imbuída na loucura da batalha, mas Debbie se trocou parcialmente. Sua cara começava a jogar pelagem, e seus dentes tinham começado a alargar-se e afiar-se. Ela tentou morder minha garganta, mas uma convulsão causada pela mudança fez que seus dente falhassem. Tratei de retroceder, mas tropecei com algo sobre o chão e tomei um segundo precioso ou dois para recuperar meu equilíbrio. Ela começou a investir outra vez, sua intenção inequívoca, e recordei que eu tinha uma faca em minha mão. Esfaqueei decidida em sua direção, e ela vacilou, grunhindo.

Ela ia usar a confusão para saldar nossa dívida. Eu não era bastante forte para lutar contra uma adaptoformas. Teria que usar a faca, embora algo dentro de mim se rebelasse ante o pensamento.

Então de entre as capas e os restos da névoa veio uma mão grande manchada com sangue, e aquela mão grande agarrou a garganta do Debbie Pelt e apertou. E apertou. antes de que eu pudesse rastrear a mão, logo o braço e assim a cara de seu dono, um lobo saltou do chão para me derrubar.

E olisqueó minha cara.

Vale, isto era... então o lobo em cima de mim foi feito cair e rodou sobre o chão, grunhindo e tentando morder a outro lobo. Eu não podia ajudar, porque os dois se moviam tão rápido que não podia estar segura que ajudaria ao aliado correto.

A bruma se dispersava agora com boa velocidade, e podia ver o quarto por completo, apesar de que ainda ficavam arremedos da névoa opaca. Embora tivesse estado se desesperada por este momento, estive quase arrependida quando chegou. Os corpos, tanto mortos como feridos, estavam pulverizados no chão, entre a parafernália do aquelarre, e o sangue salpicado nas paredes. Portugal, o arrumado jovem lobato pertencente à base da força aérea, estava convexo diante de mim. Ele estava morto. Culpepper ficou em cuclillas ao lado dele, lamentando-se e soluçando ahogadamente. Isto era um pedacinho de guerra e o odiei.

Hallow estava de pé ainda e completamente em sua forma humana, nua e jorrando sangue. Ela recolheu a um lobo e o lançou contra a parede quando olhei. Era magnífica e horripilante. Pam se aproximava detrás dela, e Pam estava despenteada e suja. Nunca tinha visto a vampira tão desarrumada e perturbada, quase não a reconheci. Pam se lançou contra Hallow, apanhando-a nos quadris e levando-a ao chão. Foi uma tacleada tão boa como algumas vezes tinha visto durante anos de futebol na noite das sextas-feiras, e se Pam tivesse investido ao Hallow um pouco mais alto poderia ter conseguido um excelente apertão sobre ela, e tudo isto teria terminado. Mas Hallow estava escorregadia com a chuva nebulosa, pelo sangue, e seus braços estavam livres. Ela se girou sobre o afeto do Pam e agarrou o comprido corto liso da vampira com ambas as mãos e atirou, e arrancou várias mechas de cabelo, junto com uma boa parte do couro cabeludo.

Pam chiou como um bule gigante. Jamais tinha ouvido semelhante assobio assim de alto sair de uma garganta—neste caso não uma garganta humana, mas de todas maneiras, era uma garganta. Já que Pam era definitivamente “quem para as regras” do jogo, ela fixou ao Hallow ao chão, agarrando ambos de seus braços superiores, pressionando e apertando, até que Hallow esteve bem aplanada no chão. E como a bruxa era tão forte, era uma luta terrível, e Pam estava obstaculizada pelo sangue que corria por sua cara. Mas Hallow era humano, e Pam não o era. Pam ia ganhando até que uma dos bruxos, o homem das bochechas concavas, avançou lentamente a duas mulheres e mordeu no pescoço do Pam. Ambos de seus braços estavam ocupados, assim que ela não podia pará-lo. Ele não mordeu somente, ele bebeu, e conforme ele bebia, sua força aumentou, como se sua bateria se recarregou. Ele drenava diretamente da fonte. Ninguém pareceu observar à exceção de mi. Subi através do corpo brando e peludo de um lobo e um dos vampiros para esmurrar ao homem das bochechas chupadas, que simplesmente me ignorou.

Teria que usar a faca. Nunca antes tinha feito algo como isto; quando havia devolvido o golpe a alguém, foi sempre uma situação de vista-o-muerte, e a vida ou a morte tinham sido as minhas. Isto era diferente. Vacilei, mas tinha que atuar rápido. Pam se debilitava diante de meus próprios olhos, e ela não seria capaz de reter o Hallow muito mais tempo. Tomei a

faca negra aplanada com sua manga negra, e o sustentei contra sua garganta; cravei-o, um pouco.

-Deixa-a ir, -pinjente. Ele não fez caso de mim.

Cravei mais forte, e um rio cor escarlate descendeu sob a pele de seu pescoço. Então ele deixou ir ao Pam. Sua boca estava toda coberta com seu sangue. Mas, antes de que me pudesse alegrar porque ele a tinha liberado, girou-se, enquanto ainda se encontrava debaixo de mim e veio a por mim, seus olhos absolutamente enlouquecidos e sua boca aberta para beber de mim, também. Podia sentir o anseio em seu cérebro, *quero, quero, quero*. Pus a faca em seu pescoço outra vez e, justo quando estava reunindo a coragem necessária, ele investiu avançado e enterrou a lâmina em seu próprio pescoço.

Seus olhos perderam brilho quase imediatamente.

Ele se tinha matado por via de mim. Não acredito que ele tivesse registrado alguma vez que a faca estava ali.

Esta era uma matança próxima, uma morte diretamente-em-minha-cara, e eu tinha sido o instrumento de morte, entretanto, inadvertidamente.

Quando pude elevar a vista, Pam se sentava sobre o peito do Hallow, seus joelhos fixavam os braços do Hallow, e ela sorria. Isto era tão estranho que olhei ao redor do quarto para encontrar a razão, e vi que a batalha pareceu ter terminado. Não podia imaginar quando teria durado aquela luta ruidosa mas invisível entre a densa bruma, mas agora podia ver os resultados muito claramente.

Os vampiros não matam limpo, eles matam sujo. Os lobos, tampouco são reconhecidos por suas boas maneiras na mesa. As bruxas pareceram conseguir salpicar um pouco menos de sangue, mas o resultado final era realmente horrível, como um filme muito mau, o tipo da que se envergonhariam de ter pago para ver.

Parecia que tínhamos ganho.

Neste momento, apenas me preocupei. Parecia pó, mental e fisicamente, e isto significou que todos os pensamentos dos humanos, e alguns pensamentos do Lobatos, girassem ao redor em meu cérebro como a roupa dentro da secadora. Não havia nada que pudesse fazer sobre isso, então deixei filtrar-se estas coisas em minha cabeça por um momento, enquanto, usando o último de minha força, impulsione-me longe do cadáver. Estive deitada de barriga para cima, olhando no teto. Já que não tinha nenhum pensamento, enchi-me com cada um de outros. Quase todos pensavam a mesma classe de coisas que eu: que cansados estavam, que sangrento se via o quarto, que difícil era acreditar que eles tinham estado em uma luta como esta e tinham sobrevivido. O menino dos cabelos parados tinha voltado para sua forma humana, e pensava quanto tinha desfrutado disso possivelmente mais do que ele deveria,

pensou. De fato, seu corpo sem roupas mostrava provas visíveis de quanto tinha desfrutado disso, e ele tratava de sentir-se envergonhado sobre isto. Sobre tudo, ele queria se localizar aquela jovem Wiccan tão Mona e encontrar um lugar tranquilo. Hallow odiava ao Pam, ela me odiava, ela odiava ao Eric, ela odiava a cada um ali. Ela começou a tratar de resmungar um enfeitiço para nos fazer a todos nós doentes, mas Pam lhe deu uma cotovelada no pescoço, e isto fechou o assunto.

Debbie Pelt se levantou do chão na porta e contemplou a cena. Ela luzia extraordinariamente antiga e enérgica, como se ela nunca tivesse tido uma cara peluda e os desejos de matar a alguém. Ela escolheu seu caminho por entre os corpos pulverizados sobre o chão, alguns vivos e outros não, até que encontrou ao Alcide, ainda em sua forma de lobo. Ela se agachou para comprovar suas feridas, e ele grunhiu contra ela em clara advertência. Talvez ela não acreditou que ele a atacaria, ou talvez ela somente se enganou em acreditá-lo, mas quando ela pôs sua mão sobre seu ombro, ele a mordeu o bastante selvagem para lhe tirar sangue. Ela chiou e se tornou fazia atrás. Durante uns segundos, ficou em cuclillas ali, embalando sua mão lhe sangrem e chorando. Seus olhos se encontraram com meus e quase brilharam com ódio. Ela jamais me perdoaria. Culparia-me o resto de sua vida pelo descobrimento do Alcide a respeito de sua natureza escura. Ela tinha jogado um estira e afrouxa com ele durante dois anos, lhe ocultando os elementos de sua natureza que ele nunca aceitaria, mas desejando-o com ela apesar de tudo. Agora tinha terminado.

E isto era minha culpa?

Mas eu não pensava nos términos do Debbie, eu pensava como um ser humano racional, e certamente, Debbie Pelt não o era. Desejei que a mão que tinha agarrado seu pescoço durante a luta na nuvem a tivesse afogado até a morte. Olhei suas costas quando ela empurrou a porta para sair e andou a pernadas na noite, e naquele momento soube que Debbie Pelt esperaria vingar-se de mim pelo resto de sua vida. Talvez a mordida do Alcide se infectaria e ela conseguiria envenenamento de sangue?

Em uma ação reflete, castiguei-me: este era um pensamento perverso; Deus não queria que nós lhe desejássemos o mal a ninguém mais. Somente desejei que Ele também me cuidasse do Debbie a mim, do mesmo modo que esperas que o agente de trânsito que te parou por uma infração, vá também a parar ao tipo detrás teu que tratava de passar-se sobre a dobro linha amarela.

A lobato ruiva, Amanda, aproximou-se. Ela foi mordida aqui e lá, e tinha um galo que crescia sobre sua frente, mas estava radiante.

-Enquanto estou de bom humor, quero te pedir perdão por te insultar, -disse ela diretamente. -Deveste ajudou nesta luta. Inclusive, se você pode tolerar aos vampiros, não lhe reprovar isso mais. Talvez algum dia verá a luz. -Assenti, e ela se afastou para checar a seus companheiros de matilha.

Pam tinha amarrado ao Hallow, e Pam, Eric, e Gerald tinha ido ajoelhar se ao lado de alguém do outro lado do quarto. Perguntei-me vagamente o que passava aí, mas Alcide estava retornando a sua forma humana, e quando ele se orientou, avançou lentamente fazia mim. Estava muito esgotada para me preocupar que ele andasse nu, mas tinha uma idéia nebulosa que deveria tratar de recordar a vista, já que queria evocá-la em meus momentos de ócio mais tarde.

Ele tinha alguns arranhões e pontos sangrentos, e uma laceração profunda, mas em geral se via bastante bem.

-Há sangue sobre sua cara, -disse ele, com esforço.

-Não é minha.

-Graças a Deus, -ele disse, e se sentou sobre o chão junto a mim. -Que tão ferida está?

-Não estou machucada, não realmente, -pinjente. -Quero dizer, empurraram-me ao redor muito, e me sufoquei e afoguei um pouco, talvez, e tentaram me morder, mas ninguém me golpeou! -Por diosito, ia conseguir realizar a resolução de meu Ano Novo, depois de tudo.

-Sinto que não encontrássemos ao Jason aqui, -disse ele.

-Eric perguntou ao Pam e Gerald se os vampiros o tinham, e eles disseram que não, -comentei. -Ele pensou em uma razão muito bom para que os vampiros o retiveram. Mas eles não o fizeram.

-Chow está morto.

-Como? -Perguntei, soando tão tranqüila como se apenas me importasse. Sinceramente, nunca tinha sido muito apegada ao dono de cantina, mas teria mostrado uma preocupação decente se não tivesse estado tão cansada.

-Um do grupo do Hallow tinha uma faca de madeira.

-Nunca antes vi um, -disse depois de um momento, e isso foi tudo o que me ocorreu dizer a respeito da morte do Chow.

-Eu tampouco.

depois de um momento comprido, pinjente;

-Sinto o do Debbie. -O que queria dizer era, que eu lamentava que Debbie lhe tivesse feito tanto dano e tivesse resultado ser uma pessoa tão terrível que ele tinha tido que tomar um passo tão drástico para conseguir tirar a de sua vida.

-Qual Debbie? -ele perguntou, e se impulsionou para ficar de pé e trotar longe através do asqueroso estufo acostumado a espalho com sangue, corpos, e escombros sobrenaturais.

Capítulo 13

A seqüela de uma batalha é melancólica e repugnante. Suponho que poderiam chamar o que tínhamos tido uma batalha... ou possivelmente mas bem uma escaramuça sobrenatural? Os feridos têm que ser atendidos, o sangue tem que ser limpeza, os corpos têm que ser sepultados. Ou, neste caso, dispostos—Pam decidiu incendiar a loja, deixando os corpos do aquelarre do Hallow dentro.

Não todos tinham morrido. Hallow, certamente, estava ainda viva. Uma bruxa mais sobreviveu, embora ela estava muito mau ferida e baixa de sangue. Dos lobatos, o Coronel Flood estava gravemente ferido; Mark Stonebrook tinha matado ao Portugal. Outros estavam mais ou menos bem. Do contingente vampiro, só Chow tinha morrido. Outros tinham feridas, algumas horríveis, mas os vampiros se curariam.

Surpreendeu-me que as bruxas não tivessem feito uma melhor exibição.

-Provavelmente eram boas como bruxas, mas não eram boas lutadoras, -disse Pam. -Foram escolhidos por sua habilidade mágica e seu desejo de seguir ao Hallow, não por suas habilidades de batalha. Não deveriam ter tratado de assumir Shreveport com tais seguidores.

-por que Shreveport? -Perguntei ao Pam.

-vou averiguar o, -disse Pam, sorrindo.

Estremeci-me. Não quis considerar os métodos do Pam.

-Como vais impedir de lhe lançar um enfeitiço contra ti enquanto a interroga?

Pam disse;

-Algo me ocorrerá. -Ela sorria ainda.

-Lamento o do Chow, -pinjente, um pouco relutante.

-O trabalho de dono de cantina na Fangtasia não parece ser um trabalho de boa sorte, - admitiu ela. -Não sei se serei capaz de encontrar alguém que substitua ao Chow. depois de tudo, ele e Long Shadow, ambos faleceram um ano depois de começar o trabalho.

-O que vais fazer sobre desembrujar ao Eric?

Pam pareceu bastante agradada de conversar comigo, apesar de que fora só uma humana, agora que ela tinha perdido a seu cupincha.

-Faremos que Hallow o faça, cedo ou tarde. E ela nos dirá por que o fez.

-Se Hallow lhes disser o contorno geral do enfeitiço, será suficiente? Ou terá que realizá-lo ela mesma? -Tratei disto replantar de outra maneira em minha cabeça, assim estaria mais claro, mas Pam pareceu me entender.

-Não sei. Teremos que perguntar-lhe a nossos amigáveis Wiccans. Aqueles que seu salvou deverão estar o bastante agradecidos para nos dar qualquer ajuda que necessitemos, -disse Pam, enquanto pulverizava um pouco mais de gasolina ao redor do quarto. Já tinha comprovado o edifício para tirar as poucas coisas que ela poderia querer dele, e o aquelarre local tinha recolhido a parafernália mágica, em caso de que algum dos polis que viesse para investigar este fogo pudesse reconhecer os remanescentes.

Joguei uma olhada a meu relógio. Esperei que, para este momento, Holly tivesse conseguido chegar a casa. Diria-lhe que seu filho estava a salvo.

Mantive meus olhos se separados do trabalho que a bruxa mais jóven fazia sobre a perna esquerda do Coronel Flood. Ele tinha recebido uma feia navalhada no quadriceps. Era uma ferida séria. Ele iluminou a ferida e depois que Alcide lhe trouxe sua roupa, o Coronel coxeou ao redor com um sorriso sobre sua cara. Mas quando o sangue se filtrou pela atadura, o *packmaster* teve que permitir que seus Lobatos o levassem a um doutor que resultou ser um dobre-natura complacente e desejoso de ajudar a apagar seu nome dos registros do hospital, já que ninguém poderia pensar em uma boa história que explicaria tal ferida. antes de partir, o Coronel Flood dió a mão ceremoniosamente à cabeça das bruxas e ao Pam, embora eu pudesse ver as grosas gotas de suor sobre sua frente, até no frígido ar do velho edifício.

Perguntei ao Eric se sentia algo diferente, mas ele estava ainda ignorante de seu passado. Ele pareceu aborrecido e ao bordo do terror. A morte do Mark Stonebrook não tinha feito nenhuma diferença, assim Hallow permaneceria na terra durante umas quantas horas terríveis, cortesia do Pam. Simplesmente aceitei isto. Não quis pensar nisso atentamente. Ou absolutamente.

Quanto a mim, eu me sentia completamente perda. Deveria ir a casa no Bon Temps, levando ao Eric comigo? (Ainda era responsável por ele?) Deveria tratar de encontrar um

lugar para passar as horas restantes da noite aqui na cidade? Shreveport era a casa para todos, à exceção do Bill e eu, mas Bill planejava usar a cama vazia do Chow (ou o que seja que fora) para o dia que se aproximava, por sugestão do Pam.

Vadiei nervosa ao redor, de maneira indecisa durante uns minutos, tratando de decidir. Mas ninguém pareceu me necessitar para algo específico, e ninguém me buscou para conversar. Assim, quando Pam esteve implicada em dar aos outros vampiros indicações sobre o transporte do Hallow, simplesmente caminhe fora. A noite era bastante mais quieta e silenciosa do que deveria ser, mas alguns cães ladraram quando andei rua abaixo. O aroma da magia tinha diminuído. A noite era mais escura e até mais fria, e eu andava de capa queda. Não sabia o que diria se um policial me parava; ia salpicada de sangue e desarrumado, e não tinha nenhuma explicação. Neste momento, encontrei muito difícil o me preocupar.

Tinha conseguido talvez andar um bloco quando Eric me alcançou. Ele estava muito preocupado—quase temeroso.

-Não ficou ali. Quando olhei ao redor você já não estava ali, -disse ele de modo acusador. -aonde vai? por que não me disse nada?

-Por favor, -pinjente, e levantei uma mão para lhe suplicar que guardasse silêncio. -Por favor.

Estive tão cansada de ser forte para ele, e tive que lutar contra uma depressão galopante, embora não poderia lhes dizer exatamente por que; depois de tudo, ninguém me tinha golpeado. Deveria estar feliz, correto? Os objetivos da noite tinham sido alcançados. Hallow foi derrotada e posta em cativeiro; embora Eric não tivesse sido restituído a ele mesmo, logo o seria, porque Pam estava segura de convencer ao Hallow com a maneira de pensar vampiro, de um modo doloroso e terminal.

Indubitavelmente, Pam descobriria também por que Hallow tinha começado este completo curso de ação. E *Fangtasia* adquiriria um novo dono de cantina, algum vampiro tipazo, quem faria chegar os descascamentos turísticos. Ela e Eric abririam o clube stripper que eles tinham estado considerando, ou a tinturaria aberta durante toda a noite, ou o serviço de guarda-costas.

Meu irmão ainda estaria perdido.

-Deixa ir a casa contigo. Não os conheço eles, -disse Eric, sua voz baixa e quase suplicante. Doía-me interiormente quando Eric dizia algo assim, tão contrário de sua personalidade normal. Ou estava vendo a verdadeira natureza do Eric? Eram suas exibições de alarde e segurança algo que ele tinha assumido, como outra pele, durante anos?

-Seguro, vêem, -pinjente, tão desesperada como Eric o era, mas em meu próprio estilo. Somente desejava que ele estivesse tranqüilo, e forte.

Conformaria-me com tranqüilo.

Ele me emprestou sua força física, ao menos. Carregou-me e me levou a automóvel. Estive surpreendida de descobrir que minhas bochechas estavam empapadas com lágrimas.

-Tem sangue por toda parte de seu corpo, -disse ele em meu ouvido.

-Sim, mas não te emocione com isso, -adverti. -Isto não significa nada para mim. Somente quero tomar banho. -Eu estava na etapa de ter soluço-sollozo enquanto chorava, quase tinha terminado.

-Agora terá que te desfazer deste horroroso casaco, -disse ele, com um pouco de satisfação.

-Limparei-o. -Estive exausta para responder comentários depreciativos sobre meu casaco.

Escapar do peso e o aroma da magia era quase tão bom como uma grande taça de café e um golpe de oxigênio. Quando nos encontrávamos perto do Bon Temps, já não me sentia feita farrapos, e estava acalmada quando atracamos na porta de atrás. Eric entrou detrás de mim e deu um passo a minha direita para rodear a mesa da cozinha, quando me estirei à esquerda para prender o interruptor da luz.

Quando acendi a luz, Debbie Pelt me sorria.

Ela tinha estado sentando-se na escuridão em minha mesa de cozinha, e tinha uma arma em sua mão.

Sem dizer uma palavra, ela disparou contra mim.

Mas ela tinha calculado tudo *sem* o Eric, quem era tão rápido, mais rápido que qualquer humano. Ele recebeu a bala dirigida a mim, e a recebeu diretamente no peito. Ele se derrubo diante de mim.

Ela não tinha tido tempo para registrar a casa, o que foi uma sorte. Do aquecedor de água, apanhei a escopeta que tinha tirado da casa do Jason. Carreguei e corte cartucho—um dos sons mais aterradores no mundo—e peguei um tiro ao Debbie Pelt enquanto ela ainda olhava fixamente, impressionada, no Eric, quem estava sobre seus joelhos e tossindo sangue. Recarreguei outro cartucho, mas não tive que pegar um tiro a ela outra vez. Seus dedos se relaxaram e sua arma caiu ao chão.

Sentei-me sobre o chão eu mesma, porque não podia me sustentar sobre minhas pernas.

Eric estava agora completamente estendido sobre o chão, ofegando e retorcendo-se nervosamente em um atoleiro de sangue.

Não tinha ficado muito do peito superior do Debbie e pescoço.

Minha cozinha pareceu como se tivesse estado desmembrando porcos, porcos que apresentaram batalha.

Comecei a engatinhar para alcançar o telefone ao final de contador. Minha mão caiu de novo ao chão quando perguntei a quem ia chamar.

A lei? Já!.

Sam? E continuar a enlameá-lo em meus problemas? Não acredito.

Pam? Lhe deixar ver o perto que tinha estado de que matassem a meu encargo? Sim, como não.

Alcide? Genial, lhe fascinaria contemplar o que eu tinha feito com sua noiva, abjurada ou não abjurada.

Arlene? Ela tinha sua vida para fazer, e dois pequenos meninos. Ela não tem que estar envolta em algo ilegal.

Tara? Muito delicada.

Aqui era quando eu teria chamado a meu irmão, se soubesse onde estava. Quando tem que limpar o sangue da cozinha, é família a quem necessita.

Teria que fazer isto sozinha.

Eric vinha primeiro. Aproximei-me dele, me ajudando com um cotovelo para me apoiar.

-Eric, -disse em voz alta. Seus olhos azuis se abriram. Eles brilhavam com dor.

O buraco em seu peito borbulhou sangue. Odiava pensar como luziria a ferida de saída. Talvez teria sido uma calibre vinte e dois? Talvez a bala estava ainda dentro? Vi a parede detrás onde ele havia estando de pé, e não pude ver salpicaduras de sangue ou um buraco de bala. Realmente, pensei, se a bala tivesse passado através dele, me teria *golpeado*. Vi abaixo de meu mesma, apalpei meu casaco. Não, nenhuma sangue fresca.

Quando olhei ao Eric, ele começou a ver-se um pouco melhor.

-Sangue, -ele disse, e quase pus minha boneca sobre seus lábios, quando reconsiderei. Consegui conseguir um pouco do TrueBlood do refrigerador e esquentá-la, embora o fronte do microondas fora tudo menos que imaculado.

Ajoelhei-me para dar-lhe

-por que não você? -ele perguntou dolorosamente.

-Sinto muito, -desculpei-me. -Sei que lhe ganhou, carinho. Mas tenho que manter toda minha energia. Tenho mais trabalho por diante.

Eric sorveu a bebida com goles grandes. Já tinha desabotoado seu casaco e sua camisa de flanela, e quando olhar seu peito para delimitar o progresso do sangrado, vi uma coisa assombrosa. A bala que o tinha alcançado estalou fora da ferida. Em outros três minutos, ou possivelmente menos, o buraco se fechou. O sangue ainda se secava sobre seu pêlo do peito, e a ferida de bala se desvanecia.

-Mais sangue? -Eric perguntou.

-Seguro. Como se sente? -Eu mesma estava intumescida.

Seu sorriso foi torcida.

-Débil.

Consegui-lhe mais sangue e ele bebeu esta garrafa mais devagar. Estremecendo-se, empurrou-se a uma posição sentada. Ele contemplo a confusão do outro lado da mesa.

Então ele me viu.

-Sei, sei, é terrível! -Pinjente. -Sinto-o tanto! -Poderia sentir que as lágrimas—outra vez—se deslizavam por minhas bochechas. Dificilmente me podia sentir mais miserável. Fazia uma coisa terrível. Tinha falhado em meu trabalho. Tinha uma limpeza maciça diante de mim. E me via espantosa.

Eric pareceu brandamente surpreso por meu arrebatamento.

-Você poderia ter morrido pelo balaço, eu sabia que não morreria, -indicou ele. -Detive a bala por ti do modo mais efetivo, e logo você me defendeu com eficácia.

Este certamente era um modo enviesado de vê-lo, mas por estranho que pareça, senti-me realmente menos mal.

-Matei a outro humano, -pinjente. Isto fez duas em uma noite; mas em minha opinião, o bruxo das bochechas chupadas se matou caindo sobre a faca.

Definitivamente eu tinha disparado a escopeta sozinha.

Estremeci-me e gire longe da casca irregular de osso e carne que tinha sido uma vez Debbie Pelt.

-Não, você não o fez, -disse ele bruscamente. -Você matou uma adapto que era uma cadela traidora, cruel, alguém adapto quem já tinha tratado de te matar duas vezes. -Assim tinha sido a mão do Eric a que tinha apertado sua garganta e a tinha afastado de mim. -Devi terminar o trabalho quando a tinha antes, -disse ele, por via de confirmação. -Isto nos teria economizado a ambos um pouco de dor; em meu caso, literalmente.

Tinha o pressentimento que isto não era o que Reverendo Fullenwilder diria. Murmurei algo para tal efeito.

-Nunca fui Cristão, -disse Eric. Bem, isto não me surpreendeu. -Não posso imaginar um sistema de crença que te dissesse ficar imóvel e te deixar matar.

Pisquei, me perguntando se não era exatamente o que o Cristianismo ensinava. Mas não sou nenhuma teóloga ou erudita da Bíblia, e teria que deixar o julgamento sobre minha ação a Deus, que tampouco é nenhum teólogo.

De algum jeito me senti melhor, e de fato estava agradecida de estar viva.

-Obrigado, Eric, -pinjente. Beijei-o sobre a bochecha. -Agora vete a limpar no quarto de banho enquanto começo aqui.

Mas ele não fez nada disto. Deus o benza, ele me ajudou com grande zelo. Já que ele podia dirigir as coisas mais asquerosas sem aparente náusea, estive encantada de deixá-lo.

Não querem saber quão horrível foi, ou todos os detalhes. Mas conseguimos ao Debbie juntos e a empacotamos, e Eric a levou nos bosques, sepultou-a e ocultou a tumba, ele jurou, enquanto eu limpei. Tive que baixar as cortinas sobre a pia e as colocar na máquina de lavar roupa com água fria, e também lancei meu casaco com elas, embora sem muitas esperanças de que o pudesse usar outra vez. Pu-me luvas de borracha e usei lejía para empapar, limpar e esculpir repetidas vezes a cadeira, a mesa e o chão, e orvalhei o fronte dos gabinetes com o sabão de madeira e limpei e limpei.

Não acreditariam onde tinham aterrissado as bolinhas de sangue.

Dava-me conta que a atenção a estes detalhes diminutos ajudava a manter minha mente fora do acontecimento principal, e que mais dilatasse em vê-lo diretamente—mais permitiria

que as práticas palavras do Eric penetrassem em minha consciência—seria o melhor. Não havia nada que pudesse desfazer. Não havia nenhum modo que pudesse emendar o que tinha feito. Tinha tido um número limitado de opções, e teria que viver com a decisão que tinha feito. Meu Abue me dizia sempre que uma mulher—qualquer que se apreciase a se mesma—poderia fazer o que for que tivesse que fazer. Se tivessem chamado ao Abue uma mulher liberada, o teria negado energicamente, mas ela tinha sido a mulher mais forte que eu conheci jamais, e se ela acreditasse que eu poderia completar esta horripilante tarefa, simplesmente porque tinha que fazê-lo, faria-o.

Quando acabei, a cozinha emprestou a produtos de limpeza, e a simples vista estava literalmente irrepreensível. Estava segura que um perito do crime seria capaz de encontrar rastros de evidência (cortesia do The Learning Channel), mas não projetava que um perito forense tivesse alguma vez razão de entrar em minha cozinha.

Ela tinha quebrado a chapa da porta principal. Jamais me tinha ocorrido comprová-la antes de que entrasse por atrás. Quanto por minha carreira como guarda-costas. Cunhei uma cadeira sob o cabo para mantê-la bloqueada durante o resto da noite.

Eric, retornou do enterro, parecia estar tremendamente entusiasmado, assim que lhe pedi ir procurar o automóvel do Debbie. Ela tinha um Mazda Miata, e o tinha escondido sobre uma sarjeta, diretamente através do caminho vicinal onde se dava volta a minha casa. Eric tinha tido a previsão de lhe tirar suas chaves, e ele se ofereceu voluntário para conduzir seu automóvel em outra parte. Deveria havê-lo seguido, devolvê-lo a minha casa, mas ele insistiu que poderia fazer o trabalho se por acaso sozinho, e estava muito esgotada para andar dando ordens. Estive de pé sob uma correnteza e me esfreguei fortemente enquanto ele estava ausente. Alegrei-me de estar sozinha, e me lavi repetidas vezes. Quando estive tão limpa como podia me pôr exteriormente, pu-me uma camisola de noite de nylon rosado e subi lentamente na cama. Estava perto do alvorecer, e esperei que Eric estivesse de volta logo. Já tinha aberto o armário e o buraco para ele, e tinha posto um travesseiro suplementar nele.

Ouvi-o entrar justo quando dormia, e ele me beijou sobre a bochecha.

-Feito, -ele disse, e eu resmunguei;

-Agradeço-lhe isso, bebê.

-O que seja por ti, -disse ele, sua voz suave. -boa noite, amada.

Me ocorreu que eu era letal para as ex'S. Tinha eliminado ao grande amor do Bill (e seu mami); agora acabava de matar ao caramelito intermitente do Alcide. Conhecia cem homens. E nunca tinha sido mortal sobre seu ex'S. Mas as criaturas das que me preocupava, bom, pois parecia ser diferente. Perguntei-me se Eric teria alguma antiga noiva por ali.

Provavelmente umas cem mais ou menos. Bem, elas deveriam estar acauteladas contra mim.

depois disto, quisesse-o ou não, fui chupada dentro de um buraco negro de extenuação.

Capítulo 14

Suponho que Pam trabalhou sobre o Hallow diretamente até que o alvorecer coloriu sobre o horizonte. Eu mesma dormi pesadamente, necessitada tanto da cura física como mental, não despertei até as quatro pela tarde. Isto era um dia sombrio de inverno, a classe que faz acender a rádio para ver se uma tormenta de neve se mora. Comprovei para me assegurar que tinha suficiente lenha ascensão no alpendre traseiro para três ou quatro dias.

Eric se levantaria cedo hoje.

Vesti-me e comi à velocidade de um caracol, tratando de conseguir dirigir meu estado de ânimo.

Fisicamente, estava genial. Uma contusão aqui ou ali, uma pequena dor muscular—que não era nada. Era a segunda semana de janeiro e me atenia à resolução de meu Ano Novo, grandioso.

Na outra mão—e há sempre outra mão—mentalmente, ou talvez emocionalmente, eu era tudo menos estável. Não importa que prática seja, não importa que forte e aguantadora seja, não se pode fazer algo como o que eu tinha feito sem sofrer algumas consequências.

Este é o modo que é.

Quando imaginei ao Eric levantando-se, pensei que talvez nos faríamos alguns carinhos antes de que eu tivesse que ir trabalhar. E senti o prazer em estar com alguém que acreditava que eu era tão importante.

Não tinha esperado que o enfeitiço já estivesse quebrado.

Eric se levantou às cinco e trinta. Quando ouvi o movimento no dormitório de convidados, dava um toque sobre a porta e a abri. Ele girou, suas presas saíram fora e suas mãos se curvaram em garras diante dele.

Eu havia dito quase, “Olá, carinho”, mas a precaução me manteve muda.

-Sookie, -ele disse devagar. -Estou em sua casa?

Alegrei-me de me haver vestido.

-Sim, -pinjente, me reagrupando como louca. -estiveste aqui por segurança. Sabe o que passou?

-Fui a uma reunião com algumas pessoas novas, -disse ele, com duvida em sua voz. -Fiz-o?
-Ele viu abaixo sua roupa do Wal-Mart com um pouco de surpresa. -Quando comprei estes?

-Tive que te conseguir isso para ti, -pinjente.

-Vestiu-me, também? -perguntou, correndo suas mãos por seu peito e mais abaixo. Ele me dedicou um sorriso muito do Eric.

Ele não recordou. Nada.

-Não, -pinjente. Enquanto tive alguns brilhos em minha mente sobre o Eric na ducha comigo. A mesa da cozinha. A cama.

-Onde está Pam? -ele perguntou.

-Deveria lhe chamar, -pinjente. -Recorda algo sobre ontem?

-Ontem eu tinha a reunião com as bruxas, -disse ele, como se fora indiscutível.

Sacudi minha cabeça.

-Isso foi faz vários dias, -contei-lhe, incapaz de *somar* o número deles em minha cabeça. Meu coração se afundou ainda mais abaixo.

-Não recorda ontem à noite, depois de que voltamos do Shreveport, -pressionei-o, de repente vendo um brilho de luz em tudo isto.

-Fizemos o amor? -ele perguntou esperançado. -Finalmente te rendeu para mim, Sookie? É só questão de tempo, é obvio. -Ele me sorriu abertamente.

Não, ontem à noite desaparecemos um corpo, pensei.

Eu era quão única sabia. E nem sequer eu sabia onde foram sepultados os restos do Debbie, ou o que tinha passado com seu automóvel.

Sentei-me na esquina de minha estreita cama velha. Eric me observou estreitamente.

-Algo anda mau, Sookie? O que ocorreu enquanto eu estive—por que não recordo o que passou?

Menos diga, mais logo se emenda.

O que começa bem se termina bem.

Fora da vista, fora da mente. (Ah, desejei que isto fora verdade.)

-Arrumado que Pam chegará aqui em qualquer minuto, -pinjente. -Melhor sotaque que ela seja quem lhe relatório.

-E Chow?

-Não, ele não estará aqui. Ele morreu ontem à noite. *Fangtasia* parece ter mau efeito sobre os donos de cantina.

-Quem o matou? Obtereí vingança.

-Já a obteve.

-Algo mais anda mal contigo, -disse Eric. Ele sempre foi ardiloso.

-Sim, um montão de coisas andam mal comigo. -Teria desfrutado abraçando-o nesse momento, mas isto solo complicaria tudo. -E penso que vai nevar.

-Neve, aqui? -Eric esteve tão deleitado como um menino. -eu adoro a neve!

por que não estive surpreendida?

-Talvez ficaremos encerrados juntos devido à neve, -disse ele provocativamente, meneando suas sobrancelhas loiras.

Ri-me. Não pude evitá-lo. E isto era condenadamente melhor que chorar, o qual tinha feito ultimamente muito seguido.

-Como se seu deixará alguma vez ao clima te deter, -pinjente, e estive de pé. -Vêem, esquentarei-te um pouco de sangue.

Inclusive umas noites de intimidade me tinham suavizado ao grau que tive que controlar minhas ações. Uma vez quase acariciei seu cabelo quando passei perto dele; e uma vez me inclinei para lhe dar um beijo, e tive que fingir que tinha deixado cair algo sobre o chão.

Quando Pam chamou a minha porta principal trinta minutos mais tarde, estava lista para ir ao trabalho, e Eric estava impaciente como ninguém.

Pam apenas se sentou frente a ele quando ele começou a bombardeá-la com perguntas. Disse-lhes tranquilamente que me partia, e nem sequer acredito que eles notaram quando saí pela porta de cozinha.

Merlotte's não estava muito ocupado essa noite, depois de que lutamos com uma multidão grande na hora do jantar. Alguns flocos de neve tinham convencido à maioria dos habituais que ir-se a casa sóbrios poderia ser uma idéia muito boa. Houve muitos clientes para nos manter ao Arlene e a mim moderadamente ocupadas. Sam me interceptou quando carregava em minha bandeja sete potes de cerveja e quis inteirar-se do que tinha ocorrido a noite anterior.

-Contarei-te mais tarde, -prometi, pensando que teria que editar minha narrativa cuidadosamente.

-Algum rastro do Jason? -ele perguntou.

-Não, -pinjente, e me senti mais triste que alguma vez. Encarregada-a no escritório de polícia tinha divulgado quase irritada quando havia tornado a chamar para perguntar se existia alguma notícia.

Kevin e Kenya vieram aquela noite depois de que tinha terminado seu turno na polícia. Quando levei suas bebidas à mesa (um bourbon com a Coca-cola e uma genebra com tônica), Kenya disse;

-seguimos procurando a seu irmão, Sookie. Sinto muito.

-Sei que todos estiveram tentando-o, -pinjente. -Avaliação de coração que todos vocês organizassem um pelotão de busca! Somente quisesse... -E logo não pude pensar em nada mais que dizer. Graças a meu discapacidad, eu sabia algo sobre cada um deles que o outro não sabia. Eles se amavam o um ao outro. Mas Kevin sabia que sua mãe pegaria sua cabeça no forno antes de vê-lo casado com uma negra, e Kenya sabia que seus irmãos prefeririam estampar ao Kevin contra uma parede a vê-lo percorrer o corredor junto com ela.

E eu soube isto, apesar de que nenhum deles sabia; e odiei ter este conhecimento pessoal, este conhecimento íntimo, que não me ajudava o conhecê-lo.

Pior que saber, inclusive, era a tentação de interferir. Disse a meu mesma severamente que já tinha muitos problemas próprios sem necessidade de lhe causar problemas a outra gente. Por sorte, estive bastante ocupada o resto da noite para apagar a tentação de minha mente. Embora eu não pudesse revelar aquelas classes de secretos, recordei-me que estava em dívida com os dois oficiais. Se ouvisse algo que pudesse ajudá-los, avisaria-lhes.

Quando o bar se fechou, ajudei ao Sam a subir as cadeiras sobre as mesas assim Terry Bellefleur poderia entrar, esfregar e limpar os banhos cedo na manhã. Arlene e Tack se

partiram, cantando “Let It Snow” enquanto eles saíam pela porta de atrás. Efetivamente, os flocos de neve começavam a cair mas pesadamente, embora não acreditava que durassem até a manhã. Pensei nas criaturas fora nos bosques, esta noite, tratando de manter-se quentes e secas. Eu sabia que em algum ponto no bosque, Debbie Pelt jazia em um frio buraco, para sempre.

Perguntei-me desde quando eu pensava nela assim, e desejei intensamente que também pudesse recordar claramente a classe de pessoa horrível que ela tinha sido, rancorosa e cruel.

De fato, tinha-me posto a olhar fixamente por volta de fora da janela durante um par de minutos quando Sam passou detrás de mim.

-O que está pensando? -perguntou. Ele tomou por cotovelo, e podia sentir a força em seus dedos.

Suspirei, não pela primeira vez.

-Somente me perguntando sobre o Jason, -pinjente. Era bastante próximo à verdade.

Ele acariciou a maneira de consolo.

-me conte a respeito de ontem à noite, -disse, e durante um segundo pensei que ele me perguntava sobre o Debbie. Mas quase imediatamente soube que ele se referiu à batalha com as bruxas, e fui capaz de lhe dar uma recontagem.

-Assim Pam veio esta noite a sua casa. -Sam soou contente sobre isto. -Ela deve ter quebrantado ao Hallow, e a obrigou a desfazer o enfeitiço. Eric é o mesmo outra vez?

-Por isso pude ver.

-O que teve ele que dizer sobre a experiência?

-Ele não recordou nada sobre isso, -pinjente devagar. -Não pareceu ter uma pista.

Sam apartou o olhar quando ele disse;

-Como está você, com isto?

-Acredito que é o melhor, -disse-lhe.

Definitivamente. Mas iria casa... a uma casa vazia outra vez. Este conhecimento passou roçando sobre os borde de minha consciência, mas não o examinaria atentamente.

-Que mal que não trabalhará hoje no turno da tarde, -disse ele, de algum jeito seguindo um fio de pensamento similar. -Calvin Norris esteve aqui.

-E?

-Acredito que ele veio com a esperança de verte a ti.

Contemplei ao Sam escépticamente.

-Seguro.

-Penso que ele vai a sério, Sookie.

-Sam, -pinjente, me sentindo incompreensivelmente ferida, -estou sozinha, e às vezes isto não é divertido, mas não tenho que travar amizade com um homem-lobo somente porque ele a oferece.

Sam pareceu estar brandamente perplexo.

-Não teria. A gente no Hotshot não são Lobatos.

-Ele comento que trocavam.

-Não, não no Lobatos. Eles são muito orgulhosos para chamar-se só adaptos, mas isso é o que são. Elas são adapto-panteras.

-O que? -Juro que vi puntitos flutuar no ar ao redor de meus olhos.

-Sookie? O que ocorre?

-Panteras? Não sabia que a impressão sobre o mole do Jason era o rastro de uma pantera?

-Não, ninguém me disse nada sobre um rastro! Está segura?

Dirigi-lhe um olhar exasperado.

-Certamente, que o estou, seguro. E ele desapareceu a noite que Crystal Norris o esperava em sua casa. É o único dono de cantina no mundo que não conhece todas as intrigas da cidade.

-Crystal—*ela* é a moça do Hotshot que andava com ele a Véspera de ano novo? A moça fraca de cabelo negro na busca?

Assenti.

-A que Felton ama tanto?

-Quem?

-Felton, já sabe, ele que veio à busca. Ela foi o grande amor de sua vida.

-E você como sabe isto? -Como eu era a adivinho do pensamento, e não sabia, estive claramente picada.

-Ele me disse isso uma noite quando tomou muito. Estes tipos do Hotshot, não vêm seguido, mas quando o fazem, bebem a sério.

-Então, por que participaria ele na busca?

-Acredito que talvez deveríamos ir fazer umas quantas perguntas.

-Tão tarde?

-Tem algo melhor que fazer?

Ele tinha um ponto, e seguro queria saber se eles teriam a meu irmão ou poderiam me dizer o que lhe tinha passado. Mas, de certa maneira, assustava-me o que poderia averiguar.

-Essa jaqueta é muito ligeira para este tempo, Sookie, -disse Sam, enquanto nos púnhamos as chamarras.

-Meu casaco está na lavanderia, -pinjente. Realmente, não tinha tido a oportunidade para pô-lo no secador, ou até comprovar e me assegurar que tudo o sangue tinha saído. E tinha buracos.

-Hmmm -foi tudo o que Sam disse, antes de que me emprestasse um suéter de pulôver verde para me colocar sob minha jaqueta. Entramos na caminhonete do Sam porque a neve aumentou realmente, e como todos os homens, Sam era um convencido que ele poderia conduzir na neve, embora ele quase nunca o fizesse.

O caminho por volta do Hotshot pareceu ainda mais comprido de noite escura, com a neve que se formava redemoinhos sob os faróis.

-Agradeço-te por me trazer aqui fora, mas começo a pensar que estamos assobiados, -pinjente, quando íamos a metade de caminho.

-Tem o cinturão posto de segurança? -Sam perguntou.

-Seguro.

-Bem, -ele disse, e seguimos nosso caminho.

Finalmente chegamos à pequena comunidade. Não havia nenhuma luz aqui fora, certamente, mas um par de residentes tinham pago para fazer pôr luzes de segurança sobre os postes elétricos. As janelas brilhavam em algumas casa.

-Onde crie que deveríamos ir?

-Calvin. Ele é quem tem o mando, -disse Sam, soando seguro.

Recordei quão orgulhoso Calvin tinha estado de sua casa, e tive um pouco de curiosidade por ver o interior. Suas luzes estavam presas, e sua caminhonete estacionada diante da casa. Descer da esquentada caminhonete na noite nevosa se pareceu ao andar por uma fria cortina molhada para alcançar a porta principal. Chamei, e depois de uma pausa larga, a porta se abriu. Calvin pareceu agradado até que ele viu o Sam detrás de mim.

-Passem, -disse ele, não muito hospitalar, e se fez a um lado. Limpamos nossos pés cortesmente antes de entrar.

A casa era singela e poda, mobiliário barato mas cuidado e decorada com quadros. Nenhum dos quadros tinham gente neles, o que pensei era interessante. Paisagens. Fauna Selvagem.

-Esta é uma má noite para andar conduzindo fora, -observou Calvin.

Sabia que teria que dirigir isto de maneira muito cuidadosa, mesmo que o único que desejasse fora agarrar o fronte de sua camisa de flanela e lhe gritar em sua cara. Este homem era líder. O tamanho do reino não importou realmente.

-Calvin, -pinjente, tão tranqüilamente como poderia, -sabia que a polícia encontrou um rastro de pantera sobre o mole, junto à impressão da bota do Jason?

-Não, -ele disse, depois de um momento comprido. Podia ver a cólera que crescia em seus olhos. -Não ouvimos muita intriga de cidade por aqui. Perguntei-me por que o pelotão de busca tinha a homens com armas, mas estamos acostumados a pôr às pessoas nervosa, e ninguém falou muito conosco. Rastro de pantera. Né!.

-Eu não sabia que era você, um, outra identidade, até esta noite.

Ele me observou atentamente.

-Você pensa que um de nós tem a seu irmão.

Estive de pé silenciosa, sem desviar o olhar de seus olhos. Sam estava igualmente quieto ao lado de mim.

-Pensa que Crystal se enfureceu com seu irmão e o danificou?

-Não, -pinjente. Seus olhos de ouro se fizeram mais amplos e redondos quando lhe falei.

-Tem medo de mim? -ele perguntou de repente.

-Não, -pinjente. -Não o tenho.

-Felton, -ele disse.

Assenti com a cabeça.

-vamos ver, -disse ele.

De retorno à neve e escuridão. Sentia o picor que provocavam os flocos de neve sobre minhas bochechas, e me alegrei que minha jaqueta tivesse um capuz. A mão enluvada do Sam tomou a minha quando tropecei com algum instrumento descartado ou o brinquedo na jarda da casa ao lado do Felton. Quando atracamos até o chão de concreto que formava o alpendre dianteiro do Felton, Calvin já chamava na porta.

-Quem é? -Felton demandou.

-Abre, -disse Calvin.

Reconhecendo sua voz, Felton abriu a porta imediatamente. Ele não tinha o mesmo inseto da limpeza que Calvin, e seu mobiliário não estava cuidado, mais como se empurrá-lo contra qualquer parede fora o mais prático. Da maneira que ele se movia não era humano, e isso esta noite pareceu ainda mais pronunciado que durante a busca. Felton, pensei, estava mais próximo a sua natureza de animal. A endogamia tinha deixado definitivamente seu rastro sobre ele.

-Onde está o homem? -Calvin perguntou sem preâmbulos.

Os olhos do Felton se abriram assombrados, e se moveu nervosamente, como se pensasse em correr. Ele não falou.

-Onde está? -Calvin exigiu outra vez, e logo sua mão troco em uma garra e ele golpeou ao Felton através da cara. -Vive ele?

Estampeí minhas mãos através de minha boca, assim não poderia gritar. Felton caiu sobre seus joelhos, sua cara cruzada com talhos paralelos que começavam a escorrer sangue.

-No abrigo traseiro, -disse ele vagamente.

Lancei-me fazia a porta principal tão rapidamente que Sam apenas me alcançou. Chegando à esquina da casa voei, e caí quão larga era sobre um pilha de lenha. Embora soubesse que isto doeria mais tarde, saltei e me encontrei sustentada pelo Calvin Norris, que, como ele fez nos bosques, levantou-me sobre a pilha antes de que eu soubesse o que ele tentava. Ele mesmo saltou com graça felina, e logo chegamos à porta do abrigo, que era um daqueles que se ordenam no Sears ou *Penney*. Seus vizinhos vêm a te ajudar a ensablá-lo, quando o caminhão do concreto vem para verter o piso.

A porta se encontrava fechada com cadeado, mas estes abrigos não estão feitos para repelir a intrusos determinados, e Calvin era muito forte. Ele rompeu a fechadura, empurrou atrás a porta, e acendeu a luz. Era assombroso que tivesse eletricidade, porque isto não é a norma.

Ao princípio eu não estava segura que via meu irmão, porque esta criatura não luzia para nada como Jason. Ele era loiro, seguro, mas estava tão asqueroso e fedorento que me estremeci, a pesar do ar congelado. E estava azul pelo frio, já que só tinha postos suas calças. Ele descansava sobre uma manta, jogado no chão maciço.

Estive sobre meus joelhos ao lado dele, abrigando-o o melhor que pude com meus braços, e suas pálpebras se abriram com dificuldade.

-Sookie? -ele disse, e escute a incredulidade de sua voz. -Sookie? Estou a salvo?

-Sim, -pinjente, embora de maneira nenhuma estivesse tão segura. Recordei o que lhe tinha passado ao xerife que tinha vindo aqui e tinha descoberto que algo andava mau. -vamos levar te a casa.

Ele tinha sido mordido.

Ele tinha sido mordido muitíssimo.

-OH, não, -pinjente brandamente, o importante significado das mordidas me perfuro.

-Não o matei, -disse Felton defensivamente, desde fora.

-Mordeu-o, -pinjente, e minha voz soou como outra pessoa. -Queria que fora como você.

-Assim Crystal não o preferiria. Ela sabe que temos que nos reproduzir fora, mas realmente a quero, -disse Felton.

-Assim que o apanhou, e o escondeu enquanto o mordia.

Jason se encontrava muito fraco para ficar de pé.

-Por favor levem-no a caminhonete, -pinjente rigidamente, incapaz de encontrar os olhos de ninguém ao redor de mim. Sentia a fúria que surgia dentro de mim como uma onda negra, e soube que deveria contê-la até que estivéssemos fora daqui. Tinha bastante controle para fazer isto. Sabia que o faria.

Jason lançou um grito quando Calvin e Sam o levantaram. Eles tomaram a manta, também, e a meti ao redor dele. Tropecei depois deles quando começaram seu caminho de volta à casa do Calvin e a caminhonete.

Tinha a meu irmão de volta. Havia uma possibilidade que ele ia converter se em uma pantera de vez em quando, mas o tinha de volta. Não sabia se as regras para todos os adaptos fossem as mesmas, mas Alcide me havia dito que os quais eram Lobatos mordidos, não nascidos—lobatos criados, em lugar de lobatos genéticos—trocavam em medeio-humano, medeio-bestia o tipo de criaturas que povoam os filmes de horror. Obriguei-me a deixar aquela pista, e pensar na alegria de ter a meu irmão de novo, vivo.

Calvin colocou ao Jason na caminhonete e o deslizou, e Sam subiu no assento do condutor. Jason ficou entre nós dois depois de que subi na caminhonete. Mas Calvin tinha algo que me dizer primeiro.

-Felton será castigado, -disse ele. -Agora mesmo.

O castigo do Felton não tinha estado no alto de minha lista de coisas para pensar, mas assenti, porque desejava me largar dali quanto antes.

-Se nos encarregarmos do Felton, iria à polícia? -perguntou. Ele estava de pé rigidamente, como se tratasse de sonar casual sobre a pergunta. Mas este era um momento perigoso. Já sabia que acontecia com a gente que atraía a atenção sobre a comunidade Hotshot.

-Não, -pinjente. -Foi só Felton. -Embora, certamente, Crystal teve que havê-lo sabido, ao menos sobre algum nível. Ela me havia dito que tinha cheirado a um animal essa noite em casa do Jason. Como poderia ter confundido o aroma de pantera, quando ela era uma? E provavelmente sabia desde o começo que a pantera tinha sido Felton. Seu aroma seria familiar a ela. Mas este não era o momento para pensar nisto; Calvin saberia assim como eu, quando ele tivesse um momento para considerá-lo. -E meu irmão pode ser um de vocês agora. Ele te necessitará, -acrescentei, com as voz mais tranqüila que pude usar. Não foi muito, suponho.

-Deverei ver ao Jason, na seguinte lua enche.

Assenti com a cabeça outra vez.

-Obrigado, -disse-lhe, porque sabia que não teríamos encontrado ao Jason se ele não nos tivesse respaldado. -Tenho que levar a meu irmão a casa agora. -Sabia que Calvin quis que eu o tocasse, queria que conectasse com ele de algum jeito, mas simplesmente não pude fazê-lo.

-Seguro -ele disse, passado um momento comprido. O adaptiforma retrocedeu enquanto eu subia na cabine. Pareceu saber que não queria nenhuma ajuda dele agora mesmo.

Tinha pensado que os insólitos modelos cerebrais que eu tinha captado da gente do Hotshot eram porque eles praticaram a endogamia. Não me tinha ocorrido supor que eles fossem outra coisa que lobos. Tinha assumido. Sei o que sempre dizia meu treinador escolar de voleibol sobre “assumir”. Certamente, ele nos havia dito também que tínhamos que deixar todo fora da quadra de esportes e que depois seguiria ali quando retornássemos, o que ainda tinha que entender.

Mas ele tinha tido razão a respeito dos encargos.

Sam tinha posto a calefação da caminhonete, mas não a toda potência. Muito calor muito em breve seria mau para o Jason, estava segura. Segundos depois de que Jason começou a esquentar-se, seu aroma foi evidente, e quase me desculpei com o Sam, mas salvar uma humilhação ao Jason era mais importante.

-Além das mordidas, e ter tão frio, está bem? -Perguntei, quando pensei que Jason tinha deixado de tremer e poderia falar.

-Sim, -ele disse. -Sim. Cada noite, cada maldita noite, ele vinha ao abrigo, e se transformava diante de mim, e eu pensava; “Esta noite ele vai matar me e me comer”. E cada noite, ele me mordida. E logo se trocava de volta e me deixava. Poderia dizer que era muito difícil para ele, depois de que tinha cheirado o sangue... mas ele nunca fez mais que me morder.

-Eles o matarão esta noite, -pinjente. -Em troca de que não vamos com a polícia.

-Bom trato, -disse Jason, e ele o dizia a sério.

Capítulo 15

Jason foi capaz de estar de pé só o suficiente tempo para dar uma ducha, que disse foi quão melhor ele tinha tomado em sua vida. Quando ele esteve limpo e cheirou como cada coisa perfumada em meu quarto de banho, e foi modestamente talher por uma toalha grande, mele-o por toda parte com o *Neosporin*. Consumi um tubo inteiro para as mordidas. Já pareciam estar-se curando limpamente, mas não podia me deter de tratar de pensar em coisas de fazer para ele. Ele tinha tido uma taça de chocolate quente, e tinha comido um pouco de aveia quente (que pensei era uma opção estranha, mas ele disse que tudo o que

Felton havia lhe trazido para comer tinha sido carne logo que cozinhada), e se tinha posto as calças para dormir que eu tinha comprado para o Eric (muito grandes, mas a cintura de cordão ajudada), e se tinha posto uma velha camiseta folgada que eu tinha conseguido quando fiz a maratona *Walk for Life* (Caminha para Viver) dois anos antes. Ele se manteve tocando o material como se estivesse encantado de estar vestido.

Ele pareceu querer estar quente e dormir, mais que nada. Pu-lo em meu velho quarto. Com uma olhada triste no armário, que Eric tinha deixado todo patas para acima, deseje a meu irmão boa noite. Ele me pediu acender a luz do corredor e deixar entreaberta a porta um pouco. Custou ao Jason pedir isto, assim não disse uma palavra. Somente fiz quanto ele tinha solicitado.

Sam se sentava na cozinha, bebendo uma taça de chá quente. Ele elevou a vista para me olhar por cima do vapor e me sorriu.

-Como se encontra ele?

Deixe-me cair em minha cadeira habitual.

-Ele esta melhor do que pensei que estaria, -pinjente. -Considerando que permaneceu todo o tempo em um abrigo sem calefação e sendo mordido cada dia.

-Pergunto-me até quando Felton o teria guardado?

-Até a lua enche, adivinho. Então Felton teria averiguado se tinha tido êxito ou não. -Senti-me um pouco doente.

-Revise seu calendário. Ele tem um par de semanas.

-Bem. Jason necessita tempo para recuperar sua força antes de que ele tenha algo mais para confrontar. -Descansei minha cabeça em minhas mãos durante um minuto. -Tenho que chamar à polícia.

-Para lhes avisar que parem a busca?

-Ahá.

-decidiste o que dizer? Mencionou Jason alguma idéia?

-Possivelmente que os parentes masculinos de alguma moça o seqüestraram? -Realmente, isto tinha certos tinturas de verdade.

-Os polis quereria saber onde foi mantido cativo. Se ele escapou sozinho, eles quereriam saber como, e estariam seguros que ele teria mais informação para eles.

Perguntei-me se me tinha ficado suficiente poder cerebral para pensar. Olhei fixamente sem expressão a mesa: o familiar servilletero que minha avó tinha comprado em uma feira de artesanatos, junto com o açucareiro, e o saleiro e pimentero em formas de galo e galinha. Notei que algo tinha sido metido sob o saleiro.

Era um cheque por 50,000 dólares, assinado pelo Eric Northman. Eric não só me tinha pago, ele me tinha dado a gorjeta maior de minha carreira.

-Ah, -pinjente, muito brandamente.-Ai, homem. -Vi-o durante um minuto mais, me assegurando que eu lia corretamente. O passei através da mesa ao Sam.

-Latido. Pago por cuidar do Eric? -Sam elevou a vista, e assenti. -O que fará com isto?

-Depositá-lo em minha conta bancária, a primeira hora da manhã.

Ele sorriu.

-Suponho que pensava em términos mais comprido que isso.

-Somente me relaxar. Relaxará-me o poder contar com isto. Saber isso... -Para minha vergonha, aqui chegaram as lágrimas. Outra vez. *Maldição*. -Assim não terei que me preocupar todo o tempo.

-As coisas foram apertadas recentemente, notei-o. -Assenti, e a boca do Sam se comprimiu. -Você... -ele começou, e logo não terminou sua oração.

-Agradeço-lhe isso, mas não posso lhe fazer isso às pessoas, -pinjente firmemente. -Abue sempre dizia que era o modo mas seguro de terminar uma amizade.

-Poderia vender esta terra, comprar uma casa na cidade, ter vizinhos, -sugeriu Sam, como se ele tivesse estado morrendo por me dizer isto durante meses.

-me mudar desta casa? -Algum membro de minha família tinha vivido nesta casa continuamente durante mais de centenas cinquenta anos. É obvio, isto não a convertia em sagrada ou nada pelo estilo, e a casa tinha sido ampliada e modernizada muitas vezes. Pensei viver em uma pequena casa moderna com chãos de um mesmo nível e quartos de banho atualizados e uma cozinha muito Mona e prática com muitas tomadas. Nenhum aquecedor exterior para a água. Bom isolamento no desvão. Um abrigo para automóveis!

Deslumbrada ante a visão, traguei.

-Pensarei-o, -pinjente, me sentindo enormemente tentada a tomar em consideração a idéia. -Mas não posso pensar muito agora mesmo. O passo de amanhã será bastante difícil.

Pensei nas horas que os homens de polícia puseram na busca do Jason. De repente estive tão cansada, nem sequer podia fazer uma tentativa de armar uma história para a lei.

-Tem que te deitar, -disse Sam astutamente.

Somente pude assentir.

-Obrigado, Sam. Agradeço-lhe isso tanto. -Estivemos de pé e lhe dava um abraço. Isto se converteu em um abraço mais comprido do que eu tinha planejado, porque abraçá-lo a ele era de improviso relaxante e cômodo. -boa noite, -pinjente. -Por favor, conduz com cuidado quando voltar a casa. -Pensei brevemente lhe oferecer uma das camas de acima, mas mantinha aquele piso fechado e estaria terrivelmente frio; e eu teria que subir e fazer a cama. Ele estaria mais cômodo dirigindo o curto trajeto, inclusive na neve.

-Farei-o, -ele disse, e me soltou. -me chame pela manhã.

-Obrigado outra vez.

-Basta com as palavras de gratidão, -ele disse. Eric tinha posto um par de unhas na porta principal para conservá-la fechada, até que pudesse conseguir pôr uma chapa. Fechei a porta detrás do Sam, e logo que consegui escovar meus dentes e me colocar uma camisola de noite antes de subir lentamente em minha cama.

A primeira coisa que fiz à manhã seguinte foi checar a meu irmão. Jason estava ainda profundamente dormido, e à luz do dia, podia ver claramente os efeitos de seu encarceramento. Sua cara tinha uma barba incipiente. Inclusive em seu sonho, ele pareceu mais velho. Havia contusões aqui e ali, somente sobre sua cara e braços. Seus olhos se abriram quando me sentei na esquina da cama, vendo-o. Sem sequer mover-se, ele giro seus olhos ao redor, registrando o quarto. detiveram-se quando chegaram a minha cara.

-Não o sonhei, -disse ele. Sua voz era rouca. -Você e Sam vieram e me tiraram. Eles me deixaram ir. A pantera me deixou ir.

-Sim.

-O que passou enquanto estive fora? -ele perguntou depois. -Espera, posso ir ao quarto de banho e beber uma taça de café antes de que me diga isso?

Eu gostei de sua petição em vez de dizer (um rasgo do Jason, poderia dizer), e me alegrei de lhe dizer sim e até me oferecer para lhe trazer o café. Jason pareceu contente subindo lentamente de novo na cama com o pote do café com açúcar, e apoiar-se sobre os travesseiros enquanto falam.

Disse-lhe sobre a chamada Telefónica do Siluro, o ir e vir com a polícia, a busca da jarda e quando recolhi sua escopeta *Benelli*, que ele imediatamente exigiu ver.

-Disparou-a! -ele disse indignadamente, depois de checarla.

Somente o contemplei.

Ele se estremeceu primeiro.

-Suponho que funcionou como uma escopeta “deve servir”, -disse ele devagar. -Já que estas sentada aqui luzindo um aspecto mais ou menos bem.

-Obrigado, e não volte a me perguntar, -pinjente.

Ele assentiu.

-Agora temos que pensar em uma história para a polícia.

-Suponho que não podemos lhes dizer a verdade.

-Seguro, Jason, vá dizer lhes que o povo do Hotshot esta cheio de adapto-panteras, e que já que você dormiu com uma, seu noivo quis te fazer um adapto-pantera, também, assim ela não te preferiria sobre ele. Por isso ele trocava em uma pantera e tomava uma parte teu cada dia.

Houve uma pausa larga.

-Já posso ver a cara do Andy Bellefleur, -disse Jason em uma espécie de voz submetida. - Ele ainda não termina de acreditar que sou inocente de assassinar a aquelas moças do ano passado. Fascinaria-lhe conseguir me comprometer para não ficar desiludido. Siluro teria que me despedir, e não acredito que eu gostaria de ir parar ao hospital psiquiátrico.

-Bom, suas oportunidades de ter entrevistas certamente seriam limitadas.

-Crystal—Deus que moça! Você me advertiu sobre ela. Mas estava tão enganchado por ela. E resultou ser... né, já sabe.

-Ah, pelo amor de Deus Jason! ela é uma adaptoformas. Não continue como se ela fora a criatura da Lacuna Negra, ou Freddy Krueger, ou algo assim.

-Sook, seu conhece muita coisas que não sabemos, verdade? Começo a percebê-lo.

-Sim, suponho que sim.

-além dos vampiros.

-Certo.

-Há muitas outras coisas mais.

-Tratei de lhe dizer isso

-Acreditei o que me disse, mas não o entendi de tudo. Algumas pessoas que conheço—digo, fora do Crystal—eles não são sempre gente, né!?

-Assim é.

-Como quantos?

Somei os dois dobre-natura que eu tinha visto no bar: Sam, Alcide, aquela pequena adapto-zorra que tinha estado bebendo uns goles com o Jason e Hoyt faz um par de semanas...

-Ao menos três, -pinjente.

-Como sabe isso?

Somente o contemplei.

-Correto, -ele disse, depois de um momento comprido. -Não quero sabê-lo.

-E agora, você, -pinjente gentilmente.

-Está segura?

-Não, e não estaremos seguros durante um par de semanas, -pinjente. -Mas Calvin te ajudasse se o necessita.

-Não aceitarei a ajuda deles! -Os olhos do Jason ardiam, e ele pareceu positivamente febril.

-Não tem outra opção, -pinjente, tratando de não me rachar. -E Calvin não sabia que estava ali. Ele é um bom tipo. Mas este nem sequer é o tempo para falar disso ainda. Agora mesmo, temos que imaginar que lhe dizer à polícia.

Durante ao menos uma hora estivemos estudando repetidas vezes nossas histórias, tratando de encontrar fios de verdade que nos ajudassem a alinhar um bom pedaço de conto.

Finalmente, chamei à delegacia de polícia. Encarregada-a do turno de dia estava cansada de ouvir minha voz, mas ela tratava ainda de ser agradável.

-Sookie, como te disse ontem, céu, chamaremos-lhe quando averiguamos algo sobre o Jason, -disse ela, tratando de suprimir a nota de exasperação sob seu tom pomenorizado.

-Tenho-o, -pinjente.

-Você—O QUE? -O chiado me chegou ruidoso e claro. Inclusive Jason se estremeceu.

-Tenho-o.

-Enviarei alguém imediatamente.

-Vale, -pinjente, embora em realidade não quisesse.

Tive a previsão de conseguir tirar as unhas da porta principal antes de que a polícia chegará. Não os quis perguntando o que lhe tinha passado. Jason me viu de uma maneira estranha quando tirei o martelo, mas ele não disse uma palavra.

-Onde está seu automóvel? -Andy Bellefleur perguntou de boas a primeiras.

-Está no Merlotte'S.

-por que?

-Lhe posso dizer isso ao mesmo tempo, quando você e Alcee estejam juntos? -Alcee Beck subia os degraus da entrada. Ele e Andy chegaram juntos à casa, e à vista do Jason que descansava agasalhado sobre minha poltrona, ambos ficaram paralisados. Então percebi que eles não tinham esperado voltar a ver com vida ao Jason outra vez.

-Alegra-me verte são e salvo, homem, -Andy disse, e estreitou a mão do Jason. Alcee Beck foi o seguinte. Logo se sentaram, Andy na poltrona reclinável do Abue e Alcee no cadeira com braços que pelo general eu usava, posei-me no canapé ao lado dos pés do Jason. - Alegramo-nos que siga na terra com vida, Jason, mas temos que saber onde esteve e o que te passou.

-Não tenho nem idéia, -disse Jason.

E ele se atuou a isso durante horas.

Não houve nenhuma história acreditável que Jason pudesse contar e que poderia explicar tudo: sua ausência, seu deplorável estado físico, os sinais de mordida, seu reaparecimento repentino. A única linha possível que poderia seguir foi dizer a última coisa que ele recordou, tinha ouvido um ruído gracioso fora enquanto ele entretinha ao Crystal, e quando ele tinha saído a investigar, tinha sido golpeado sobre a cabeça. Não recordava nada até que

de algum jeito ele se havia sentido arrojado de um veículo em minha jarda a noite anterior. Eu o tinha encontrado ali quando Sam me trouxe para casa do trabalho. Eu tinha vindo para casa com o Sam porque me assustou conduzir na neve.

Certamente, tínhamos esclarecido tudo isto com o Sam antes, e ele aceitou, a contra gosto, que isto era o melhor para dizer. Eu sabia que ao Sam não gostava de mentir, e a mim tampouco, mas tínhamos que manter esta particular lata de vermes bem fechada.

A beleza desta história era sua simplicidade. Sempre e quando Jason resistisse a tentação de adorná-la, ele estaria a salvo. Sabia que seria difícil para o Jason; gostava de falar, e gostava de gabar. Mas, ao menos enquanto eu permaneci sentada ali, lhe recordando as conseqüências, meu irmão conseguiu conter-se. Tive que me levantar para lhe trazer outra taça de café—os oficiais de polícia não quiseram nada—e quando voltava para a sala de estar, Jason dizia que pensou que ele recordava um escuro quarto frio. Dirigi-lhe um olhar muito clara, e ele disse;

-Mas como sabem, minha cabeça esta tão confundida, pode ser que só é algo que sonhei.

Andy olhou do Jason a mim, claramente ficando mais e mais zangado.

-É que não posso entendê-los aos dois, -disse ele. Sua voz era quase um grunhido. -Sookie, sei que se preocupou por ele. Não me confundi com isso, verdade?

-Não, estou tão contente ter o de volta. -Acariciei o pé de meu irmão sob a manta.

-E você... você não queria estar em qualquer lugar que esteve, certo? Você faltou ao trabalho, custou-lhe à Região milhares de dólares de nosso pressuposto para te buscar, e transtornou as vistas de centenas de pessoas. E aqui estas, sentado, nos mentindo! -A voz do Andy era quase um grito quando ele terminou. -Agora, a mesma noite que seu aparece, este vampiro ausente, cuja cara esteve em todos esses pôsteres, chamou à polícia no Shreveport para dizer que ele se repõe de sua amnésia, também! E houve um estranho incêndio no Shreveport com todas classes de corpos recuperados! E você trata de me dizer que não há nenhuma conexão!

Jason e eu nos olhamos boquiabertos o um ao outro. Realmente, não havia *nenhuma* conexão entre o Jason e Eric. Só que não me tinha ocorrido quão estranho pareceria.

-Que vampiro? -Jason perguntou. Ele foi tão bom, que eu mesma quase lhe acreditei.

-Partamos, Alcee, -disse Andy. Fechou de um golpe seu caderno de notas. Ele colocou com tal força de volta a pluma em seu bolso da camisa que estive surpreendida que lhe tivesse ficado bolso. -Este bastardo não nos dirá a verdade.

-Não crie que eu lhe diria isso se pudesse? -Jason disse. -Não crie que eu gostaria de lhe pôr as mãos em cima a quem quer que me fez isto? -Ele soou absolutamente, cem por cento sincero, porque ele o era. Os dois detetives foram sacudidos em sua incredulidade, sobre tudo Alcee Beck. Mas ainda assim partiram molestos conosco dois. Lamentava-o, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Mais tarde esse dia, Arlene passou a me recolher, assim poderia trazer meu automóvel do Merlotte'S. Esteve feliz de ver o Jason, e o dió um grande abraço.

-Tinha a sua irmã morta da preocupação, patife, -disse ela, com ferocidade fingida. -Não volte a assustar ao Sookie assim outra vez.

-Farei todo o possível, -disse Jason, com uma boa aproximação de seu velho sorriso pícaro. -Ela foi uma boa irmã para mim.

-Hei aqui uma verdade de Deus, -pinjente, um pouco ácidamente. -Quando trouxer de volta meu automóvel, acredito que poderia te levar a casa, grande irmão.

Jason pareceu assustado durante um minuto. Estar sozinho nunca tinha sido sua coisa favorita, e depois de horas de estar abandonado no abrigo, poderia ser ainda mais difícil.

-Arrumado que as moças por toda parte do Bon Temps preparam comida para trazer para sua casa agora que sabem que está de volta, -Arlene disse, e Jason se acalmou de maneira perceptível. -Sobre tudo já que lhe estive dizendo a todo mundo o indefeso e inválido que está.

-Agradeço-lhe isso, Arlene, -disse Jason, olhando-se muito mais como ele.

Repeti isto durante o caminho à cidade.

-Realmente aprecio que o animará. Não sei por tudo o que ele passou, mas terá momentos muito duros para poder superá-lo, suponho.

-Coração, não tem que preocupar-se do Jason. Ele é um verdadeiro sobrevivente. Não sei por que ele não tentou dedicar-se ao espetáculo.

Rimo-nos todo o caminho fazia a cidade com a idéia de organizar um episódio de *Sobrevivendo* no Bon Temps.

-Com o dos javalis nos bosques, e aquele rastro de pantera, eles poderiam ter um bom material emocionante para rodar o episódio *Sobrevivente: Bon Temps*, -disse Arlene. -Tack e eu nos recostaríamos e nos riríamos como loucos.

Isto me dió pie para gracejá-la sobre o Tack, do qual ela desfrutou, e ao mesmo tempo ela me animou igual a Jason. Arlene era boa nisto. Tive uma breve conversação com o Sam na despensa do Merlotte's, e ele me disse que Andy e Alcee tinham estado ali para ver se sua história concordava com a minha.

Ele me calou antes de que eu pudesse lhe agradecer outra vez.

Levei ao Jason a casa, embora ele insinuasse amplamente que gostaria de ficar comigo uma noite mais. Tomei a *Benelli* conosco, e lhe disse que devia limpá-la essa noite. Ele prometeu que o faria, e quando ele me viu, poderia dizer que quis me perguntar outra vez por que tinha tido que usá-la. Mas não o fez. Jason tinha aprendido algumas costure para si mesmo nos poucos dias passados.

Eu trabalhava no turno da noite outra vez, assim que ficava um pouco de tempo entre mãos quando chegar a casa antes de ter que ir trabalhar. A perspectiva me agradou. Não vi nenhum homem correndo sobre meu caminho de volta a casa, e ninguém telefonou ou passou por uma crise durante duas horas. Fui capaz de trocar os lençóis em ambas as camas, as lavar, passar pano no chão a cozinha e arrumar o armário que oculta o hoyito secreto, antes de que tocassem na porta principal.

Já sabia quem era. Estava completamente escuro fora, e em efeito, Eric estava de pé sobre meu alpendre dianteiro.

Ele me viu com uma cara muito pouco feliz.

-Encontrei-me em problemas, -disse ele sem preâmbulo.

-Então tenho que deixar cair tudo, assim posso te dar uma mão, -pinjente, indo imediatamente sobre a ofensiva.

Ele arqueou uma sobrancelha.

-Serei cortês e perguntarei se posso entrar. -Não tinha rescindido seu convite, mas ele não quis invadir minha casa. Demonstrou tato.

-Sim, pode passar. -Retrocedi.

-Hallow está morta, tendo sido forçada a eliminar a maldição sobre mim, obviamente.

-Pam fez um bom trabalho.

Ele assentiu com a cabeça.

-Era Hallow ou eu, -disse ele. -Prefiro-me.

-por que escolheu Shreveport?

-Seus pais foram encarcerados no Shreveport. Eram bruxos, também, mas eles também dirigiam fraudes de alguma classe, usando sua arte para convencer a suas vítimas de sua sinceridade. No Shreveport, sua sorte se esgotou. A comunidade sobrenatural rechaçou fazer qualquer esforço para tirar os Stonebrooks do cárcere. A mulher morreu por um conflito com uma sacerdotisa de vodu enquanto esteve encarcerada, e o homem se enredou em uma briga do quarto de banho e recebeu uma punhalada.

-Uma boa razão para tê-la contra os supernaturales do Shreveport.

-Eles dizem que estive aqui durante várias noites. -Eric tinha decidido trocar o sujeito de bate-papo.

-Sim, -pinjente. Tratei de parecer agradavelmente interessada no que ele tinha que dizer.

-E naquele tempo, nós nunca...?

Nem sequer pretendi o interpretar mal.

-Eric, parece provável? -Perguntei.

Ele não se sentou, e me aproximou, como se lombriga com força lhe revelaria a verdade. Teria sido fácil dar um passo, estar ainda mais perto.

-É que não sei, -disse ele. -E me tira um pouco de gonzo.

Sorri.

-Desfruta estando de volta no trabalho?

-Sim. Mas Pam controlou tudo muito bem durante minha ausência. Estou enviando muitas flores ao hospital. Para a Belinda, e uma lobato chamada Maria-cometa não se o que.

-Maria-estrela Cooper. Você não me enviou nenhuma, -indiquei de maneira cortante.

-Não, mas te deixei algo mais significativo sob o saleiro, -disse ele, quase igual. -Terá que pagar impostos sobre isso. Se te conhecer, dará a seu irmão um pouco disso. Ouvi que o recuperou.

-Fiz-o, -pinjente brevemente. Sabia que me sentia tentada cada vez mas de lhe dizer algo, e sabia que ele deveria partir logo. Tinha-lhe dado ao Jason o bom conselho de manter-se calado e tranquilo, mas me era difícil segui-lo eu mesma. -E seu ponto é?

-Isso não durará muito tempo.

Não acredito que Eric se precavesse quanto dinheiro eram cinquenta mil dólares, para meus padrões.

-Qual é seu ponto? Posso dizer que tem um, mas não tenho idéia qual poderia ser.

-Existe uma razão do porquê encontrei tecido cerebral sobre a manga de meu casaco?

Senti escapar o sangue de minha cara, do mesmo modo que acontece quando está ao bordo do desmaio. A seguinte coisa que soube, era que estava sobre o canapé e Eric estava ao lado de mim.

-Penso que há algumas costure que não me há dito, Sookie, minha querida, -disse ele. Sua voz era mais gentil, entretanto.

A tentação era quase entristecedora.

Mas pensei no poder que Eric teria sobre mim, inclusive até mais poder do que já tinha agora; saberia que eu tinha dormido com ele, e saberia que eu matei a uma mulher e ele era o único quem o tinha testemunhado. Saberia que não só ele me devia sua vida (muito provavelmente), certamente eu lhe devia a minha.

-Eu gostava de muito mais quando não recordava quem foi, -pinjente, e com aquela verdade por diante em minha mente, sabia que tinha que me calar.

-Palavras duras e ásperas, -disse, e quase acreditei que realmente o tinha ferido.

Por sorte para mim, alguém mais vinho a minha porta. O golpe era ruidoso e peremptório, e senti uma sacudida de alarme.

O visitante era Amanda, a insultante mulher ruiva lobato do Shreveport.

-Estou em visita oficial hoje, -disse ela, -assim serei cortês.

Seria uma mudança agradável.

Ela saudou com a cabeça ao Eric e disse,

-Contente de te ter de volta com sua mente completa, vampiro, -em um tom completamente indiferente. Obviamente os lobatos e os vampiros do Shreveport tinham voltado para sua relação de sempre.

-É bom verte, também, Amanda. -Pinjente.

-Seguro -ela disse, mas apenas como se lhe preocupasse. -Senhorita Stackhouse, pedimos informem para os adaptos do Jackson.

OH, não.

-Sério? Não quer acontecer e te sentar? Eric já partia.

-Não, eu gostaria de ficar e ouvir as perguntas da Amanda, -disse Eric, sonriendo amplamente.

Amanda me viu com as sobrancelhas levantadas.

Não havia uma maldita coisa que poderia fazer sobre isto.

-Ah, é obvio, fique, -pinjente. -Por favor, tomem assento. Lamento-o, mas não tenho muito tempo antes de que deva ir a trabalhar.

-Então irei direto ao grão, -disse Amanda. -Faz duas noites, a mulher que Alcide abjurou— a adapto do Jackson, essa com o corte de cabelo engraçado?

Assenti, para demonstrar que a seguia. Eric pareceu agradavelmente em branco. Não o estaria dentro de um minuto.

-Debbie, -a lobato ilustrou. -Debbie Pelt.

Os olhos do Eric se alargaram. Claro, aquele nome realmente o conhecia. Ele começou a sorrir.

-Alcide a abjurou? -ele disse.

-Seu esteve ali quando passou, -espetou Amanda. -Ah, espera, esqueci-o. Foi enquanto estava sob *uma maldição*.

Ela desfrutou de uma barbaridade dizendo isto.

-Como é, Debbie não voltou para o Jackson. Sua família está preocupada com ela, sobre tudo já que eles ouviram que Alcide abjurou dela, e estão com medo de que algo pudesse lhe haver passado.

-por que você crie que ela me haveria dito algo?

Amanda fez uma cara.

-Bom, realmente penso que ela preferiria mastigar vidro que falar contigo outra vez. Mas estamos obrigados a comprovar com cada um dos que estavam ali.

Então, isto era somente rotineiro. Não estava sendo selecionada. Podia me sentir relaxar. Infelizmente, Eric também. Como tinha seu sangue; ele podia saber coisas sobre mim. Ele se levantou e dió um passeio pela cozinha. Perguntei-me o que faria ali.

-Não a vi desde aquela noite, -pinjente, o que era certo, já que não especifiquei a que hora. - Não tenho nem idéia de onde este ela agora. -O que era inclusive até verdadeiro.

Amanda me disse;

-Ninguém admite ter visto o Debbie depois de que ela deixou a área da batalha. Ela se foi em seu próprio automóvel.

Eric retornou à sala de estar. Joguei uma olhada para ele, preocupada sobre o que se trazia entre mãos.

-foi visto seu automóvel? -Eric perguntou.

Ele não sabia que ele tinha sido quem o tinha escondido.

-Não, não lhe viu nem um cabelo, -disse Amanda, que era uma imagem estranha de usar para referir-se a um automóvel. -Estou segura que ela somente escapou a algum sítio para superar sua raiva e humilhação. Ser abjurada; isso é terrível. Já aconteceram anos desde que ouvi dizer aquelas palavras.

-Sua família não acredita que isto seja o caso? O que ela tenha ido a algum sítio, er, a meditar as coisas?

-Eles têm medo de que ela se feito algo a si mesmo. -Amanda soprou. Intercambiamos olhadas, mostrando que estávamos perfeitamente de acordo sobre a escassa probabilidade do Debbie suicidándose. -Ela não faria nada tão conveniente, -disse Amanda, já que ela tinha o nervo para dizê-lo em voz alta e eu não.

-Como o leva Alcide? -Perguntei com inquietação.

-Difícilmente pode participar da busca, -indicou ela, -já que ele é quem a abjurou. Ele atua como se nada, mas notei que o Coronel lhe chama para lhe avisar o que acontece. Que, até agora, é zero. -Amanda ficou de pé, e a acompanhe até a porta principal. -Seguro foi uma má temporada para que a gente se extravie, -disse ela. -Mas escute por ali que você recuperou a seu irmão, e Eric tornou a ser o mesmo, conforme parece. -Lhe jogou uma

olhada para assegurar-se que ele soubesse que tão pouco gostava disso. -Agora Debbie é quem anda extraviada, mas talvez apareça, também. Lamento te haver incomodado.

-Não tome cuidado. Boa sorte, -pinjente, o que era sem sentido dadas as circunstâncias. A porta se fechou detrás dela, e desejei desesperadamente o poder caminhar para fora e entrar em meu automóvel e conduzir para trabalhar.

Obriguei-me a girar. Eric estava de pé.

-Vai? -Pinjente, incapaz de me impedir de soar sobressaltada e aliviada.

-Sim, disse que tem que ir a trabalhar, -disse ele brandamente.

-Certo.

-Sugiro-te que leve posta aquela jaqueta, essa que é muito ligeira para este clima, -disse ele. -Já que seu horroroso casaco está ainda em mal estado.

Meti-o na máquina de lavar roupa com água fria, mas suponho que não o revisei o suficientemente bem para estar segura de que tudo tinha saído. Ali era onde ele foi, a procurar meu casaco. Ele o tinha encontrado pendurado sobre o alpendre traseiro, e o examinou.

-De fato, -Eric disse, quando ele se dirigiu à porta principal, -eu o atiraria tal qual. Talvez o queimaria.

partiu, fechando a porta detrás dele muito silenciosamente.

Eu sabia, tão seguro como conhecia meu nome, que manhã ele me enviaria outro casaco, em uma grande caixa de uma boutique, com um grande coque sobre ela. Seria da talha correta, seria uma marca exclusiva, e seria quente.

Era cor vermelha arândano, a prova de água com material isolante, um capuz desmontável, e botões de tartaruga marinha.

Fim do quarto livro.

Estimado Leitor,

Em caso de que você não me tenha conhecido antes, meu nome é Sookie Stackhouse. estive trabalhando no Bar Merlotte's durante quatro anos. Durante os primeiros três, as coisas foram tranqüilas. Então, uma noite, Bill o Vampiro entro caminhando no bar, e minha vida trocou para sempre. Nossa relação seguiu um modelo familiar (vampiro encontra à moça, vampiro consegue à moça, vampiro perde à moça) mas tenho o pressentimento de que em nossa associação ainda estão por vir mais giros e voltas.

No primeiro mês que conheci o Bill, havia um assassino múltiplo na área que perseguia as garçonetes com noivos vampiros—e o principal suspeito era meu irmão Jason (MORTO ATÉ O ANOITECER).

Então, a princípio de Outono, os vampiros de Dallas perguntaram aos vampiros do Shreveport se eles podiam tomar emprestada para investigar um pouco a ausência de um irmão de ninho dele. Ao mesmo tempo, o cozinheiro do meio tempo no Merlotte's foi assassinado, e já que me contava como seu amiga, senti que deveria fazer todo o possível para solucionar o mistério de sua morte. O chefe do Bill, Eric, teve muito que ver comigo durante minha viagem a Grande D, e ele desenvolveu um interesse por mim que não decaiu (VIVENDO MORTO EM Dallas).

um pouco antes do Natal, comecei a pensar que Bill estava metido em algum tipo de engano. Ele deixou a cidade, e desapareceu no Misisipi. Eric falou comigo para i-lo procurar o Jackson. Como coberta, fui escoltada por um Homem-lobo; Alcide Herveaux. Procurando o Bill, conheci alguns cidadãos pouco respeitáveis da comunidade sobrenatural no Jackson, em um lugar chamado CLUBE MORTO.

Isto me traz para o início de MORTO PARA O MUNDO.

Agora estou muito chateada com todo mundo, e Jason poderia ser um Adapto para a seguinte lua enche O que vai passar depois?

Este é o caminho que minha vida está indo desde que Bill Compton entrou no Merlotte's, mais não posso saber.

"Sou uma fã! No momento que um novo livro desta sensacional série está nas livrarias. Sou primeira na linha para comprá-lo. Uma heroína magnífica e umas maravilhosas aventuras supernaturales. Harris escreve com um estilo acolhedor e quente." —Jayne Ann Krentz

"Harris escreve com esmero e cuidado." —The New York Times Book Review

"Harris conjuga vários gêneros para criar um novo que é sua própria e brilhante criação." —Rocky Mountain News

"Você não querará perder-se nenhum parágrafo da série "Vampiros Sulinos"... uma mescla deliciosa de humor, intriga, erotismo dentro da natureza humana (e não-humana)." —Cemetery Dance

Charlaine Harris - MORTO PARA O MUNDO - Tradução por: **Romance com Tema Sobrenatural** :
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

"Extraordinariamente original, altamente detalhada, erótica e exótica...Harris narra de maneira mágica uma história de vampiros dentro de um pueblecito da Luisiana." —Lynn Hightower

"Uma autora com um estranho talento" —Publishers Weekly

"Um toque magistral." —Crescent Blues

"Charlaine Harris entrega a classe de emoções vampíricas que fazem as novelas da Anita Blake do Laurell Hamilton tão populares." —Locus

No Sookie Stackhouse—uma garçonete de coquetel do Sul com um presente sobrenatural—Harris criou uma heroína como poucas, e uma série que volta a pôr no topo a ficção com vampiros. Agora a série se lança em capa dura para a aventura maior de Sookie.



Romances para todos os gostos:

Clássicos Históricos, Clássicos da Literatura
 Romântica, contemporâneos (Julia, Sabrina, Bianca), série Ouro,
 Bestsellers, dicas de leitura, e muito mais!
 Conheça o sebo virtual:

www.amorelivros.justtech.com.br